

SESSÕES COORDENADAS

Sessão 1: ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA I

Coordenação: Inés Miller (PUC-Rio)

1 • Línguas estrangeiras no exame nacional do ensino médio – ENEM

Fabiany Carneiro de Melo & Del Carmen Daher (CNPq/UFF)

A comunicação apresentará os resultados parciais da pesquisa de iniciação científica intitulada Línguas Estrangeiras no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM (UFF, CNPq, 2012-2013). O projeto integra propostas do grupo de estudos e pesquisas sobre Práticas de Linguagem, Trabalho e Formação Docente (CNPq) e insere-se no eixo temático de políticas públicas de ensino. O objetivo geral da pesquisa é realizar uma análise comparativa das duas provas de línguas estrangeiras presentes no ENEM— Inglês e Espanhol, cuja finalidade declarada pelo MEC é a de medir o desempenho dos estudantes ao fim da escolaridade básica e possibilitar-lhes o acesso a universidades públicas e privadas do Brasil. A pesquisa propõe-se a realizar uma análise comparativa dessas duas provas com o objetivo de identificar competências, saberes e conteúdos privilegiados, assim como delinear o perfil de aluno que se institui a partir delas. O embasamento teórico seguido pauta-se, no que se refere à área da Pedagogia, em considerações sobre a noção de avaliação de Barriga (2002) e Sant'Anna (1995). Na área dos Estudos da linguagem, recorre aos conceitos de gênero de discurso de Bakhtin (1971) e de prática discursiva proposto por Foucault (1997) e retomado por Maingueneau (2005). Salienta-se que o alcance obtido pelo exame ao longo dos anos torna-se de extrema relevância para a compreensão de como esta prática vem suscitando duras críticas e ganhando força ao passo que se transforma em alternativa única de ingresso universitário, uma modalidade de avaliação que promove uma unificação como alternativa aos diferentes vestibulares a que são submetidos os aspirantes a uma vaga de ensino superior no país. Em alguns estados, o acesso ao ensino superior público federal, por exemplo, já se encontra restrita à pontuação obtida no exame. A possibilidade de se obter a certificação de conclusão do ensino médio a partir do resultado obtido na prova, também é outra prática que vem suscitando debates pautados na noção de “certificação por competências” que propõe o exame. Os objetivos no período inicial de implementação do ENEM eram basicamente os de autoavaliação por parte dos que pretendiam realizar a prova e a avaliação da qualidade geral do ensino médio no país. Hoje em dia, outros fatores se apresentam com mais destaque como motivos para realização do exame, como a possibilidade de acesso ao ensino superior gratuito e a obtenção da certificação de ensino médio, apontados inclusive como os principais indicadores do aumento no número de inscrições dos últimos anos. Almeja-se com os resultados apresentados até o momento uma ampliação das discussões em torno ao exame, reflexões sobre seus desdobramentos e sobre a forma em que as questões propostas se materializam. Os resultados que espera-se obter ao longo e ao término desse trabalho contribuirão não só para reflexões acerca de contradições e debates conjunturais sobre o gênero discursivo “exames de seleção” como é o caso do ENEM que, dentre outros objetivos polêmicos, tem o de se materializar como forma unificada de ingresso ao ensino superior em nível nacional; como também 199 permite-nos analisar os fatores estruturais que nos levam a compreender melhor o contexto de criação, a manutenção e a abrangência de sua existência.

2 • Sistemas complexos, cognição e pedagogia: emergência da expressão oral no ensino-aprendizagem de ILE

Lesliê Vieira Mulico (UERJ/IFRJ)

Tânia Mara Gastão Saliés (UERJ)

Os processos de recuperação do léxico em língua estrangeira têm suscitado questionamentos que vêm sendo respondidos a partir de diferentes recortes teóricos. Há pesquisas que investigaram a eficácia da instrução explícita no ensino de vocabulário (SONBUL e SCHMITT, 2010; VIDAL, 2010), outras que avaliaram os benefícios da tradução como estratégia de aprendizagem (LAUFER e GIRSAI, 2008) e os efeitos da repetição na aquisição incidental de vocabulário (WEBB, 2007; CHEN e TRUSCOTT, 2010). Há ainda outras que examinaram as relações entre a fonologia e a capacidade de recuperar um item lexical da memória (KORMOS e SÁFÁR, 2008). Tais estudos contemplaram aprendizes com alguma experiência na língua inglesa. Poucos se preocuparam com aprendizes com pouca ou nenhuma experiência na língua inglesa, e nenhum tratou do conhecimento explicitado na expressão oral de aprendizes de inglês como língua adicional. Além disso, vários desses estudos tomam o

viés experimental indo de encontro ao entendimento da linguagem como um fenômeno complexo, adaptativo e não-linear, pouco sensível a previsões (LARSEN-FREEMAN e CAMERON, 2008). Tendo como referenciais teóricos a Teoria da Complexidade e a Linguística Cognitiva, o presente trabalho abraça esse objetivo, apresentando um estudo longitudinal, qualitativo e interpretativista que discute especificamente os processos de adaptação que emergiram na expressão oral de um grupo de mulheres aprendizes iniciantes de inglês como língua estrangeira (ILE) no contexto de ensino médio vocacional (secretariado). A interface entre essas teorias parte do entendimento de que na sala de aula vários (sub)sistemas complexos co-ocorrem, tais como a cognição, as relações entre aprendizes, professor, contexto pedagógico, ambiente físico, dentre outros, covariando e coadaptando-se em diferentes níveis e de forma imprevisível. A investigação se deu por meio de dados coletados e transcritos ao longo de 28 horas de aula organizadas em três momentos avaliativos. Concentramo-nos na primeira parte das avaliações, que se tratou de uma entrevista de emprego, em cujo contexto as participantes eram motivadas a fornecer informações pessoais típicas desse evento comunicativo. Analisamos as elocuições por meio de uma abordagem multissistêmica, a qual envolveu a criação de categorias que codificaram as adaptações nas elocuições das participantes em termos sintáticos, semânticos, fonológicos e pragmáticos. Posteriormente, organizamos as categorias adaptativas em níveis de prototipicidade (ROSCH, 1978) para identificar as adaptações mais frequentes no uso das participantes. Utilizamos esses dados para descrever como a prática oral dessas participantes se desenvolveu ao longo das 28 horas e, com isso, demonstrar que a emergência da expressão oral se trata de um sistema em evolução. Os resultados desta pesquisa trazem desdobramentos importantes para a ação pedagógica na sala de aula de línguas adicionais e para o professor de línguas. Primeiramente, comprova uma das premissas da Linguística Cognitiva ao mostrar que os níveis de descrição linguística (eg. semântica, pragmática, sintaxe, fonologia) funcionam conjuntamente em prol do sucesso comunicacional. Finalmente, demonstra que a função do professor, como discutem LARSEN-FREEMAN e CAMERON (2011), não é gerar uniformidade, mas sim oportunizar vivências que estabeleçam continuidade entre o mundo, o corpo e a mente dos aprendizes.

3 • Ensino de e/le no turismo: o gênero cartões postais

Maria Cristina Giorgi & Rosane Manfrinato de Medeiros Dias (CEFET/RJ)

Nesta comunicação objetivamos apresentar os resultados obtidos a partir da implementação e realização do projeto “Tarjeta Postal: nuevas lecturas del escenario de Río de Janeiro”, idealizado desde o ano de 2009 e posto em prática com alunos da disciplina de Língua Espanhola, do Curso Técnico de Turismo e Entretenimento do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ - Maracanã). O projeto foi pensado a partir da concepção de que o papel dos professores de E/LE (Espanhol como Língua Estrangeira) transcende o desenvolvimento das competências linguísticas de nossos alunos, e visa à sua formação cidadã e ao estímulo de sua capacidade crítica em relação ao nosso contexto sócio-histórico. Sua justificativa reside no fato de que os alunos, futuros profissionais da área do turismo, precisam refletir sobre as imagens que são construídas e disseminadas como uma realidade única e “verdadeira”, a qual, a nosso ver, não é capaz de representar a identidade de uma sociedade de modo a abarcar a sua complexidade, o seu todo. Além disso, buscamos que os discentes compreendam – a partir da leitura e discussão de textos teóricos – que a linguagem, em lugar de meramente representar, se apresenta como uma forma de ação no mundo, a partir da qual é possível construir e (des)construir determinadas realidades/imagens sociais, que são recortes feitos de acordo com os interesses e objetivos daqueles que os realizam. Inicialmente, os alunos desenvolvem uma leitura crítica das imagens que circulam sobre a nossa cidade e seus habitantes nos atuais cartões postais, os quais divulgam uma “realidade construída” sobre o Rio de Janeiro, que atende à demanda daqueles que a produzem – Quem produz? Para quem? A partir de que lugar? Com quais objetivos? Posteriormente, são estimulados a responder perguntas-provocações como: *Você – como carioca – se vê refletido nessas imagens? Os cartões postais sobre o Rio de Janeiro trazem algo de sua identidade?* Ao fim, partindo de suas respostas, são incentivados a buscar – a partir do uso do dispositivo fotográfico – uma nova leitura do cenário carioca, bem como das pessoas que nele atuam, considerando-se parte dele e procurando romper com imagens cristalizadas/estereotipadas que compõem os atuais cartões postais que circulam em nosso entorno social, ou seja, voltadas basicamente para *samba, praia e futebol*. Essa (re)leitura origina cartões postais – confeccionados artesanalmente – que procuram trazer impressa a identidade daqueles que, além de ocuparem o espaço da cidade do Rio de Janeiro, transformam-no a partir de suas ações/relações cotidianas. Ademais, apresentam imagens ofertadas por futuros profissionais do Turismo, os quais são conscientizados de que o gênero textual cartão postal objetiva não apenas “retratar uma realidade”/“divulgá-la”, mas também “convidar” o

OUTRO a experimentá-la. Os resultados do desenvolvimento do projeto – os quais se apresentam como uma forma de ação no mundo através da apropriação da linguagem – procuram responder: *Quem somos nós, os cariocas? Como é a cidade que habitamos e transformamos? O que desejo compartilhar – dela e de nós – com o meu OUTRO?* Os expectadores terão a oportunidade de – através da exposição de alguns dos cartões postais produzidos pelos alunos – “passearem” por novos cenários de nossa cidade, bem como de se identificarem com os espaços e pessoas neles retratados. Como aporte teórico que orienta nosso trabalho, recorreremos aos conceitos de linguagem, discurso, enunciado e gênero, com base nos estudos de Bakhtin (1986) e Maingueneau (2001), e também os de identidade e subjetividade, baseados em Coracini (2006), Grigoletto (2006), Magalhães (2006) e Moita Lopes (2006).

4 • A autonomia no contexto teletandem institucional e integrado

Mariana Volpi Bonfim (Universidade Estadual Paulista)

O projeto *Teletandem Brasil: Línguas Estrangeiras para Todos* (TELLES, 2006) objetiva o ensino-aprendizagem de línguas através de interações entre brasileiros e estrangeiros por meio de programas de comunicação instantânea via internet (*MSN, Skype*). No Teletandem independente, os interessados são pareados pelos coordenadores dos Laboratórios de Teletandem (UNESP de Assis e de São José do Rio Preto) e, a partir de então, a dupla de alunos negocia os dias/horários das interações e se responsabiliza pelo seu aprendizado, embasando-se nos três princípios norteadores do projeto: separação das línguas, reciprocidade e autonomia (TELLES; VASSALLO, 2009). De acordo com o princípio da separação de línguas, a interação deve acontecer metade do tempo em uma das línguas envolvidas e metade na outra. O segundo princípio, o da reciprocidade, propõe que os participantes se comprometam e colaborem um com a aprendizagem do outro. Já o princípio da autonomia propõe que o participante se responsabilize pela própria aprendizagem e decida o quê, quando, onde, como aprender e por quanto tempo. A experiência com essa modalidade de teletandem mostrou que nem todas as parcerias independentes tinham resultados satisfatórios (ARANHA; CAVALARI, no prelo). Esse fato levou o projeto a adotar um caráter institucional ao incorporar as interações às atividades das disciplinas de Língua Inglesa dos cursos de Licenciatura em Letras e Bacharelado em Letras com Habilitação de Tradutor da UNESP-São José do Rio Preto. O presente trabalho parte do pressuposto de que essas mudanças têm implicações para o ambiente de ensino-aprendizagem, principalmente no que concerne à articulação dos três princípios teóricos norteadores do teletandem. Este projeto pretende, assim, descrever esse novo contexto, enfocando quais características podem promover ou inibir o exercício da autonomia pelos alunos participantes do projeto teletandem institucional e integrado da UNESP-São José do Rio Preto. O ensino-aprendizagem via teletandem bem sucedido pressupõe um bom relacionamento entre os parceiros, além da autonomia do interagente. No entanto, a autonomia não pressupõe isolamento. A aprendizagem no teletandem não é individual, mas sim um processo colaborativo, o que está em alinhamento com a Teoria Sociocultural de Vygotsky (1994). De acordo com o autor, o homem é um ser social e aprende interagindo com outras pessoas. Assim, a aprendizagem acontece na interação entre o conhecimento real de uma pessoa, ou o que ela pode realizar independentemente e o nível de desenvolvimento potencial, alcançado sob orientação ou colaboração de um parceiro mais experiente. Nas interações teletandem, ao assumir seu papel de *expert* na interação, o participante pode oferecer andaimes para apoiar a aprendizagem do parceiro. Por outro lado, ao assumir o papel de aprendiz, o participante pode contar com o apoio de seu parceiro. Para melhor compreender as transformações sofridas pelo projeto e a necessidade da presente pesquisa, apresenta-se um breve histórico do ensino-aprendizagem via tandem no Brasil, além de uma discussão teórica sobre aprendizagem autônoma de língua estrangeira. A investigação é de base qualitativa, de cunho etnográfico e utiliza questionários, diários reflexivos e gravações das interações como instrumentos de coleta de dados. Trata-se de um trabalho em andamento, em fase de coleta de dados.

5 • Narrativas de paisagens compartilhadas: um estudo do discurso construído por professores de inglês de escolas municipais do Rio

Inés Kayon de Miller (PUC-Rio)
Jessica Silva Barcellos (PUC-Rio)

Impactadas pelas narrativas compartilhadas de forma espontânea por diversos professores aprovados no último concurso da SME-Rio, decidimos investigar junto a um pequeno grupo de professores conhecidos, suas percepções acerca das dificuldades que enfrentam nas escolas municipais e que os têm levado a desistir da carreira pública. Para tal, criamos um grupo eletrônico e convidamos quatro colegas da área de Língua Inglesa a interagir sobre suas vivências profissionais recentes em escolas municipais. Orientadas pelos princípios da Prática Exploratória (ALLWRIGHT; HANKS, 2009), entendemos a proposta como uma forma de criar oportunidades para “trabalhar (ou escrever) para entender”, de forma conjunta, em um ambiente (virtual) de apoio e desenvolvimento mútuo. Neste contexto, surgiram narrativas reflexivas sobre momentos marcantes vivenciados por cada participante. Analisamos o discurso construído pelos professores dentro de uma abordagem interpretativa e qualitativa, baseada, sobretudo, nos estudos de narrativas de Bruner (1991; 2004). Apropriamo-nos, particularmente, do entendimento de que narrativas que emergem de paisagens compartilhadas oferecem poder narrativo e possibilidade, não de verificação ou confirmação, mas de geração de descrições mais densas (GEERTZ, 1973). Na mesma perspectiva, a pesquisa realizada sugere que as narrativas funcionam não como uma reprodução do que foi vivido, mas como um elemento auxiliador na construção da realidade e na projeção das identidades pessoais e profissionais dos narradores. Os temas mais recorrentes nas produções foram o desconhecimento do contexto escolar, a distância geográfica das escolas, o transporte precário até as escolas, a falta de infra-estrutura adequada nas escolas, falhas do sistema educacional como um todo, o número de alunos em sala, a indisciplina, o relacionamento professor-aluno e aluno-aluno, a falta de apoio dos pais, a preparação docente inadequada, a desistência e os sentimentos de cansaço e revolta. O caráter exploratório das trocas contribuiu para que os participantes alcançassem entendimentos aprofundados sobre suas identidades profissionais e pessoais projetadas. Nas narrativas ‘de sofrimento’ ou ‘de lamentação’ encontramos decisões de exoneração ou desistência associadas a um *continuum* de construções identitárias que vão do professor culpado, desesperado e impotente ao que, de forma indireta, se auto-elogia ou protege sua face profissional e pessoal. Assim, entendemos que a análise do discurso e das narrativas pode contribuir para o entendimento de questões sociais de cunho mais amplo, como por exemplo, o processo de formação inicial e continuada de um profissional e sua inserção e sobrevivência no mercado de trabalho. Dentro da tradição da Prática Exploratória e baseados em investigações conduzidas por praticantes, como o que ora apresentamos, temos encorajado professores recém formados a integrar uma atitude investigativa e questionadora à sua prática pedagógica inicial, na esperança de que busquem construir um ambiente de trabalho mais ético (MILLER, 2010) e que achem nesse fazer um antídoto para o tradicional síndrome de *burn-out* (ALLWRIGHT, D.; MILLER, no prelo). Confiamos que a união de grupos de professores e, preferencialmente, de grupos de professores e seus alunos, trabalhando juntos pela qualidade de suas vidas em sala de aula e fora dela (GIEVE & MILLER, 2006), conseguirão (re)construir a força profissional necessária para enviar mensagens urgentes para as direções das escolas, as autoridades, os pais, os vizinhos e para a sociedade em geral. Mensagens que busquem subverter pacificamente, de forma integrada ao trabalho pedagógico, os diversos tipos de violência a professores e alunos que se encontram instaurados no sistema educacional.

Sessão 2: ABORDAGENS COGNITIVO-FUNCIONAIS

Coordenação: Sandra Bernardo (UERJ)

1 • Padrões de uso da expressão “foi quando”: um estudo funcionalista em perspectiva construcional

Alexsandra Ferreira da Silva (UFF)

O trabalho que propomos analisa os diferentes padrões de uso da expressão “foi quando”. Estudando os diversos meios através dos quais se articulam orações e períodos, chamou-nos a atenção o uso recorrente de “foi quando”, principalmente em sequências tipológicas narrativas. Tal expressão é utilizada, na maioria dos casos, como um mecanismo de coesão sequencial, com funções sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas específicas. Verificamos que o uso da expressão “foi quando” como elemento de coesão parece estar se fixando na língua em função da automação de seu uso. Desta forma, adotando os pressupostos da teoria funcionalista de linguagem – que estuda os usos linguísticos em seus contextos efetivos de uso – na linha de Heine e Kuteva (2006), Traugott (2003, 2010), Traugott e Dasher (2005), Givón (2001), Haspelmath (2004), entre outros, bem como em princípios cognitivistas, conforme Goldberg (1995, 2006) e Croft (1990, 2001), partimos da hipótese de que a expressão “foi quando”, em viés sincrônico, apresenta graus distintos de gramaticalidade em que o uso mais gramatical dessa expressão se configura de maneira bastante integrada na língua, funcionando como um juntor. Procura-se comprovar o pressuposto de que os diferentes graus de gramaticalidade da expressão “foi quando” sejam decorrentes de um processo de gramaticalização, instaurado, principalmente, a partir dos mecanismos de reanálise e de analogia, estritamente relacionados aos processos de inferência metonímicos e metafóricos. Observamos que, de um lado, a foricidade de “foi quando” cria condições para que a expressão seja analisada, na maioria dos casos, como um juntor; e, de outro, a transferência metafórica e a reinterpretção contextual determinam a emergência de um uso mais integrado. Desse modo, com base no reconhecimento da importância de se abordar os fenômenos linguísticos em seu contexto efetivo de uso, procedemos a uma pesquisa piloto na qual são analisadas notícias publicadas no site: www.g1.globo.com, tendo em vista a recorrência de uso da expressão “foi quando” nesse gênero textual. Analisamos um corpus, constituído por notícias publicadas pelo portal Globo. Nessa pesquisa são observados, basicamente, três padrões de uso da referida expressão: I) Uso sem integração, representado neste trabalho como **foi e quando**, por se tratar de itens independentes; II) Uso pouco integrado, representado por nós como **foi + quando**, por haver alguma integração entre seus itens; e III) Uso integrado, representado por **foiquando**, por apresentar uma leitura bastante integrada de seus constituintes, formando um tipo de construção, ou seja, uma sequência convencional que ocorre na língua como uma unidade cristalizada. Assim, dedicamos, nesta comunicação, à apresentação da expressão “foi quando” em seus diferentes padrões de uso, em que o mais recorrente apresenta uma leitura bastante integrada de seus constituintes, formando um tipo de construção que funciona como um juntor. Salientamos, ainda, a maneira como a referida expressão é utilizada no processo de articulação textual, atentando, especialmente, para o **foiquando** como elemento de coesão. Nesse caso, o processo de articulação é estabelecido por meio de uma construção, fato que demonstra que os jutores listados pela tradição não são exclusivos para o estabelecimento de relações de sentido. Nosso trabalho mostra que há outras formas, como é o caso de **foiquando**, que estão se configurando no contexto de articulação textual para atender as mais diversas funções discursivo-pragmáticas.

2 • Expressões *dar/fazer + sintagma nominal*: uma categorização à luz da Gramática das Construções

Giselle Aparecida Toledo Esteves

Para expressar cenas básicas de experiência, os usuários da língua acessam determinadas construções linguísticas que, para Goldberg (1995), constituem um pareamento forma-significado. A pesquisadora demonstra que é possível desenvolver esquemas cognitivos com diversas construções (*bitransitiva* – X *causa* Y *receber* Z: João enviou flores à Maria; *de movimento causado* – X *causa* Y *mover-se para* Z: João assoprou o lenço para fora da mesa; *resultativa* – X *causa* Y *tornar-se* Z: Maria cortou a batata em tiras; *de movimento transitivo* – X *direciona*

uma ação para Y: João chutou o cachorro). A autora argumenta que os usuários da língua conhecem diversos esquemas e subesquemas como os apresentados. O falante promove a inter-relação entre os esquemas e entre diferentes formas linguísticas, o que permite a formação e a compreensão de novas estruturas da língua. Há, portanto, outra forma de se conceber a língua, qual seja: uma rede de esquemas inter-relacionados que permite o desenvolvimento de outras redes. A estudiosa vincula o termo *redes* ao fato de as dimensões da língua — *léxico* e *gramática* — estarem integradas, formando-se redes de conhecimentos. Apesar de defender que as construções apresentam significados independentemente dos verbos que as compõem, Goldberg (1995) afirma que não se deve aplicar apenas uma interpretação a partir da construção para os componentes (*top-down*), impondo seu significado, mas é possível considerar também a análise a partir dos componentes (*bottom-up*). As expressões idiomáticas apresentam pareamento forma-significado e, segundo a autora, podem ser consideradas construções. Tenciona-se expor uma descrição de quatro padrões construcionais pertencentes a diversos predicados complexos formados por *dar/fazer* + *sintagma nominal* (idiomáticos ou não, tais como: *dar conta*, *fazer vaquinha*, *dar pulos*, *fazer insultos*). O primeiro padrão apresenta dois significados (*X causa Y receber Z: a mãe deu uma resposta ao filho* e *X causa Y perceber Z — o jogador fez vigorosas bananas à torcida*). Nessas perífrases, o verbo pertence a uma categoria *semigramatical* a de *verbo predicador a verbo suporte*. O segundo padrão veicula o significado *X produz Y* (O presidente *fez um papelão* no governo). Como ocorre nas expressões pertencentes ao padrão 1, o verbo, nas perífrases com padrão 2, pertence à categoria híbrida de *verbo predicador a verbo suporte*. Os padrões 3 e 4 apresentam expressões que sejam predicados complexos com *verbos suporte dar e fazer* (verbos com comportamento mais gramatical). Semanticamente, *verbo* + *SN* pertencem a uma construção cujo significado básico é *X age*. O que diferencia esses padrões é a *transitividade*. Ao padrão 3 pertencem construções transitivas (*X age sobre Y — Você faz parte da comunidade/ Você deve dar conta do trabalho*), enquanto as construções intransitivas pertencem ao padrão 4 (*X age — Você gosta de fazer uma boquinha enquanto estuda/ Quando me viu com presente, ele deu um pulo de alegria*). Ressalta-se que, para a análise das ocorrências, consideraram-se dois fenômenos: o de gramaticalização dos verbos (*dar e fazer*) e o de lexicalização das expressões (*verbo* + *sintagma nominal*). Para tanto, recorreu-se às orientações encontradas em Heine et alii (1991) e em Brinton e Traugott (2005). Os dados da pesquisa são provenientes tanto de textos escritos quanto de textos orais pertencentes às variedades brasileira e europeia da Língua Portuguesa.

3 • A linguagem publicitária na era do conceito: um estudo sobre texto, contexto e cultura

Laís Gonçalves Natalino (UFSC)

Ao longo das últimas décadas, em todo o globo, ocorreram significativas mudanças no cenário mercadológico, socioeconômico e cultural. A linguagem publicitária vem acompanhando esta evolução. O objetivo deste trabalho é identificar as alterações bem, como atrelar as novas características da linguagem e do texto publicitário ao contexto e à cultura na qual está inserido. Para tanto, são analisados anúncios publicitários de diferentes décadas a fim de perceber diferenças nas características da linguagem publicitária empregada e identificar casos que comprovem a importância do contexto e da cultura para formação de sentido no texto. O estudo se justifica na aproximação de profissionais das áreas de comunicação, publicidade, pesquisadores e estudantes da área de estudos da linguagem e ao mesmo tempo na compreensão da importância do contexto para construção e compreensão de textos. Além disso, é proposto, ainda, um estudo interdisciplinar entre as citadas áreas do conhecimento dando enfoque à linguagem e a cultura como mediadora necessária para esta relação. Este trabalho pondera a linguagem de modo funcionalista, segundo seu caráter comunicativo e tem foco na importância do contexto cultural, do público alvo e dos propósitos envolvidos em toda situação comunicativa. Para esta discussão é utilizado o esquema proposto por Michael Halliday que compõe e divide às funções básicas da comunicação, são elas: função ideacional, interpessoal e textual. São também utilizados pressupostos da teoria sistêmico-funcional do mesmo autor que dá enfoque ao modo com que a língua atua no contexto social sustentando-se pela noção de função, que seria o constituinte imediato de toda a produção de enunciados, contribuindo inevitavelmente para a construção de seu significado (Halliday & Hasan, 1989). O funcionalismo se divide em diferentes escolas e teorias, entretanto, o que todas as teorias apresentam de forma confluyente é a crença de que estrutura dos enunciados é determinada pelo uso que é dado a elas pelo contexto comunicativo em que ocorrem. A teoria sistêmico-funcional propõe uma gramática com base na semântica, possibilitando a consideração e identificação dos papéis das variações linguísticas no texto, nos termos de sua função na construção do significado, a partir de seu alicerce funcional. Para as análises dos anúncios publicitários são utilizados conceitos da semiótica sendo esta adotada aqui como uma prática conceitual e metodológica aplicada a qualquer processo

de comunicação. É utilizada, também, uma interpretação crítica do discurso em que a linguagem é considerada como uma semiótica social, ou segundo Halliday (1989), como um entre os vários sistemas de significação, que, tomados todos juntos, constituem a cultura humana. A análise crítica do discurso (ACD) é, de acordo com Fairclough (1992), uma orientação aos estudos da língua que associa a análise textual com uma teoria social do funcionamento da língua em processos ideológicos e políticos. Sempre que interagimos, assumimos um ponto de vista ou perspectiva especial sobre o que queremos comunicar, esta perspectiva sinaliza nossa visão de mundo e consequentemente nossas ideologias (Caldas-Coulthard, 2008, pg. 31). Compete também a esta pesquisa, a contextualização de uma nova tendência de mercado que advém da dinamização do consumo através da valorização do novo, da capacidade sedutora dos objetos de consumo, das qualidades e valores agregados, da valorização da idéia e do fim do consumir por consumir, trata-se da era do conceito. O que se comprova com este trabalho é que através da utilização adequada da linguagem e da relevância dada à cultura e ao contexto cultural presente nos discursos, é possível alcançar as intenções comunicacionais e persuasivas previstas pelo gênero textual anúncio. Fica evidente a importância do contexto e da cultura tanto para a comunicação, quanto para construção e compreensão de textos.

4 • Manchetes de jornal: projeções e mesclas

Fabiana Silva de Souza (UERJ)

Neste artigo, apresentamos uma análise do processo de mesclagem conceptual que envolve a construção do conhecimento. A análise das manchetes jornalísticas tem o intuito de mostrar como a interpretação de tais textos envolve complexos processos cognitivos e como requer um conhecimento de mundo a respeito dos assuntos em questão. O *corpus* deste estudo é parte integrante de um jornal carioca cujo nome é “Meia Hora”. O jornal é pertencente ao grupo “O Dia” e surgiu em 2005, a partir da necessidade de se atender o público das classes C e D. Com formato de tablóide, chama atenção pelas manchetes ousadas, o preço popular e o fácil manuseio. As manchetes foram retiradas do ambiente virtual (<http://one.meiahora.com/capas>) e escolhidas pelo teor de suas informações que, a nosso ver, exigem um conhecimento de mundo a respeito do que está sendo abordado. Os temas que norteiam as manchetes são: a morte da cantora britânica Amy Winehouse; a vitória histórica do time do Flamengo contra a equipe do Santos; uma operação policial realizada em uma comunidade do Rio de Janeiro. O objetivo é fazer uma análise acerca dos processos cognitivos envolvidos na construção do conhecimento, dando ênfase aos processos de projeções e mesclagem responsáveis pelo humor que perpassa pelas manchetes jornalísticas selecionadas. Segundo Fauconnier (1997), a Teoria dos Espaços Mentais diz que a construção de significados é feita diretamente no contexto, visto que as sentenças não podem ser analisadas isoladamente. Os espaços mentais são domínios locais, disponíveis na memória de trabalho, em que são processadas as informações. Possuem um caráter dinâmico e se modificam a cada produção de enunciados, são abertos em proporção ao discurso e são baseados no contexto e nas expressões linguísticas – recursos gramaticais – denominadas Construtores de Espaços Mentais. A mesclagem conceptual é composta por, pelo menos, quatro elementos: espaço genérico, dois *inputs* e o espaço da mescla. O espaço genérico consiste em estabelecer conexões entre as contrapartes dos espaços de *inputs*. Tais conexões são estabelecidas por correspondências, realizadas por projeções conceituais. Os espaços de entrada dão origem à projeção seletiva na mescla, isto é, nem toda a estrutura presente nos *inputs* é projetada no espaço da mescla, mas apenas as informações necessárias à compreensão. Algumas informações são até incompatíveis com o significado da construção emergente. Com isso, a projeção seletiva é um dos motivos pelo quais diferentes usuários da mesma língua podem produzir diversas mesclas, oriundas nos mesmos *inputs*. Quando as informações projetadas na mescla, oriundas dos *inputs*, não correspondem à construção do significado que emerge deste espaço, a compreensão não é realizada. Segundo Miranda (1999), “a mesclagem é o processo responsável pela dimensão criativa de todas as formas de pensamento. É pelas novas relações e pelas novas configurações que dão aos sentidos que combinam que fazem surgir novas significações e conceptualizações”. A mescla é o resultado de projeções que permitem compreender o espaço único da significação. Através dos resultados das análises das manchetes selecionadas foi possível observar que o conhecimento é enciclopédico, não podendo ser dissociado da utilização da linguagem; logo, o significado é de natureza pragmática, porque a linguagem utilizada é situada e, portanto, contextualizada, por definição (EVANS & GREEN, 2006) e que as projeções constituem uma área fecunda de estudos quando se almeja analisar como se dá a construção de significado no espaço mescla.

5 • Metáfora e mesclagem conceptual na compreensão de manchetes

Luana de Fatima Machado Ignacio

Os profissionais de Letras que trabalham diretamente com o desenvolvimento da compreensão leitora estão sempre empenhados em buscar abordagens que contemplem o processo de construção de significado. As inúmeras interações sociais de que participamos todos os dias, cada uma delas nos disponibilizando um sem-número de informações, colocam-nos diante de alguns questionamentos, quais sejam: como podemos compreender enunciados com conteúdos semânticos diversos? Quais princípios de organização de conhecimentos e estratégias de processamento são ativados no momento da interpretação de expressões linguísticas? Nosso trabalho buscará responder a essas questões, lançando mão das teorias propostas pela Linguística Cognitiva, em razão de encontrarmos nestas um aporte teórico bem coerente para quem tenciona entender o processo de compreensão/construção de significado e desenvolver um trabalho nesse âmbito. Será feita uma análise das manchetes “A princesa chapa-quente” e “Um tapa no esnobismo”, veiculadas por dois jornais do Rio de Janeiro (Meia Hora e O Globo, respectivamente) como forma de acessar as atividades e estratégias cognitivas presentes no processo de compreensão. Para analisar as manchetes, primeiramente traremos a lume as contribuições de Lakoff e Johnson (2002), discorrendo sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, que concebe as ações corpóreas e as atividades cognitivas de forma conjunta, por partir de uma perspectiva experiencialista, segundo a qual, buscamos compreender um conceito por meio de outro ao relacionar o desconhecido e o consuetado. Como operação mental essencial e onipresente, base do sistema conceptual humano, a Teoria da Metáfora Conceptual estrutura, como afirmam Lakoff e Johnson (2002), “o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias”. Apreciaremos as supracitadas manchetes como expressões metafóricas portadoras das Metáforas Conceptuais ATITUDES SÃO OBJETOS CONDUTORES e ATITUDES SÃO GOLPES. Ato contínuo, trabalharemos com outro processo que age diretamente na nossa maneira de pensar, a Teoria da Mesclagem, proposta por Fauconnier e Turner (2002), que se configura como um estudo minucioso sobre os recursos e procedimentos cognitivos ativados no processo de construção de significado. De acordo com Fauconnier (1997), “algumas palavras e construções gramaticais trazem com elas um conjunto de conhecimentos que estão por detrás delas nas cenas, como frames, modelos cognitivos, acepções ausentes, informações enciclopédicas”. Segundo a teoria, o significado não é imanente às construções linguísticas, mas sim gatilhos que disparam as operações cognitivas; por isso o significado é construído pelo falante nas várias operações mentais empreendidas. A mesclagem consiste, então, num mecanismo que permite significar experiências, aproximando realidades diversas, comprimindo e descomprimindo. O processo é semelhante ao da metáfora conceptual; a mesclagem, no entanto, envolve a criação de, pelo menos, quatro espaços mentais. Neste artigo, faremos uso da mesclagem para dar conta de inferências não contempladas pelas Metáforas. Analisaremos, em seguida, os dados de uma pesquisa feita com estudantes da rede pública de ensino para confrontar as respostas dos alunos com os postulados da teoria. A observação das respostas valida a sistematização da Metáfora e da Mescla realizada no artigo, mostrando que as descompressões levam em conta a experiência do entendedor ao interagir com as informações disponíveis.

Sessão 3: LINGUÍSTICA APLICADA À EDUCAÇÃO

Coordenação: Ricardo Joseh Lima (UERJ)

1 • A universidade brasileira e a formação de leitores: resultados preliminares de sondagem com estudantes universitários

Raúl Cesar Gouveia Fernandes (FEI) & Durval Cordas (Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza)

Exames nacionais e internacionais vêm demonstrando que o sistema escolar brasileiro é falho quanto à formação de leitores competentes e maduros. Se a situação do ensino básico é bem conhecida graças à realização de exames como o SAEB e o PISA, faltam estudos abrangentes sobre práticas e competências leitoras de universitários no País. Os dados hoje disponíveis sobre o tema são provenientes de estudos de caráter muito abrangente, como a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (que nem sempre permitem identificar com clareza as informações relativas aos atuais estudantes universitários), ou de sondagens localizadas, realizadas com estudantes de uma única instituição ou curso (cf. AMORIM, 2008; CARELLI, s/d; MOURA, MATSUDO, ANDRADE, 2001, entre outros). A necessidade de aprofundar o conhecimento sobre este tema deve-se ainda a dois outros fatores: a heterogeneidade das IES brasileiras, que dificulta qualquer tentativa de generalização dos dados disponíveis sobre os hábitos de leitura dos estudantes universitários, e a vertiginosa expansão do sistema universitário brasileiro nas últimas décadas, fato que vem permitindo com que muitos jovens anteriormente excluídos do ensino superior tenham acesso à universidade. Embora os benefícios sociais advindos de tais mudanças sejam inegavelmente positivos, também é verdade que esta situação traz novos desafios, pois aumenta o volume de jovens que chegam à universidade com deficiências em sua formação básica e sem hábitos de leitura consolidados. Por isso, a universidade brasileira não pode mais eximir-se do debate sobre suas responsabilidades na tarefa de promover os hábitos e competências de leitura de seus próprios estudantes. No caso brasileiro, portanto, ao propalado declínio dos hábitos de leitura entre as novas gerações – redução detectada em diversos estudos internacionais e frequentemente atribuída à influência da televisão e ao acesso à cultura digital (cf. MOKHATARI; REICHARD; GARDNER, 2009 e KNULST; VAN DEN BROEK, 2003, entre outros) –, soma-se o desafio de compreender e promover as práticas leitoras de estudantes provenientes de extratos sociais tradicionalmente excluídos da formação superior. Os dois aspectos – os hábitos de leitura dos jovens da geração digital e a deficiente formação básica de expressiva parcela dos que atualmente chegam à universidade no Brasil – devem ser levados em consideração em qualquer tentativa de avaliação dos níveis de competência e dos hábitos de leitura dos estudantes universitários brasileiros. Tendo em vista este quadro, o objetivo deste trabalho é apresentar os resultados iniciais de pesquisa sobre hábitos e percepções de leitura de alunos do Centro Universitário da FEI (SP). Foram aplicados questionários a 493 alunos, ingressantes e concluintes dos cursos noturnos de Administração de Empresas e Ciências da Computação, com o objetivo de conhecer: 1) suas percepções sobre a leitura (o imaginário relativo à leitura e os valores positivos ou negativos estão associados a ela); 2) as preferências e os suportes comuns de leitura; 3) a frequência e a intensidade de leitura; 4) as motivações para a leitura; 5) as práticas de leitura acadêmica e profissional e 6) as barreiras à leitura. O presente trabalho apresenta a comparação das respostas de ingressantes e concluintes dos referidos cursos, a fim de verificar possíveis mudanças das práticas e percepções de leitura, de forma a avaliar o quanto a formação superior contribuiu para a consolidação dos hábitos de leitura dos estudantes.

2 • Dos PCN à sala de aula: análise do trabalho com a criticidade em materiais didáticos

Hélcio Carlos de Oliveira Silva (UERJ)

O que se pode observar nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental é uma preocupação em tornar os estudantes aptos a analisar criticamente os diversos discursos produzidos em nossa sociedade. Entretanto, entre o que é proposto por este documento e o que realmente chega à sala de aula é passível de averiguação a fim de que possa analisar o tratamento concreto dado a esse objetivo estipulado por estas orientações legais. Pensando neste processo de transposição da teoria para a prática, esta comunicação visa a apresentar os resultados de uma pesquisa realizada em um curso de pós-graduação em língua

portuguesa. Tomando como perspectiva teórica a contribuição dos estudos do campo da análise crítica do discurso e áreas correlacionadas a esta vertente, analisamos dois materiais didáticos elaborados explicitamente para explorar a temática criticidade em sala de aula. Vale ressaltar que este propósito encontra-se disseminado em outros materiais disponíveis no mercado. Porém, nosso foco é observar produções que se destinam especificamente para a questão da criticidade. Desses dois objetos de estudo, um é o capítulo intitulado “O discurso”, que consta no livro didático “Português – contexto, interlocução e sentido”(2008) e o outro material é uma sequência didática disponível para professores no *site* da revista “Nova Escola”. Em nosso referencial teórico, buscamos apoio em Fairclough (2001), Dijk (2008), Fiorin (2009), Voese (2004), Rajagopalan (2009) e Liberalli (2010). Fairclough (2001) contribui apresentando os objetivos gerais e a proposta do trabalho para quem pretende trabalhar com a Análise Crítica do Discurso em suas pesquisas. Como este pesquisador enfoca na mudança social, achamos pertinente as contribuições de seus estudos, pois está em consonância com a formação de cidadania almejada pelos PCN. Semelhante a Fairclough (2001), Dijk (2008) também apresenta valiosas contribuições para este referencial teórico, qual seja, a Análise Crítica do Discurso (ACD). Fiorin (2009) contribui para a questão dos aspectos relacionados à ideologia e sua presença nos diversos discursos sociais. Já Voese (2004), é de fundamental importância nesta pesquisa para que se evidencie a relação da análise do discurso e o ensino de língua portuguesa. Buscamos também neste pesquisador métodos de análise dos nossos objetos aqui selecionados. De Rajagopalan (2009), buscamos o conceito de pedagogia crítica e suas finalidades em sala de aula. Por fim, a obra de Liberalli (2010) tem como escopo a formação crítica de educadores. Acreditamos ser de fundamental importância o despertar da criticidade no educador, para que este possa se tornar apto a fazer o mesmo em seus alunos. Para que esta análise fosse realizada, relacionamos algumas perguntas-chave, com base na revisão da literatura realizada, e principalmente nos questionamentos realizados por Liberalli (2010), a fim de observar se o propósito do despertar da criticidade é realmente alcançado dentro dos parâmetros aqui levantados nos materiais didáticos tomados como objeto de pesquisa. Como esta pesquisa ainda está em fase de conclusão, não podemos ainda apresentar os resultados levantados. Almejamos que este processo de mudança social proposto por Fairclough (2001) seja ao menos evidenciado em nossos objetos de estudo, tornando nossos estudantes da educação básica providos de um olhar mais aguçado para os implícitos que permeiam a linguagem e as consequências advindas dessa interrelação linguagem-ideologia nos processos de representação e interações sociais.

3 • Representações de alunos de (pré)iniciação científica acerca da participação em um projeto de pesquisa

Isadora Garcia e Costa & Ana Paula Marques Beato-Canato

A iniciação e a pré-iniciação científica são importantes portas de entrada que levam alunos ao universo acadêmico da pesquisa. Motivadas a compreender um pouco mais sobre o processo pelo qual passam os estudantes ao lançarem-se neste meio, decidimos analisar a primeira experiência de um grupo de alunos-pesquisadores. Optamos por desenvolver a investigação com participantes de um mesmo projeto, do qual também fazemos parte, que tem o apoio financeiro da *Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)* por meio do programa de *Apoio à Melhoria do Ensino em Escolas da Rede Pública Sediadas no Estado do Rio de Janeiro* de 2011. O projeto, denominado *Práticas de linguagem em diferentes áreas do conhecimento na escola pública (PLIEP)*, tem suas bases teóricas pautadas no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), que defende a linguagem como mediadora das ações sociais. Como um de seus pressupostos centrais, no âmbito educacional, assume a transposição didática de gêneros (BRONCKART, 2010) para inserção em práticas letradas como algo fundamental em todas as áreas do conhecimento. O projeto reúne professores e pesquisadores de uma universidade federal e três escolas públicas – duas municipais e uma estadual – que atuam em diferentes áreas, o que permite um trabalho que transponha barreiras disciplinares, assumindo o conhecimento como transdisciplinar (ABREU JÚNIOR, 1996). Uma das ações do PLIEP é a oferta de um curso de formação continuada, distribuído em cinco módulos semi-presenciais com foco nas linhas de pesquisa dos professores responsáveis, todos ligados ao Setor de Inglês da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bem como ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Linguística Aplicada da mesma instituição. É palco de discussões a respeito do ensino em diversas dimensões e pretende contribuir para o planejamento de projetos interdisciplinares que visem a melhoria da qualidade de ensino das escolas envolvidas. Dentre os participantes, o PLIEP conta com professores sub-coordenadores, que têm como funções colaborar com os coordenadores para o

estreitamento dos laços entre universidade-escola; ampliar os diálogos iniciados em cada módulo; incentivar o desenvolvimento de projetos interdisciplinares; e orientar alunos de pré-iniciação. O grupo de alunos-pesquisadores é formado por quatro graduandos de Letras da UFRJ e quatro alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, cujas tarefas principais são a colaboração com os professores no desenvolvimento dos módulos e dos projetos e também o desenvolvimento de uma pesquisa no âmbito do projeto. Inseridas nesse contexto, decidimos investigar as representações de tais alunos acerca desta experiência acadêmica. Para isso, aplicamos questionários em dois momentos distintos, o que permitiu o acompanhamento de possíveis modificações na ótica dos participantes. A análise dos dados teve como base princípios do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2010) e versa sobre a concepção dos participantes sobre projeto de pesquisa acadêmico; os motivos que os levaram a se engajarem em seu primeiro trabalho de (pré)iniciação científica e seus receios quanto a esta experiência; suas expectativas quanto a ela para sua formação profissional; o porquê do tema escolhido ter lhes interessado; bem como o papel que desempenham junto aos professores envolvidos. Com nossa investigação, buscamos contribuir para uma reflexão crítica acerca da atuação e da intenção dos alunos envolvidos. Acreditamos que tal reflexão favoreça um maior engajamento e uma participação mais efetiva dos mesmos em um processo de co-construção do conhecimento (COULTER, 1999; CELANI, 2000).

4 • Aprovados no ENEM 2010: índices de (in)sucesso e processo de integração ao ensino superior dos ingressantes do curso de Licenciatura em Letras da UFCG

Jardiene Leandro Ferreira (UFCG-IC)
Prof.ª Dr.ª Denise Lino de Araújo (UFCG)

Este trabalho pretende apresentar parte dos resultados finais resultantes do projeto de pesquisa PIBIC/CNPq/UFCG: *Aprovados no ENEM 2010: permanência e evasão na UFCG*, cujo foco de investigação foram: (1) os índices de (in)sucesso dos ingressantes da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande) em 2010.1, aprovados via vestibular UFCG, e em 2011.1, aprovados via ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e (2) a opinião dos protagonistas do ensino superior – professores e alunos sobre o processo seletivo e integração nesse nível de ensino. Esta pesquisa está interligada a uma investigação mais ampla sobre o ENEM, desenvolvido durante três anos – *ENEM: práticas letradas, discursos, modelo de avaliação e desempenho de candidatos*. Nosso foco de pesquisa neste trabalho diz respeito à nova fase que o ensino superior está vivenciando desde que o ENEM passou a substituir, a partir de 2010, os exames vestibulares em 59 Instituições de Ensino Superior (IES), entre elas a UFCG. Levando em conta tal cenário, buscamos estudar os indicativos de permanência no primeiro semestre de ingresso dos selecionados pelo processo seletivo UFCG 2011, através do ENEM 2010, comparando tais índices com os indicativos dos alunos selecionados através do processo seletivo da UFCG 2010, através do vestibular da própria instituição. Focalizamos, assim, os índices quantitativos relativos à matrícula, à aprovação/reprovação em disciplinas, bem como aos dados qualitativos referentes às opiniões de professores e de alunos do curso de Licenciatura em Letras da UFCG, campus I, sobre o impacto do processo seletivo no ensino superior. Desse modo, pretendemos expor as análises referentes aos índices quantitativos de (in)sucesso dos alunos ingressantes no curso de Licenciatura em Letras nos períodos mencionados e ao estudo de caso desenvolvido através das opiniões de alunos e professores do curso, obtidas através de entrevistas estruturadas. Ambientada na área da Linguística Aplicada (SIGNORINI, 2006; ROJO, 2006) e da Educação, esta pesquisa se fundamenta na perspectiva sociointeracionista de estudos da aprendizagem e dos usos da linguagem, que orientam a investigação sobre o processo de integração ao ensino superior (GIRALDELLO, 2008). Este estudo utiliza também a perspectiva qualiquantitativa de pesquisa defendida por Baquero (2009) o qual afirma que antes de dissociá-los, os métodos quantitativos e qualitativos podem ser tratados de maneira integrada para uma melhor compreensão do fenômeno investigado. Os resultados, ainda em processo de conclusão, remetem para índices de insucesso no curso de Letras, pois, ao compararmos os índices quantitativos dos dois períodos mencionados, há um aumento tanto do percentual de reprovação por nota quanto por falta na maioria das disciplinas cursadas. O estudo de caso, referente aos dados qualitativos da pesquisa, ainda em andamento, sugerem certo descontentamento entre os professores entrevistados no que diz respeito à diferença de desempenho dos alunos investigados. Em relação aos alunos que foram entrevistados, verificamos que o seu processo de integração se dá, na maioria das vezes, de acordo com a disciplina que o oriente mais objetivamente para a prática profissional, já as disciplinas de natureza teóricas relacionadas são “pendulares”, i.e, ora contribuem para o processo de integração do aluno, ora dificultam esse processo.

5 • Construção de objetos virtuais de aprendizagem em linguística: instrumentos que buscam autonomia e interatividade numa parceria entre ensino presencial e EAD

Ricardo Joseh Lima (UERJ-UAB-CAPES)

Elane Barreto dos Santos Ferreira (UERJ-UAB-CAPES)

Igor de Oliveira Costa (UERJ-UAB-CAPES)

O presente trabalho, por tratar-se da inserção de características do ensino a distância na modalidade presencial, constitui-se num grande desafio, já que o propósito é viabilizar a participação simultânea de todos(as) em diferentes ambientes de aprendizagem (real/virtual) e desconstruir a ideia de que a aprendizagem se dá somente “intramuros” ou “extramuros”, ou seja, que uma modalidade anula outra. Segundo Maia e Mattar (2007), o grande desafio de se ensinar a distância hoje, relaciona-se a um cuidadoso trabalho com a linguagem midiática que deverá ser convidativa e atrativa o suficiente para manter o canal de interação entre professores/mediadores e estudantes (separados no tempo e no espaço) em um momento em que há uma maior abrangência de acesso rápido e amplo às novas tecnologias da informação e da comunicação, que marca a terceira geração em EAD no Brasil. O ensino a distância, apesar de parecer algo recente, já faz parte do processo de ensino e de aprendizagem no Brasil desde o início do século XX. Nota-se sua inserção no sistema educacional pelas três gerações em EAD: na primeira, ensino por correspondência; na segunda, pelo uso do impresso aos meios de comunicação audiovisuais e na terceira, pelo desenvolvimento e pela disseminação das novas tecnologias da informação e da comunicação – NTICs – que conduzem a mudanças radicais nos modos de ensinar (SPRITZER, 2011). Com base nessa linha de trabalho, o Laboratório de Tecnologias de Informação e Comunicação (LaTIC-UERJ) é responsável em oferecer suporte aos professores vinculados e seus respectivos bolsistas na elaboração de objetos de aprendizagem no campo virtual como ferramentas fundamentais ao currículo das disciplinas presenciais de cada unidade participante. Essa instrumentalização visa, primordialmente, ao desenvolvimento da autonomia e da interatividade como base do saber colaborativo, há tanto defendida, principalmente, por Paulo Freire, no combate à “educação bancária”; de modo que novos papéis se articulam na aprendizagem, já que o professor deixa de ser o “centro” do saber e passa a ser o mediador na troca de conhecimentos (BELLONI, 2006). E, para subsidiar essa produção, há orientações de várias naturezas como direitos autorais, tipos de materiais atrativos para a aprendizagem, análise dos recursos midiáticos utilizados e as funções destinadas ao próprio laboratório na organização de arquivos, vídeos, *webconferências*. E por meio dessa parceria – UERJ/UAB/CAPES - em Linguística, foi dado início à construção de apresentações virtuais multimídias (AVM) em Fonética/Fonologia, em Morfologia e em Sintaxe com linguagem atrativa que busca motivar reflexão sobre a estrutura e o uso da língua; quadro interativo de traços fonológicos; exercícios interativos de fonética oferecidos na plataforma *Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning)* todos previamente realizados com o auxílio de um levantamento sobre o uso da internet junto aos(as) estudantes que, no primeiro semestre de 2012, compuseram o curso de Linguística I e são parte fundamental na construção desses materiais, além da viabilização de duas *webconferências* com a participação dos Professores Doutores Márcio Leitão/UFPB e Sílvia/UFRJ. Como materiais integrantes na inserção da EAD no ensino presencial de Linguística II, há entrevistas gravadas com Professores Doutores sobre as contribuições de seus estudos no combate à ideia de que as línguas indígenas são inferiores; gravações de uso espontâneo da língua por crianças na faixa etária de três a cinco anos como fonte de análise das estruturas articuladas; construção de vídeo com o intuito de fomentar discussão sobre a existência de preconceitos quanto à variabilidade da língua e pesquisa sobre a influência da organização dos elementos constitutivos da língua na compreensão do discurso. Dessa forma, esse trabalho tem por finalidade fazer parte de um acervo virtual de aprendizagem, motivador de pesquisa e que esteja ao alcance de todos(as).

Sessão 4: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Coordenação: Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)

1 • A influência do PNLD sobre os materiais didáticos de língua portuguesa: uma avaliação da avaliação

Sebastião Carlúcio Alves Filho (UFU)

Há pouco tempo, o Governo Federal voltou suas atenções para a qualidade do ensino oferecido aos alunos do Ensino Médio (EM) de escolas da rede pública. Segundo Rojo (2006), somente a partir de 2004 livros didáticos passaram a ser distribuídos gratuitamente para os alunos do EM através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Os livros, antes de serem adotados pelas escolas, passam por um processo de avaliação do qual faz parte uma equipe de professores de universidades públicas responsável por aprovar, ou não, os materiais. Somente os livros que não contenham erros e estejam de acordo com o que é determinado pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio são aprovados e distribuídos para as escolas da rede pública de ensino. O professor é, sem dúvida alguma, o grande responsável pela formação do aluno em sala de aula, mas o material didático que é utilizado por esse aluno exerce forte influência sobre o processo de ensino/aprendizagem. Pensando nisso, fiz uma investigação acerca do que propõem as rubricas de avaliação do PNLD presentes na seção que trata de leitura e interpretação de textos escritos. As rubricas escolhidas para análise são as que servem de parâmetro para a avaliação dos materiais didáticos distribuídos pelo Governo Federal, por meio do Ministério da Educação (MEC), às escolas de EM. Com isso, busquei conhecer quais as concepções de linguagem, avaliação e leitura estão presentes no processo de avaliação dos livros. Isto porque, considero que as concepções adotadas neste processo influenciam diretamente no material que chega às escolas. A pertinência deste trabalho está no fato de que, segundo Bunzen (2007, p. 35), “questionar os materiais didáticos é questionar o próprio ensino que neles se cristaliza, uma vez que não podemos dissociar os materiais do uso que deles se faz, pois não se trata de coisas diferentes, mas de ‘dois lados da mesma moeda’”. Como fundamentação teórica para a análise dos dados, servi-me de alguns estudos acerca das concepções de linguagem, avaliação e leitura. Nesse sentido, como dito antes, o estudo aqui proposto teve como foco fazer uma reflexão acerca dos critérios adotados pelo Governo Federal para avaliar a qualidade dos materiais didáticos distribuídos às escolas da rede pública de ensino. Para isso, foi feita uma investigação buscando conhecer as concepções teóricas que permeiam as rubricas do PNLD presentes na seção que trata das atividades de leitura e interpretação de texto. Para esta investigação, foram criadas categorias baseadas nas concepções de linguagem, leitura e avaliação. Estas mesmas categorias serão utilizadas, posteriormente, na análise de dois conjuntos de materiais didáticos. Para chegar aos objetivos elencados, fiz um estudo que se baseou nos procedimentos metodológicos da Linguística Aplicada (LA). Moita Lopes (1998) diz que a pesquisa desenvolvida pela LA é aplicada, pois ocorre no contexto de aplicação, isto é, no contexto de ação, e não se faz aplicação em LA, ou seja, a LA não consiste em simplesmente aplicar teorias desenvolvidas pela Linguística. Recorri, para a análise, a autores como Hadji (2001), Luckesi (2002), Rojo (2006), entre outros. Ao final deste trabalho, foi possível conhecer quais as concepções de linguagem, avaliação e leitura estão presentes no processo de avaliação de materiais didáticos feito pelo MEC.

2 • Concepções de Professores do Contexto Escolar Acerca da Interdisciplinaridade

Paula Tatianne Carréra Szundy & Paula Angélica da Silva Campos (UFRJ)

A presente pesquisa pretende investigar as concepções de professores envolvidos no projeto *Práticas de Linguagem em Diferentes Áreas do Conhecimento na Escola Pública* (PLIEP) acerca da interdisciplinaridade. A análise realizada baseia-se na concepção de interdisciplinaridade de Fazenda (2011) e procura estabelecer um diálogo entre o conceito de interdisciplinaridade em diferentes áreas do conhecimento e as concepções iniciais dos professores acerca desta prática. Para isso, o projeto propõe a transposição das fronteiras disciplinares nas escolas e a construção de projetos que visem à interdisciplinaridade. Para entender melhor este contexto, mostra-se necessário o desenvolvimento de um estudo da linguagem que por meio da mediação/intervenção constrói as práticas sociais humanas. A mediação neste caso torna-se um

conceito chave para compreender a construção do conhecimento humano. A intervenção humana ou não entre duas partes que interagem entre si constitui um emaranhado de significações e ressignificações que se estabelecem neste mundo. Através destas interações, o ser humano cria e recria transformando as práticas sociais. Neste sentido, o universo escolar revela-se carregado de interações dialógicas que desempenham papel fundamental na co-construção do conhecimento. Estas interações dialógicas são documentos sociológicos altamente interessantes que revelam no discurso vozes e valores sociais que formam um grande intercâmbio cultural (FARACO, 2009). Com base nesta diversidade de discursos sociais que permeiam o ambiente escolar e a crescente consciência da importância do diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, a interdisciplinaridade tem sido um campo para o desenvolvimento de pesquisas e projetos ainda recente no Brasil. Segundo Fiorin (2008), os pesquisadores começam a pensar problemas que estão situados na fronteira das disciplinas e que, durante muito tempo, foram deixadas de lado. Daí a necessidade de investigar como os professores estão utilizando este conceito para mediar suas práticas escolares e como os projetos têm sido desenvolvidos. Neste contexto, os participantes engajados no processo de negociação dos significados são co-construtores na geração do conhecimento (CELANI, 2000). As interações e relações dialógicas (FARACO, 2009) compartilhadas e desenvolvidas ao longo dos projetos interdisciplinares construídos serão parte integrante desta pesquisa. O projeto *Práticas de Linguagem em Diferentes Áreas do Conhecimento na Escola Pública* (PLIEP), apoiado financeiramente pela FAPERJ, conta com a participação de professores do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e professores de três escolas públicas das redes municipal e estadual do Rio de Janeiro e promove a formação dos integrantes através de seis módulos semipresenciais. Este trabalho é financiado pela FAPERJ no âmbito das bolsas de iniciação científica recebidas pelo PLIEP. A escolha metodológica desta investigação prevê a realização de questionários e entrevistas que colaborem para o entendimento das concepções de professores acerca do conceito de interdisciplinaridade; expectativas e concepções de professores da escola pública a respeito das práticas de linguagem em diversas áreas do conhecimento e observação da construção do conhecimento por meio das interações e relações dialógicas. A análise dos dados possibilitará compreender as concepções de professores da rede pública de ensino acerca da interdisciplinaridade neste processo de co-construção de conhecimento em diferentes áreas do saber ao longo do projeto e obter dados sobre a prática da interdisciplinaridade como um instrumento efetivo e, como uma atividade ideológica no campo escolar.

3 • Um estudo crenças de professores formação em um contexto virtual de aprendizagem: o IngRede

Cristiane Manzan Perine (UFU)

Neste trabalho endossamos a visão de que o modo como os alunos visualizam seu processo de aprendizagem e se posicionam diante dele, em outras palavras, seu modo de interpretá-lo e suas atitudes em relação à aprendizagem, são amplamente definidos por suas crenças. As crenças de alunos e professores cobrem todos os aspectos envolvidos na atmosfera de aprendizagem. Em termos gerais, no campo da Linguística Aplicada, crenças são definidas como um conjunto de opiniões e ideias que alunos e professores têm a respeito do processo de ensino e de aprendizagem de línguas (BARCELOS, 2006). Podemos defini-las ainda como “maneiras de ver e perceber o mundo” ou “formas de pensamento” (BARCELOS, op. cit.), “fortemente aderidas por uma pessoa” (PAJARES, 1992), desse modo, crenças são dinâmicas, contextuais, paradoxais e experienciais. Levando-se em consideração tais características e sabendo que as crenças exercem forte influência na ação e no comportamento das pessoas, podendo então moldar o papel que o aluno se atribui, parece relevante recorrer ao estudo de crenças, particularmente em um contexto virtual de aprendizagem. Para Vieira-Abrahão (2004), ao adentrar num programa de formação o professor traz consigo valores, crenças, pressupostos, experiências e conhecimentos, que sem dúvida, merecem ser considerados. Vale salientar que o contexto, nesta investigação, é de suma importância, visto que engendra diversas especificidades se comparado com o contexto presencial de ensino, em virtude disso, aliamos o conceito de crenças ao contexto virtual de aprendizagem, o qual causa uma reconfiguração nos papéis de professores e alunos (PAIVA, 2008). Desse modo, esse trabalho tem por objetivo explorar as crenças de alunos do curso de Letras, professores de língua em formação, sobre aprender língua inglesa em contexto virtual de aprendizagem e sobre o papel do aluno nesse contexto. Os dados foram obtidos por meio da análise de um questionário inicial e diários reflexivos de alunos do curso de Letras, inscritos na disciplina Inglês Instrumental à Distância (INGREDE) em uma universidade pública de Minas Gerais. A referida disciplina é de caráter optativo e vem sendo

ofertada há quatro anos na universidade, com a devida autorização de seus idealizados, um grupo de pesquisadores da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Embora seja uma disciplina a distância, a primeira aula do curso é presencial, nesta ocasião, os dados deste estudo foram coletados. Os resultados apresentados dizem respeito a um estudo maior, vinculado a um programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado, de cunho qualitativo, em fase inicial, que objetiva investigar a relação entre crenças e outros fatores afetivos, notavelmente, a motivação de aprendizes no meio virtual. Espera-se que as reflexões aqui levantadas possam contribuir para discussões acerca do modo como professores em formação interpretam um contexto virtual de aprendizagem e como passar pela experiência de participar desse contexto pode acrescentar à sua formação docente, visto que eles podem trabalhar futuramente nesse meio, bem como problematizar como está a formação docente em cursos de Letras no que se refere ao ensino e aprendizagem de línguas na era digital. Pretendemos ainda lançar um olhar crítico sobre a oferta de disciplinas na modalidade à distância no curso de Letras da referida instituição e em outras universidades brasileiras.

4 • Concepções de linguagem no Ensino Básico

Maria Helena Pavelacki Oliveira

O objeto desta pesquisa é uma investigação de quais as concepções de linguagem veiculadas nas atividades de interpretação de texto, pelos professores de Português e Literatura, analisando como são manifestas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), como são expressas nos programas de ensino de duas escolas públicas da cidade de São Borja/RS, bem como o entendimento que os alunos têm dessas atividades, uma vez que existe uma cobrança generalizada da sociedade e, principalmente, das universidades em relação aos alunos que ingressam nos cursos superiores, quanto ao fato de que esses apresentam sérias dificuldades em interpretar e produzir textos. Serão propostas as atividades de leitura de um conto – à escolha dos alunos, do livro *Contos Gauchescos*, de Simões Lopes Neto e a leitura do romance “O Matador” de Patrícia Melo. Após a leitura dos textos serão sugeridas atividades de interpretação dos mesmos, bem como de produção de texto. A partir de entrevista com os professores de Português e Literatura das referidas turmas, serão analisados os programas dessa disciplina, para tentar observar de que forma a concepção de linguagem veiculada pelos professores se faz presente, ou não nas escritas dos alunos. Esta pesquisa parte da percepção de linguagem como fundante de ser humano, baseada na hermenêutica de Gadamer (2004). Seguindo o pensamento desse autor, podemos dizer que sem a linguagem não se pode ver o homem nem o mundo. Assim, temos a linguagem como lugar central da investigação sobre o homem. Gadamer pensa a hermenêutica como uma filosofia, que mostra que tanto a compreensão quanto a linguagem são fatores transcendentais inerentes ao homem. Hans-Georg Gadamer (2004) compreende que: “o significado da linguagem é uma questão social: há um sentido real no qual a linguagem pertence à minha sociedade antes de pertencer a mim”. Ele afirma que o significado de uma obra literária não se esgota nunca pelas intenções do seu autor; quando passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem dela ser extraídos, provavelmente nunca imaginados pelo autor ou pelo público contemporâneo dele. Mais que isso, também reconhece que “a interpretação de uma obra do passado consiste num diálogo entre o passado e o presente e que o presente só é compreensível em função do passado com o qual forma uma viva continuidade”. Gadamer chamou à fusão do nosso horizonte individual com o horizonte do outro (texto ou pessoa individualizada) a compreensão. Este processo é conhecido por fusão de horizontes, fusão do horizonte do presente (do intérprete) com o horizonte do passado (inscrito no texto). Apresentamos esse referencial como possibilidade de uma revisão das práticas pedagógicas em vista de uma educação que cumpra o seu papel social a que está submetida. Nessa perspectiva pedagógica, o compromisso com as novas gerações se coloca em termos de responsabilidade. Como já disse Mário Osório: “necessita fundar-se a educação no mundo dos homens que ouvem uns aos outros, postos à escuta das vozes que o interpelam (MARQUES, 1990).” Como resultado, queremos apontar uma possibilidade de revisão da prática desta escola que ao mesmo tempo oferece as alternativas de inserção e, sorrateiramente, sonega ou restringe as possibilidades de formação, não formando plenamente seu aluno. É justamente o porquê desse despreparo das novas gerações, em relação ao tema referido que será investigado.

5 • Prática exploratória e a formação do professor pesquisador: reflexões sobre orientar e aprender a pesquisar

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra & Evellyn Juliane da Rocha Brandão (UERJ)

No cenário da Linguística Aplicada, pouco se tem notícia de trabalhos que investiguem o que acontece e como se configuram as interações em grupos que se voltam para a formação do pesquisador em projetos de iniciação científica. Neste trabalho, minha bolsista PIBIC e eu, partilhamos entendimentos sobre nossa prática de pesquisa – através da perspectiva da Prática Exploratória (MILLER, no prelo; ALLWRIGHT e HANKS, 2009) – uma vez que pesquisar é um fazer acadêmico repleto de perspectivas teóricas, políticas e ideológicas (MOITA LOPES, 2003a, 2006), carecendo estar vinculado a um fazer investigativo que pense alternativas para a vida social, já que o processo da pesquisa/reflexão precisa ter valor para a comunidade imediata em que foi desenvolvida (ALLWRIGHT e HANKS, 2009; MILLER, 2011, no prelo; MORAES BEZERRA, 2012). No caso específico da formação do pesquisador na área de Letras, é preciso discutir modelos de pesquisa que se desenvolvem de forma parasítica (*'parasitic research'*, ALLWRIGHT e HANKS, 2009; Miller, no prelo) ao invés de considerar o outro de forma inclusiva, buscando o seu desenvolvimento também. A busca de entendimentos acerca do que é construído e negociado por nós em interação, nos permite refletir sobre o que é pesquisar, o papel do pesquisador e dos participantes na pesquisa, ética, e, sobretudo, acerca do nosso processo de formação reflexiva enquanto professoras pesquisadoras. Além disso, nos permite rever nossas crenças sobre ensinar e aprender línguas e a co-construir inteligibilidade sobre a nossa identidade social. Desta forma, focando as nossas narrativas de estória de vida (pessoal/profissional) em especial, buscamos mapear o processo sociodiscursivo de construção de nossos saberes sobre ensinar/aprender e refletir/investigar, bem como o de construção e *performance* de nossas identidades sociais (MOITA LOPES, 2002, 2003b; BASTOS e OLIVEIRA, 2006), ao mesmo tempo em que verificamos possíveis instâncias de afeto permeando nossa memórias sobre ser aluno e as implicações para a qualidade de vida do grupo que desenvolve um processo reflexivo ancorado nos princípios da PE. Para tanto, além de utilizarmos de teorizações advindas dos estudos de narrativas (LABOV, 1972; BASTOS, 2004, 2005; MOITA LOPES, 2002, 2003b; LINDE, 1993, 2009; *inter alia*), utilizamos estudos que discutem questões de afeto a partir de uma perspectiva de socioconstrução (OLIVEIRA, 1992; MORAES BEZERRA, 2012), por entender que os processos de construção de conhecimento, de formação do pesquisador e de reflexão profissionais não acontecem de forma estanque no nível cognitivo, sempre envolvendo a afetividade, conforme atestam Barcelos (2011), Barcelos e Moraes (2011) e Silva (2008). Afinal, cabe refletir também sobre a influência do afeto na qualidade de vida (GIEVE e MILLER, 2006) e de construção de conhecimentos nesses processos. Assim, faremos um recorte utilizando trechos de uma interação do grupo em que, além dos bolsistas e da professora orientadora na reunião de estudos e de orientação, havia a participação de outra professora da instituição. Na interação em foco, ao discutirmos acerca do fazer ético-inclusivo da Prática Exploratória e sobre a ação para entender os *puzzles* dos praticantes e ao relembrar e narrar fatos da nossa vida na escola, na universidade e em outros espaços formativos, podemos refletir sobre as atividades de orientação e de iniciação à pesquisa que nos têm envolvido ao longo dos dois primeiros anos do projeto “Formação Profissional Reflexiva do Professor de Línguas em Serviço e Pré-Serviço”. Nesse período, vimos co-construindo saberes sobre a vida em sala de aula, sobre a formação do professor de línguas, do pesquisador iniciante e mesmo do orientador. Enfatizamos que podemos perceber o desenvolvimento mútuo gerado durante este período ao olharmos com mais cuidado e respeito o processo discursivo de construção identitária profissional não só dos praticantes da pesquisa, mas também de nós mesmas: professora orientadora e bolsista PIBIC.

Sessão 5: ABORDAGENS CENTRADAS NO USO

Coordenação: Clarissa Bastos (PUC-Rio)

1 • O uso de (re)formulações por um inspetor de polícia nos interrogatórios policiais de uma Delegacia da Mulher

Priscila Júlio Guedes Pinto (UFJF)

O presente estudo tem como tema: a prática de (re)formulação utilizada por um inspetor de polícia nos interrogatórios policiais da Delegacia de Repressão a Crimes Contra a Mulher (doravante DRCCM). A prática de formular será entendida aqui sob a perspectiva teórica inicialmente apresentada por Garfinkel e Sacks (1970) e Heritage e Watson (1979) e, na contemporaneidade, apontada por Bilmes (2011). Segundo Garfinkel e Sacks (1970), formulação ocorre quando “um membro trata algum trecho da conversa como uma oportunidade para descrever aquela conversa, explicá-la, explaná-la, traduzi-la, resumi-la, definir sua essência, observar sua obediência às regras, ou comentar seu desrespeito às regras” (p. 170). Para eles, fazer formulação é “dizer-em-tantas-palavras-o-que-estamos-fazendo (ou do que estamos falando, quem está falando, quem somos, ou onde estamos)” (GARFINKEL; SACKS, 1970, p. 171). De acordo com esses autores, formular uma conversa ou parte dela consiste em tornar explícito para o outro o entendimento sobre o que foi dito anteriormente ou sobre o que está acontecendo naquele momento da interação. Nesse sentido, a formulação é um trabalho reflexivo dos membros sobre os sentidos da conversa em que estão envolvidos, ou melhor, essa prática é um método usado pelos membros para demonstrar que a conversa tem sido “autoexplicativa” (HERITAGE; WATSON, 1979, p. 123). Além do seu caráter reflexivo, a prática da formulação é uma ferramenta útil para o estabelecimento da intersubjetividade, pois ao formular alguma informação mencionada anteriormente na conversa, os interagentes mostram o seu entendimento mútuo sobre aquilo que foi dito ou feito. Assim, pode-se dizer que a formulação é um fenômeno interacional entendido como uma prática utilizada pelos interagentes de uma conversa que demonstram uns para os outros a sua compreensão do que está acontecendo naquela conversa ou das ações que estão sendo realizadas nela. Tais definições de formulação presentes na literatura da década de 70 foram refeitas por Bilmes (2011) na contemporaneidade. Tal autor afirma que formulação é, na verdade, uma reformulação, uma vez que a conversa anterior já é constituída por formulações. Para ele, formulação é uma maneira de “identificar, categorizar, descrever e persuadir, i.e, são aspectos retóricos e construtivos de realidade de ação linguística” (BILMES, 2011, p.133). Diferentemente de Garfinkel e Sacks (1970), formulação é entendida por Bilmes (2011) como o primeiro dizer enquanto que reformulação é o segundo dizer. Devido a essa divergência de terminologia entre Bilmes (2011) e Garfinkel e Sacks (1970), opta-se, no presente estudo, utilizar o termo (re)formulação para fazer referência à formulação ou reformulação como segundo dizer. O objetivo deste trabalho é apresentar dois tipos de (re)formulação que foram também estudados por Heritage e Watson (1979) e que foram encontrados nos dados gerados na DRCCM: (i) a formulação do cerne (*gist*) de uma conversa consiste na formulação do ponto central do que foi dito pelo falante anterior; (ii) a formulação do resultado (*upshot*) de uma parte da conversa ou da conversa como um todo. Além disso, objetiva-se apontar a função desses tipos de formulações nas interações dos interrogatórios policiais. A análise dos dados evidenciou que a (re)formulação contribui para o fazer do trabalho do inspetor de polícia, possibilitando-o entender a situação em conflito entre as partes e/ou verificar a ocorrência ou não dos possíveis delitos. Este estudo se baseia na Etnografia com coleta de dados e anotações de campo e nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Interacional, com atenção para a análise sequencial da Análise da Conversa Etnometodológica.

2 • “Homem não liga pra isso”: a construção e a desconstrução dos estereótipos de gênero em uma análise da fala cotidiana em interação em um almoço de família

Laura Mendes Pires (UFRJ/Capes)

Na pós-modernidade, a sociolinguística inicia um movimento do normativismo em direção ao interpretativismo (Rampton, 2008). Essa mudança quanto à visão do uso da língua, da linguagem e do discurso torna relevante também não só a língua como letras, sons e regras

gramaticais, mas como ação e forma de se colocar no mundo. A relação entre linguagem e os fatores sociais passam, então, a unir-se em áreas como a análise da conversa, a análise crítica do discurso, a sociolinguística interacional, entre outras (Rampton, 2008). Goffman (2002[1964]) aponta para o que ele chama de “a situação negligenciada”, ou seja, a situacionalidade da fala, e chama a atenção para a importância de levar em consideração os aspectos contextuais da forma que estão sendo desempenhados no momento da situação de fala em questão. Isto significa que categorias macro como, por exemplo, gênero e idade, que servem para a contextualização de determinada interação, têm também valores micro a serem analisados, que seriam a forma como o gênero e a idade são desempenhados naquela situação em particular. O trecho escolhido para análise, intitulado “Homem não liga pra isso”, foi gravado no dia 5 de maio de 2012, no restaurante Estrela do Sul do Norte Shopping, no Rio de Janeiro, com o objetivo de analisar os padrões interacionais da fala cotidiana. A gravação teve início no momento em que os participantes sentaram-se à mesa, às 12h39min e só foi finalizada quando todos se despediram, já em casa, por volta das 16h. Para este trabalho, utilizo apenas cerca de cinco minutos da gravação. O trecho em questão foi escolhido por apresentar uma série de micro-narrativas referentes a estereótipos de gênero. Sobre as narrativas, Richard Bauman (1986) aponta a narrativa como instrumento para dar significância a um evento passado, ou seja, é a narrativa do evento que dá coerência ao evento em si. Nessa perspectiva, considera-se fala como ação e é possível também observar a noção de gênero como performance (Cameron, 2010[1998]). A respeito de gênero, as noções de masculinidade e feminilidade, no senso comum, costumam ser baseadas em uma perspectiva dicotômica, o que prevê dois polos diferentes entre si, mas abrangentes de uma essência identificadora para cada (Louro, 2010). A partir dessa perspectiva, homens e mulheres seriam naturalmente diferentes. Contrária a essa perspectiva, Butler (1990, apud Cameron, 2010[1998]) defende que feminilidade e masculinidade não são características inerentes aos sujeitos, mas são os efeitos produzidos pela repetição de ações por parte dos mesmos, dando a impressão de serem “naturais”. A análise dos dados, de cunho qualitativo interpretativista, foi baseada em teorias da sociolinguística interacional e da análise da conversa, considerando o contexto como situacional (Goffman, 2002[1964]) e levando em conta os ganhos que se pode ter diante da tentativa de observação distanciada do que parece familiar (Velho, 1978). O foco dessa análise manteve-se sobre as categorias micro identificadas na interação, como mudanças de *footing* (Goffman, 2002[1979]), enquadre (Tannen & Wallat, 2002[1987]) e sobre a categoria macro identificada a partir da análise dos aspectos micro: as ideias naturalizadas quanto ao gênero, a desnaturalização das mesmas e suas performances. Foi observado que, a partir de uma atitude do único participante masculino (que, em seguida, sai de cena), ao longo do trecho analisado, as participantes fazem uso de micro-narrativas que corroboram a noção de masculinidade aparentemente aceita pelo grupo. Ao fim do trecho, outras micro-narrativas emergem desconstruindo o estereótipo por elas mesmas construído até aquele momento, mostrando como o gênero é uma categoria fluida, instável e performativa.

3 • Entrevista com José Dirceu: uma tentativa de restauração de face

Rafaela Dulce Maia (UFJF)

Roberta Fernandes Pacheco (UFJF)

Este artigo tem como objetivo principal analisar como se dá o processo de restauração de *face* realizado pelo entrevistado do programa *Roda Viva*, o ex-Ministro Chefe da Casa Civil de Lula, o deputado José Dirceu. Busca-se ainda identificar os movimentos interacionais envolvidos neste processo de restauração, a partir de uma situação socialmente construída de perda de face, na qual o entrevistado se encontrava devido a escândalos de corrupção que envolviam politicamente seu nome e sua função ministerial. Ancorado pela Sociolinguística Interacional e pelos estudos da Pragmática, partimos da teoria de face abordada por Spencer (2007, 2009). A autora discute face como um fenômeno complexo, que incorpora os atributos positivos que o interagente reivindica para si e os atributos negativos que não quer que sejam atribuídos a ele. Essa dicotomia entre valores positivos e negativos de atributos perpassa um julgamento avaliativo dos envolvidos na interação, considerando que “face é associada à sensibilidade afetiva” (SPENCER, 2007, p.644) do participante, sendo “um fenômeno vulnerável e, por isso, associado com reações emocionais” (op.cit.). Neste sentido, a autora argumenta que a questão sobre identidade torna-se relevante para a construção do sentido de face como atributo, uma vez que a perspectiva identitária compreende os variados atributos pessoais de uma pessoa ou suas características próprias (personalidade, habilidade, ideologia, etc.), além de ter como função localizar os outros no mundo social, de provocar o senso de pertencimento e distintividade e de avivar o autorrespeito e autoestima (SIMON, 2004). A metodologia é centrada em uma análise

qualitativa e interpretativa dos dados baseada em um estudo de caso. O programa *Roda Viva* é transmitido pela *TV Cultura* de São Paulo toda segunda-feira às vinte e duas horas, com reprise na madrugada de sexta-feira, contendo geralmente quatro blocos, sendo que o último se apresenta como uma análise de toda a entrevista, em que os participantes pontuam os pontos relevantes debatidos. Também pode ser assistido pela internet, através do site da *Tv Cultura*, maneira pela qual coletamos os dados deste artigo. A edição do programa analisada aqui é a que apresenta como entrevistado o ex-ministro José Dirceu realizada em primeiro de novembro de dois mil e dez. Tendo como apresentadora a jornalista Marília Gabriela, a mesa é composta por quatro jornalistas das principais revistas brasileiras, especialistas na área política do país. A escolha dessa entrevista se deu pelo caráter polêmico da participação política do entrevistado no processo de eleição de Dilma Rouseff pelo Partido dos Trabalhadores (PT), apesar de ter sido cassado politicamente pelo envolvimento em um dos maiores escândalos de corrupção envolvendo o PT no país: o *Mensalão*. A análise permite identificar os movimentos interacionais realizados pelo entrevistado, o ex-ministro José Dirceu, na tentativa de restauração de sua face. Neste processo de restauração, conclui-se que o entrevistado só legitima os atributos que ele considera de valores positivos, havendo, então, um confronto de posições sustentadas entre os participantes ao longo da entrevista, já que os entrevistadores atribuem a Dirceu, com frequência, os valores negativos. Assim, os atributos considerados por ele negativos são rechaçados veementemente, o que torna a entrevista uma atividade híbrida (SARANGI, 2000) com aspectos de um debate.

4 • Especificidade factual na determinação do ato difamatório em processos judiciais

Daniel Felix da Costa Júnior (UFF/UFRJ/CNPq)

A difamação é um dos crimes contra a honra previstos nos artigos 138, 139 e 140 do Código Penal brasileiro. Na verdade, há uma margem tênue de significação entre os termos ‘calúnia’, ‘injúria’ e ‘difamação’ que permite uma confusa relação sinonímica ao usuário leigo em legislação. Mesmo que haja casos de proposições difamatórias acidentais, uma pessoa que produz uma emissão difamatória normalmente sabe o efeito pretendido sobre seu interlocutor: atingir a honra de alguém em sua reputação. O ato de fala envolvido na emissão difamatória está mais direcionado aos efeitos perlocucionários que para os elementos locucionários e ilocucionários desse ato. Grice (1989) explica o significado através de uma teoria geral da ação, onde um falante *F* pretende um efeito *r* num ouvinte *O* dizendo “*x*”. Para Searle (1983), a ação completa envolve os elementos: intenção prévia, intenção na ação, movimento de corpo, condições de satisfação. No Direito, o elemento factual é o que diferencia a difamação de outros crimes contra a honra, como a injúria por exemplo. Usando conceitos lógicos de Mortari (2001), analisamos o ato de fala de difamar e formatamos o seguinte esquema necessário à difamação: ‘*A*’ é uma declaração ‘atributiva’ a alguém ou algo, em conjunção com ‘*F*’ que é um ‘fato declarado’ que deve ser atribuído a este alguém/algo. Estes termos compõem a fórmula $(A \wedge F) \rightarrow D$. Neste trabalho, fizemos um recorte da difamação, abordada exclusivamente em textos do âmbito jurídico através de processos que foram julgados e sentenciados por magistrados. Analisamos os casos em que as queixas-crimes receberam a sentença ‘procedente’ e os casos em que receberam a sentença ‘não procedente’, a partir dessa análise, comprovamos que a constante *F* da fórmula, de fato, é determinante para considerar que um ato de fala seja uma difamação ou uma injúria. Do mesmo modo, a simples existência de ‘*A*’ como atributo e de ‘*F*’ como fato, implica por si só uma difamação ‘*D*’, e, por consequência, uma queixa procedente. Contudo, encontramos casos de queixas que mesmo contendo os elementos ‘*A*’ e ‘*F*’ foram julgadas ‘não procedentes’, e, portanto, foram consideradas uma emissão não difamatória, dessa forma, ‘ $\neg D$ ’. Ou seja, os mesmos elementos que compunham a conjunção da primeira fórmula, agora compunham $(A \wedge F) \rightarrow \neg D$, novo formato com a mesma conjunção. Com isso, temos um problema: como pode um mesmo escopo conjuntivo implicar num elemento e ao mesmo tempo na sua negação? Seria um ‘*reductio ad absurdum*’? Neste caso de contradição, segue-se a regra de redução ao absurdo, e poder-se-ia negar a conjunção da seguinte forma $\neg(A \wedge F)$. Mas isso não pareceu uma resposta sensata, visto que queríamos caracterizar um ato de fala, e não apenas, encontrar uma formulação que ‘não’ servisse como padrão. A solução encontrada foi introduzir um quantificador universal na formulação, pois com base nas sentenças julgadas, vimos que o fato ‘*F*’ precisava ser especificado com um traço de objetividade ‘*O*’ para ser considerado ‘fato’ na difamação. Em outras palavras, a fórmula da difamação precisaria ser ampliada introduzindo em seu interior um quantificador e variáveis: $(A \wedge \forall x (Fx \wedge Ox)) \rightarrow D$. Os resultados obtidos tiveram como ponto de partida a teoria da ação e a teoria dos atos de fala, ambas da Pragmática linguística. Pretende-se um trabalho, não de descrição linguística, mas de discussão teórica sobre fatos empíricos.

5 • A violência em práticas discursivas na obra de Lygia Bojunga: DIZER X FAZER

Michelle Rubiane da Rocha Laranja (UNESP)

A violência está presente na sociedade, seja por meio de atos físicos ou agressões verbais. Quando buscamos dados estatísticos, fica evidente que a prática da violência é um problema crítico no Brasil. Chauí (2000) considera a sociedade brasileira como autoritária – desde a época colonial escravista – justamente oposta ao que chama de “mito da não violência”, isto é, a imagem de um povo generoso, alegre, sensual, solidário que desconhece o racismo. Mais que um problema local, podemos dizer que a violência, assim “como a loucura, a doença, o sofrimento e a própria morte, [...] é uma *condição humana*” e “está presente (como uma capacidade) em cada um de nós, assim como o seu oposto – a rejeição à violência” (SCHEPER-HUGHES e BOURGOIS, apud SILVA, 2010, p.27). Silva (2010) apresenta ainda outros teóricos que trabalham nesse sentido, como S. Freud e J. Butler, que “posicionam a violência na cena mesma da constituição da subjetividade” (p.28). Um fator tão notável na sociedade, tão marcante na vida, não passa despercebido ao olhar do artista. No romance *Sapato de salto*, de Lygia Bojunga (2006), há a apresentação da violência verbal e física em diferentes situações, desde o autoritarismo familiar até o estupro e o assassinato. Concordamos com Moraes (2005), quando afirma que a “linguagem é o elo entre a Literatura e a Linguística, já que ambas, pelo menos na Pragmática, propõem valorizar a linguagem, estudar o seu uso e constatar o efeito obtido” (p.779). O presente trabalho inscreve-se no campo da Pragmática Linguística, uma vez que visamos analisar as situações de conflito por meio da análise das manifestações discursivas das personagens. Tal análise será pautada na teoria dos Atos de Fala, inicialmente formulada pelo filósofo britânico J. L. Austin (1990), em um conjunto de conferências publicadas em 1962 com o título *How to Do Things with Words (Como fazer coisas com as palavras)*, em que elege a linguagem como seu objeto de estudo. Segundo essa teoria, existem na linguagem três tipos de atos de fala: o locucionário (o ato de dizer alguma coisa, a fala propriamente dita), o ilocucionário (as ações que os falantes pretendem realizar ao produzir sua fala: prometer, ameaçar, ordenar, advertir, etc.) e o perlocucionário (as consequências ou efeitos do ato ilocucionário sobre as ações, pensamentos ou crenças dos ouvintes, como criar expectativa, alarmar, assustar, persuadir, convencer, etc.) Não é, portanto, interesse da Pragmática estudar a língua separada de seu contexto comunicativo, uma vez que a linguagem não é vista como descrição do mundo, mas como ação. Assim como Silva (2010), acreditamos que uma das hipóteses fundamentais da virada linguística nas ciências humanas é “a idéia de que a linguagem é uma forma de ação” e ainda, “dentro das possíveis formas que essa ação pode assumir, a violência é uma das mais salientes” (p.XV). Assim, ao analisar os atos de fala presentes nas práticas discursivas do romance de Bojunga, visamos demonstrar de que forma ocorre o uso da linguagem (especialmente a de conotação violenta) e suas consequências. Por meio desta análise, é possível evidenciar um constante jogo de poder entre as personagens, manifestado inicialmente pela linguagem (o DIZER), a qual, devido à sua prática violenta, é responsável por situações de imposição, limitação, ridicularização, opressão, e várias outras formas de inferiorização (o FAZER).

Sessão 6: ANÁLISE DO DISCURSO I

Coordenação: Lucia Ferreira (UNIRIO)

1 • Eleições presidenciais 2010: mergulho no acontecimento discursivo

Ana Eugênia Nunes de Andrade (UNIVAS)

Telma Domingues da Silva (UNIVAS)

O acontecimento discursivo Eleições Presidenciais 2010 sacudiu a memória política dos cidadãos brasileiros marcando um início de uma série de deslocamentos e reconfigurações dos processos discursivos que delineiam as diferentes formações discursivas que atravessam o discurso político no Brasil, na era pós-Lula. As Eleições Presidenciais 2010, na perspectiva da análise de discurso, podem ser consideradas como um acontecimento discursivo concebido conforme (PÊCHEUX, 1988) como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória, a partir do qual se reorganizam as práticas discursivas”. Nesta análise, o texto é pensado como processo discursivo, logo podemos dizer que é atravessado por várias posições-sujeito, sendo também uma dispersão de discursos. Na relação com o discurso, o texto não é a unidade de sua construção. A unidade de construção do discurso é o enunciado, “mas deve ser (o enunciado) referido ao texto para poder ser apreendido no processo de construção do discurso” (ORLANDI e GUIMARÃES, 2001, p.13). Conforme Mariani (1998), consideramos o discurso jornalístico como uma modalidade de *discurso sobre*. “Os *discursos sobre* são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória”. Nos editoriais analisados os sentidos são cristalizados modelando as práticas sociais no cenário político nacional. Ao tratar de temas como confronto eleitoral, abuso de campanha, censura, continuidade, paternalismo, populismo, meio ambiente e religião, os enunciados eleitos pelo jornal constroem uma memória do futuro pautada em dizeres pré-construídos no imaginário social, a partir do jogo parafrástico. A imprensa, através dos editoriais que aqui analisamos, produziu sentidos para a candidata Dilma, através da associação à imagem de Lula. Dilma é rotulada como a candidata do presidente, mulher escolhida por ele para ser sucessora do seu mandato e dar continuidade ao seu projeto de governo. Os enunciados apontam para uma inversão da valorização do gênero feminino. No caso da candidata Dilma, ao ser significada como a mulher escolhida por Lula, ou seja, apesar de ser mulher, o que funciona discursivamente nesse âmbito aqui analisado é a figura do candidato. Nessa direção, predomina uma repetição das eleições anteriores, não há rompimento. Já Marina aparece como a novidade da eleição, é novamente lembrada pelo feito eleitoral no primeiro turno das Eleições 2010. Vimos que na forma de apresentação ao leitor dessas críticas nos editoriais, estas se mostram como o já sabido: o leitor (e eleitor) brasileiro já sabe dos abusos, do paternalismo, do populismo. Retomando os elementos analisados acima, observa-se que o acontecimento das Eleições Presidenciais 2010 foi significado como uma disputa acirrada das duas forças partidárias do país PT/PSDB. Notamos a continuidade de discursivos das campanhas anteriores, sendo silenciada a presença de duas mulheres na disputa. Os editoriais são espaços marcados pela argumentação, que se dirige aqui a uma crítica política, através do modo como a campanha se produziu no Brasil, mas também uma crítica à própria candidata do PT não pelo que lhe é conhecido, mas pela representação de continuidade do governo Lula. O jornal marca como novidade das Eleições Presidenciais 2010, a vitória de Marina Silva no primeiro turno e anuncia a candidata como uma terceira via para a polarização do PT/PSDB em 2014, criticando a vitória de Dilma, mulher escolhida por Lula. O trabalho de interpretação do corpus possibilitou compreender os sentidos estabelecidos, a partir das formações imaginárias que regem as relações entre posições-sujeito no percurso institucional. Assim, podemos dizer que analisamos a produção discursiva dos editoriais e os momentos em que o acontecimento discursivo rompe com a ordem institucionalizada pela empresa jornalística.

2 • A materialidade do discurso político no texto publicitário: o slogan em uma campanha eleitoral municipal

Cyntia Isabel Andrade (UNIVAS)

O estudo que aqui se apresenta foi desenvolvido durante a elaboração da dissertação “Discurso Publicitário e eleições: a produção de sentidos para o candidato através dos santinhos”, que analisou os santinhos da campanha eleitoral da cidade de Pouso Alegre, MG, no ano de 2008.

Para isso, utilizamos, como fundamentação teórica, a Análise de Discurso, de linha francesa, que “permite deslinearizar o texto para reconstruí-lo sob a superfície das palavras” (COURTINE, 2003). O discurso político é um lugar de memória. Nele há a materialização, a transcrição, a organização dos traços da identidade de um partido, coligação partidária por meio das formações discursivas. Na política, a memória é um poder. Ela abre uma possibilidade de apresentação, expressão que desencadeia a formação de consensos. As formas discursivas da memória política se inscrevem nas modalidades de existência do enunciado. Alguns discursos devem ser lembrados, repetidos, o que os aproxima de alguns textos religiosos, jurídicos, literários ou científicos. Para Pêcheux (1999) a memória não pode ser concebida como uma esfera plena, sendo necessariamente um espaço móvel de divisões, disjunções, deslocamentos e retomadas, aquela que em face de um texto restabelece os “implícitos” (pré-construídos, elementos citados). As coligações partidárias localizadas em nosso material nos remetem a efeitos de sentidos bastante encontramos em campanhas eleitorais seja em esfera municipal, estadual ou federal. Sentidos como confiabilidade, seriedade, respeito e compromisso são sempre apresentados. O eleitor encontra-se, no momento de uma eleição, afetado por diversas materialidades discursivas que apresentam os candidatos. No período permitido, a cidade se “transforma” e o eleitor é interpelado pelas práticas discursivas constitutivas da campanha eleitoral, que se dirigem no sentido de produzir a sua identificação (do eleitor) para com os candidatos e/ou partidos/ coligações. O objeto de nosso estudo foram as peças publicitárias, conhecidas como santinhos. Nesse material, localizamos os slogans dos candidatos e dos partidos políticos participantes deste pleito específico. Consideramos que o slogan político representa um determinado ideal político. O slogan é um recurso muito utilizado pela publicidade que se caracteriza por uma frase simples, mas de impacto e que seja de fácil associação à marca ou ao produto. As especificidades dos slogans políticos colocam no acontecimento de uma eleição uma relação entre o político e o público. O discurso político entrelaça diferentes formações discursivas e o contexto histórico. Por meio dessa estratégia, os candidatos e os partidos se colocam para os eleitores estabelecendo uma relação de identificação e proximidade. Encontramos em uma determinada coligação partidária o slogan “Pouso Alegre, uma Cidade para Todos”, que expressa um ideal político fazendo uma referência a um slogan bastante utilizado no mandato do presidente Lula que referia o Brasil como “país para todos”. O slogan da campanha municipal articula o nome da cidade a uma expressão que a re-diz como “uma cidade para todos”. A coligação em Pouso Alegre utilizou-se da mesma formação sintática que a gestão da Presidência da República propõe. A palavra Brasil foi substituída por Pouso Alegre e país por cidade. Isso provoca nos eleitores um sentido de que esta coligação tem o Governo Federal ao seu lado, o que pode ser muito favorável no momento em que se deu o pleito. Esse slogan provoca nos eleitores sentidos de confiabilidade, de segurança e de crença de que realmente essa coligação trabalhará para “todos”. Essas identificações e filiações acontecem inconscientemente ou na base do “esquecimento”, pois o sujeito é formado de constantes retomadas já construídas na memória.

3 • Da posição-sujeito às tomadas de posição: o jornal Pacotilha no contexto das comemorações do tricentenário da fundação de São Luis, capital do Maranhão

Edinamária Mendonça (UNIRIO/CAPES)

Em 1912 São Luis, capital do Maranhão, comemorou seu tricentenário de fundação. O evento foi uma estratégia do governo do Estado para lidar com os conflitos materiais e simbólicos que afetavam a sociedade maranhense da época e ensejou no campo jornalístico um intenso debate que durou de 1911 a 1912. A pesquisa sobre a comemoração do centenário foi produzida no âmbito da Análise de Discurso (AD) e da Memória Social tendo como objeto discursivo a construção da imagem de si do maranhense naquela configuração sócio, histórica, econômica e social. Para este artigo fiz um recorte e selecionei apenas o jornal Pacotilha com o objetivo de propor uma interpretação acerca da posição-sujeito do jornal e suas tomadas de posição no referido contexto. As “reportagens” vieram a constituir-se em materialidades discursivas onde produzimos recortes sucessivos que foram postos em relação de composição (LAGAZZI, 2009) com as condições de produção do discurso do jornal e os outros campos discursivos, a saber, o discurso acadêmico e o discurso político. Recorremos então à noção de memória discursiva conforme proposta por Pêcheux (2008) para compreender as apropriações que os sujeitos fazem em seus discursos dos sentidos socialmente estabilizados na memória social. Neste sentido, a noção de sujeito discursivo está intrinsecamente relacionada à estes discursos considerando que é o sujeito em um tempo e lugar determinado que produz e interpreta os sentidos. No período em que durou a produção dos lugares de memória da festa do tricentenário a capital do Maranhão vivenciou uma intensa guerra de palavras. Através dos jornais e das

“Monografias” elaboradas pelo governador a sociedade maranhense acompanhou as disputas em torno da organização da festa dos trezentos anos da cidade. Nesta configuração, o jornal Pacotilha manteve a sua posição sujeito historicamente conquistada de ser uma voz crítica da política e dos costumes locais (JORGE, 2008) e destacou-se pela sua posição crítica em relação ao governo do Estado e aos gastos por este realizado. Dentre as críticas estavam o uso do pagamento de dívidas de fazendeiros, de investidores na falida indústria têxtil e a construção de obras considerada sem interesse da população. Deste modo, a análise evidenciou as estratégias discursivas e memorialísticas dos sujeitos discursivos, de modo que foi possível dizer que quanto à memória discursiva o jornal Pacotilha está em posição de dissenso no que diz respeito aos gastos do governo realizados ao longo de 1911 e 1912. No entanto, em relação ao sentido oficial da comemoração, o mesmo está em posição de adesão ao discurso da FD dominante, a saber, a de legitimação da festa do tricentenário, filiando-se assim ao sujeito discursivo “Maranhense”. Neste sentido, a posição sujeito do jornal em relação à posição sujeito do governo é de dissenso. Na querela do empréstimo apenas dois pontos de consenso, o primeiro é que o empréstimo era a única solução possível e o segundo consenso era a realização do centenário. Estabelecendo relação de comparação entre as matérias e as condições de produção destes discursos, foi possível concluir que a crítica produzida por este jornal assenta-se *in modo* como o recurso do empréstimo foi utilizado e, não, no seu *sentido*. Temos então que a tomada de posição do jornal é primeiramente em consenso quanto ao pedido de empréstimo e em seguida de dissenso quanto ao seu uso. No entanto, no que diz respeito à comemoração o jornal alinha-se à posição sujeito do governo de legitimação da comemoração em função da memória histórica da cidade e de sua responsabilidade com as gerações futuras. Não poderia o jornal tomar outra posição nestas condições de produção. Não comemorar seria negar a si mesmo.

4 • Os parênteses em *A hora da estrela*: onipotência, impotência ou vacilação do narrador?

Fátima Almeida da Silva

Com este trabalho, analisaremos o funcionamento discursivo dos parênteses na novela *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Para tanto, apoiamo-nos na Análise de Discurso francesa (PÊCHEUX/ORLANDI) e na teoria da heterogeneidade, proposta por Authier-Revuz. Authier-Revuz se inscreve no terceiro momento da Análise de Discurso francesa. Essa linguista estuda o funcionamento da heterogeneidade na língua. Para a autora, há duas formas de heterogeneidade: a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada. A heterogeneidade constitutiva é vista, pela autora francesa, como algo fundante do dizer, sendo aquele Outro que é condição para o funcionamento desse dizer. Tal heterogeneidade é da ordem do inconsciente (LACAN) e do interdiscurso (PÊCHEUX), isto é, trata-se de algo que pré-existe, já posto, fugindo, assim, ao controle do enunciador. A heterogeneidade mostrada vai funcionar como representação, no dizer “de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.26). Essa forma de heterogeneidade funcionará como uma ruptura que se dá na cadeia dos significantes. Tal heterogeneidade se bifurca em duas: em heterogeneidade mostrada marcada e em heterogeneidade mostrada não-marcada. A heterogeneidade mostrada marcada consiste no outro que pode ser explicitado no fio do dizer, por meio de marcas formais como as aspas, o discurso direto, o discurso indireto. Já a heterogeneidade mostrada não-marcada é aquela em que o outro aparece diluído no um, sem marcas formais. É o caso do discurso indireto livre, da ironia, da alusão dentre outros. Authier-Revuz (1990), no artigo “Heterogeneidade enunciativas”, afirma que tal forma de heterogeneidade que não se mostra no dizer é arriscada, pois, nela, o outro tanto pode emergir como pode ser perdido. Conforme Authier (2004), uma das maneiras como a heterogeneidade mostrada aparece discursivamente é através das formas metaenunciativas, segundo ela, estritamente reflexivas e opacificantes. Tais formas são metaenunciativas, pelo fato de apresentarem um dizer desdobrado em um comentário sobre este dizer. De acordo com Authier-Revuz, o sujeito, à medida que faz um comentário do que enunciara, distancia-se desse dizer, ocupando uma posição de observador, retornando ao que enunciara. Daí a noção de reflexividade. Os parênteses em *A hora da estrela* promovem uma verdadeira ruptura, um corte no dizer do narrador. Utilizamos dois critérios para dividir as sequências sinalizadas por parênteses: a existência, ou não, da reflexividade na língua e o posicionamento discursivo do narrador. Com base em tais critérios, chegamos a dois grupos de sentidos. No grupo I, encontraremos sequências em cujas incisões observamos um retorno sobre o dizer, e o narrador, por sua vez, se posiciona como um ser onipotente. No grupo II, os parênteses sinalizam enunciações vacilantes, e o narrador se posiciona como um ser vacilante, que oscila entre poder e não-poder; entre as posições de onipotência e de impotência. No caso do grupo I, há glosas metaenunciativas, isto é, um dizer que

retorna sobre si. Já no grupo II, não há reflexividade. A diferença entre os grupos I e II deve-se ao fato de que, no primeiro grupo, os parênteses funcionam como glosas metaenunciativas. No entanto, no grupo II, esses sinais indicam enunciações vacilantes – termo cunhado por Paulillo. Os parênteses apontam para uma incompletude na narrativa de Clarice. O narrador, por sua vez, diante da impossibilidade de tudo dizer, posicionar-se-á de duas formas: como narrador onipotente e como narrador vacilante. Mostraremos como tais posições se marcam na língua, através do funcionamento dos parênteses.

5 • Mensagens para a nação: construção discursiva da identidade leste timorense

Alexandre Marques Silva

O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise dos elementos linguístico-discursivos que nos permitam reconhecer a constituição ideológico-identitária do povo leste timorense, fomentada e disseminada nos/pelos discursos de Xanana Gusmão, primeiro presidente de Timor-Leste eleito pelos instrumentos democráticos, após os 25 anos de dominação indonésia. Diante desse cenário – de recém-independência – uma nova etapa de (re)estruturação se inicia em Timor-Leste: a formação do Estado-Nação a qual implica uma série de problemas a ser superada, entre elas o linguístico, que mais de perto nos interessa neste estudo. Para o desenvolvimento do trabalho, foi selecionado o discurso proferido por Gusmão em 19 de maio de 2002, por ocasião de sua posse como presidente do país. Interessa-nos, investigar, sob a perspectiva retórico-argumentativa, o papel da língua, manifestada com toda a sua força ideológica por meio do discurso, no processo de construção discursivo-ideológica da identidade nacional leste timorense, dado que, segundo Herder (1987, p. 75), “cada língua é a expressão viva, orgânica, do espírito de um povo. Ela é o meio de reconhecer a cultura e os valores de uma nação, pois os cristaliza”. Entendendo a relevância de um estudo interdisciplinar que vise ao enriquecimento das discussões teóricas e à consistência das análises linguísticas, além de permitir a coadunação de disciplinas como Linguística, Sociologia e História, propomos analisar, a partir do contexto em que o discurso de posse de Xanana Gusmão foi pronunciado, as relações que se estabelecem entre ele, o momento histórico e a identidade da nação construída pelo político quando de seu pronunciamento público. Buscamos, assim, investigar o que nos parece essencial na produção dos discursos políticos: sua relação complexa e permanente com a constituição identitária de uma sociedade em seus diferentes estratos. Assim, partimos da delimitação do discurso político presidencial como um domínio do discurso e da observação da trajetória peculiar de Xanana Gusmão como homem público. No que concerne à metodologia de pesquisa, visamos realizar as análises, com base nos pressupostos teóricos da Retórica e da Nova Retórica e à luz dos contributos da teoria da argumentação, das estratégias discursivas, por meio das quais o discurso político, ao estabelecer um jogo de representações sociais da realidade, contribui para a edificação discursiva da identidade nacional de Timor-Leste. Nesse aspecto, a fundamentação teórica da pesquisa será alicerçada, principalmente, nas concepções de Perelman (1993) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999). No que se refere aos fundamentos sobre discurso, adotaremos as perspectivas teóricas de Aquino (1997) e Charaudeau (2008). Ademais, no que concerne à ideologia, buscaremos respaldo nas contribuições de Ansart (1978), Althusser (1983), Ricouer (1990), Thompson (2002) e Fiorin (2003). Por fim, sobre questões identitárias, os trabalhos de Castoriadis (1982), Mattoso (1998, 2001), Thiesse (1999), Hull (2001), Landowski (2002), Coracini (2003), Hall (2006) e Fiorin (2009) constituirão nosso ponto de referência. Observamos que, no momento em que assume o posto de presidente da República Democrática de Timor-Leste, ao produzir seu discurso de um lugar legitimado política e socialmente, Xanana Gusmão o faz de modo a reforçar a imagem guerreira do povo leste timorense responsável pela vitória contra o inimigo indonésio e por determinar a unidade da recém-liberta nação Timor-Leste.

Sessão 7: ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA II

Coordenação: Graça Salgado (UFRRJ)

1 • A competência intercultural nos livros didáticos de línguas estrangeiras: uma comparação entre materiais de inglês e italiano.

Adriana Mendes Porcellato (UFMG)

A relação entre língua e cultura já é reconhecida e foi abordada por vários estudiosos, sob diferentes perspectivas e em diversos momentos na história. Em nosso estudo nos focamos no impacto que esta relação teve no ensino de línguas estrangeiras (LE) e, mais especificamente, nos livros didáticos, assim como na atenção que foi dada à dimensão cultural neste âmbito. Percebemos que, no mundo globalizado e internacional de hoje, a “competência intercultural” foi despertando particular interesse nos estudiosos da área. Essa atenção para o desenvolvimento da “competência intercultural” nas aulas de LE é um fenômeno relativamente recente que não substitui, mas acompanha o desenvolvimento da “competência comunicativa”, normalmente foco principal das abordagens recentes no ensino de LE. Esta nova forma de enxergar a dimensão cultural defende a ideia de cultura como práticas, valores, perspectivas e produtos compartilhados por certa comunidade de pessoas (MORAN, 2001; KRAMSCH, 1998) e vai contra o tratamento da cultura como uma dimensão à parte, não diretamente ligada à língua e a seu uso. Apesar de a noção de “competência intercultural” ter interessado a diversos acadêmicos, Lange (2011), em estudo recente, aponta para o fato de existirem poucos materiais que, na prática, consigam abordar a questão cultural de forma a promover uma visão mais reflexiva no aprendiz, incentivando-o a traçar relações entre a cultura nativa e a cultura estrangeira e desenvolvendo sua “competência intercultural”. Esta constatação torna-se particularmente relevante se considerarmos que o livro didático desempenha um papel importante como principal recurso nas salas de aula de LEs, já que constitui um guia, uma autoridade ou até mesmo uma ideologia tanto para o professor como para o aluno (CORTAZZI & JIN, 1992), ditando o conteúdo linguístico e cultural a ser abordado nas aulas. Em nosso estudo, portanto, optamos por analisar os livros didáticos mais difundidos no ensino de italiano e inglês no Brasil (três livros por cada idioma), com o intuito de perceber se a dimensão cultural é apresentada de forma integrada à dimensão linguística ou não e, mais especificamente, quais estratégias são utilizadas para promover no aluno o desenvolvimento da “competência intercultural”. A razão de focarmos nos idiomas inglês e italiano se deve ao *status* diferente que as duas LEs possuem: se o inglês já se tornou uma língua franca que muitos se sentem obrigados a estudar, o italiano, por outro lado, é muitas vezes estudado por questões identitárias (CHIARINI, 2002). Devido a essa diferença, construiu-se a hipótese de que a “competência intercultural” seria abordada de forma distinta nos dois idiomas: no caso do inglês, desempenharia um papel importante, incentivando o aluno a traçar relações com múltiplas culturas, ao passo que, no caso do italiano, prevaleceria uma abordagem mais contrastiva entre a cultura nativa e a cultura alvo da península. Este trabalho se qualifica como qualitativo, não tratando de dados estatisticamente representativos, pois a amostragem se constitui somente de seis livros. Dentro desse material, nos focamos no estudo de cinco temas ou “noções gerais” (EK & TRIM, 1990) em comum a todos os livros em análise. O conceito de “noções gerais” na maioria dos casos coincidiu com o tema principal de algumas unidades didáticas. A análise dessas unidades foi conduzida com base em um *checklist* desenvolvido a partir de estudos anteriores similares ao que conduzimos. Os dados obtidos foram assim comparados e analisados de forma a responder aos objetivos propostos, ou seja, entender se existe uma diferença na representação da cultura nos diferentes materiais e se as atividades propostas se preocupam tanto em integrar os aspectos linguísticos e culturais como em promover a competência intercultural.

2 • As representações sociais do ensino de inglês e espanhol elaboradas pelos professores de idiomas da Força Aérea Brasileira e sua influência no processo de ensino aprendizagem.

Fabiana da Cunha Ferreira (UNIFA)

Muitos trabalhos são realizados, nas áreas da Linguística, da Educação e das Ciências Sociais sobre a linguagem como elemento fundamental no processo de construção das sociedades e das relações que nela ocorrem. Em diversas esferas, tem sido reconhecido o seu importante

papel nos dias de hoje, em “um mundo no qual nada de importante se faz sem discurso” (SANTOS, 2000, p. 74). Pela linguagem, o homem é capaz de exteriorizar suas ideias e pensamentos, fornecendo possibilidades para o seu crescimento. Muito além do seu caráter comunicativo, de entendimento mútuo entre pessoas, deve-se ressaltar seu caráter constitutivo, relativo à sua capacidade de construir verdades e produzir realidades, o que faz do discurso no mundo moderno uma valiosa forma de poder. No que se refere ao papel do professor, vale considerar que, de acordo com Coracini (2000, p. 8), o professor foi/é formado para *homogeneizar*, para transformar o diferente em igual, para ensinar, transmitir conhecimentos, orientar atitudes, procurando mudar para algo controlável o que não pode ser controlado. Porém, no ambiente educacional, incluindo as escolas militares, é comum deparar com professores com crenças, formações, culturas e, principalmente, com representações do ensino de Língua Estrangeira (doravante LE) bem distintas. Muitas vezes, a maneira como um professor considera a atividade docente é diferente de como um outro a enxerga. Isto se justifica porque tais profissionais, em sua atividade, não podem ser vistos como um ser com uma identidade pré-estabelecida. O docente está sempre carregado de representações: as que trazem ao longo da vida e as que elaboram, diariamente, em contato com outros indivíduos. As representações são um movimento de interação entre as pessoas e constituem-se numa forma de conhecimento individual que só ocorre na interação com o outro, pois é nela que se constrói o próprio conhecimento. Cada professor, ou grupo de professores possui um mundo de opiniões construídas, reelaboradas e redimensionadas por eles próprios, em relação a um determinado objeto social, de acordo com a sua história de vida. A presente pesquisa, portanto, tem como objetivo analisar as Representações Sociais do ensino de idiomas dos professores de inglês e espanhol das escolas e centros de formação da Força Aérea Brasileira, bem como, a influência dessas representações no processo ensino-aprendizagem. Para tal, fez-se um estudo sobre o processo de aquisição e a importância da linguagem, o que possibilitou um diálogo com as reflexões de Celani (2001), Coracini (2000), Almeida Filho (2005; 2007), Moita Lopes (2002), entre outros. A relação entre pensamento e linguagem se deu através da contribuição de teóricos, como Vygotsky (2008), Foucault (2000) e Bakhtin (2004). Tratou-se do papel do discurso, na construção das subjetividades e das identidades sociais, assimilando pressupostos teóricos abordados por Moita Lopes (2002), Rajagopalan (1998; 2002), Hall (2006) e Bakhtin (2004). Já o tema representações sociais foi o alvo desta pesquisa sob os enfoques de Moscovici (2007), Sá (1993; 1996; 1998), Jodelet (2002; 2005), entre outros. Dois instrumentos de investigação — questionário e entrevista semiestruturada — foram aplicados aos sujeitos da pesquisa e na análise dos dados foi feito um estudo estatístico, com utilização de gráficos para analisar o que está sendo proposto na pesquisa. A análise desses instrumentos mostrou que os informantes (re)elaboram algumas representações sobre o ato de ensinar e do aprender idiomas nas escolas e centros pesquisados, e que este processo influencia a sua prática docente e o processo de ensino-aprendizagem de idiomas.

3 • Avaliação do ensino de inglês na escola técnica: investigando a relação entre o discurso discente, crenças e afeto

Thamiris Oliveira de Araujo (PUC-RJ)

Sabemos que muitas pesquisas nas últimas décadas abordaram o valor social do ensino/aprendizagem da língua inglesa (LI) no contexto das escolas públicas brasileiras, apontando para o reconhecimento do papel formador dessa disciplina no currículo. No entanto, a crença de que inglês nas escolas públicas não funciona ainda paira como uma sombra que desmotiva alunos e professores. O objetivo de minha pesquisa centra-se em investigar as crenças sobre a ensino/aprendizagem de LI dos meus alunos da escola técnica estadual de nível médio onde leciono essa disciplina. Essa investigação das crenças busca um entendimento aprofundado do meu contexto de trabalho, pois acredito que “nenhuma instituição ou relacionamento humano pode ser adequadamente entendido, a menos que consideremos as suas expectativas, valores e crenças” (Breen, 1985: 136, apud Barcelos, 2004). A pesquisa tratará também da questão do afeto no processo de ensino/aprendizagem, visto que as relações afetivas contribuem para a formação de posicionamentos positivos ou negativos quanto à aprendizagem de línguas. Defenderei a relevância de uma nova visão de educação que leve em consideração as emoções dos agentes envolvidos, pois creio que a aprendizagem não se trata simplesmente da compreensão de conteúdos escolares, mas sim de estar aberto a novos conhecimentos e ideias. Por essa razão, me interessa também compreender melhor quais sentimentos estão em jogo na sala de aula de inglês, ou seja, observar se os alunos demonstram motivação, receptividade ou ressentimento, insatisfação. O referencial teórico que abarca o estudo das crenças e da afetividade no ensino/aprendizagem de línguas inclui respectivamente os seguintes teóricos: Barcelos (2006) e Britzman (1986), Allwright (1991) e Arnold & Brown

(1999). Visando investigar questões relativas às crenças e ao afeto do ensino/aprendizagem de LI no meu contexto profissional, embasei minha pesquisa na metodologia da Prática Exploratória (Allwright & Hanks, 2009), buscando entender melhor (1) a qualidade de vida em minha sala de aula e (2) os meus próprios questionamentos sobre a validade do ensino de inglês para os alunos da escola técnica, que estão em formação como seres sociais e profissionais. A partir dos construtos teóricos anteriormente mencionados e de uma visão qualitativa dos dados, analisei o discurso escrito dos meus alunos do terceiro ano dos cursos de eletrotécnica e construção naval através de um questionário, onde peço que eles avaliem (1) o ensino de inglês em sua escola, levando em conta a formação geral e técnica, e (2) a importância da língua inglesa para suas vidas. Os resultados sugerem que a maioria dos alunos avalia negativamente o ensino e os professores de língua estrangeira, mas considera importante o domínio da língua inglesa para suas vidas profissionais.

4 • Novos letramentos e interatividade nas aulas de E/LE: uma prática didática com blogs

Charlene Cidrini Ferreira (CEFET/RJ – PG UFF) & Fabio Sampaio de Almeida (CEFET/RJ – PG UFRJ)

Vivemos na contemporaneidade um tempo globalizado no qual a sociedade torna-se cada vez mais hipersemiotizada e permeada pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Nossos discursos, entendidos como práticas sociais, são frequentemente mediados por ferramentas digitais (MARTIN, 2008). O computador e a internet ocupam cada vez mais espaço em nossas rotinas diárias de trabalho e lazer. É nesse contexto que se destacam os letramentos digitais como práticas constitutivas das sociabilidades contemporâneas e palco de performances identitárias inovadoras (MOITA LOPES, 2010). Também entendemos o espaço da tecnologia como um âmbito político, no qual se distribuem relações de poder, conflitos de conhecimentos especializados e não especializados, lugar de trocas entre diversos atores sociais que se posicionam, dialogam, constroem, interagem (SÁDABA; GORDO, 2008). Assim, esta comunicação tem como propósito apresentar práticas didáticas, em torno das novas tecnologias, desenvolvidas com turmas de língua espanhola do 2º ano do Ensino Médio da Unidade de Nova Iguaçu do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca no Rio de Janeiro (CEFET/RJ – UnED NI), com foco em gêneros discursivos digitais. A metodologia consistiu no trabalho com notícias de importantes jornais em língua espanhola para apreensão de características genéricas, como estrutura composicional, estilo e temas. A partir da leitura do texto “El nuevo contrato social del siglo XXI” (que destaca fatos sociais que incutem terror, sofrimento e desigualdades, e que aceitamos passivamente sem fazer nada para mudá-los), os alunos buscaram uma notícia que retratasse um dos temas abordados no contrato. Em seguida, cada grupo teve que elaborar uma notícia “resposta” que relatasse uma solução para o acontecimento selecionado. Em outra prática, produzida a partir do filme “Diários de motocicleta”, os alunos tiveram que criar um diário próprio em que cada um relatasse uma viagem inesquecível de suas vidas. Sabendo que um grande número de pessoas, a todo instante, tem acesso ao que circula na rede e que a Internet participa cada vez mais do cenário de ensino/aprendizagem de Línguas Estrangeiras, foi proposto a criação de *blogs* para publicação e comentário dessas produções escritas das turmas. O *blog* é concebido como um espaço em que o indivíduo pode expressar o que quiser, permitindo uma rápida atualização e a interatividade com o leitor por meio de comentários. Assim, o objetivo dessas produções, além do desenvolvimento da língua estrangeira - espanhola, foi fazer com que os alunos compartilhassem na rede possíveis formas de romper com problemas da sociedade, bem como, suas experiências de vida. O referencial teórico que norteou o trabalho foi uma visão discursiva de linguagem com base em Maingueneau (2002) e Bakhtin (1992) no que se referem à noção de gênero de discurso, e Marcuschi (2005), para tratar de gêneros digitais. O trabalho enquadra-se em uma concepção de pesquisa-ação realizada no escopo da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006). Os resultados mostraram que é possível promover um ensino de línguas estrangeiras comprometido com a formação crítica dos alunos e que lhes possibilite, além de ter contato, participar por intermédio das novas tecnologias da produção de discursos de mudança social.

5 • Afeto e narrativas: licenciandos envolvidos na construção de entendimentos sobre aprendizagem de segunda língua

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (FFP/UERJ)

Diego Fernandes Coelho Nunes (FFP/PIBIC/UERJ)

Neste trabalho apresentamos algumas considerações, com base em alguns dados já gerados, da pesquisa desenvolvida no projeto “Sobre professor e pesquisador: o papel do afeto na mão dupla das narrativas de experiências docentes”, do qual somos orientadora e bolsista de iniciação científica, respectivamente. Trazemos, assim, reflexões acerca da influência que o afeto parece exercer no processo de aquisição de uma língua estrangeira e de que forma tal influência interfere no aprendizado, aproximando ou afastando pessoas, integrando-as ou causando conflitos (KUSCHNIR, 2003). Desde a era clássica, muitos filósofos excluía a afetividade, valorizando somente a razão, e isso não foi diferente na Linguística (SILVA, 2008). Entretanto, com o surgimento da Linguística Aplicada, pesquisas considerando o aspecto afetivo vinculado ao processo de ensino-aprendizagem têm surgido (KUSCHNIR, 2003; BARCELOS e MORAES, 2011; ARAGÃO, 2011; MORAES BEZERRA, 2011, 2012), mostrando que a construção de conhecimentos se dá por meio da interação discursiva de indivíduos situados social e historicamente (VYGOTSKY, 1987, 1994), não sendo possível separar, desta forma, aspectos afetivos de cognitivos (VYGOTSKY, 2000). Baseando-nos em princípios da Prática Exploratória (MILLER, 2001; ALLWRIGHT e HANKS, 2009, *interalia*), a busca por entendimentos sobre a influência do afeto no processo de ensino-aprendizagem é conduzida de forma inclusiva no sentido de envolver todos os praticantes nesse processo. Por ser uma forma híbrida de pesquisar (MILLER, 2010), as atividades que propiciam a reflexão ao mesmo tempo contribuem para a geração de dados que podem alimentar e aprofundar o processo reflexivo. Para articular-se à base teórica já mencionada, dando suporte à construção de entendimentos sobre aprendizagem de língua estrangeira, utilizamos construtos vindos do estudo de narrativas (LABOV, 1972; BASTOS, 2005; BASTOS e OLIVEIRA, 2006) geradas em ‘conversas exploratórias’ (MILLER, 2001; MORAES BEZERRA, 2007) por licenciandos em Letras (Português/Inglês) de uma universidade pública no estado do Rio de Janeiro, nas quais esses licenciandos e o bolsista PIBIC expõem suas crenças, expectativas (BARCELOS, 2006) e emoções vividas no processo de ensino-aprendizagem. Nessas conversas, o grupo procura refletir sobre o *puzzle* “Por que o afeto parece influenciar no processo de aquisição de LE?”. Percebe-se, pela análise preliminar dos dados gerados, que outros *puzzles* ou questionamentos têm surgido, mobilizando o grupo para um olhar mais profundo à experiência de aprender uma LE. Dessa forma, nessa vivência, o grupo vem construindo conhecimentos sobre as experiências em sala de aula, seja enquanto alunos ou enquanto professores pré-serviço ao narrarem suas experiências. Conseqüentemente, o estudo das narrativas é de suma importância para nossa pesquisa uma vez que é através delas que o grupo reflexivo tem acesso ao sentido que trazem sobre: [a] como aprendem; [b] como constroem discursivamente suas identidades de aprendizes de língua inglesa e de futuros professores desse idioma, [c] como o fator afetivo se agrega a essa experiência de aprender a língua do outro. Na medida em que os participantes do grupo de reflexão têm acesso a essas narrativas e co-constroem entendimentos sobre aprender inglês em contexto institucional, todos se fazem praticantes exploratórios e não, simplesmente, meros observadores ou pesquisadores, interessados apenas na coleta de dados e/ou na resolução de problemas. Logo, eles são colaboradores, participantes ativos que, através dessa forma de conduzir investigação, têm a oportunidade não apenas de pensar sobre aquisição de segunda língua, mas também de vivenciar procedimentos de reflexão relevantes para a sua formação docente. Na verdade, ao desenvolvermos uma ‘ação para entender’ e não uma ‘ação para mudar’ (MILLER, no prelo), agimos para que o trabalho para entender seja sempre coletivo, como já mencionado, e para que seja contínuo (MILLER *et al.*, 2008), propiciando oportunidades de aprendizagem (ALLWRIGHT, 2005) para todos os envolvidos.

Sessão 8: A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E SUAS INTERFACES

Coordenação: Anna Elizabeth Balocco (UERJ)

1 • A humanização da personagem Baleia em *Vidas Secas*: uma abordagem sistêmico-funcional

Camila Brito dos Santos

As grandes obras da literatura brasileira têm sido alvo de minuciosa interpretação, como comprova a respectiva fortuna crítica, entretanto a língua em que estão escritas permanece pouco estudada. Este trabalho é um gesto neste sentido, já que se pretende desenvolver uma análise acerca do sistema de transitividade em verbos que representam processos mentais e comportamentais, cujo papel participante de Experienciador/Comportante seja assumido por termos que se refiram à cachorra Baleia, personagem do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Busca-se relacionar a escolha dessa construção ao sentido geral da obra, uma vez que tal personagem é continuamente antropomorfizada e assume um papel de destaque ao longo da narrativa. Em *An Introduction to Functional Grammar* (1994), Halliday, e posteriormente também *Matthiessen* (2004), expõe a Gramática Sistêmico-Funcional, entendendo a linguagem como um recurso para a produção de significados que residem em padrões sistêmicos de escolhas, relacionados ao contexto e à intenção do falante. Desse modo, deve-se atentar para as escolhas léxico-gramaticais feitas no enunciado e compará-las com outras disponíveis, de modo a poder inferir a provável motivação do enunciador.

Halliday propõe a descrição do sistema de transitividade para explicar como se estrutura a experiência dos indivíduos, que consiste em um fluxo de eventos, identificando diferentes tipos de processos representados pelos verbos, de acordo com a metafunção ideacional. Dentre eles, observam-se os processos mentais, relativos à representação do mundo interior, os quais se dividem em processos de cognição, percepção, afeição e desejo; e processos comportamentais, que descrevem comportamentos fisiológicos ou psicológicos e manifestam reflexos físicos exteriores de processos mentais. Assim, pode-se dizer que a linguagem, em sua função *ideacional*, é utilizada para incorporar as experiências dos fenômenos não só do mundo físico, mas também do mundo mental, o qual inclui as reações, cognições, percepções. Em *Vidas Secas*, a opção pelo uso continuado do discurso indireto livre favorece o mergulho no mundo interior e no universo mental fragmentado dos personagens, de forma que o pensamento deles emerge através da enunciação do narrador. É por meio dela que o narrador vai exprimir os julgamentos subjetivos dos personagens e o posicionamento deles em relação ao ambiente que os cerca. Sendo assim, ele atribui consciência à personagem Baleia e, conseqüentemente, sentimentos e opiniões semelhantes aos de seres humanos, o que é fato consensual na fortuna crítica do romance. Tais escolhas se realizam no plano da frase, por meio do sistema de transitividade, à medida que verbos que representam processos mentais e processos comportamentais trazem a cachorra Baleia, ou termos que se refiram a ela, respectivamente como participante Experienciador (processos mentais) e como participante Comportante (processos comportamentais), sendo que apenas um participante consciente humano pode sê-lo. Nesse artigo, a partir do fenômeno descrito, pretende-se criar subsídios para a interpretação dessa obra literária, por meio da análise das sentenças, sem deixar de considerar a inserção delas no contexto geral do romance. Assim, propôs-se uma abordagem sistêmico-funcional da estrutura linguística, enfatizando a relevância do componente semântico na descrição sintática das construções verbais do romance *Vidas Secas*, essa “pequena obra-prima de sobriedade formal” de Graciliano Ramos.

2 • A oração como representação de imagens nas previsões de horóscopos

Emanuel Cordeiro da Silva (UFRPE)

Constitui objetivo do presente trabalho realizar uma análise da mobilização dos mecanismos do sistema de transitividade da língua portuguesa na construção de imagens em previsões apresentadas no gênero textual horóscopo. Para tanto, foram analisados 96 textos do referido gênero publicados nas revistas Ana Maria, Tititi, Guia Astral e Guia de Horóscopo Popular. Com vistas à observação de padrões de regularidade na composição e funcionalidade do gênero, prezamos por um recorte temporal de 13 anos. Daí que os textos compreendem publicações situadas entre os anos de 1999 a 2012. No tocante à composição textual dos horóscopos, foram identificadas três partes constitutivas: a apresentação

de momento, as previsões e as recomendações. Todavia, o trabalho de análise se deteve às previsões, posto que, por corresponderem à parte de maior valor imagético, elas se apresentaram como um *locus* bastante profícuo ao estudo das orações enquanto representação. Ao se dizer isso, não se está aqui negando a possibilidade da investigação da transitividade nas outras partes do gênero, mas, sim, salientando-se que, nos textos analisados, as previsões corresponderam a um campo mais fértil ao estudo do fenômeno. As apresentações de momento, quando ocorriam, eram muito breves, conseqüentemente, com pouca materialidade linguística. Já as recomendações, apesar de frequentes, mostravam-se um campo mais propício ao estudo do sistema de modo, haja vista a riqueza de marcas linguísticas direcionadas às relações interpessoais entre autor e leitor. Para a fundamentação das análises realizadas, foi adotado o paradigma teórico da Linguística sistêmico-funcional. Sendo assim, a língua é concebida como potencial de significação, e, a partir de tal perspectiva, é assumido o pressuposto de que ela só se realiza nas atividades comunicativas por meio de escolhas feitas na léxico-gramática. Nos contextos comunicativos, para fazer significar, os usuários da língua realizam escolhas tanto no repertório de signos disponíveis da língua quanto no âmbito das possibilidades combinatórias de tais elementos. É, no inventário da léxico-gramática, que o falante/escritor realiza, consciente ou inconscientemente, suas escolhas a fim de conseguir melhor atingir os propósitos comunicativos desejados. Segundo Ikeda e Vian Júnior (in: LEFFA, 2006, p.40), “Quando se faz uma escolha real no sistema lingüístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas.” Por meio da observação de tais escolhas, torna-se possível a investigação da relação entre a forma da língua e seu uso. Como bem dizem Cunha e Souza (2007, p.14-15), é de interesse do funcionalismo “(...) explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua (...)” Dos sistemas componentes da léxico-gramática, o de transitividade foi o que, de fato, à pesquisa interessou. Na medida em que é o responsável pela metafunção ideacional, a observação das escolhas nele efetuadas possibilitou a investigação de padrões de regularidade delineadores da arquitetura das orações nas previsões dos textos de horóscopo. Como bem dizem Halliday e Matthiessen (2004, p.170), “o sistema de transitividade constrói o mundo da experiência por um manejável conjunto de tipos de processos.” Foi verificado que a modelagem das orações é determinada por um contexto de situação em que as previsões devem não só se vincular a âmbitos da vida particular, como também devem possuir valores de significação bastante genéricos. Tais aspectos convergem para as necessidades discursivas dentro das quais se dá construção das imagens representadas na arquitetura das orações encontradas nas previsões dos horóscopos.

3 • As contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional para a língua portuguesa

Maria Pereira da Silva & Michelle Leonor da Silva (PPGL/UFPE)

O presente trabalho tem o objetivo de investigar os processos verbais nas mensagens publicitárias do gênero textual *Fan Page* presentes no Facebook, analisando os processos predominantes nessas mensagens e os efeitos de sentido produzidos por este gênero que circula na internet. Para tanto, foi construído um pequeno *corpus* composto por 09 mensagens publicitárias de diferentes produtos como banco, loja, bebida, lanchonete e revista. Como aporte teórico, a base para as análises realizadas foi a Linguística Sistêmico-Funcional, em particular os processos verbais do sistema de transitividade, de acordo Halliday. Para ele, o texto é uma forma linguística de interação social. É uma progressão contínua de significado, em combinação tanto simultânea como em sucessão. Os significados são as seleções feitas pelo falante das opções que constituem o potencial de significado; o texto é a atualização desse potencial de significado, o processo de escolha semântica. O sistema de transitividade é entendido pela Linguística Sistêmico Funcional como a gramática da oração. Ele responde pelas relações que são estabelecidas entre o verbo e os sintagmas nominais. Assim, esse sistema possibilita a identificação de atividades humanas que estão sendo expressas através da representação de ações e experiências por meio dos principais papéis: *processos*, *participantes* e *circunstâncias*, permitindo analisar *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias* (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 68). Esses papéis compreendem, de maneira geral, as três classes de palavras presentes na maioria das línguas, a saber: o substantivo, o verbo e o advérbio. Enquanto os verbos correspondem aos *processos*, os substantivos e os advérbios, respectivamente, são os *participantes* e os *circunstâncias*. Pelo sistema de transitividade, os processos (verbos), divididos entre principais e secundários, referem-se aos elementos codificadores de ações, estados e sentimentos, tendo ou não a presença dos participantes, representados pelo sintagma nominal. Já as circunstâncias são consideradas “informações adicionais” (*op.cit.*) aos diversos processos, sendo elas materializadas por meio dos advérbios. Em relação aos tipos de processo, destacam-se três como principais: *materiais*, *mentais* e *relacionais*; três como os secundários: *verbais*, *existenciais* e *comportamentais*. Os

processos materiais referem-se às ações. São os processos do *fazer algo*, constituindo ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis. Tem como participantes: *ator*, responsável pela ação; *meta*, “para quem o processo é direcionado”, afetado pela ação (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 71); *extensão*, aquele que não é afetado pela ação verbal, compreendido como um complemento da ação; especificando-a (*op.cit.*); e beneficiário, participante que se beneficia da ação verbal. O que chama atenção nessas redes sociais é a facilidade para interagir entre os membros dessa comunidade virtual de forma rápida e eficaz, ocorrendo assim a mudança de uma relação interpessoal para uma relação hiperpessoal. Então, não se pode negar que a tecnologia digital, principalmente com a chegada da internet, tenha contribuído para essa interação tão veloz entre os mais diversos indivíduos. Vale salientar que o foco da análise foi investigar os processos do sistema de transitividade nas mensagens publicitárias presentes no gênero *Fan Page*. Partindo desse objetivo, foram identificados nos textos os seguintes processos: verbal, *material*, *mental* e *relacional*. Foi observado que os processos e participantes presentes na arquitetura das orações contribuíam para a construção de imagens destinadas à promoção de relações interacionais. Embora as estratégias interacionais estejam mais vinculadas à metafusão interpessoal a partir de escolhas realizadas no sistema de modo e modalidade, elas também podem ser vistas no sistema de transitividade, uma vez que os tipos de processos e de participantes encontrados nas mensagens publicitárias de *Fan Pages* propiciam a construção de imagens dentro dos jogos interacionais a que o gênero se destina no processo de comunicação.

4 • Trazendo à baila a voz que fomenta pesquisas em linguagem: uma análise crítica do discurso do professor-orientador através do Sistema de Transitividade

Silvia Adélia Henrique Guimarães

A Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9.394/96) prevê que a educação superior promova criticidade, flexibilidade, correlação de saberes, mas também o incentivo ao “trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive.” (Artigo 43, inciso III). Entretanto, pouco se ouve sobre essas questões a partir da voz do orientador de pesquisas acadêmicas, o que esta pesquisadora considera um problema de ordem social, tendo em vista a importância desses atores sociais para o campo acadêmico. Os poucos trabalhos que abordam o tema limitam-se a identificar o orientador a partir das impressões empíricas dos orientandos e a refletir as atuações a partir de questões político-educacionais (FLECHA, 2003; MAZZILLI, 2003; BIANCHETTI & MACHADO, 2006). Neste sentido, o presente trabalho procura responder, através da Análise Crítica do Discurso (ACD), o que os orientadores têm a dizer sobre sua prática social. De caráter interpretativo (ALVEZ-MAZZOTTI, 1999), conta com dados gerados por orientadores de mestrado em Linguística/Linguística Aplicada, das esferas federal, estadual e privada, do Rio de Janeiro, sendo dois participantes de cada esfera. A pesquisa foi realizada em duas etapas. Na primeira etapa, os sujeitos responderam a uma entrevista semiestruturada, à qual responderam livremente. A segunda etapa consta de: a) um questionário que objetivava ampliar as questões levantadas espontaneamente pelos sujeitos na entrevista face a face; b) correspondências eletrônicas trocadas entre pesquisadora e entrevistados; c) os regimentos dos programas de pós-graduação; e d) revisão histórica da orientação no Brasil. O caráter social deste estudo é a relação dialética entre linguagem e sociedade, já que a ACD considera qualquer evento discursivo ao mesmo tempo um texto (primeira dimensão), uma prática discursiva (segunda dimensão) e uma prática social (terceira dimensão): o modelo tridimensional (FAIRCLOUGH, 2001). O Sistema de Transitividade da LSF pautou a análise da primeira dimensão, confirmando outros estudos sobre o *ranking* da recorrência dos processos (LIMA LOPES, 2001). A interpretação dessa primeira dimensão aponta que os orientadores atuam na idiosincrasia, e que os principais atores sociais desse fazer são o orientador e o orientando, em relação assimétrica de poder. Na segunda dimensão, a interdiscursividade reforça essa idiosincrasia, mas inclui as pressões institucionais, que agem como reguladoras desse fazer. Na terceira dimensão, os resultados sugerem que aspectos históricos justificam a queda da qualidade dos mestrandos, associando a isso um interesse político, e as características da pós-modernidade a uma nova e híbrida atuação. Além disso, os resultados apontam para um discurso de resistência à hegemonia nas três dimensões de análise. A pesquisa possibilitou ainda a discussão em torno de aspectos práticos: a) a reflexão dos sujeitos sobre seus papéis e atribuições; e b) a atualização do aporte teórico, aplicado a um tema ainda pouco explorado. Deste trabalho, fica um convite a novas pesquisas sobre o discurso do orientador, trazendo à tona não apenas sua voz, conforme a fala literal de um dos entrevistados, mas também contribuições diretas e significativas aos estudos em Linguística e Linguística Aplicada no Brasil.

5 • Vozes sociais no ambiente escolar: uma análise dialógica de redações

Adriana Rodrigues de Abreu (Faperj 10)

Reconhecendo a importância da linguagem, mais especificamente em sua modalidade escrita, para a sociedade moderna, este trabalho surge a partir de reflexões acerca do ensino de língua portuguesa. Muitos estudos (Dutra 2011, Gouveia, 2009) têm questionado o ensino da escrita na escola básica, mostrando que a gramática vem sendo privilegiada como objeto único e suficiente em si. A prática de produção textual, fundamental para a inserção do indivíduo na sociedade, é substituída pela apresentação e memorização de aspectos puramente gramaticais. Contudo, a aquisição da habilidade escrita requer que o aluno tenha contato com textos em diversas situações de aprendizagem (PCNLP, 1998). Deixar de usá-los em sala de aula é desconsiderar a natureza social da escrita. O presente trabalho surge, portanto, com o objetivo de descrever e analisar o discurso de alunos do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas do município de São Gonçalo, a fim de responder às seguintes questões: (1) como esses estudantes se posicionam em relação ao ensino recebido? (2) quais vozes trazem para construir tal posicionamento? O trabalho foi desenvolvido de acordo com pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994) – que considera a linguagem como sendo um sistema de construção de significados e como um instrumento de interação social, cujo objetivo primeiro é estabelecer a comunicação entre interlocutores reais – em interface com a Teoria da Valoração (Martin & White, 2005), que busca observar como o falante se posiciona diante dos acontecimentos do mundo. Foram também utilizados os estudos dialógicos de Bakhtin (2003), que entende a linguagem como sendo constituída por uma diversidade de vozes. O corpus é composto por seis redações produzidas por alunos de duas escolas públicas: uma de Curso Normal (Formação de Professores) e outra de Formação Geral. Este trabalho consiste em uma metodologia de pesquisa de natureza qualitativa e de cunho interpretativo (Denzin & Lincoln, 2006), em que será investigado o posicionamento dialógico através de recursos linguísticos e discursivos. Como a escrita pressupõe a apropriação (e reapropriação) de outros textos, o olhar voltado para o posicionamento dos alunos, na articulação com outras vozes, contribui para o “desvendamento” da natureza dialógica do discurso (Bakhtin, 2003). A análise das redações mostra que a maioria dos alunos reconhece a importância da escrita nos dias de hoje, entretanto, muitos estão insatisfeitos com o ensino de língua portuguesa. Os resultados também demonstram que as redações se constituem como um discurso perpassado por diferentes vozes sociais. Muitas das vozes que circundam tais enunciados apresentam determinadas crenças e estereótipos, já que partem de interlocutores reais que estão situados em uma dada cultura. Logo, podemos dizer que a apropriação das vozes alheias ajuda na construção do conhecimento do aluno, no momento em que há a interlocução entre o discurso previamente instituído e àquele vivenciado durante a sua trajetória de vida. Por outro lado, é possível perceber que muitos estudantes se distanciam do gênero dissertativo-argumentativo, aproximando-se muitas vezes de um relato de experiências pessoais, demonstrando como são heterogêneos os modos de apropriação das vozes. Tal distanciamento ajuda a comprovar que esse gênero não tem sido tão explorado em sala de aula, o que pode ocasionar falta de habilidade do discente com a escrita. Os alunos apresentam dificuldades de se adequar ao gênero, pois a produção textual não tem feito parte da realidade das turmas pesquisadas. Esses resultados levam à reflexão sobre a importância de se trabalhar com textos em sala de aula, apesar de todos os desafios.

Sessão 9: ESTUDOS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Coordenação: Alexandre do Amaral Ribeiro (UERJ)

1 • Aquisição da linguagem e educação especial: questões sobre a linguagem, a criança, o corpo e o sujeito em constituição

Luiz Carlos Souza Bezerra (PUCSP)

Pretende-se, neste trabalho, analisar o lugar de onde a educação inclusiva olha a linguagem, a criança, o corpo e o sujeito em constituição, tendo em vista interpretar os impasses instituídos, com o intuito de ressignificar a proposta de inclusão escolar. Aqui, parte-se do princípio de que a prática pedagógica é uma prática de linguagem que deve ser teoricamente sustentada (BEZERRA, 2010, 2011). Diante deste argumento, faz-se necessário conhecer como ocorre o funcionamento discursivo em sala de aula. Sabe-se que o ambiente escolar é lugar de funcionamento de linguagem, de constituição subjetiva e de aprendizagem. Desse modo, é impossível pensar na dicotomia linguagem, aprendizagem e subjetividade, bem como pensar esta segunda apenas como construção do conhecimento. Na área da educação especial, há questões que são pouco discutidas, uma delas diz respeito à linguagem. Devido à falta de teorização, essa é reduzida à comunicação. Assim, resta apenas a aprendizagem da comunicação. Problematicar a relação linguagem e aprendizagem, na área mencionada, ocasiona conflitos e toca no cerne da teorização. Nota-se que a linguagem é reduzida à comunicação e, por fim, restrita à aprendizagem. As questões referentes a linguagem e aprendizagem merecem ser melhor esclarecidas para que possam evitar conflitos e, por conseguinte, não propor equívocos. É certo que a aprendizagem se dá no campo da linguagem, do simbólico. Porém, a linguagem não implica um processo de aprendizagem. A linguagem toma corpo e se constitui na relação com o outro/Outro, conforme pontuam os trabalhos de De Lemos (1992, 1999, 2006). Sendo assim, propõe-se pensar a relação linguagem, aprendizagem e subjetividade como um processo de subjetivação e não de objetivação como se tem discutido na área da educação especial. O corpo é entendido, neste trabalho, como corpo pulsional, um corpo submetido ao efeito de linguagem. Muito antes de a criança constituir um corpus linguístico, ela constitui um corpo na linguagem. A metodologia utilizada referenda-se em um estudo teórico bibliográfico, feito a partir da análise dos referenciais publicados na área, e numa pesquisa de campo com uma população constituída por doze professores que atuam na educação inclusiva. Os dados foram coletados através de uma entrevista semidiretiva e de observações de práticas escolares. Os resultados foram analisados ancorados na perspectiva teórica em aquisição da linguagem proposta por Cláudia de Lemos (1995, 1998, 2002, 2003, 2006), na teorização do Grupo de Pesquisa em Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem, do LAEL-PUCSP (LIER-DEVITTO, 1994, 2005, 2006, 2009) e a partir da Psicanálise. Os resultados evidenciam a necessidade de uma teorização nas práticas pedagógicas referentes à linguagem, uma vez que os construtos a que os docentes têm recorrido não permitem abordar a relação sujeito, corpo e linguagem, e, conseqüentemente, deixam de lançar um olhar sobre a subjetividade da criança. Nas práticas pedagógicas, há predomínio de uma visão de corpo que precisa apenas ser habilitado, reabilitado e reeducado, e nunca tem a concepção de um corpo que é capturado pela fala do Outro/outro. Já sobre a concepção de sujeito, prevalece a de sujeito epistêmico, e isso traz implicações comprometendo a relação professor-aluno. Assim, as concepções de linguagem, corpo e sujeito trazem interferência nas relações no espaço escolar. Urge, assim, tecer considerações teóricas para subsidiar as práticas escolares, bem como é preciso, nas formações docentes, destinar um espaço de escuta para eles abordarem seus conceitos e imagens constituídas de si, de alunos com deficiência e de seu papel na educação.

2 • O discurso direto na narrativa: a influência da LIBRAS na produção escrita de alunos surdos

Christiana Lourenço Leal

Desde que a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 entrou em vigor, considerando a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) meio de comunicação oficial dos indivíduos surdos, começam a surgir cada vez mais pesquisas a respeito das relações que se podem estabelecer entre esta língua e a Língua Portuguesa. A LIBRAS passa, então, a funcionar não somente como o meio principal como o sujeito surdo acessa o mundo, mas também como língua de instrução da comunidade escolar surda. Nesse sentido, nas aulas de Português, o texto escrito pelo aluno surdo vem

à tona como objeto de pesquisa e constantes questionamentos por parte dos professores: Qual a influência que a LIBRAS exerce sobre o texto escrito, em Português, pelo surdo? Até que ponto o conhecimento formal da LIBRAS auxilia no ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa? Em nosso trabalho, analisamos textos narrativos escritos, no ano letivo de 2010, por alunos surdos do 3º ano do Ensino Médio do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Nossa pesquisa refere-se, sobretudo, à construção dos discursos direto e indireto que, nesses textos, evidenciam a influência que a organização discursiva dêitica da LIBRAS exerce sobre as estruturas frasais do Português nos textos dos surdos. Entende-se por estratégias de referenciação a aplicação de “processos discursivos que se verificam na introdução de um objeto, nos ajustes que ele sofre quando vai participando da configuração complexa de um texto e na passagem de um objeto a outro” (CAVALCANTE, 2011:9). Em LIBRAS, as referências discursivas relacionam-se diretamente ao espaço de sinalização. No espaço em que são realizados os sinais, a introdução nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para que as relações sintáticas e discursivas se estabeleçam: “Qualquer referência usada no discurso requer o estabelecimento de um local no espaço de sinalização (espaço definido na frente do corpo do sinalizador), observando várias restrições” (QUADROS e KARNNOP, 2004: 127). Por se tratar de uma língua visuoespacial, qualquer referência que se faça na LIBRAS tem como ponto de partida o produtor do texto, que usa a língua no momento da enunciação. Por isso, nas línguas de sinais, qualquer ponto no espaço usado para fazer referência ao que quer que seja (um lugar, uma pessoa, um objeto, um acontecimento) está sempre relacionado à posição física daquele que tem o ato de fala e tal posição funciona como o centro dêitico de todo o texto que se desenvolve. Segundo Cavalcante (2005: 126), “para um processo referencial ser considerado dêitico, ele precisa fazer apelo ao ponto de origem em que se situa o falante...”. Sendo assim, pode-se afirmar que o procedimento de referência mais prototípico em língua de sinais relaciona-se à sua organização espacial dêitica que exerce influência direta na produção do texto escrito em Português pelo surdo. Segundo Lodi (2004: 307), nos textos narrativos em LIBRAS, “o direcionamento do olhar, as expressões faciais, a direção dos sinais e os movimentos de corpo do sinalizador quando as vozes dos personagens se fazem presentes, são importantes marcas discursivas da(s) pessoa(s) do discurso e indicativas das separações das vozes do narrador e dos personagens”. Em Português, é possível representar essa mudança de “vozes” através das marcações gráficas (travessões e aspas) e do uso de pronomes e verbos (substituição da 3ª pela 1ª pessoa do discurso). É preciso, portanto, que o professor de Língua Portuguesa reconheça que há particularidades na língua de sinais que precisam ser levadas em conta não só na leitura que se faz dos textos, como também na elaboração de materiais e nas estratégias de ensino utilizadas na educação de surdos.

3 • A contribuição do atendimento educacional especializado para o desempenho escolar do aluno surdo

Lucineide Machado Pinheiro (UFSC)

A leitura é um processo interativo entre o leitor e o texto, fundamental para a formação dos alunos. É por meio dela, que se dá a abordagem dos conteúdos das diversas disciplinas escolares. Por isso, a escola precisa ensinar os alunos a lerem, de modo que atinjam a compreensão, pois quanto melhor for à compreensão em leitura, maior será o desempenho acadêmico nas diferentes disciplinas escolares (OLIVEIRA; BORUCHOVITCH; SANTOS, 2008). No entanto, o que se observa, é que o ensino de leitura nas escolas não tem sido significativo para os alunos de modo geral e, particularmente, para os surdos oralizados. Isso ocorre, porque as escolas têm lhes oferecido experiências de leitura restritas e descontextualizadas, por desconhecerem suas especificidades de aprendizagem e, principalmente, pelo fato de não serem contemplados nas orientações da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Porém, de forma contrária, observa-se que eles têm sido contemplados na Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva, por meio de ações que visam estimular o desenvolvimento da linguagem oral e o ensino da compreensão leitora. Essas ações têm sido desenvolvidas por profissionais da saúde em núcleos ou clínicas que prestam serviços de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Diante dessas constatações, aventou-se a hipótese, de que as ações desenvolvidas por profissionais da saúde no AEE contribuem para o desempenho escolar satisfatório do aluno surdo oralizado. Portanto, este trabalho teve como objetivo, analisar a contribuição do AEE para o desempenho escolar do aluno surdo oralizado, em termos de leitura e compreensão de texto. Como fundamentação teórica para fins de análise, considerou-se os estudos de Cagliari (1990), Oliveira, Burochovitch e Santos (2008) e Solé (2009) sobre estratégias de leitura, e desempenho escolar, e os estudos de Trenche e Balieiro (2004), que afirmam ser a compreensão de textos, alvos importantes a serem alcançados para que a criança surda possa constituir linguagem e constituir-se

como sujeito, a fim de formarmos leitores autônomos. Trata-se de um estudo de caso, por meio de abordagem qualitativa, no qual se utilizou como procedimento para coleta de dados, a observação das práticas de leitura e compreensão de texto na escola e no AEE, bem como o comportamento da criança surda em cada uma delas. Utilizou-se ainda, aplicação de entrevistas estruturadas aos pais, a professora e a coordenadora do ensino regular. Os dados encontrados demonstraram que as práticas de leitura e compreensão desenvolvidas por profissionais da saúde no AEE, contribuem para o desempenho escolar do surdo oralizado, uma vez que atendem as suas especificidades de aprendizagem, no que tange ao desenvolvimento da linguagem oral, ao aproveitamento dos resíduos auditivos por meio do uso do Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI), ao ensino da leitura e compreensão por meio de textos, de situações contextualizadas, do uso de dramatizações e do ensino sistemático dos elementos gramaticais; e que, embora o surdo oralizado, tenha apresentado dificuldades, seu desempenho acadêmico pode ser considerado satisfatório, o que não anula o descompasso entre as questões de educação e saúde, pois, apesar de a área da saúde corroborar para o seu desempenho, observa-se que há a necessidade de uma maior interação entre as áreas, por meio de políticas públicas que apontem para essa direção.

4 • O uso das Tecnologias de Comunicação e informação no ensino da escrita em língua portuguesa como L2 por surdos

Daniele Barboza Moura (UERJ/INES)

A presente pesquisa tem como propósito analisar de que forma as produções obtidas através das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação podem auxiliar o professor no ensino da modalidade escrita do Português para alunos surdos. Esses recursos estão a cada dia presentes de forma intensa nas práticas sociais deste grupo e para fazer uso destes recursos se faz necessário um mínimo de conhecimento de leitura e escrita em língua portuguesa. Ao destacar o conhecimento da leitura e escrita na língua portuguesa, chamo atenção para o fato dos alunos surdos possuírem uma língua própria – a LIBRAS (língua brasileira de sinais) que é uma língua visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e corporais. É uma língua natural usada pela comunidade surda brasileira (MEC, 2004), regulamentada em 22 de dezembro de 2005 o decreto dispõe algumas obrigatoriedades quanto ao ensino dessa modalidade. Citado no art. 14 do decreto nº. 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. Porém, este indivíduo para ter acesso a informações dentro da sociedade, precisa ter conhecimento da leitura e escrita no idioma oficial de seu país, no caso a Língua Portuguesa. De um modo geral, alunos surdos apresentam certa resistência no que diz respeito à aprendizagem da língua portuguesa e questionam o porquê do ensino da modalidade escrita, uma vez que eles já possuem uma língua própria. Essa questão acaba gerando uma contradição, pois os surdos comunicam-se através de mensagens de celular, trocam emails, scraps no Orkut, Facebook, participam de salas de bate-papo e em todas essas TICs se faz necessário o uso da escrita, neste caso a língua portuguesa. Segundo Lévy (1993) as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) vêm se tornando, de forma crescente, importantes instrumentos de nossa cultura, e sua utilização, um meio concreto de inclusão e interação no mundo. Desta forma o surdo necessita de um mínimo de conhecimento da língua portuguesa para participar efetivamente desses eventos relacionados às TICs. Para isso é importante aproveitar essas novas tecnologias no ensino da leitura e escrita da língua portuguesa como uma segunda língua, levando em consideração os eventos e práticas sociais onde estão inseridos os alunos. Tendo as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação como meio concreto de inclusão e interação é importante também destacar a sua função ativa na co-construção das formas de aprendizado e conhecimento, sejam conceitos ou, neste caso, a aprendizagem de um novo idioma. Dentro do contexto social, os surdos são considerados indivíduos participantes de uma minoria, esse fato se deve por possuírem uma língua própria, utilizada em sua maioria pela comunidade surda. Com as TIC's, os surdos começam a participar com maior autonomia das práticas sociais. A comunicação passa a ser acessível, por meio de email pode-se realizar uma reclamação, dependendo do local e empresa, e assim não há mais a necessidade de alguém intermediar uma conversa para o surdo. Ressalvo que são poucas as empresas que oferecem esses recursos. Porém a intenção da pesquisa é a de mostrar como as TIC's vêm contribuindo para que os surdos utilizem o Português na modalidade escrita e como essas produções geradas por meio das TIC's podem auxiliar o professor no processo de ensino da língua portuguesa para esse público.

Sessão 10: LEITURA E ESCRITA

Coordenação: Ma. Teresa Tedesco (UERJ)

1 • A natureza espacial da escrita: o trabalho com textos jornalísticos de função referencial a partir da identificação de suas regiõesThiago Maciel Guimarães (UFS)
Wilton James Bernardo-Santos (UFS)

O PIBID - Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - intitulado **Escrita e Autoria: o jornal em sala de aula** busca levar à escola de nível médio o contato com o texto jornalístico de função referencial. Partindo da premissa de que o espaço é a especificidade primeira da escrita, o trabalho procura introduzir a categoria região/território como instrumento teórico-metodológico. Sendo assim, é somente ocupando espaços que a escrita se realiza e entender tal natureza está no cerne da aquisição da competência da escrita. Daí, podemos depreender e adaptar de uma leitura de Bakhtin (2006) que cada diferente região do texto trará em si características e modos diferentes de funcionamento relativamente estáveis, que se diferenciam e complementam-se entre os diferentes territórios. O conhecimento e a reflexão sobre o funcionamento das particularidades de cada região do texto e as funções por elas exercidas são fundamentais para a compreensão dos processos de leitura e escrita. Refletir sobre a escrita começa, então, a partir daquilo que é comum a todos os textos tanto quanto à forma e quanto a função, aspectos que influenciam no modo como será ordenado o conteúdo para que haja identificação e compreensão. Demonstrar o que se repete enquanto recursos para a composição das regiões de um texto. Este é o princípio do processo que trará maior clareza ao aluno sobre os aspectos formais comuns a toda escrita de função referencial da linguagem. Esse processo é justamente a forma de instrumentalizar adequadamente o processo de leitura/escrita, ou seja, sem negligenciar o básico da escrita: o espaço. Conforme Sylvian Auroux (2009), a escrita encontra seu lugar no espaço e obedece regras que vão além do que é proposto pela gramática normativa, os gêneros e seus suportes implicam que o sujeito que escreve respeite o funcionamento de cada diferente região do texto. Defende-se, então, que para que o aluno tire proveito do processo de leitura, ele precisa ultrapassar a fruição, é necessário refletir sobre a estrutura e as funções das regiões nos textos. A leitura, desse modo, torna-se também uma escritura. A partir desse processo, além de formar o aluno, espera-se qualificá-lo a entender o texto como algo empírico, que se realiza no espaço. Sendo assim, para que haja compreensão daquilo que está escrito, principalmente em textos de função referencial, é fundamental que o texto traga demarcações que facilitem a navegação pelas diferentes regiões/territórios do escrito estudado. Pode-se, então, estabelecer que o domínio das regularidades de um gênero é o que possibilita sua produção e também sua leitura. Desse modo, a leitura instrumentalizada pode ser entendida como um processo subjacente ao da escrita. Assim como se domina o globo terrestre, um país, um estado, uma cidade pela Cartografia, o domínio do texto pode dar-se pela identificação e demarcação das diferentes regiões/territórios que o compõem. Ou seja, demarcar um texto é fazer uma leitura espacial. Uma leitura adequada precisa respeitar o antes, o agora e o depois do texto: suas diferentes regiões: “considerando essas especificidades da escrita que hierarquizam os espaços, a autoria entra em construção posto que se realiza o fundamento da textualidade: a relação” (BERNARDO-SANTOS, 2011, p. 10). O trabalho visa relatar e analisar a experiência em sala de aula com os pressupostos teórico-metodológicos do projeto em questão. E ainda, avaliar os avanços e as dificuldades em levar o aluno à reflexão e à identificação do que é, de que modo funcionam e se relacionam cada uma das regiões que compõem um texto jornalístico em diferentes suportes.

2 • Estudo do gênero textual propaganda: uma proposta de aplicação no ensino

Vivian de Oliveira Quandt (UFRJ)

Há bastante tempo, é difundida, no Brasil, a ideia de que o texto é a base do ensino-aprendizagem do português como língua materna. No entanto, segundo Rojo & Cordeiro (2010), as práticas escolares com o texto estavam formando leitores apenas com as capacidades mais básicas de leitura/escrita. Essas evidências de fracasso escolar apontaram a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa.

Dentro desse contexto, aparecem os programas e propostas curriculares oficiais, como por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Partindo do princípio de que uma das metas principais da escola atual consiste em ampliar e aperfeiçoar o desempenho comunicativo dos alunos, como apregoam os PCN, torna-se oportuno, então, trabalhar, por exemplo, com o gênero *propaganda*, nas escolas, uma vez que através da análise das estratégias linguístico-discursivas com que foi elaborado o texto e da interpretação não só dos seus aspectos ideológicos, mas também das concepções que estão embutidas nas suas entrelinhas a fim de persuadir o leitor, os professores estariam mostrando ao educando como um texto, aparentemente ingênuo, pode ser tão manipulador. Assim, não só como aponta Soulages (1996), como também Pauliukonis (2006), a *propaganda*, um meio de comunicação de massa que atua como formadora de opinião pública, não pode deixar de ser analisada nas escolas, uma vez que age nas esferas sociais de forma a moldar novos conceitos, ditar regras, modificar costumes e comportamentos tradicionais, com muita autoridade, eficácia e credibilidade. Todos esses fatores justificam a escolha desse gênero textual como objeto de estudo na sala de aula e validam a sua interpretação sob a ótica de uma Análise do Discurso que se preocupa fundamentalmente com o significado das relações sociais. Tal é a perspectiva da Análise Semiolinguística do Discurso proposta por Charaudeau “que procura descrever, no âmbito da linguagem, o modo como os interlocutores interagem em variadas situações, construindo sua forma de pensar, viver e agir” (PAULIUKONIS, 2006, p. 117). Para a realização deste trabalho, que tem caráter didático, já que pretende servir de apoio teórico sobre a leitura e a produção do gênero *propaganda*, na sala de aula de língua portuguesa, de qualquer nível de ensino, selecionaram-se oito propagandas, que foram agrupadas de acordo a quem se dirigia: Grupo 1 – duas propagandas dirigidas à mulher; Grupo 2 – duas dirigidas ao homem; Grupo 3 – duas dirigidas ao homem ou à mulher (ou seja, unissex) e Grupo 4 – duas dirigidas à família. Assim, a partir da análise de um *corpus* variado de propagandas, foi possível demonstrar como o texto publicitário encaixa-se em um dispositivo argumentativo da língua – “Só o Produto P, da Marca X, por possuir as qualidades x, y e z, pode lhe proporcionar o preenchimento das suas carências” (PAULIUKONIS, 2006, p. 129) –, e como ele manipula o destinatário na medida em que, durante a encenação discursiva, o sujeito comunicante, valendo-se de estratégias para persuasão do sujeito destinatário, utiliza-se não só de elementos linguísticos como também extralinguísticos, para fazer com que produto seja reconstruído e assimilado pelo consumidor como algo indispensável. Dessa forma, acredita-se que a utilização desse material como apoio teórico, nas aulas de língua portuguesa, pode servir para que o professor efetivamente trabalhe com o gênero textual *propaganda*, na sala de aula, efetuando atividades ou exercícios múltiplos e variados, ultrapassando o puramente formal, mostrando aos seus alunos, como a leitura de textos orais/escritos e de mundo deve ser feita com mais astúcia, tentando observar de que maneira um sujeito sempre tenta persuadir/influenciar o outro.

3 • A construção do perfil do leitor nos prefácios camilianos

Vanessa Suzane Gonçalves dos Santos (UFPA/CAPES) & Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales (UFPA/CNPq/CAPES)

Influente escritor português do século XIX, Camilo Castelo Branco (1825-1890) produziu obras nos mais variados gêneros literários, no entanto, foi a prosa de ficção a forma literária que lhe deu maior notabilidade, principalmente o romance, gênero que se consolidava e ganhava cada vez mais adeptos entre os leitores. A popularidade de seus romances não se restringiu aos limites de Portugal, pois, no Brasil, suas obras constituíram acervos de bibliotecas e gabinetes de leitura e, ainda hoje, permanecem conservadas nesses espaços, a exemplo da biblioteca do Grêmio Literário Português, localizada em Belém do Pará, onde as obras do autor lusitano formam um dos maiores acervos da instituição, denominado *Camilianas*. Esse acervo, no Grêmio Literário Português, comporta inúmeros textos produzidos, traduzidos, editados e colaborados por Camilo Castelo Branco, além de obras que fazem referência ao escritor português. Em meio a essa extensa produção, é significativa a presença da prosa de ficção camiliana, mais especificamente do romance, gênero que aparece com maior notabilidade no acervo. Nesses romances, é possível identificar a grande frequência de prefácios, espaço no qual o autor apresenta a obra, difunde ideias e busca persuadir o leitor a ler o romance que sucede o texto intróito. A tendência em escrever textos introdutórios às obras não é uma prática recente, uma vez que vem de uma tradição antiga, anterior à profissionalização do escritor, quando ele, desprovido de uma fortuna patrimonial, era obrigado a entrar nas relações de patrocínio e, por meio das dedicatórias e dos agradecimentos, oferecia a obra a um príncipe, a um poderoso ou a um ministro, em troca de remuneração e da publicação da obra (Cf. CHARTIER, 1999). No decorrer do tempo, a escrita dos prefácios foi se

modificando, sobretudo quando o leitor começou a aparecer como principal acolhedor da obra, momento em que o autor não apenas se dirige ao agente financiador e autorizador da obra, mas também ao público leitor, e a este, de maneira mais espontânea e descontraída (Cf. SALES, 2003). No século XIX, essa prática não perdeu fôlego e muitos escritores mantiveram o hábito de apresentar seus romances ao leitor por meio do prefácio. Os prólogos, portanto, serviam como meio de comunicação entre autor e leitor, legitimando a palavra de seu escritor e exercendo papel fundamental no espaço dos romances em que estavam presentes. O discurso dos romancistas nos prólogos de suas obras pode revelar, dentre outros aspectos, as imagens do público para quem as obras eram escritas, a criatura imaginada, possível leitor ou leitora, pretendido ou projetado pelo escritor a partir dos textos introdutórios. Dessa forma, tomando como *corpus* da pesquisa os prefácios escritos por Camilo Castelo Branco que apresentam características metaliterárias e que foram publicados na década de 1860 – período em que veio a lume a obra mais conhecida do escritor português, *Amor de Perdição*, e época em que se assistiu à publicação de inúmeros romances do autor, muitos deles com a primeira edição publicada em um mesmo ano, além das reedições de romances, que também emergiram com força expressiva no período – pretendemos, neste trabalho, identificar o perfil de leitor construído e projetado implícita ou explicitamente pelo autor lusitano nos textos intróitos aos seus romances.

4 • Enem e produção textual: uma análise de saberes

Lorena Bolsanello de Carvalho (CAPES/DS)

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) tem, atualmente, uma função importante – para os estudantes que completaram ou estão completando o Ensino Básico – de ingresso no Ensino Superior. Assim, muitas escolas brasileiras tendem a utilizar os conteúdos e as habilidades indicadas nas matrizes do ENEM como orientadores do fazer docente no Ensino Médio. Esse contexto justifica a importância de pesquisas voltadas para a análise das diversas problemáticas que permeiam esse exame, atualmente norteador das práticas de ensino. Além disso, com a grande influência do ENEM e dos exames de vestibular nos conteúdos e nas habilidades exploradas nas salas de aula da Educação Básica, o recente aumento do peso dedicado às provas de redação nos exames de vestibular resulta numa atual valorização da prática de escrita no Ensino Básico. O ENEM configura-se como uma prova de 180 questões objetivas e uma proposta de redação; sendo, portanto, a prova de redação a única oportunidade que o candidato possui de expressar, por meio de construções linguísticas e referenciais próprias, seus argumentos e suas opiniões sobre um determinado tema. A presente pesquisa tem, portanto, como objetivo analisar as propostas de redação do Novo ENEM (anos de 2009, 2010 e 2011), a fim de perceber a articulação entre os saberes linguísticos e metalinguísticos necessários para que o estudante possa atender às orientações e às expectativas apresentadas nas provas de produção textual do exame. Essa pesquisa visa, com tal análise, contribuir para o ensino de Língua Portuguesa de maneira a fomentar discussões e reflexões sobre os saberes exigidos para a produção textual no exame e o efetivo ensino de produção textual em sala de aula. Para tanto, serão utilizadas como referência de análise as teorias de Coseriu (1980; 1982), Herculano de Carvalho (1973), assim como as propostas de ensino de língua materna de autores como Othon Garcia (1988), Koch (2006), Freire (1984) e Uchôa (2007). A metodologia utilizada para a pesquisa se iniciou com a coleta, no site do INEP, das provas do ENEM já citadas. Posteriormente, foi realizada a análise, baseada na divisão dos saberes linguísticos – e metalinguísticos – proposta por Coseriu (1980); assim, foram analisadas as articulações necessárias para a realização da prova, entre os saberes elocucional, idiomático e expressivo (e ainda, o saber metalinguístico) – que o candidato precisaria utilizar – e o comando redacional proposto ao estudante. É importante esclarecer que a divisão dos saberes linguísticos indicada por Coseriu (1980) obedece à abstração dos níveis linguísticos proposta pelo autor, segundo a qual a faculdade da linguagem contém três níveis, a saber: o nível universal (correspondente ao falar em geral), o nível histórico (atrelado a uma língua concreta) e o nível individual (associado à linguagem enquanto discurso, cujo produto é o texto). Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa apresentam importantes orientações para os professores de Ensino Básico no que se refere ao trabalho com a produção textual em sala de aula, entre outras diversas questões; nesse sentido, a pesquisa finalizou-se com um paralelo entre o resultado da análise dos saberes exigidos no comando redacional das provas de produção textual do ENEM e as propostas apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

5 • Estruturas Discursivas: o Encapsulamento Anafórico em redações de pré-vestibulandos.

Dayhane Alves Escobar Ribeiro (UERJ) & Maria Teresa Tedesco (UERJ)

O presente trabalho adota como corpus cinquenta produções textuais de alunos que já concluíram o Ensino Médio e, agora, se preparam para fazer o exame de acesso ao ensino superior - vestibular. Esses estudantes são oriundos de escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro e, atualmente, estão cursando o pré-vestibular do Sindicato dos Trabalhadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – SINTUPERJ. Por fazer parte do corpo docente deste curso, tive acesso a uma gama de redações, que fazem parte de diferentes exercícios de produção textual cujo objetivo é fazer com que esses alunos possam obter na prática a experiência necessária para fazerem bons textos no vestibular, quando forem solicitados. Assim, a partir da leitura de muitas redações, foi possível selecionar aquelas que atendiam a demanda dessa pesquisa cuja abordagem proposta se baseia na análise da referenciação, forma de organização coesiva do texto, especificamente, o encapsulamento anafórico. Para verificar a função discursiva desse fenômeno argumentativo nas redações, a análise foi dividida em duas perspectivas: por um lado, foram investigados os tipos de cadeias de referenciação, designadas como *específica*, rotulando e contribuindo para a progressão referencial no texto; ou como *não específica*, simplesmente, retomando e resumindo o conteúdo antecedente, evitando repetições. De outro lado, ampliou-se a análise para os elementos que constituem essas cadeias, verificando como foi realizada a menção ao referente através da manutenção temática. Além disso, foi possível notar como essa manutenção dos dados no texto possibilita a coesão textual e enriquece a argumentação que o aluno faz para defender a sua tese. Em conformidade com as hipóteses levantadas, pode-se afirmar que o que viabiliza o objetivo dessa pesquisa é o fato de saber que existem estudos semelhantes que contribuíram para fundamentar a perspectiva discursiva do texto, linguagem e escrita, como se pode observar em Marcuschi (2004). Além disso, é importante destacar a relevância dos trabalhos de Koch (1993; 1996) acerca da coesão textual, que muito contribuíram para a fundamentação teórica dessa pesquisa. Não obstante, não se pode deixar de comentar sobre as contribuições importantes de autores como Irlandé Antunes (2005), Pécora (1992), Corrêa (2004) e Costa Val (1991) relativas ao entendimento da função textual e dos tipos de relações semânticas e pragmáticas que as conexões assumem no texto, ressaltando os últimos autores, principalmente, no âmbito de estudo da redação escolar. Quanto à referenciação, optou-se pela coletânea de artigos reunidos por Cavalcante, Rodrigues & Ciulla (2003), tendo em vista a diversidade de pesquisas sobre o conceito de anáfora, e, em Tedesco (2002), sobre o conceito de encapsulamento em redações. Desta forma, com base na literatura mencionada, a proposta deste trabalho torna-se viável e se amplia a perspectiva de se atingirem os objetivos almejados, já que este corpus cuidará da coesão referencial por meio dos encapsulamentos como uma ferramenta que contribui para a progressão temática do texto, veiculando as informações textuais através da retomada e continuidade. Essa manutenção dos dados do texto possibilita a coesão textual – critério de avaliação no vestibular - e enriquece de forma coerente a argumentação que o aluno faz para defender sua tese. Portanto, pode-se afirmar que a principal contribuição que esse trabalho oferece para o ensino de língua materna concerne na abordagem do texto a partir de uma perspectiva dos processamentos cognitivos, revelando como os elementos vão sendo construídos nas redações, a partir de componentes culturais e conhecimentos diversos dos alunos, que proporcionam a progressão referencial.

Sessão 11: ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS

Coordenação: Magda Bahia Schlee Fernandes (UERJ)

1 • O percurso sócio-histórico do editorial Jornalístico do Rio de Janeiro

Suelen Sales (UFRJ)

Investiga-se o percurso histórico do editorial jornalístico no Rio de Janeiro, a fim de identificarmos mudanças e permanências nos âmbitos estrutural e linguístico-discursivo ocorridas nesta tradição discursiva. Observa-se o modo pelo qual a chamada carta de redator se consolidou como o atual editorial na imprensa carioca. Parte-se dos pressupostos da teoria dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2002; BAZERMAN, 2006) e das tradições discursivas (KABATEK, 2006) para contrastar as cartas de redatores do século XIX e os editoriais do século XX. O editorial jornalístico reflete as configurações históricas, ideológicas, sociais e culturais do país ao longo do tempo. Logo, as transformações dessa tradição também estão associadas às diferentes fases do jornalismo. Observa-se, quanto às suas modificações estruturais, que, em sua fase político-panfletária, no início do século XIX, esse gênero não tinha nomeação nem localização definidas, o que dificultava o seu reconhecimento no corpo do jornal. Com a tendência telegráfico-informativa do jornalismo, o editorial passou a ocupar um lugar específico na página e, ao invés de várias nomeações para um só texto, hoje há a utilização desse rótulo para textos com diferentes nuances, a depender do suporte que o veicula. Para a análise dos mecanismos linguístico-discursivos, optou-se pela utilização do programa computacional VARBRUL (LABOV, 1972), a fim de evidenciarmos a frequência dos seguintes aspectos: sequência textual, construção gramatical do sujeito, estratégias de referência, natureza semântica dos substantivos, natureza semântica dos adjetivos, tempo/modo verbal, marcas de pressuposição e marcadores discursivos. Os resultados indicam que foi superada uma fase de insultos e ofensas no século XIX e estabelecida uma fase de camuflagem da argumentação no século XX. Dessa forma, alguns aspectos linguístico-discursivos – como o uso de sujeitos na 1ª pessoa, adjetivos avaliativos e expressões avaliativas como mecanismo de referência – comuns nas cartas de redatores do século XIX se tornaram menos usuais ao longo do século XX. Por outro lado, outros recursos – como o uso de adjetivos descritivos, expressões descritivas como mecanismo de referência e o uso de modalizadores do discurso – se tornaram mais frequentes no decorrer desses séculos. Na comparação entre os *corpora* analisados, evidenciou-se a confirmação de que os editoriais passaram por transformações linguísticas, organizacionais e funcionais, de acordo com as configurações históricas, ideológicas, sociais e culturais do país ao longo dos séculos XIX e XX, o que gerou modificações em sua constituição, mas manteve a finalidade comunicativa. Constatou-se também que, na fase inicial da imprensa, antes mesmo de possuir uma nomeação fixa e de adquirir autonomia entre as outras tradições discursivas por meio de uma demarcação mais nítida entre informação e opinião, os editoriais circulavam plenamente nos panfletos e jornais da época e preservaram a identidade que reconhecemos nos periódicos contemporâneos. Houve, ainda, a confirmação de que a intenção comunicativa do editorialista/jornal na produção de um texto deve ser levada em conta, já que, a depender do público-alvo (que se modificou ao longo do tempo), a posição político-social assumida por um jornal pode mudar. Por fim, verificou-se que, na historicidade da língua e do editorial, há itens que apresentam maior tendência para a mudança e outros para a permanência. Tudo indica que o cerne argumentativo e a finalidade comunicativa revelam-se como os traços essenciais para a identificação desse texto, em virtude da recorrência ao longo do percurso histórico do editorial.

2 • Análise de documentos portuários sob a ótica da linguística sistêmico-funcional

Alessandra Cristina Bittencourt Alcântara (CEFET/RJ)

O ensino de inglês em uma escola técnica é voltado para atender às necessidades dos alunos e do curso. Atuando como professora de inglês para fins específicos no CEFET Uned Itaguaí, deparei-me com a dificuldade de análise de material didático para o Curso Pós-Médio Técnico de Portos. Em vista disto, este estudo propõe-se a investigar como o documento portuário, *NOR*, *Notice of Readiness*, ou ainda, *Aviso de Prontidão*, material importante para o curso de Portos, se estrutura em estágios para transmitir significados. Observa-se que o documento

NOR é fundamental na operação portuária, pois tem como objetivo fornecer as informações de tempo suficiente para o carregamento ou descarregamento de mercadorias. Ele é emitido pelo comandante do navio para o agente marítimo, embarcador ou afretador e sua entrega e aceitação é um dos eventos que causa atraso e, conseqüentemente, gera multa à agência marítima contratada. Além disso, ele deve ser entregue em conformidade com o que é especificado anteriormente no *Charter Party*, documento que fornece todas as informações sobre a rota do navio, como datas, horários e locais de carregamento e descarregamento. No desenvolvimento da pesquisa, são utilizados os pressupostos da Linguística Sistemico-funcional, que tem a função e a semântica como base da linguagem e da atividade comunicativa, sendo a língua influenciada pelo contexto social. Dessa forma, primeiramente, traça-se uma visão do conceito de gênero a partir de uma visão sistemicista: o gênero é visto como uma atividade direcionada por objetivos e propósitos, realizada em estágios e na qual os falantes são engajados como membros da nossa cultura (Martin, 1992). Segundo Hasan (1989), a configuração textual se dá através das variáveis de registro localizadas no contexto situacional: o campo, a relação e o modo, que possibilitam perceber os elementos obrigatórios e os elementos opcionais que compõem a estrutura potencial de um gênero, assim como verificar seus traços estruturais, lexicais, gramaticais e semânticos. Para a autora, o gênero pode ser reconhecido pelo significado atribuído a ele, ou seja, o gênero é social, pois o usuário infere os significados dos textos que são retirados do meio social e cultural no qual estão inseridos. Em um segundo momento, foram pesquisados exemplares do documento *NOR*. Para tanto, constituiu-se um corpus de 10 exemplares do documento, coletados em fevereiro e maio de 2012 junto à empresa Sepetiba Tecon, que é o terminal de contêineres do grupo CSN, Companhia Siderúrgica Nacional, localizada no Porto de Itaguaí. A análise dos documentos é de base qualitativa e busca identificar os estágios obrigatórios e opcionais a partir das marcas lexicais no texto, mapeando suas funções, conforme a proposta de Hasan (1989). Os resultados preliminares dos 10 documentos analisados sugerem que há 3 estágios obrigatórios, ou seja, o documento *NOR* possui 3 estágios que ocorreram em todos os exemplares pesquisados e são determinantes para caracterizar o gênero. Em suma, a análise dos *NORs* possibilitou caracterizar tal documento como gênero, identificar sua composição em estágios, definir sua Estrutura Genérica Potencial verificando seus estágios obrigatórios, opcionais e recursivos.

3 • A Narrativa nos quadros dos grandes métodos de investigação e suas análises possíveis.

Michael Luiz de Freitas (UERJ)

O presente trabalho visa analisar as narrativas contadas pela comunidade *gay*, em especial, as histórias de indivíduos do sexo masculino que assumiram sua homossexualidade. Para tal, este trabalho se atém a dois estudos importantes sobre a estruturação da narrativa, a saber: Labov e Waletzky (1967) e Hoey (1983), a fim de configurar tal produção textual nos grandes quadros dos métodos de investigação. O enfoque em trabalhar com narrativas deve-se, primeiramente, pela sua onipresença em nossas vidas. Segundo Barthes (2009, p.19), inúmeras são as aparições da narrativa em diversos tipos de gêneros textuais. Desde criança, ao ouvir histórias à hora de dormir, ao assistir tv, ao ler histórias em quadrinhos, textos de ficção, anedotas, publicidade e até parábolas religiosas, o ato de narrar nos acompanha por toda vida. Seu estudo estende-se às produções textuais diversas, realizadas ao longo das atividades humanas, sejam escritas, orais ou visuais. Essa forma de comunicação demonstra como os seres humanos são capazes de transferir suas experiências por meio das narrativas de várias maneiras. Além disso, segundo Mungioli (2009, p.49), narrar é uma capacidade subjacente ao ser humano e, para alguns estudiosos, configura-se como o próprio fator da humanização de nossa espécie. Isso significa dizer que a narrativa está diretamente relacionada à constituição identitária de um grupo. O gênero textual em análise é o Depoimento, especificamente sobre a temática assumir a identidade sexual *gay*, originado do inglês como *Coming Out Story*. De acordo com King & Summer (2004, p. 279), depoimentos dessa natureza representam um marco importante na história pessoal dos homossexuais. Eles são considerados como uma memória pessoal significativa desse grupo, assumindo sua emergente identidade sexual em forma de narrativa. Segundo Balocco (2005:77), a *coming out story* se assemelha à “autobiografia”, por conter uma identidade entre o narrador, autor e personagem. Visando analisar as histórias dos homossexuais em questão, considerou-se a Entrevista Narrativa como o instrumento metodológico mais apropriado para elicitación de narrativas. De acordo com Flick (2009), o princípio básico desse método é solicitar ao informante que apresente, na forma de uma narrativa improvisada, a história de uma área de interesse da qual o entrevistado tenha participado. Geralmente, uma Entrevista Narrativa é iniciada com uma “pergunta gerativa de narrativa” (RIEMANN e

SCHUTZE, 1987, p.353). Tal pergunta é formulada de acordo com o tópico de estudo e tem por finalidade estimular a narrativa principal do entrevistado. Por se tratar de um trabalho pertencente ao item metodologia da dissertação que ainda está sendo desenvolvida, uma pequena amostragem dos dados obtidos a partir de 2 (duas) narrativas é mostrado para melhor ilustrar as articulações entre teorias e práticas para aqueles que pretendem lançar mão de Narrativa como método científico. O estudo maior que engloba a Narrativa como método de investigação objetiva verificar como os homossexuais do sexo masculino estruturam suas histórias do “sair do armário”, isto é, assumir sua identidade sexual gay e de que forma tais sujeitos se posicionam em relação a tal experiência - em termos de Afeto, Julgamento e Apreciação – a partir subsistema Atitude de Martin e White (2005).

4 • *Aqui X Lá*: Posicionamentos identitários em pequenas histórias contadas por adolescentes de uma ONG carioca

Cinara Monteiro Cortez (PUC-Rio / CNPq)

O presente trabalho está inserido no âmbito da sociolinguística interacional em interface com os estudos de narrativas e compreende uma visão de narrativas como práticas, para além da noção de texto ou estrutura. Isto significa dizer que, de uma forma geral, a linguagem é vista como *práxis* - como uma forma de vida, um conjunto de práticas (Wittgenstein, 1999). Neste sentido, as narrativas são lances nos jogos de linguagem em que estamos imersos. Como práticas, as narrativas não “querem dizer algo” ou representar algo, isto é, elas não apontam para nada fora da linguagem, pois não existe tal lugar. O foco deste estudo é discutir como as narrativas, em especial as “pequenas histórias” (Bamberg, 2004, 2006, 2007, 2008, 2011a, 2012; Georgakopoulou, 2005, 2007a, 2007b; Georgakopoulou e Bamberg, 2008), podem ser lugares de construção de identidades, permitindo que os narradores naveguem no espaço narrativo posicionando-se tantas vezes quanto necessárias enquanto contam suas histórias. Desta forma, os objetivos consistem em: (i) identificar as “pequenas histórias” nos fragmentos selecionados; (ii) discutir, dentro de uma visão de linguagem como *práxis*, como reconhecemos uma *forma narrativa* nas histórias selecionadas; e (iii) discutir as construções identitárias a partir de uma noção de elementos dêiticos como dispositivos de posicionamentos de identidades situadas nas histórias selecionadas. Os dados foram gerados a partir de uma entrevista informal realizada com adolescentes que frequentam a ONG Associação Cultural Lata Doida e foram transcritos de acordo com orientações da Análise da Conversa (Atkinson and Heritage, 1984). A Associação Cultural Lata Doida é uma organização não-governamental que trabalha com reciclagem de material descartado para a confecção de instrumentos musicais, artesanato, e conscientização ambiental e cidadã. A ONG está situada em uma área de baixa renda em Realengo, Zona Oeste do Rio de Janeiro. As crianças e adolescentes que frequentam a ONG podem participar de diferentes projetos: aulas de artesanato, construção de instrumentos musicais, aulas de música, entre outros. A gravação foi realizada durante um dos ensaios em abril de 2012 e contou com a filmagem em HD do ensaio, seguida de uma entrevista informal. Essa entrevista foi gravada em quatro vídeos que contam com diferentes tempos de gravação. O vídeo usado para este estudo conta com o total de 6 minutos e 25 segundos de gravação. Foi possível observar que as “pequenas histórias” não possuem estruturas convencionais e fixas, mas conservam uma *forma narrativa* que remete à narração de eventos/ideias organizadas por uma relação espaço-temporal que traz o evento narrado para o aqui-e-agora da interação. Observou-se, também, que a coconstrução ocorreu em todas as “pequenas histórias”, com maior ou menor fragmentação e participação de outros narradores. Em relação ao trabalho de identidades, nas histórias contadas, os elementos dêiticos *aqui* e *lá* funcionaram como *dispositivos de posicionamento* para as identidades. Desta forma, as identidades emergem como posicionamentos e não como entidades fixas nas histórias. Como posicionamentos, as identidades podem navegar no espaço narrativo auxiliadas pelos locativos que as ancoram provisoriamente em diferentes posições, mas que ao mesmo tempo permitem mobilidade. É possível dizer também que o próprio contexto de geração dos dados é responsável na coconstrução das histórias contadas. Contexto, discurso e participantes estão interligados, influenciando-se mutuamente e dinamicamente. Logo, contar histórias foi um dos lances no jogo de linguagem que o contexto propiciou e como parte do jogo de linguagem em que se inserem, as histórias não querem dizer nada além daquilo que elas já realizam durante a interação.

5 • De aluno a professor: o caráter múltiplo e híbrido das identidades sociais

Claudia Almada Gavina da Cruz (PUC-Rio)

O presente trabalho visa a investigar a construção identitária de um professor, aqui chamado Léo, que é ex-aluno da escola onde leciona atualmente, de modo a compreender de que maneira sua experiência no passado como aluno da instituição se articula com seu fazer profissional atual. Minha investigação será norteadas pelas seguintes perguntas de pesquisa: a) como as identidades de professor e aluno se relacionam? b) quais os parâmetros que orientam as performances identitárias de Léo como aluno e como professor? A sociolinguística contemporânea tem como uma de suas preocupações o estudo de “como os indivíduos e os grupos sociais se definem na e por meio da linguagem” (COUPLAND e JAWORSKY, 1997). Percebemos, assim, que o estudo das identidades sociais é relevante para a área. Além disso, tal tema me interessa particularmente porque sou colega de trabalho do professor ora investigado e tenho a sensação de que existe em nossa escola uma grande narrativa sobre o que significa ser membro dela. Ao analisar a construção identitária desse professor, provavelmente, irei me deparar com parâmetros que irão sinalizar a existência dessa grande narrativa. Quanto aos aspectos teórico-metodológicos que sustentam minha investigação, oriento-me pelo paradigma interpretativista de pesquisa que preconiza a não existência de uma realidade a ser revelada pelo pesquisador. Opero, aqui, com a noção de que as pessoas se localizam numa socio-história e colaboram para a construção de uma situação sobre a qual o investigador lançará um olhar que não se pretende único e definitivo. No caso aqui investigado, observarei, ao mesmo tempo, como o professor Léo se articula em relação ao contexto pesquisado, a mim, aos personagens que aparecem em suas histórias e a um grande discurso sobre ser membro da instituição em que trabalhamos. Como desdobramento da perspectiva de que a realidade é socioconstruída via discurso, a noção de identidade social aqui enfocada é resultado de um processo de interação entre pessoas, instituições e práticas e relaciona-se à noção de *performance* que emerge via discurso. Assim, existe aqui a percepção de que nos tornamos quem somos nas histórias que contamos, o que nos conduz ao estudo das narrativas como importante instrumento para a compreensão de como nossas identidades se organizam. Visto que as *performances* identitárias se revelam nas narrativas nas quais posicionamos a nós e aos outros, optei por usar o construto de posicionamento (VAN LANGENHOVE e HARRÉ, 1999; BAMBERG, 1999, 2002 entre outros) como ferramenta teórico-metodológica para a análise da construção identitária de Léo. Segundo Van Langenhove e Harré, (1999, p.15), “dentro das conversas os atos sociais e os ícones sociais são gerados e reproduzidos”. Os dados dessa investigação foram gerados numa entrevista qualitativa com um professor de matemática – a quem chamarei Léo - de uma escola federal de ensino situada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, onde trabalhamos juntos há, aproximadamente, oito anos. Na análise, os dados transcritos foram organizados em cinco temas que pontuaram o discurso de Léo. A análise dos dados sugere o caráter de multiplicidade e hibridismo das identidades sociais, pois não foi possível distinguir quem era o Léo aluno e quem era o Léo professor. O que observei foi a existência de uma ponte entre o passado e o presente pela qual Léo transita. Fica assim evidenciado o caráter múltiplo das identidades sociais (MOITA LOPES, 2002) que se desdobram no discurso em função do encontro social. Assim, Léo é simultaneamente aluno e professor, desempenhando mais evidentemente uma ou outra *performance* discursiva em função de sua audiência e dos seus objetivos de se constituir dessa ou daquela maneira junto a sua audiência.

Sessão 12: ESTUDOS ENUNCIATIVOS: IDENTIDADES, GÊNERO E EDUCAÇÃO

Coordenação: Luciana Maria Almeida de Freitas (UFF)

1 • A identidade do brasileiro nos LDs de língua espanhola

Bruna Maria Silva Silvério (UFF/CNPQ)

A pesquisa propõe-se a analisar como se estabelece a visão do brasileiro nos livros didáticos, em diferentes épocas de ensino de língua espanhola, utilizando como *corpus* três coleções de LDs destinados ao Ensino Fundamental: *Vamos a hablar* (JIMÉNEZ e CÁCERES, 1990), *Arriba* (CALLEGARI e RINALDI, 2004) e *Saludos* (MARTIN, 2010). A coleção mais atual, *Saludos* (MARTIN, 2010), foi um dos livros aprovados pelo PNLD de 2011, ano em que foi inserido o componente curricular Língua Estrangeira Moderna. Embora tenha sido lançada anteriormente, a coleção foi reformulada para participar da seleção do Programa Nacional do Livro Didático –PNLD 2011 e será essa a edição analisada. A partir disso, a pesquisa tem o objetivo de identificar questões identitárias em textos e atividades dos livros didáticos selecionados, além de verificar se os LDs abordam a identidade brasileira de forma estereotipada ou preconceituosa e observar se o tratamento do tema modifica-se de uma época a outra, a partir dos LDs. Para isso, é importante levar em conta a questão de identidade e diferença, abordada por Hall (2009) e Silva (2000). Entendendo-se que a identidade está intimamente relacionada à diferença, pois uma já pressupõe outra, o sujeito, ao reconhecer a sua identidade, reconhecerá também o outro. A identidade “brasileiro”, por exemplo, como deixa bem claro Silva (2000), pressupõe um referente antagônico a ela. Além disso, é importante ressaltar que a identidade nacional pode pautar-se sob diversos princípios: sociais, políticos, geográficos, etnográficos, para citar alguns. Em seu livro *Identidade e Diferença* (2011), Silva afirma que a identidade e, conseqüentemente, a diferença devem integrar o currículo pedagógico, já que o encontro com o outro (incluindo o espaço social da escola) é inevitável. No espaço heterogêneo em que vive, principalmente quando se trata de um país plural como o Brasil, o aluno deve ser capaz não só de entender essa diversidade como um produto, como aquilo que existe e que devemos apenas entender e respeitar. O pesquisa também se baseia nos estudos acerca do ensino e língua, identidade e cultura como os realizados por Coracini (2007) e Paraquett (2010) e leva em conta a questão do dialogismo de Bakhtin (2003). A análise se baseará em observar como é abordada a figura do brasileiro nos textos e atividades. Será tomado como referência o que sugerem os PCNs em relação ao tratamento do tema do pluriculturalismos e também aos principais autores que abordam o tema de cultura, identidade e ensino, como já foi citado anteriormente. Dessa forma, se observará como os textos e as atividades relacionadas a eles nos LDs em questão abordam a identidade nacional e, por conseguinte, se, principalmente, estão de acordo com o que propõem os autores que tratam identidade e ensino. A partir disso, pretende-se também observar se os livros tratam a identidade de uma forma enriquecedora, isto é, se de fato apontam para os aspectos relevantes de uma cultura nacional, sem uma abordagem baseada em estereótipos e preconceitos. Como se trata de um projeto de dissertação ainda em fase inicial, os resultados apresentados serão preliminares.

2 • Livros Didáticos de Espanhol: Gênero, Sexualidade e Família

Liliane Maria Novaes Pereira da Silva (Agência financiadora CAPES)

O Projeto Escola Sem Homofobia foi vetado pela presidente Dilma Roussef através da proibição de haver defesa de políticas sexuais de “A, B, C ou D”, por não querer a abordagem de temas relacionados a “opções sexuais” em órgãos do governo. Apesar de não ter analisado o conteúdo completo do material, resolveu que seria adequado não tocar no assunto dentro da escola. A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros (ABGLT) elaborou o material para o MEC, com respaldo da Organização das Nações Unidas Para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com o intuito de combater a homofobia entre alunos do ensino médio. Porém, houve uma grande pressão da parte conservadora da sociedade para que esta política fosse vetada. A partir dessa polêmica, se busca apresentar um projeto de pesquisa, de cunho discursivo, acerca dos livros didáticos de língua espanhola aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2012, com o intuito de observar como as políticas sexuais e estruturas a partir delas se fazem presentes na formação do aluno-cidadão. Propõe-se observar e analisar os fragmentos que enfoquem questões relativas à sexualidade, à identidade da mulher na sociedade, ao lugar

ocupado pelo homem e aos modelos de famílias que aparecem (ou são silenciados) em tais coleções didáticas. O PNLD proporciona materiais aos alunos das escolas públicas de todo o país com o intuito de subsidiar o trabalho do professor. Esse livro didático (LD) acompanhará o processo de aprendizagem, portanto, seu conteúdo tem importância fundamental na formação do cidadão. O gênero e a sexualidade têm sido usados como ferramenta para impor padrões determinando a estrutura de nossa sociedade (BOURDIEU, 2011). Assim, um olhar mais atento na forma como nos estruturamos poderá revelar pistas de como as desigualdades sociais são construídas desde a raiz, pois as identidades elaboraram o nosso sistema, e somente ela poderá modificá-lo. Vivemos hoje uma crise identitária (HALL, 2006) que clama pela equidade independente dos padrões sociais. Essas novas maneiras de ser sujeito abrem margem para a desnaturalização de formas preestabelecidas, assim a realidade de monstruosos abismos sociais, exclusões e injustiças já não poderão ser vistos como ocorrências aleatórias e sim consequências da atitude de cada um para com o outro, responsabilidade de todos e passíveis de mudanças. Os estudos de Linguística Aplicada hoje apontam para a importância de um ensino multidisciplinar que esteja envolvido com questões de importância social (MOITA LOPES, 2008). Há estudos recentes que revelam a necessidade de se abordar temas políticos e transversais, incluindo gênero e sexualidade com os estudantes em formação (MOITA LOPES, 2008; PENNYCOOK, 2008; LOURO 2011). Uma hipótese levantada a partir das leituras mencionadas anteriormente é que a noção de identidade se construiria através das vivências e do meio social. Portanto, seria importante que desde cedo se tivesse conhecimento sobre as diversidades possíveis em nosso meio para que o respeito se naturalizasse e permitisse uma convivência pacífica em nosso país. Por isso, espera-se, através das análises, novas reflexões de como pensar a questão da inclusão na escola pública brasileira. Para esta pesquisa, propõe-se um marco teórico que alie as concepções da Análise do Discurso francesa de base enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 1998; MAINGUENEAU, 1987) e conceitos dialógicos de BAKHTIN (1997) aliados à sociologia (BOURDIEU, 2011) e a estudos culturais (HALL, 2012; LOURO, 2011).

3 • Que homem queremos? Mídia, fiador e incorporação na construção de um etos masculino contemporâneo

Elir Ferrari de Freitas (UERJ / UFF)

Os movimentos de emancipação das minorias, como os de afirmação do negro, o feminista e o homossexual colocaram em xeque a hegemonia da dominação masculina (BOURDIEU, 2005). Apesar de hoje ser possível convivermos com imagens na mídia que representam essas minorias de maneira mais adequada, há ainda uma grande gama de representações que buscam fortalecer a imagem pré-movimentos, um espaço onde a hegemonia masculina era dominante e simbolicamente violenta (*Idem*). Este estudo compreende a análise de três comerciais veiculados na televisão brasileira – um de TV por assinatura, um de cerveja e um de telefonia celular – com o intuito de investigar os modos como a mídia utiliza os recursos discursivos na manutenção ou mesmo na recriação da hegemonia masculina. Para tanto, buscaremos em Foucault o apoio para a macroestrutura das representações, isto é, no seu aspecto histórico e nas suas relações com outros discursos, e estaremos com os olhos voltados para as formações discursivas (FOUCAULT, 2002) e para os dispositivos (DELEUZE, 1990), a fim de entendermos o que possibilita a existência de determinados enunciados e de que forma esses enunciados se agrupam em função de um dispositivo que dará mais ou menos visibilidade ao objeto e/ou ao sujeito em uma situação discursiva. Já na microestrutura das representações, isto é, na análise do *corpus* em si, do material discursivo apresentado nos comerciais, é Maingueneau quem nos conduzirá. As cenografias (MAINGUENEAU, 2005; 2001) dos comerciais parecem nos apresentar contradições com o atual *cenário* pós-movimento feminista, além de constituírem um fiador (*Idem*) enfraquecido, porque frágil. Porém, cenografia e fiador aí estão em conformidade com um tipo de hegemonia masculina que vem sendo combatida por sua violência simbólica contra a mulher, o negro e o homossexual. É aí que se encontra o eixo de nosso estudo: a imagem do homem nos comerciais é construída a partir de sua oposição à imagem da mulher e estariam em dissonância com a doxa contemporânea. Os comerciais emanam enunciados que, para usarmos um termo de Lago (2008), *inputam* um determinado etos ao homem e outro, quiçá oposto, à mulher, acabando por reafirmar os comportamentos e as relações sociais pré-movimento feminista. Imaturidade ou debilidade são duas qualidades que se tornam visíveis nas representações discursivas do homem nos comerciais. Segundo Maingueneau (2005), os discursos são incorporados quando, através de um fiador que surge da corporalidade enunciativa, os coenunciadores aderem a uma mesma comunidade imaginária, compartilham um mesmo discurso. Assim, podemos afirmar

que o discurso feminista não foi totalmente incorporado, assim como o da força negra. O movimento homossexual atualmente ainda tenta conquistar seus direitos civis. No caso dos comerciais analisados, a representação do homem e da mulher segue uma linha já refutada pelos movimentos, mas que persiste nos dias de hoje, o que aponta para a resistência na mudança das práticas sociais e discursivas. Os objetivos de nosso estudo, portanto, é fazer um inventário das continuidades e descontinuidades (FOUCAULT, 2002) nos discursos face ao paradoxo movimentos de emancipação das minorias x resistência da dominação masculina, a fim de trazeremos a discussão para o campo das visibilidades e possibilitar um debate maior sobre o etos masculino contemporâneo no Brasil.

4 • Análise discursiva das identidades femininas presentes nas tirinhas da Mafalda e o Movimento Feminista

Larissa Zanetti Antas (bolsista REUNI)

Esta comunicação tem como tema refletir sobre a (re) construção da identidade feminina, a partir do dialogismo de Bakhtin (2003) e da análise do discurso de base enunciativa de Maingueneau (2004). Para tanto, foi utilizado como corpus as tirinhas da Mafalda, personagem criada pelo cartunista argentino Quino entre 1964 a 1973. O objetivo principal desta pesquisa é analisar discursivamente tais tiras selecionadas a fim de refletir sobre a transição do papel feminino na sociedade, para então, pensar e contextualizar historicamente sobre as questões de gênero/identidade. Parte-se do princípio de que a construção da identidade feminina encontra-se entrelaçada a acontecimentos históricos importantes (Louro, 1997), sendo assim, busca-se uma reflexão sobre as mudanças ocorridas a partir do *boom* do feminismo para então pensar sobre a identidade social da mulher. Além de questionar como se deu/dá a construção da identidade da mulher, a pesquisa visa também perpassar por temas como a opressão e a educação. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, a violência contra a mulher é um dos maiores problemas de saúde pública e de violação dos direitos humanos. Este é um dos dados que justificam a relevância acadêmica do assunto e de sua abordagem no ensino, já que parte-se do princípio de que é necessário *politicizar o ato de pesquisar e pensar alternativas para a vida social* (Moita Lopes, 2010). Além disso, este é um dos Temas Transversais previstos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). Para embasar teoricamente esta pesquisa, lança-se mão de questões relativas à identidade da mulher no contexto familiar e social e da construção das relações de gênero em um contexto histórico (Guacira, 1997; Nigro, 2010; Siqueira, 2008). Além disso, para desenvolver este estudo com base em perspectivas discursivo/enunciativas, partiu-se do pressuposto de que a linguagem e o mundo social estão imbricados, de que todo texto dialoga com outros e de que os enunciados organizam-se em gêneros discursivos (Bakhtin, 2011). Entende-se que todo discurso é uma forma de ação sobre o outro, não sendo, portanto, apenas uma representação do mundo (Maingueneau, 2011). A partir do tema e dos objetivos, e da escolha dos principais teóricos que seriam utilizados, o que se procurou fazer foi buscar todas as tirinhas da Mafalda que giravam em torno deste assunto. Sendo assim, o livro *Toda Mafalda* foi escolhido para o levantamento do corpus, onde foi encontrado um total de 73 tirinhas. A partir disso, efetuou-se uma primeira seleção, na qual se procurou fazer a divisão destas em três grandes temas: *ser dona de casa*, *ser mãe/esposa x estudo* e *ser mulher* (futilidades). A partir desta seleção, outra acontecerá para restringir o corpus, para que depois possa ser feita a análise discursiva das tiras selecionadas, para depois concluir a pesquisa. Trata-se de um projeto de dissertação em Linguística Aplicada ainda em desenvolvimento, em fase da seleção do *corpus*. Acredita-se na linguagem como prática social e de que é necessário tratar de temas de relevância social que sejam capazes de trazer respostas teóricas que forneçam ganhos a práticas sociais e aos sujeitos, no sentido de melhor qualidade de vida (Rojo, 2010).

5 • Instrução de nobreza para todos: uma análise discursiva da livre educação de Erasmo de Rotterdam

Thiago da Silva Pinheiro & Orient.: Prof.a Dra. Luciana M. A. de Freitas (UFF)

Este trabalho visa a apresentar um projeto de mestrado em desenvolvimento. Está situado no âmbito da Análise do Discurso de base enunciativa (Maingueneau, 2002; 2011) e nas ideias sobre dialogismo da linguagem do círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2006; Voloschinov, 2009).

Enfoca a educação das crianças segundo os preceitos humanistas de Erasmo de Rotterdam. O *corpus* deste trabalho, livro publicado em 1529 e dedicado ao ilustre Príncipe *Guilhelmus*, é intitulado *De pueris statim ac liberaliter instituendis* (Sobre a instituição das crianças imediata e liberalmente). Foi escrita no contexto Renascentista/Humanista Europeu e quer considerar a educação de todas as crianças e adolescentes igual à dada aos filhos da nobreza. O recorte do opúsculo está na relação entre pai, mãe, educadores e crianças e adolescentes que, desde pequenos, com pouco tempo de vida ou não, precisam ser educados com os - melhores, segundo o humanista - preceitos de moral e virtude para se tornarem pessoas bem-sucedidas em um futuro próximo. Cada uma dessas pessoas envolvidas no ato de educar tem uma função bastante específica. O princípio da instituição das crianças e dos adolescentes é a antecipação em relação ao tempo no ensino e utiliza dados encontrados na natureza para dar credibilidade aos seus argumentos. Crê serem as crianças iguais desde a antiguidade e as mesmas no modo de aprender. O autor, então, recorre frequentemente aos pensadores clássicos para justificar suas afirmações. Analisar a imagem discursiva de cada um desses sujeitos, identificar a relação que é construída entre a sociedade e a figura paterna, a materna e a educacional e como se constrói a imagem desses sujeitos são questões aqui propostas. Em suma: como Erasmo constrói essas imagens, ou ainda, o que é ser pai, mãe ou educador no pensamento humanista do autor são os nossos principais focos neste momento. Além disso, busca-se analisar o texto a partir do conceito de *ethos* discursivo, que é entendido segundo a perspectiva de Maingueneau (2002, 2011). Conforme o teórico afirma (2002, p. 97), o enunciador deve legitimar seu dizer: em seu discurso, ele se atribui uma posição institucional e marca sua relação a um saber. (...) o *ethos* assim definido se desenvolve em relação à noção de cena de enunciação. Cada gênero de discurso comporta uma distribuição pré-estabelecida de papéis que determina em parte a imagem de si do locutor, (...) escolher mais ou menos sua 'cenografia' ou cenário familiar que lhe dita sua postura. (...) A imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos, um arsenal de representações coletivas que determinam, parcialmente, a apresentação de si e sua eficácia em uma determinada cultura" (Charaudeau; Maingueneau, 2004, p. 220s). O texto também será abordado a partir do conceito de leis do discurso (MAINGUENEAU, 2002, 2011; DUCROT, 1987), pois "todo ato de linguagem se desenvolve em um 'quadro jurídico e psicológico imposto'. (...) Tais leis são necessárias na medida em que o locutor 'não tem o direito de dar' certas informações, em virtude do princípio de polidez ou do desejo de evitar que o conteúdo seja contraditório" (Ducrot, 1972, p. 8, 11). O que se pode observar em um primeiro momento desta investigação é que percebemos funções sociais bastante distintas das que encontramos hoje: pais e educadores têm papéis invertidos e a instrução das crianças está pautada em realidades que não se aplicam a qualquer esfera social. Surge, então, um questionamento: se não se pode aplicar o mesmo papel a pais e educadores em nossa sociedade após somente 500 anos, como poderíamos fundar uma pedagogia em preceitos que foram considerados pelo autor do livro imutáveis ao longo de XVI séculos?

Sessão 13: ESTUDOS ENUNCIATIVOS: MÍDIA E POLÍTICA

Coordenação: Décio Rocha (UERJ)

1 • Um perfil de leitor “expresso” por manchetes de jornal: uma análise discursiva

Rodrigo da Silva Campos (UERJ)

Nossa comunicação pretende apresentar parte de pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras (área de concentração: Linguística) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e filia-se à Análise do Discurso (doravante AD) de viés enunciativo. A referida pesquisa possui como *corpus* os jornais *Meia-Hora de Notícias* e *Expresso da Informação* (ambos veiculados na cidade do Rio de Janeiro) e tem como objetivo verificar de que maneira se constrói a imagem do leitor presumido dos jornais em questão, a partir da análise de suas manchetes. Conforme dito anteriormente, tal análise é feita sob a ótica da AD de base enunciativa, que ao pensar a enunciação como um modo de construção de sentidos, que não estão prontos antes da própria enunciação e que, ao contrário, esta possibilita que o sentido apareça nela e por ela (na enunciação e pela enunciação), opõe-se necessariamente a uma visão de língua que consistiria em entendê-la como “um simples suporte para a transmissão de informações, em lugar de considerá-la como o que permite construir e modificar as relações entre os interlocutores, seus enunciados e seus referentes (MAINGUENEAU, 1997)”. Numa perspectiva discursiva, interessa-nos depreender nos enunciados os quais estamos analisando as posições discursivas dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo, isto é, interessa-nos a relação entre o enunciator-jornalista e o coenunciador-leitor e os sentidos que se constroem por meio dessa interação que se dá nas manchetes dos referidos periódicos. Também serão considerados em nosso trabalho os conceitos de gênero de discurso (BAKHTIN, 2003) e de tema (BAKHTIN, 1992), que segundo uma visão bakhtiniana do termo, difere-se de assunto. Tais conceitos são relevantes pelo fato de que consideraremos a manchete como um gênero de discurso que permite a circulação de diferentes temas, a partir dos quais emergirão diferentes sentidos. Ao longo dos anos de 2010 e 2011, foram coletados exemplares dos dois jornais e esses foram devidamente arquivados. No momento, estamos no processo de recorte do *corpus* que já tínhamos a fim de que possamos chegar ao *corpus* final. Paralelamente, estamos realizando análises dos enunciados de alguns jornais e a proposta de nossa comunicação consiste em apresentar nossa pesquisa, contextualizando-a ainda que minimamente e compartilhar com a comunidade científica o que temos encontrado nas análises que estamos empreendendo no que tange a construção de uma imagem de leitor na informação desses jornais, que se intitulam como popular (AMARAL, 2006). Com o presente trabalho, almejamos discutir os encaminhamentos de nossa pesquisa e fomentar uma reflexão sobre os possíveis desdobramentos da construção da imagem de leitor de jornais populares. Como a investigação ainda encontra-se em andamento, não chegamos a um resultado ou conclusão, mas possuímos a hipótese de que tais jornais possam estar formando leitores acrílicos por meio da comicidade que permeia as enunciações dos jornais os quais estamos analisando. Continuaremos a pesquisar a fim de se verificar se tal hipótese se mantém ou não.

2 • O lugar do Pecúlio sob uma abordagem linguística

Cyntia Ramos de Lima

O presente trabalho situa-se no campo dos estudos voltados para as relações entre a linguagem e o mundo de trabalho. Em consideração às várias possibilidades de abordagem para essas relações, escolhemos aprofundar-nos nos discursos produzidos sobre o pecúlio, uma espécie de seguro pago em parcela única aos beneficiários indicados por aquele que o mantém, no caso de pecúlio por morte, ou ao próprio mantenedor, em caso de pecúlio por invalidez. A proposta desta pesquisa é, sob o ponto de vista enunciativo, observar de que modo o pecúlio é apresentado nos documentos divulgados pela Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil – PREVI –, atualmente o maior fundo de pensão do Brasil e da América Latina. Para logarmos esse objetivo, optamos por analisar marcas discursivas contidas nos textos veiculados nas Revistas PREVI, publicadas bimestralmente pela Caixa de Previdência, com tiragem de 157.000 exemplares, atualmente destinados a todos os associados, pensionistas e demais beneficiários a ela vinculados por meio impresso e digital. Escolhemos esse material para análise por ser a forma de divulgação por excelência do trabalho desenvolvido e dos produtos oferecidos pelo Fundo de Pensão, inclusive

o pecúlio. Acreditamos que as revistas podem nos ajudar a identificar sentidos de pecúlio que apontem alguma pista para o fato de o produto, oferecido pela Instituição desde 1923 e historicamente valorizado como vantagem, ter sido tão pouco procurado pelo público-alvo a que se destina, funcionários do Banco do Brasil, entre 1998 e 2010 e, a partir de 2011, ter apresentado índice de adesão expressivo, sem que tenha passado por grandes alterações estruturais, como aumento de benefícios ou redução de preço. Como orientação teórico-metodológica, nos valeremos da Análise do discurso de base enunciativa que determina nossa compreensão da língua relacionada ao seu uso, como fenômeno social. A Análise do Discurso “não apreende nem a organização textual em si mesma, nem a situação de comunicação, mas procura associá-las intimamente.” (MAINGUENEAU, 2004, p.12). Outro conceito que nos servirá de base é o de gênero do discurso. Para Bakhtin (1992), a língua somente existe através da produção de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que a cada situação comunicativa nos vários contextos das atividades sociais adquirem a forma de um gênero do discurso específico. Do mesmo autor, ser-nos-ão úteis os conceitos de dialogismo e polifonia (Bakhtin, 1992). O primeiro diz respeito ao diálogo dos discursos uns com os outros, com os que já foram produzidos e com os que ainda serão produzidos, pois “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 1992, p.316); o segundo se refere a fenômeno que demonstra que o discurso, embora proferido por um sujeito, está constituído por várias vozes, que são trazidas ao enunciado de diversas formas. Este trabalho se encontra em fase inicial e pretende contribuir para os estudos referentes à análise de textos previdenciários, muito pouco explorados em nosso país.

3 • A pequena família: discurso de 12 de outubro de 1968, pela independência da Guiné Equatorial – uma abordagem discursiva

Beatriz Adriana Komavli de Sánchez (UERJ/UFF)

Este trabalho tem como objetivo analisar um documento histórico, o discurso oficial de 12 de outubro de 1968, pela independência da Guiné Equatorial, proferido por Dom Manuel Fraga Iribarne, na época ministro de Informações e Turismo, encarregado de Assuntos Exteriores da Espanha, porta-voz do ditador General Francisco Franco. Esse pronunciamento oficial, a princípio, não fará parte do *corpus* de nosso projeto de doutorado cujo título provisório é “Discursos oficiais pelo 12 de outubro: Dia da Raça, da Hispanidade ou Resistência Indígena?”, uma vez que não se ajustaria a um dos critérios de recorte que delimita discursos da Espanha, a ‘Mãe Pátria’, e de algumas das nações hispano-americanas. A data é festiva, comemorada na Espanha e vigora ainda no calendário de algumas nações americanas, mas teve muita força nas últimas décadas do século XIX e durante a primeira metade do XX. Essa força teve repercussões no âmbito das políticas linguísticas e pedagógicas. Os discursos oficiais pelo 12 de outubro respondem a circunstâncias históricas e políticas muito particulares que constituem suas condições de enunciabilidade, aquilo que pode ser dito num determinado momento histórico. Diversas conjunturas no marco internacional aceleraram a necessidade da Espanha reatar laços com as ex-colônias americanas, passando a ser consideradas ‘filhas’ sob um novo escopo de política externa, no intuito de recuperar um prestígio perdido. Consideramos o discurso apresentado como um achado durante nossa pesquisa historiográfica, achado não só no sentido de algo encontrado, resgatado da memória institucional mas também, e sobretudo, pela conotação de riqueza, uma vez que à força da data da ‘descoberta’ da América soma-se o fato muito curioso, peculiar, de ter sido escolhida pelas próprias autoridades guineanas daquele momento justamente para proclamar a independência dessa nação africana. O interesse é redobrado na medida em que a Guiné Equatorial é a única nação africana que tem como língua maioritária oficial o espanhol. Nosso marco teórico é a Análise do Discurso (AD) que se apoia nos estudos enunciativos e, portanto, considera e observa certas marcas linguísticas presentes nos enunciados, norteado também pela visão dialógica de BAKHTIN, 2000 e 2002. Nossa metodologia é qualitativa e as categorias de análise privilegiadas neste estudo serão as designações e o *ethos*. Tanto a reescritura do processo designativo assim como o *ethos* dizem respeito à posição discursiva do enunciador em função de seus interlocutores. Para atingir esse propósito escolhemos seguir as linhas teóricas traçadas por MAINGUENEAU, 2002 e 2008. De DAHER, 2000, resgatamos as considerações sobre o gênero pronunciamento oficial. Para melhor entender e contextualizar nossa aproximação ao processo de descolonização africana, recorreremos aos aportes de ANDERSON, 1983, obrigatórios para compreender o surgimento de uma nação. De FOUCAULT, 1969, e de PÊCHEUX, 1994, adoptamos a concepção de arquivo e para os estudos Hispanistas, os aportes de GLOZMAN, 2008, e de GONZÁLEZ, 2005. Aventuramo-nos a perfilar neste discurso pela independência da Guiné Equatorial, dividido em 10 tópicos, a existência de redes de filiações identitárias semelhantes àquelas observadas nos

discursos oficiais comemorativos pelo 12 de outubro entre a Mãe Pátria e as ex-colônias americanas, fundamentalmente no que diz respeito ao tratamento outorgado à língua espanhola, à religião cristã e aos valores morais, todos eles apresentados por uma instância subjetiva que se manifesta num tom de exaltação.

4 • Serra é do bem: a construção do etos de um candidato à presidência do Brasil em programas do Horário Gratuito Político Eleitoral.

Nathalia da Silva Pacheco (UFF)

A disputa eleitoral no Brasil é um momento de grande expectativa para todos os envolvidos, sejam eles candidatos, órgãos reguladores, eleitores, entre outros. Entre as práticas que compõe o processo eleitoral, deve-se destacar o período de campanha que antecede o sufrágio. Nesse período, os candidatos buscam, através de vários recursos, expor suas ideias, propostas, bem como fazer sua apresentação pessoal, a fim de que os eleitores tomem conhecimento das características políticas e individuais e, identificando-se com elas, concedam ao candidato o seu voto. As campanhas eleitorais contam atualmente com um sem fim de recursos, que passam desde as antigas caminhadas com eleitores até o uso da internet. A todo o tempo somos expostos a uma centena de textos, vídeos, imagens que atravessam o nosso cotidiano e nos fazem entrar em contato com diferentes rostos, que vão assumindo suas características pouco a pouco, a partir do contato mútuo entre ambas as partes – eleitores e candidatos - configurando assim corpos discursivos dotados de sentidos. É nítida uma preocupação cada vez maior entre os candidatos com a construção de sua imagem. No Brasil, pode-se dizer que essa preocupação aumenta ainda mais após as discussões em relação à aprovação da lei da ficha limpa, que se deu em junho de 2010, e que expõe os candidatos à apresentação de um histórico político e pessoal impecável. Assim, é possível observar que é cada vez mais latente a atenção com aquilo que é dito e mostrado, principalmente nos meios midiáticos, visto que esses são, atualmente, os maiores e mais eficientes meios de divulgação em massa. Pensando essas questões e seguindo a linha da Análise do Discurso de base enunciativa, o trabalho questiona como se dá a configuração da imagem discursiva de um candidato à presidência da República no Brasil, visto que esse é o mais elevado cargo político ocupado por um representante eleito diretamente pelo povo. Abordam-se na pesquisa dois conceitos estudados por Dominique Maingueneau ([1998] 2004, 2008, 2011): o conceito de etos e de cenografia. Pretende-se com o trabalho uma reflexão sobre a importância e as formas de construção desses dois conceitos na composição da imagem discursiva do candidato no gênero escolhido. Para compor o corpus de análise foram selecionados três programas do candidato à presidência da República em 2010, José Serra. Os motivos que justificam essa escolha não são arbitrários. Dentre todos os candidatos que disputaram as últimas eleições à presidência, observa-se que o político em questão além de possuir grande experiência em campanhas, era também àquele ocupava de maneira mais expressiva dois momentos distintos de campanha, posicionando-se ora como sucessor e ora como opositor. O trabalho pretende assim expor como se dá a configuração da imagem discursiva desse candidato, qual o jogo discursivo e as transformações na construção de uma imagem ora de opositor, ora de sucessor, que se materializa nos enunciados e é sustentada por cenografias. Assim também, busca-se compreender, na complexidade do gênero escolhido, como o que é dito se constrói e que outras dimensões, além da escrita, colaboram na composição dessa(s) imagem(s).

Sessão 14: LINGUÍSTICA COGNITIVA

Coordenação: Sandra Bernardo (UERJ)

1 • De advérbio a marcador discursivo: um estudo sociocognitivo do *mas*

Naira de Almeida Velozo (UFRJ)

Nesta comunicação, objetiva-se apresentar um estudo dos usos do conector *mas* em um *corpus* de mediação endoprocessual, à luz da Linguística Cognitiva, baseando-se, sobretudo, nos conceitos de *categorização* e *esquema imagético* e nos *princípios pragmáticos de ativação, reativação e desativação*. No Latim, o vocábulo *mas* (*magis*) pertencia à classe dos advérbios e era empregado para estabelecer comparações de quantidade e de qualidade ou valores secundários de inclusão (CASTILHO, 2010). De acordo com Ducrot (1981), o advérbio *magis* gramaticalizou-se na conjunção adversativa *mas*, pois uma comparação é um confronto argumentativo em que um termo é apresentado como mais importante do que o outro. Tal vocábulo opera, ainda, como um marcador discursivo, já que funciona como um início acessório de um turno conversacional. Segundo Perini (2001), a complexidade de análise dos elementos coordenadores, em especial do *mas*, deve-se ao fato de a coordenação se aproximar dos fenômenos discursivos, ou seja, a coordenação é menos dependente da estrutura interna das formas linguísticas e baseada em fatores semânticos e cognitivos em geral. Tendo em vista esse percurso histórico, investigam-se as bases sociocognitivas que fundamentam os usos do *mas* e a função argumentativa desse conector no *corpus* analisado, a partir de duas hipóteses gerais, a saber: (i) defende-se que os usos do conector *mas*, na interação estudada, são fundamentados por esquemas imagéticos de FORÇA, compreendidos como gestalts experienciais que emergem a partir da atividade sensório-motora, conforme se manipulam objetos, orienta-se espacial e temporalmente e se direciona o foco perceptual com diferentes propósitos (GIBBS e COLSTON, 1995, *apud* Almeida *et al.*, 2010, p.21), e (ii) acredita-se que as sentenças introduzidas por tal conector possam ser organizadas em uma rede semântica, formada a partir das noções de força estabelecidas no nível do dito e do não-dito (SWEETZER, 1995). A partir dessas hipóteses, objetiva-se: (i) apontar quais esquemas de FORÇA possibilitam os usos do conector na interação, com base no inventário formulado por Croft e Cruse (2004, p.45 na tradução de Ferrari, 2011, p.87), em que se observam os seguintes esquemas: EQUILÍBRIO, FORÇA CONTRÁRIA, COMPULSÃO, RESTRIÇÃO, HABILIDADE, BLOQUEIO e ATRAÇÃO; (ii) observar se os usos estudados baseiam-se em outro tipo de esquema, como o da TRAJETÓRIA; e (iii) verificar o propósito argumentativo das sentenças introduzidas por tal conector. Os resultados iniciais dessa pesquisa indicam que o conector *mas* mantém a noção de força no *corpus* analisado, seja atuando como um conector interfrástico seja funcionando como um marcador discursivo; porém, distancia-se da noção de oposição muitas vezes. Além disso, frequentemente, o uso do *mas* como um pré-começo introduz a retomada de um tópico discursivo, o que aponta para a ocorrência de uma combinação dos esquemas de FORÇA e TRAJETÓRIA. Verifica-se ainda que os usos de tal conector relacionam-se fortemente a um confronto ou a uma disputa de posição entre os participantes da interação quando fundamentados pelos esquemas de BLOQUEIO, FORÇA CONTRÁRIA e RESTRIÇÃO, e são estreitamente ligados a uma estratégia de manutenção da posição argumentativa do falante quando baseados nos esquemas de DESEQUILÍBRIO, HABILIDADE e COMPULSÃO. No atual estágio da pesquisa, observa-se se a relação estabelecida pelo conector ocorre em nível deôntico, epistêmico ou pragmático.

2 • O formativo *petro-* e o continuum morfológico

Rafael Rodrigues da Silva Cardoso (UFRJ)

O objetivo do presente trabalho é examinar o estatuto morfológico e o sentido do formativo *petro-* em português. O estudo se justifica, em primeiro lugar, pelo fato de *petro-* fazer parte da “mal-comportada” classe dos radicais eruditos. Em segundo lugar, em formações recentes como *petroquímica* (*a química que lida com o petróleo*), o formativo *petro-* atualiza um sentido diferente do de formas dicionarizadas como *petrologia* (o estudo da pedra e suas características). Enquanto em formas mais antigas *petro-* tem como conteúdo semântico “pedra”, nas novas o que é indicado é “petróleo”. Os exemplos mais recentes evidenciam que *petro-*, longe de ser um fóssil morfológico, está disponível na língua, ou seja, é sincronicamente produtivo no sentido de Lüdeling (2006). O *corpus* foi coletado nos dicionários Houaiss e Aurélio e

também com o auxílio da ferramenta de busca *Google*, pois muitas das formações mais recentes, que são o foco principal do nosso estudo, ainda não estão dicionarizadas, dentre elas: *petroguerra*, *petroemprego* e *petrodesenvolvimento*. Após uma breve explicação etimológica, mostrarei interpretações referentes à classe dos radicais eruditos, dentre as quais se destaca a de Cunha (1986). Para o autor, o motivo de sua existência é a necessidade de nomeação de coisas novas, oriundas do progresso técnico e científico. Acrescenta que “certos radicais gregos adquiriram sentido especial nas línguas modernas” (p. 128) e dá como exemplo *auto-* que significava em grego “próprio, de si mesmo”, como em *autodidata* e *autógrafo*, e que passou a ter a acepção de *automóvel*, como em *auto-pista*, *auto-ônibus* e em vários outros novos compostos. Farei também uma revisão do conceito de composição morfológica, pois os radicais eruditos geram, segundo Cunha (1986), compostos eruditos. O conceito de radical erudito se mostrará impróprio frente aos novos dados, que serão analisados com base em duas ideias principais: a recomposição e a metonímia formal (Gonçalves 2011b). Explorarei também as implicações cognitivas do processo de recomposição, utilizando conceitos teóricos da linguística cognitiva. Como essa corrente tem como base a ideia de que os processos cognitivos operam em todos os níveis da língua, é desejável que encontremos exemplos de metonímia no nível da morfologia. Utilizarei o conceito de metonímia de Peirsman e Geeraerts (2006). Os autores propõem que a metonímia seja definida como uma categoria prototípica que tem como núcleo a contiguidade material ou espacial. Assim, a relação metonímica mais prototípica dentro dessa relação de contiguidade seria a relação parte/todo, que inclui metonímias do tipo “parte pelo todo” e “todo pela parte”. Creio que é essa relação metonímica prototípica que ocorre nos casos de recomposição. Procurarei mostrar também, a partir de uma análise das características morfológicas do formativo *petro-* e com base em proposta de Gonçalves e Andrade (2011), que esse formativo desafia a oposição radical/afixo, pois apresenta uma identidade mista, fazendo assim necessária, portanto, a adoção do *continuum morfológico* presente em Gonçalves (2011, 2011a, 2011b) e Gonçalves e Andrade (2011). A personalidade mista do formativo se apresenta, por exemplo, com base nos seguintes critérios: o formativo possui restrição posicional, pois só aparece em primeira posição (o que o aproxima dos afixos); *petro-* forma palavra prosódica independente (o que o aproxima dos radicais).

3 • Iconicidade e corporificação em sinais de Libras: uma abordagem cognitiva

Valeria Fernandes Nunes

Em 2002, foi sancionada a Lei n.º 10.436 que reconhece a Língua de Sinais Brasileira – Libras/LSB como um meio legal de comunicação e expressão, oriundo de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Em 2005, o Decreto n.º 5.626 foi publicado informando sobre formação de tradutor, intérprete e professor de Libras e sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia. Com a publicação dessas diretrizes legais, as pesquisas sobre as línguas de sinais cresceram no Brasil, consequentemente, muitos materiais didáticos foram produzidos a fim de ensinar a Libras. Todavia as publicações didáticas não caminham na mesma proporção que as pesquisas linguísticas, devido à presença de poucos linguistas especializados em línguas de sinais. Esse quadro nacional nos motiva a investigar características linguísticas dos sinais da Língua Brasileira de Sinais. Primeiramente, tendo como base as pesquisas de Lucinda Brito (1995), definimos os sinais em Libras e diferenciamos o uso dos sinais e do alfabeto manual. Posteriormente, à luz da Linguística Cognitiva, descrevemos as características da linguagem corporificada presente nessa língua, consoante as contribuições Lakoff & Johnson na obra *Metaphors We live by* (LAKOFF & JOHNSON, 1980 apud EVANS & GREEN, 2006); em seguida, abordamos a questão da iconicidade em língua de sinais, segundo as proposições de Ronice Quadros (2004), Phyllis Wilcox (2000) e Lynn Friedman (FRIEDMAN apud Wilcox, 2000). Para realizar esta pesquisa, fizemos uma pesquisa de campo. Os sinais (chorar, pensar, fome, casa, bola e árvore) analisados aqui foram selecionados a partir da filmagem de narrações em Libras, produzidas por quatro surdas, da história em quadrinho “Não chora que eu dou um jeito” do Almanaque Historinhas sem palavras da Turma da Mônica (2009). Para compreender esses fenômenos linguísticos, optamos por primeiramente apresentar as teorias linguísticas sobre a iconicidade e *embodiment*, posteriormente, as exemplificamos com palavras ou expressões da Língua Portuguesa e da Libras. Através desta pesquisa verificamos que há restrições para o uso do alfabeto manual e há uma preferência pelo uso dos sinais à soletração manual. Os sinais possuem, em muitos casos, uma relação com a linguagem corporificada. Essa linguagem é vista por meio de sinais que são realizados próximos a partes do corpo com funções específicas, como, por exemplo, o verbo *chorar*, realizado próximo aos olhos; o verbo *pensar*, produzido na testa/cabeça; e o substantivo *fome*, executado na região da barriga. Constatamos também diferentes

posicionamentos de linguistas a respeito da iconicidade em língua de sinais e optamos por concordar que há sinais arbitrários e sinais icônicos. Destacamos como sinais icônicos: *casa*, sinal que evoca a imagem de um telhado de uma casa; *bola*, sinal com o formato oval; e *árvore*, sinal com a representação do tronco e dos galhos de uma árvore. Assim, tendo como base a Linguística Cognitiva, podemos concluir que esta pesquisa possibilita um estudo reflexivo sobre fatos linguísticos na Libras, contribuindo para pesquisas a respeito de língua de sinais.

4 • As metáforas conceptuais dos amores juvenis no universo masculino

Ana Paula Ferreira

O presente estudo teve como objetivo verificar as conceptualizações dos relacionamentos amorosos construídas entre instrumento midiático voltado para o público masculino jovem e seus leitores, destacando os papéis atribuídos aos homens e as formas de relacionar-se privilegiadas por estes. Para tanto, utiliza como base teórica a Linguística Cognitiva, mais especificamente a Teoria da Metáfora Conceptual. Considerada por muito tempo mero recurso estilístico, utilizada principalmente em textos poéticos por profissionais da linguagem e da literatura, a metáfora, em uma visão cognitiva, é apresentada como uma figura do pensamento (LAKOFF & JOHNSON, 1980). Essa transferência do lócus da metáfora da linguagem para o pensamento fez com que os estudos da metáfora acabassem por considerar a linguagem apenas como possibilidade de materialização de evidências da metáfora conceptual (VEREZA, 2007). Como consequência, as metáforas passaram a ser analisadas principalmente como reflexões de uma camada do pensamento estruturada metaforicamente, estando o interesse basicamente no indivíduo e em seu funcionamento corporal e psicolinguístico (SCHRÖDER, 2008). Mais recentemente, estudos acerca da metáfora têm resgatado a importância do estudo da linguagem em uma perspectiva discursiva, sócio-histórica, a qual “transfere a metáfora da mente para o mundo”, demonstrando, assim, que a presença de metáforas em expressões linguísticas reflete não somente a operação de estruturas mentais, mas também o trabalho de diferentes modelos culturais (GIBBS, 1999). O estudo das metáforas é fonte riquíssima para uma melhor compreensão do grupo social ao qual ela pertence e do modo como as relações entre esses grupos se configuram, sendo, portanto, coerente para o alcance dos objetivos desta pesquisa. O estudo constou de três etapas. Na primeira, durante os meses de julho a dezembro de 2011, foram coletados os artigos da seção “Reportagem” da Revista *Catwalk* que trataram sobre relacionamentos amorosos. A publicação, atualmente com tiragem bimestral de 50.000 exemplares, aborda o comportamento masculino através de matérias e ensaios fotográficos ligados ao mundo jovem e universitário. Na segunda etapa, realizou-se o destaque das expressões linguísticas metafóricas relativas ao amor presentes em cada artigo para a identificação das metáforas conceptuais que as licenciaram. Esse processo foi feito manualmente, através do método de leitura (SARDINHA, 2007). Por fim, a partir das conceptualizações verificadas, propôs-se uma reflexão sobre os relacionamentos amoros contemporâneos, assim como sobre os papéis atribuídos ao jovem. Nas edições consideradas, as metáforas conceptuais indicavam, em sua maioria, uma representação do outro com o qual o leitor se relaciona afetivamente como um objeto, algo a ser utilizado para a obtenção de um benefício, ainda que este seja uma simples diversão. Houve também a imagem de um competidor, alguém que precisa ser abatido para que a vitória seja alcançada. Não há perspectiva futura nesses relacionamentos, os quais se mostram imediatistas. A existência de estratégias, técnicas e regras não visa à permanência da relação, mas conseguir o maior número de conquistas e vitórias. A mídia parece ser instrumento que transparece e estimula esse tipo de comportamento. Não há aqui pretensão de generalização de resultados. Ao buscar verificar as metáforas dos relacionamentos amorosos no universo masculino, a intenção é a de possibilitar uma reflexão acerca do que é gerado com/entre/para a juventude. Trata-se de uma pesquisa restrita a um único instrumento midiático. Estudos futuros, no entanto, podem ser realizados, em que sejam considerados não somente os relacionamentos, como também os objetivos de vida, anseios, metas e dificuldades, para uma melhor compreensão do comportamento juvenil.

5 • Atividades metalinguísticas e articulação de orações: reflexões para o gerenciamento de saberes

Paula Regina de Andrade Lessa (UFRJ)

Este trabalho objetiva apresentar e discutir as atividades metalinguísticas (GOMBERT, 1992; 2003; KARMILOFF-SMITH et. al., 1996; MERTZ & YOVEL, 2009) elaboradas na pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado em Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, assim como as respostas dadas pelos alunos a essas atividades. Debateremos de que modo tais atividades auxiliam os alunos a produzirem textos organizados de diferentes formas no que tange à articulação de orações e a manipularem os recursos linguísticos de que a língua dispõe para tal tarefa de forma consciente e eficaz. Para tanto, utilizamos o texto dissertativo-argumentativo, sobre o qual se trabalha nos cursos de Oficina de Língua Portuguesa e Redação do CLAC-UFRJ. Durante a experiência com o curso de Oficina de Língua Portuguesa do CLAC-UFRJ (Cursos de Línguas Abertos a Comunidade), verificamos que alguns alunos limitavam seus textos a uma única forma de articular as orações – a justaposição em períodos simples. Visto isso, empenhamo-nos a desenvolver atividades que aprimorassem o saber dos alunos e os permitissem utilizar também o período composto como uma forma possível de organização gramatical do texto escrito. Desse modo, encontramos nas atividades metalinguísticas um meio para ajudar o aluno a aprimorar esse saber. É importante salientar que as atividades metalinguísticas de que falamos não se configuram como as atividades descritas por Geraldí (1995), em que, fundamentalmente, trabalha-se com a linguagem sobre a linguagem, ou seja, nomenclaturas ou classificações de termos e orações. Do contrário, as atividades metalinguísticas de que tratamos referem-se a ações cognitivas conscientes e reflexivas sobre a língua, que levam os alunos do curso de Oficina de Língua Portuguesa do CLAC-UFRJ tanto a uma manipulação da linguagem, quanto à reflexão sobre a linguagem e sobre essa manipulação (GOMBERT, 1992). Tais atividades compõem-se do trabalho acerca dos usos das diferentes organizações gramaticais de orações nos textos escritos – justaposição de orações entre períodos simples e coordenação e subordinação dentro de períodos compostos, voltando-se para o controle do processamento linguístico, que consiste em executar a tarefa manipulando/gerenciando seu conhecimento linguístico, e para a análise linguística, que consiste na estruturação e explicação desse conhecimento linguístico (RICCIARDELLI, 1993). Por isso, as atividades metalinguísticas que propomos diferem das atividades usualmente trabalhadas nas aulas de língua portuguesa e redação que há tradicionalmente nas escolas, por exemplo, que têm por base atividades de nomenclaturas e classificações, em termos gerais. , a fim de que as atividades para as quais este trabalho se volta desempenhem o papel que pretendemos, elas são compostas por exercícios que atravessam os saberes sintático, semântico e imagético-experiencial, este último cujo cunho teórico advém da Linguística Cognitiva, basicamente, com Johnson (1987). Desse modo, a discussão deste trabalho se faz em torno das atividades elaboradas e das respostas dos alunos como base para o debate acerca dessas novas atividades que se propõem a desenvolver no aluno a capacidade de reflexão e auto-monitoramento intencional sobre os aspectos da língua que se deseja trabalhar – em nosso caso, a articulação entre orações simples justapostas ou dentro de períodos compostos por coordenação e subordinação no texto dissertativo-argumentativo escrito em norma padrão.

Sessão 15: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Coordenação: Zinda Vasconcellos (UERJ)

1 • O estatuto da palavra como unidade privilegiada no trabalho de alfabetização: uma reflexão

Zinda Vasconcellos (UERJ)

A comunicação proposta insere-se na área de Linguística Aplicada, tematizando o trabalho didático com o processo de alfabetização. Não se trata de um relato de pesquisa, mas sim de uma reflexão teórica a respeito de algumas questões que vêm sendo colocadas nessa área, em especial a da autonomia relativa, mas também indissociabilidade, dos processos de alfabetização e de letramento, no sentido exposto em Soares [2004]; e a da necessidade da revalorização de aspectos metodológicos no trabalho didático com a alfabetização. Dentro dessa perspectiva, versa mais especificamente sobre as vantagens relativas do trabalho a partir de textos ou a partir de palavras e sobre a necessidade de levar em conta o que os próprios professores alfabetizadores pensam e fazem a esse respeito. Essa reflexão foi suscitada por uma observação de Marlene de Carvalho [Carvalho, M. 2005, p. 141] nas considerações finais de seu livro, falando sobre o que pôde perceber com as pesquisas que realizou ouvindo várias professoras alfabetizadoras. Eis o trecho relevante:

"O discurso das professoras atuais sobre alfabetização remete a outros e antigos discursos: o ideário da Escola Nova e a contribuição mais recente do construtivismo. [...] / Embora a Escola Nova recomendasse a alfabetização a partir da oração e o construtivismo apóie a idéia de deixar a criança explorar e produzir textos desde as fases iniciais da alfabetização, nossa constatação é que as professoras com quem trabalhamos preferem iniciar a alfabetização a partir da unidade palavra. Como disse Tardif (1991), os saberes da experiência parecem funcionar como um filtro para a professora escolher o que vai ser adotado e o que será rejeitado na prática."

Esse comentário da autora imediatamente me lembrou um texto em que Vigotski [2000] compara o papel das palavras na linguagem com o das moléculas nas substâncias compostas, exemplificando com a água: assim como nem o oxigênio nem o hidrogênio possuem, isoladamente, as propriedades da água, que só se manifestam no nível da molécula por eles formada, igualmente as propriedades da linguagem não estariam presentes nem nos sons nem nos conceitos, mas apenas em sua combinação nas palavras. Isso me fez pensar em até que ponto a palavra, com efeito, é, ou não, a "molécula" da linguagem, no sentido de já manifestar, em si, as propriedades desta. Parece-me que isso só é verdadeiro, e mesmo assim parcialmente, do ponto de vista representativo, mas não daquele da comunicação verbal, que só se realiza realmente por meio de textos, de quaisquer dimensões que sejam, mesmo se formados por uma só palavra: ou seja, que além do "conteúdo verbal" deles, para que efetuem um ato de comunicação, é preciso considerar também a situação da fala, a intenção do emissor, o destinatário visado, etc. Posto isso no contexto didático da alfabetização, parece-me que só se pode alfabetizar letrando, como recomendado por Soares [ibidem], ao se partir de textos. Mas, por outro lado, não deve ser à toa que as professoras alfabetizadoras, mesmo quase "coagidas", como são, pelo discurso pedagógico dominante, ainda assim optem por privilegiar, na sua prática, a unidade da palavra. A comunicação proposta pretende refletir sobre isso, apontando para algumas das dificuldades do trabalho com textos e para a essencialidade das palavras no desenvolvimento das relações fono-gráficas necessárias à alfabetização, e oferecendo algumas diretrizes que permitam diminuir as dificuldades mencionadas, conciliando a possibilidade do uso de textos com a conveniência do uso das palavras, de modo a propiciar o desenvolvimento simultâneo do letramento e da alfabetização.

2 • Aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da língua materna nos erros ortográficos de crianças bilíngues (português-espanhol)

Rosiani Teresinha Soares Machado & Ana Ruth Moresco Miranda (PPGE/FaE/UFPel)

Viver em uma região de fronteira entre dois países significa conviver com culturas distintas, evidenciadas pela história que cerca esses povos. Quando a língua falada é diferente, tal fator se acentua ainda mais, proporcionando relações que vão além dos limites geográficos, estreitando

laços de vinculação entre língua e sociedade. O Rio Grande do Sul é um estado que possui extensas regiões de fronteira, fazendo limite com a Argentina e o Uruguai. São cinco grandes fronteiras entre Brasil e Uruguai, dentre as quais a que liga as cidades de Jaguarão e Rio Branco, lócus da pesquisa. Em virtude dessa proximidade, é possível observar os residentes dessas cidades fronteiriças utilizando o idioma do país vizinho como segunda língua, facilitando a comunicação entre ambos e promovendo uma forte interação entre os habitantes, tanto que, por vezes, são considerados como parte da outra cidade/país, pois “a língua constitui um contínuo onde o português predomina, mas se vê impregnado, em várias dimensões, pelo espanhol, que historicamente lhe faz contato” (ESPIGA, 2006, p. 257). Assim, não é estranho que filhos de uruguaios estudem no Brasil, reforçando uma cultura de fronteira que prima pela interação entre os dois idiomas. No entanto, o processo de aquisição da escrita por falantes bilíngues em território brasileiro, que se dá em âmbito monolíngue, pode ser mais complexo do que se possa imaginar, pois não há como separar o conhecimento advindo do contato familiar e social daquele que será ou está sendo obtido na escola. As escolas são monolíngues, e não estão preparadas (pelo menos a grande maioria delas) para exercitar o bilinguismo em seu território de aprendizagem, desconsiderando a influência da língua espanhola no cotidiano dos alunos. Sabe-se que a influência da língua materna é fator relevante na aquisição da língua escrita estrangeira (nesse caso, o português), especialmente naqueles aspectos referentes ao sistema fonético-fonológico das línguas em contato. Partindo-se de tais pressupostos, este estudo busca investigar a escrita inicial de um grupo de crianças, cuja língua materna é o espanhol, e está sendo alfabetizado em escolas brasileiras do município de Jaguarão. O objetivo principal é o de descrever e analisar os erros ortográficos presentes em suas escritas, especialmente aqueles que apresentam relações com a fonética e a fonologia das línguas em questão. Para tanto, na fase inicial em que se encontra este estudo, estão sendo coletados dados de escrita por meio de textos produzidos de forma espontânea pelo grupo de crianças bilíngues. Depois de descritos, os dados serão comparados com resultados já obtidos em relação à escrita de crianças brasileiras monolíngues por meio de textos extraídos do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE), base de pesquisa do GEALE (Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Considerando os estudos já realizados pelo grupo, como os de Cunha (2004), Adamoli (2007) e Miranda (2009 e 2010), entre outros, os quais mostram que as crianças em suas escritas iniciais apresentam erros motivados pela fonética e pela fonologia de sua língua materna, trabalha-se com a hipótese de que o grupo bilíngue apresentará, em suas produções, indícios de seu sistema fonológico materno.

3 • As atividades epilinguísticas no ensino da escrita e da reescrita

Suzana Lima Vargas & Fernanda Vivacqua de Souza Galvão Boarin (UFJF/FAPEMIG)

Discutimos as operações epilinguísticas observadas nas produções escritas e reescritas de alunos do 5º ano do ensino fundamental de escolas públicas. Os dados da pesquisa foram obtidos no interior dos atendimentos pedagógicos do Projeto de Extensão “Laboratório de Alfabetização”, FAGED/UFJF, ação diretamente ligada à pesquisa longitudinal e de intervenção “Os processos de escrita, revisão e reescrita de textos por alunos do ensino fundamental” (UFJF/FAPEMIG). No presente trabalho, procedemos alguns recortes da referida pesquisa, optando-se por discutir as produções textuais e suas reescritas e as transcrições dos vídeos dos atendimentos pedagógicos. Assumimos a concepção de língua como um sistema sempre inacabado, produto de um trabalho social e histórico de uma comunidade. No dizer de Geraldi (2010), a língua é “uma sistematização sempre em aberto, permeada por processos de relativas estabilidades e de instabilidades constantes” (p.106). Esse movimento permite o trabalho do novo com a língua. Assim, a língua é instrumento e produto do trabalho dos sujeitos, ao mesmo tempo, pois é através do exercício da linguagem que os sujeitos dão forma às suas experiências, se constituindo sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados alheios, quer dizer, as interações que se dão no interior dos contextos sociais e históricos são espaços privilegiados para a produção de linguagem e de constituição dos sujeitos do discurso. (BAKHTIN, 2003). Essa concepção de reescrita, assumida nos atendimentos pedagógicos de nossa ação extensionista e norteadora da pesquisa, se mostrou fundamental nas situações didáticas desenvolvidas porque permitiu aos professores modificarem as representações das crianças sobre a escrita e, com reflexões pontuais, ensiná-las a compreender as normas de uma língua e as regras de construção de textos escritos. As análises das escritas e reescritas dos alunos do 5º ano revelaram que as atividades epilinguísticas ocorreram de forma espontânea e/ou como atividades conscientes, abrindo espaços para o diálogo acerca da natureza do erro e em torno da busca de sua eliminação progressiva, a partir dos sucessivos trabalhos de revisão. Em outros momentos da análise dos dados, vimos que as atividades epilinguísticas também aconteceram com textos corretos, quando as professoras discutiam com os

alunos um feixe de possibilidades do dizer. Numa rica situação didática analisada, a professora explorou um pequeno texto narrativo, que teve suas frases e as palavras reordenadas, substituídas ou eliminadas, por meio da escolha de diferentes recursos expressivos. Comparando-se as novas significações geradas pelas variadas possibilidades encontradas pelos alunos, como se fosse uma brincadeira com a linguagem, vimos como se dá o trabalho de reconstrução de textos, desenvolvido mesmo quando os alunos não tinham um conhecimento sobre os conceitos e nomenclaturas gramaticais. Os resultados obtidos apontam que a reescrita é uma prática que precisa ser ensinada porque muitos alunos ainda não sabiam reescrever sozinhos, pois não tinham adquirido o devido distanciamento em relação aos seus textos. Defendemos modelos didáticos que apostem no princípio de que ensinar gramática é ensinar a refletir sobre a forma de organização da língua e seu uso na diversidade das práticas sociais. Assim, ressaltamos que as atividades de análise linguística precisam de maior espaço nas práticas pedagógicas de ensino da leitura e produção textual, estabelecendo relações entre as atividades epilinguísticas e as atividades metalinguísticas, em busca de reflexões significativas sobre os usos da linguagem.

4 • Entrou numa perna de pato e saiu numa de pinto, quem quiser que conte cinco: a construção do processo de alfabetização dos alunos de classes populares através da literatura infantil

Elzilande Da Paixão Nascimento (UNR)

A Literatura Infantil sempre fez parte do meu mundo. Desde muito cedo, aprendi através das histórias de minha avó Laura que as palavras tinham som, cheiro, gosto e melodia. Era sempre o mesmo ritual, casa de muita pobreza, mas cheia de carinho de avó. Cheia de histórias para contar. Os netos se reuniam embaixo da amendoeira frondosa ou simplesmente sentavam-se no chão de vermelhão, onde estávamos era o que menos importava; o que considerávamos era para onde nos transportávamos todas as vezes que vovó falava “Era uma vez”... As histórias orais eram fruto de sua cultura capixaba, vovó viera do estado do Espírito Santo, no Brasil, quando ainda tinha onze anos de idade para se casar com um português no estado do Rio de Janeiro e trouxe em sua bagagem as histórias contadas por sua avó rezadeira, as ladainhas, as mesmas manias. Aos treze anos já era mãe, mas nunca se deixara endurecer pelas pancadas recebidas pelo marido, muito pelo contrário, via no mundo da literatura um refúgio para minimizar as mazelas da vida. Vovó Laura, Papai Laura, Mãe Laura, Irmã Laura. Todas se resumiam numa só palavra: generosidade. Vovó não dominava os códigos linguísticos, porém quando contava suas histórias oralmente, não supúnhamos que ela era analfabeta, pois se revestia de tamanho encantamento, de tantos sentimentos contidos nas entrelinhas da história que muitas vezes era só travessura, outra só emoção, outra só melodia ou acabava por misturar tudo como se fosse um grande caldeirão em ebulição. Vovó nunca poupava esforços para que fôssemos à escola e aprendêssemos a ler e a escrever, pois acreditava ser somente através dos estudos que deixaríamos de fazer parte das estatísticas e sairíamos da linha da pobreza. Aprendi a ler o mundo através dos olhos dela e assim, quando cresci, me encantei pelo mundo das letras e da literatura infantil. Este trabalho é um projeto de pesquisa, em andamento, cuja investigação é qualitativa e está sendo construído através de narrativas de alunos, professores e pais e/ou responsáveis de Classes de Alfabetização pertencentes a três Escolas Públicas do Município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro. Neste sentido nasce da busca por evidenciar o papel da Literatura Infantil como processo alfabetizador e elemento facilitador através de contação de histórias, orais ou lidas, dentro do contexto da educação popular redimensionando a sua importância na formação da autonomia do sujeito-leitor. Podemos pensar que a escola não é somente um espaço que reflete a sociedade excludente e (des) igual na qual vivemos, mas que ela também constitui em si mesma um organismo vivo, único, diversificado na sua própria construção, criando assim novas leituras de mundo e novas representações sociais. Dentro desta lógica interna estará acomodações, preconceitos e resistências que fazem desse espaço, terreno pantanoso, movediço, onde os sujeitos muitas vezes se movem “a contra pelo”. “Entrou numa perna de pato e saiu numa de pinto, quem quiser que conte cinco”. Era assim que vovó sempre terminava suas histórias, histórias essas que eram reinventadas todos os dias. Faleceu aos 77 anos e como legado, deixou uma grande lição que é preciso se fazer apaixonar e se deixar apaixonar. A sala de aula com certeza é um dos espaços ideais para que a paixão aconteça: paixão pelo mundo das letras, paixão pelo mundo da escrita, paixão pela literatura, paixão pela arte de ensinar. Teóricos como: Paulo Freire, Emília Ferreiro, Ângela Kleiman e Magda Soares farão parte da dialética deste trabalho.

5 • Professor de Leitura e Escrita: Imagens do Presente

Elizabeth Orofino Lucio (UFRJ/PPGE/LEDUC)

No Brasil, o ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, é um permanente desafio e objeto de muitas reflexões, pelos desempenhos em leitura e escrita, na escola e na sociedade em geral. Essa questão nos leva a refletir sobre o valor do saber sobre a linguagem na formação dos professores dos anos iniciais. Soares (2005,2009) discute a importância desses conhecimentos para os professores nos seus cursos de formação, pois, é necessário que o professor de leitura e escrita conheça o objeto da aprendizagem, que é a língua escrita, com todos os elementos que compõem a sua estrutura, para que haja êxito na realização da sua mediação no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Sendo assim, a autora defende um aprofundamento da formação dos docentes responsáveis pela alfabetização, desvinculando-o da tradição do professor generalista das primeiras séries do ensino fundamental. Leitura e escrita são práticas de linguagem, requerem ensino explícito e direto para apreensão de sua técnica de funcionamento. Essa dimensão, porém, é apenas uma de seu aprendizado. Talvez a mais evidente; com certeza, indispensável, mas não suficiente para o sujeito apreender e poder usufruir de todas suas relações, significados e dos benefícios da cultura escrita, característica das sociedades modernas. A complexidade da formação inicial perpassa o reconhecimento de que o sujeito professor em seu caráter político e histórico é constituído pela linguagem, a partir da perspectiva bakhtiniana que a toma como ato. Dessa forma, a formação inicial docente passa pela dimensão da linguagem, logo o diálogo entre o campo da linguagem e da educação faz-se necessário. Sendo assim, é na tensão entre as ementas reais de ensino de leitura e escrita, as ementas oficiais propostas para formação docente e as concepções teórico-metodológicas de distintas instituições da esfera pública, que se originam as indagações deste texto. Esse artigo se refere a resultados de pesquisa iniciais de um trabalho de doutoramento na área de Currículo e Linguagem do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ, que investigou as ementas reais e as oficiais das disciplinas relativas a alfabetização, ao letramento e a didática da Língua Portuguesa do curso de Pedagogia das universidades públicas cariocas (Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / UFRRJ e Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ UERJ, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a distância do Estado do Rio de Janeiro/ CEDERJ), apresentando e analisando o conjunto de conteúdos considerados importantes pelas ementas oficiais e os considerados essenciais pelos docentes universitário/formadores de professores de leitura e escrita. Busca-se relacionar a definição dos conteúdos com os saberes que expressam sobre o ensino de língua materna nessa etapa escolar. Discute o desafio representado pela definição dos conteúdos de ensino da área, os aspectos políticos e epistemológicos desse ensino evidenciados pelos sujeitos, destacando a responsabilidade da escola pela transmissão e distribuição do conhecimento linguístico a todos os alunos, e problematiza os significados da formação do alfabetizador nos cursos de Pedagogia de universidades públicas cariocas. Suscitar esses temas nos faz questionar a respeito da formação docente que hoje temos e porque a temos, e nos leva a refletir e dar passos em direção à formação e ao trabalho docente que precisamos e queremos em nossas escolas.

Sessão 16: ESTUDOS ENUNCIATIVOS: FORMAÇÃO DOCENTE

Coordenação: Vera Sant'Anna (UERJ)

1 • Entrevistas com o colegiado das licenciaturas da UERJ: um olhar sobre a formação de professores

Giselle da Motta Gil (IFRJ/Campus Volta redonda)

Esta pesquisa se propõe a observar, a partir da análise das entrevistas realizadas com membros do Colegiado das Licenciaturas da UERJ (CL), modos de constituição de sentidos de Licenciatura no âmbito da Reforma das Licenciaturas da UERJ/2006. Coube ao CL, a partir da publicação das Resoluções CNE/CP nº 1 e 2/2002, discutir e estabelecer as bases para a implantação da Reforma das Licenciaturas na Universidade, que culminou com a publicação da Deliberação UERJ nº 21/2005. Assim, este estudo se desenvolve a partir das seguintes questões: a partir da fala dos entrevistados do Colegiado de Licenciaturas, que sentidos de Licenciatura, Prática e Estágio, se instituem discursivamente? De que modo múltiplas vozes que atravessam a fala dos entrevistados participam no estabelecimento desses sentidos? Para a construção do roteiro de entrevista, foi assumida a perspectiva de Rocha, Daher, e Sant'Anna (2004). Para a concretização da pesquisa foram considerados os pressupostos da Análise do Discurso de base enunciativa (MAINGUENEAU, 1997; 2002; 2008a; 2008b), as contribuições de Authier-Revuz (1990; 1998) sobre os comentários que os enunciadores realizam sobre seu próprio dizer, de Sant'Anna (2004), para o entendimento do Discurso Relatado, e de Ducrot (1987), para a análise dos enunciados negativos de caráter polêmico. Os resultados apontam para um embate relativo ao papel do CL na redação da Deliberação UERJ nº 21/2005, que ora é apresentada como o resultado das discussões ocorridas no CL, ora como uma “canetada” de instâncias superiores ao CL. Questão que merece destaque, ainda como resultado das análises, é a problemática da desvalorização da discussão sobre Licenciatura, uma realidade na Universidade na época dos debates para a Reforma. Outro aspecto perceptível, foi a preocupação dos membros do CL em definir os espaços ocupados por cada Unidade a partir da Reforma. Além disso, observaram-se algumas mudanças na organização dos cursos de Licenciatura após a Reforma, com a nova divisão de carga horária entre os Institutos Básicos, a Faculdade de Educação e o CAp, que altera o modelo tradicional (3+1), que ainda vigora em muitas Universidades. Essa mudança, ao distribuir o papel de formação de professor entre várias unidades acadêmicas, relativiza o que anteriormente era exclusivo da Faculdade de Educação e leva os Institutos Básicos a ter um envolvimento e uma preocupação maior com a Licenciatura, o que não era uma realidade antes da Reforma. Some-se a isso a formalização do reconhecimento do CAp como formador de professores, pois esse Instituto passou a ter uma participação efetiva no currículo das Licenciaturas, promovendo o reconhecimento institucional do trabalho de ensino e orientação/supervisão dos alunos/estagiários.

2 • Um estudo das memórias discursivas presentes nas ementas de Língua Espanhola da UERJ

André Lima Cordeiro (UERJ)

Este trabalho integra atividades do projeto de pesquisa intitulado “Práticas de linguagem, memória discursiva e formação para o trabalho de professor de línguas: reformas, percursos, traços identitários”, coordenado pela professora Vera L. A. Sant'Anna, e objetiva analisar ementas de disciplinas de graduação da habilitação em Português-Espanhol, com o propósito de identificar interdiscursividades e seus efeitos de sentido no que se entende como formação para o trabalho de professor de línguas. Tal análise foi segmentada em áreas de convergência em que cada bolsista se responsabilizou por um grupo de disciplinas. Esta apresentação considera as ementas de Língua Espanhola I, II, III e IV. Há ainda o restante das disciplinas de Língua, as de Literatura Hispânica e as que correspondem às disciplinas de prática como componente curricular e estágio supervisionado. Como entrada linguística e metodologia para este trabalho, optamos por estudar a nominalização (PACHI FILHO, 2008; REZENDE, 2007) como elemento composicional caracterizador desse gênero discursivo (BAKHTIN, 1992). Como efeitos produzidos por essa nominalização, destacamos (a) o apagamento dos agentes, principalmente o enunciador, construindo uma voz de autoridade institucional para a ementa, conferindo ao enunciado *status* de verdade absoluta; e (b) o processo de retomada a partir da referenciação dessa forma nominal, ancorada na memória discursiva (PECHEUX, 1999), supostamente partilhada pelos sujeitos envolvidos. No seu artigo

intitulado "Papel da Memória" (2010), Pêcheux menciona alguns traços observáveis para que possamos chegar até as memórias presentes em determinado discurso: "haveria, sob a repetição, a formação de um efeito de série pelo qual uma 'regularização' se iniciaria, e seria nessa própria regularização que residiriam os implícitos, sob forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase" (Pêcheux, 2010 p. 52). Dessa maneira, este trabalho se direciona no intuito de tentar identificar memórias discursivas que atravessam a "fala" contida nas ementas, para evidenciar o interdiscurso e os efeitos que provocam na formação de professores de espanhol. Para reconstruir e identificar os discursos retomados pela ementa, trazemos o conceito de fórmula (KRIEG-PLANQUE, 2011) em que a nominalização seguida de um conteúdo a ser abordado por determinada disciplina formaria essa estrutura fixa que possui ocorrência em todas as ementas e é resignificada de acordo com a situação enunciativa na qual está inserida. O conceito de "fórmula" gira em torno de uma estrutura linguística que se repete em diversas situações enunciativas, no entanto, nem sempre têm o mesmo significado, ou seja, estão marcados pela polêmica. Ainda relacionados a esse contexto, do que caracteriza a apresentação de uma disciplina, trataremos dos objetivos e bibliografia, relacionando-os com a ementa à luz do histórico das teorias curriculares (SILVA, 2005; LOPES, 2011) que influenciaram os estudos da educação no Brasil desde as concepções tradicionais inauguradas com Bobbit (1918) que relacionava o currículo diretamente com a vida laboral e, por isso, concebiam a educação como uma produção mecanizada e passível de resultados homogêneos até a fase pós-estruturalista em que o conhecimento é colocado como uma questão indeterminada e incerta. Ademais, o currículo, de acordo com Silva (2005), perpassa a discussão da construção de identidade e/ou de subjetividade. Nossos resultados iniciais apontam para questões de heterogeneidade discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1998) que devem auxiliar nossas conclusões sobre os modos de articular aquilo que se apaga na e pela nominalização, no sentido de que memórias discursivas identificadas no enunciado devem apontar traços de perfil (is) profissional (ais) de professor que se está(ão) construindo.

3 • Análise de ementas de literatura do curso de espanhol da UERJ

Liliane Lima Pereira & Prof.^a. Dr.^a Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna (UERJ)

Vinculado ao projeto "Perfil profissional e reforma curricular: os fundamentos da reforma de 2002 na UERJ de 2005" este trabalho objetiva analisar ementas das disciplinas de Literatura Hispânica do curso de Letras habilitação em Português/Espanhol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Essa análise busca identificar redes interdiscursivas que apontam memórias discursivas (Achard, 1999) do que é ser professor de língua estrangeira (LE), assim como qual a visão de língua, além de estabelecer traço(s) identitário(s) que apontam perfis profissionais de professor, segundo esses documentos. Tendo em conta que nem sempre há uma concordância entre a formação profissional e o perfil exigido pelo mercado de trabalho, vemos como de fundamental importância buscar compreender qual tipo de profissional a universidade pretende formar com seu currículo. Um corpo curricular não é produzido numa zona de neutralidade e alienado aos problemas sociais, porque ele está intimamente relacionado às redes de poder dentro de uma organização social (Tadeu da Silva, 2005). Inicialmente, proporemos uma caracterização da ementa como gênero discursivo (Bakhtin, 1992), entendido como enunciado relativamente estável que caracteriza uma situação, elaborado pelas mais diferentes esferas de uso da atividade humana. Partiremos dos conceitos ergológicos de prescrição do trabalho (Schwartz, 2010) para observar implicações das ementas na formação do professor e possivelmente na sua prática docente futura. Para compreender o trabalho do professor é necessário levar em consideração de que maneira está planejado e como o trabalhador refaz a atividade. Queremos compreender como as ementas podem funcionar como lugares discursivos (Krieg-Planque 2003), quando consideramos o processo de nominalização como parte da construção de sentido do que deve ser prescrito ao professor em formação.

4 • Reforma das licenciaturas em Letras e perfil de docência em Língua Espanhola

Alice Moraes Rego de Souza (UERJ)

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Vera Lucia de Albuquerque Sant'Anna (PPGL-UERJ)

No âmbito da educação e da formação acadêmica, um assunto questionado de maneira recorrente é a relação entre currículo e identidade. De maneira mais específica, o ano de 2001, quando começam a se formalizar discursos oficiais sobre a reforma das licenciaturas, pode-se

apresentar como um marco de intensificação de discussões sobre a construção de um perfil dos cursos de licenciatura, afirmando-se sua integralidade diante dos cursos de bacharelado. Mediante o contexto geral suscitado pela reforma, percebe-se que, se por um lado, tem-se textos normativos regulamentando a nova estrutura das licenciaturas, por outro e simultaneamente, há diversas universidades remodelando seus currículos, relendo as propostas e participando do processo de produção de sentidos acerca do que seja licenciatura e formação docente, dentro de seus contextos e experiência institucionais. Assim, a partir de documentos como o Parecer CNE/CP nº 9 de 2001, Parecer CNE/CP nº 28 de 2001 e Resoluções CNE/CP nº 1 e 2 de 2002, as universidades são levadas a refletir sobre a formação docente e, conseqüentemente, a participar do processo de produção de conhecimentos, discursos e políticas sobre o tema, reformulando seus currículos, para atender às novas normas demandadas. Partindo do panorama apresentado, nasce o objetivo da presente pesquisa: verificar os saberes privilegiados na formação de um docente na área de Letras (com ênfase em Língua Espanhola), que contribuem para formar um novo “perfil” de professor. Dada a necessidade de delimitar os âmbitos da pesquisa, a análise se faz com base na reformulação curricular do curso de Letras Português/Espanhol oferecido pelo Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ILE/UERJ). Para alcançar o objetivo proposto, são analisados e comparados os fluxogramas que apresentam a estrutura curricular do curso de Letras Português/Espanhol anterior e posterior à reforma das licenciaturas no ILE/UERJ, de modo a verificar as modificações realizadas, com foco nos estágios e na implantação das práticas como componente curricular. Para realizar as reflexões propostas pela pesquisa, parte-se do referencial teórico da análise do discurso de base enunciativa, entendendo, portanto, estruturas curriculares como enunciados sobre formação acadêmica que trazem em si as marcas de uma experiência institucional situada em um espaço-tempo específico. Ademais, compreende-se o fluxograma (que materializa a estrutura curricular) a partir do conceito de gênero de discurso (BAKTHIN, 2000), visto que este possui um conteúdo temático, estilo verbal e conteúdo composicional que definem sua inserção na vida social e sua relação com a atividade humana de refletir e deliberar sobre formação acadêmica. Por fim, apropria-se também das reflexões de Foucault (2009), considerando que os saberes são tangenciados por linhas de força (poder) que definem suas condições de possibilidade, assim, pode-se entender que no interior do ILE/UERJ há poderes circulantes que participam das escolhas sobre, por exemplo, distribuição de carga-horária, criação de novas disciplinas, atribuição de responsabilidades pela formação docente. As análises realizadas permitem reconhecer o fluxograma como um gênero que participa da produção de sentidos sobre uma maneira de ser e formar docentes, haja vista o espaço que abre para enunciar sobre trajetória acadêmica, materializando consensos sobre responsabilidades departamentais, distribuição de carga-horária. Tais constatações contribuem para o incentivo de estudos posteriores que se dediquem a pensar a formação acadêmica desde uma perspectiva que considere suas vertentes pedagógica e burocrática, buscando conciliá-las e, por conseguinte, incrementando a qualidade da formação de professores no Brasil.

5 • O trabalho do professor supervisor de estágio da escola na formação docente: uma perspectiva discursiva

Charlene Cidrini Ferreira (CEFET-RJ/ Doutoranda UFF)
Orientadora: Del Carmen Daher (UFF)

Este trabalho, que está em andamento, se insere nos estudos linguísticos que dedicam atenção às marcas de transformação que vêm afetando o mundo do trabalho em diferentes contextos e situações enunciativas. Observamos vários estudos focados em investigar e aprofundar questões relacionadas à formação docente, que se centram, grande parte, na articulação entre a teoria e prática, na relação entre Universidade e escola. No entanto, nossa pesquisa tem como objeto de estudo o trabalho do professor supervisor de estágio - o professor da escola - na formação docente. Pouco se discute sobre os saberes e atribuições que constituem o trabalho desse professor, que é a nosso ver, mais do que o regente de disciplina, do que “o professor que recebe estagiário”; é um profissional que compartilha com o professor da licenciatura, “o professor da universidade”, o papel de formador. O estágio supervisionado obrigatório é uma etapa constitutiva da formação docente no curso de Letras e laço entre formação acadêmica e prática profissional. O que se espera de um estágio é que a partir de uma aproximação à situação de sala de aula e às tarefas vinculadas a essa atividade, o professor em formação desenvolva reflexões sobre o que presumivelmente, no futuro, virá a ser a sua prática, construindo saberes fundamentais para sua formação. E de fato, a relação que este estagiário estabelece com

o professor da escola é de suma importância para essa construção. Assim, surgiu o interesse de analisar diferentes enunciados em circulação sobre o trabalho do professor supervisor da escola na formação do futuro docente de Letras, a fim de identificar que imagem discursiva está sendo construída. O referencial teórico está na Análise do Discurso de orientação enunciativa (Maingueneau, 2005), e nos estudos do trabalho desenvolvidos por Schwartz (1997) e Amigues (2004). As escolhas teórico-metodológicas desta pesquisa se vinculam a minha atuação profissional como docente e ao grupo de pesquisa do qual faço parte - GRPesq/UFF: Práticas de linguagem, trabalho e formação docente - , uma vez que privilegia articulações entre as práticas de linguagem e o mundo do trabalho, por levar em conta que este se constitui por meio da linguagem. As análises iniciais de documentos que regulamentam a formação docente no Brasil apontam para um apagamento do que é seu trabalho, corroborando a existência de peculiaridades que precisam ser exploradas. Observamos, a princípio, que há um reconhecimento legal da importância e o papel desse profissional na formação docente, mas seu trabalho é apagado para dar foco ao estagiário. Cabe ressaltar que, em muitos casos, esse professor tratado como “habilitado” pelos documentos tem atuação no ensino básico e não está vinculado à nenhuma universidade que forma professores. A responsabilidade de formador não está prevista na sua atividade, mas ela existe. Assim, este estudo tem a relevância de dar visibilidade ao papel do professor da escola na formação do futuro docente, que por estar em situação de trabalho, pode e deve oferecer contribuições valiosas para o entendimento da atividade como debate de normas, em que o trabalhador, a partir de suas experiências, valores e contatos com o coletivo, institui sua própria maneira de realizar a sua prática, nesse caso, docente.

Sessão 17: EXPLORANDO AS INTERFACES NO MINIMALISMO GERATIVISTA: QUESTÕES SOBRE PROCESSAMENTO E AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Coordenação: Maria Cristina Name (UFJF)

1 • Sensibilidade de bebês e adultos brasileiros a propriedades prosódicas do PB

Cristina Name, Azussa Matsuoka, Carolina Garcia de C. Silva (UFJF)

Investigamos o papel de propriedades prosódicas presentes na fala no processo de aquisição lexical por bebês brasileiros e no reconhecimento lexical por adultos falantes nativos do Português Brasileiro (PB). Assumimos a concepção de Faculdade da Linguagem no sentido estrito (FLN) e no sentido amplo (FLB), formulada em Hauser, Chomsky & Fitch (2002), focalizando a interface fonética entre a primeira e o sistema articulatório-perceptual contido na segunda. Defendemos, ainda, a necessidade de se considerar um modelo psicolinguístico de processamento de modo a dar conta do processamento *on-line*. O *Bootstrapping* Fonológico (MORGAN & DEMUTH, 1996; CHRISTOPHE ET AL., 1997) é compatível com tal proposta ao sustentar que propriedades da fala sinalizam a estrutura sintática subjacente e podem ser facilitadoras da identificação de elementos lexicais. O envelope prosódico da fala, sensível à sua estrutura sintática (cf. NESPOR & VOGEL, 1986; SELKIRK, 1984), delimitaria unidades linguísticas menores, facilitando sua segmentação e marcando, dessa forma, elementos distintos que poderiam ser adquiridos – ou reconhecidos, no processamento adulto – como membros de diferentes categorias do léxico. No que se refere à aquisição lexical, focalizamos parâmetros acústicos caracterizadores da posição de nomes e adjetivos no DP complexo (Det-N-Adj/Det-Adj-N). Usando a técnica de Olhar/Escuta Preferencial, desenvolvemos uma atividade em que bebês de 6 meses são expostos a DPs com pseudonomes e pseudoadjetivos na ordem Det-N-Adj (Grupo A) ou Det-Adj-N (Grupo B). Em seguida, são submetidos a novos DPs, nas duas ordens, e seu tempo de escuta para cada ensaio é gravado. Se os bebês forem sensíveis ao contorno prosódico dos DPs familiarizados em função da posição do adjetivo, prevemos uma diferença significativa entre a média do tempo de escuta dos dois conjuntos de DPs. Quanto ao processamento adulto, desenvolvemos duas atividades. A primeira, com o mesmo objetivo do experimento com bebês, investiga a sensibilidade de adultos aos diferentes envelopes prosódicos do DP. Os participantes são expostos a imagens de interação mãe-bebê enquanto escutam enunciados em fala dirigida à criança (FDC) contendo DPs complexos com adjetivos que podem vir antes ou depois de N. As frases foram acusticamente manipuladas de modo a manter o contorno prosódico e eliminar a informação segmental. São também apresentados os elementos de cada DP fora da ordem, e a tarefa consiste na ordenação dos constituintes por escrito. O segundo experimento focaliza o papel de fronteiras prosódicas no processamento sintático, em uma tarefa de escuta automonitorada. Criamos sentenças com palavras que podem pertencer tanto à categoria V quanto à categoria ADJ com estruturas de tópico e de sujeito, já que ambas disponibilizam, desde o início da sentença, pistas prosódicas relevantes que as diferenciam. Temos, na estrutura Tópico, uma fronteira de sintagma entoacional logo após a palavra ambígua ([A *criança SUJA*] a *madrinha mandou ela para o banho*); na de SVO, há uma fronteira de sintagma fonológico entre o nome e a palavra ambígua ([A *criança*] [SUJA a *madrinha*] com a *comida do almoço*). Criamos quatro condições, sendo duas com *mismatch* entre as estruturas prosódica e sintática. O conjunto de resultados sugere um continuum entre aquisição e processamento, em que habilidades perceptuais para o tratamento de propriedades acústicas são usadas por bebês e adultos. Os dois grupos são sensíveis aos diferentes envelopes prosódicos do DP em função da posição de Adj; ainda, adultos reagem à incongruência sintaxe-prosódica diante de estrutura SVO após fronteira de sintagma entoacional.

2 • Contribuições das Dependências não adjacentes (DNA) na Interface fonética do PM nas etapas iniciais de aquisição lexical

Milene Cristine de Castro Teixeira Laguardia & Maria Cristina Name (UFJF)

Este trabalho focaliza as capacidades de abstração e generalização de padrões linguísticos e busca contribuir para o entendimento do processo de aquisição lexical, levando em conta desde processos iniciais de reconhecimento do sinal acústico até o mapeamento da informação linguística à informação semântico-conceitual. Nas etapas iniciais da aquisição lexical, faz-se necessário entender como a criança mapeia

elementos lexicais a categorias sintáticas a partir da exposição a um fluxo contínuo de fala, ou seja, como o bebê segmenta os enunciados que ouve e ainda como relaciona esses elementos a entidades e/ou conceitos e os agrupa em classes (conceituais/gramaticais). O Programa Minimalista (Chomsky 1995; 1999 e obras posteriores), ao conceber a Faculdade da Linguagem em dois sentidos, sentido amplo (FLB) e sentido estrito (FLN), permite uma aproximação com um modelo de processamento (Morgan & Demuth, 1996; Christophe et al., 1997). Ao assumir a FLN em interface com outros sistemas perceptuais e cognitivos (Hauser et al., 2002), a aproximação com o Bootstrapping fonológico é permitida, pois a mesma daria conta das etapas iniciais da aquisição lexical. Assim, habilidades específicas do sistema perceptual humano “leriam” propriedades acústicas do sinal linguístico que, a partir da interface fonética, seriam tratadas pelo sistema computacional, desencadeando a aquisição da língua. Através da conciliação entre um Modelo de Língua e um Modelo de Processamento e ainda assumindo que mecanismos estatísticos e de abstração e generalização são recursos precocemente disponíveis e explorados por bebês, a hipótese deste trabalho é que bebês durante o primeiro ano de vida são providos de capacidade de tratamento do estímulo linguístico que lhes permitem identificar combinações recorrentes (DNA), abstrair seus padrões e generalizá-los em novos enunciados. Diversos autores têm explorado as capacidades de abstração e generalização de padrões linguísticos tanto por adultos quanto por crianças. Entretanto, em sua grande maioria, exploram tais padrões em línguas totalmente artificiais (Marsset al., 1999; Gomez, 2002; Newport & Aslin, 2004), sem levar em conta propriedades morfofonológicas e prosódicas, ou, quando trabalham com línguas naturais, investigam tais capacidades em crianças mais velhas (18 meses), considerando sobretudo o reconhecimento de padrões de sua língua materna, e não propriamente habilidades de abstração e generalização (Santelmann & Jusczyk, 1998). Em língua pseudonatural e trabalhando com crianças mais jovens, Name, Shi & Koulaguina (2011) sugerem que bebês canadenses de 11 meses, expostos durante um curto período de tempo a uma língua pseudonatural – são capazes de reconhecer padrões de relações entre D e N e, ainda, são capazes de abstrair-los de modo a identificá-los em novos enunciados. Neste trabalho, a partir da técnica do Olhar Preferencial, bebês, com média de idade de 11 meses, foram expostos, durante 2 minutos, a DPs de uma língua pseudonatural, seguindo dois padrões – nosso/seu + N-e (ex.: “Nosso pebe, seu pebe”); esse/meu + N-a (ex.: “Esse tova, meu tova”). Posteriormente, foram expostos a novos DPs contendo os mesmos determinantes familiarizados seguidos de novos pseudônimos com terminação congruente às combinações apresentadas anteriormente (i.e., gramatical) ou incongruente (i.e., agramatical). O tempo de escuta para cada condição foi calculado e analisado estatisticamente, buscando-se evidência empírica que sustente a hipótese de trabalho. Os resultados indicam que os bebês reagiram à diferença de padrões de DNA, escutando por mais tempo padrões não familiarizados, sugerindo a contribuição da interface fonética no processo de aquisição de uma língua, visto que, a partir de uma curta exposição a uma língua pseudonatural – diferente do padrão do PB – bebês, aos 11 meses, são capazes de abstrair e generalizar o padrão dessa “língua”. Tais resultados sugerem que mecanismos de abstração e generalização podem ser recursos utilizados por crianças no processo inicial de aquisição lexical.

3 • O papel da prosódia no processamento sintático de sentenças estruturalmente ambíguas em Português Brasileiro

Vanessa Cristina de Araújo & Maria Cristina Lobo Name (UFJF)

Focaliza-se neste trabalho a influência da prosódia, mais especificamente das pistas de fronteiras de sintagma entoacional, no processamento de sentenças que possuem ambiguidades estruturais temporárias, conhecidas na literatura psicolinguística como sentenças *Garden Path*. Toma-se como aporte teórico a proposta de Corrêa (2006) que defende a integração entre o modelo de língua proposto pelo Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995; 1999) e o modelo de *Bootstrapping* Fonológico (MORGAN & DEMUTH, 1996; CHRISTOPHE et al., 1997), de maneira que as pistas prosódicas sejam consideradas relevantes tanto para a aquisição quanto para o processamento adulto. Assume-se ainda o Modelo Integrado Misto da Computação *online* (CORRÊA & AUGUSTO, 2006) que propõe a integração entre gramática formal e processamento sintático *on line*. Por fim, considera-se a Fonologia prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986) que fundamenta a concepção de interface entre os níveis prosódico e sintático. A seguinte hipótese de trabalho norteia este estudo: haveria uma relação entre a estrutura sintática e a estrutura prosódica, de maneira que a informação prosódica facilitaria o processamento sintático. Dessa maneira, este trabalho tem como objetivo geral contribuir para os estudos que levem em conta a interface sintaxe-prosódia no Português Brasileiro (PB). Como objetivo específico, busca-se verificar se os ouvintes utilizam os contornos prosódicos como pista desambiguizadora em situação de ambiguidade estrutural. A fim de cumprir tais objetivos, é adotado um método experimental, com base no trabalho de Gayle Dede (2010) feito no inglês. Ouvintes nativos do PB são

expostos a pares de sentenças lexicalmente idênticas, porém com contornos prosódicos distintos, levando a interpretações diferentes. Busca-se verificar se os ouvintes utilizam os contornos prosódicos como pista em situação de ambiguidade estrutural. Nas frases (a) utilizaram-se verbos com dupla transitividade como *acordava* em “*Enquanto a mãe acordava os filhos faziam seu café*”, seguidos de expressões que podem ser interpretadas como complementos destes (*os filhos* no exemplo). Já nas frases (b), utilizaram-se verbos intransitivos como *caminhava* em “*Enquanto a mãe caminhava os filhos faziam seu café*”, nas quais, as expressões que os seguem não podem ser interpretadas como complementos. Os contornos prosódicos, tanto em (a) quanto em (b), levavam a interpretação da expressão temporariamente ambígua, ora como complemento do primeiro verbo (condição (P2)), ora como sujeito do segundo (condição (P1)). A técnica utilizada na atividade experimental foi a escuta auto-monitorada. Os resultados encontrados na atividade experimental para as frases (b) fornecem evidências para a hipótese inicial de que a prosódia facilitaria o processamento sintático. Já os resultados encontrados para as frases (a) além de sustentarem essa mesma hipótese, poderiam ser usados para sustentar uma hipótese que as pistas prosódicas seriam suficientemente fortes para não apenas facilitar, mas restringir o processamento sintático. Tais resultados são explicados à luz do Modelo Integrado Misto da Computação *online* (CORRÊA & AUGUSTO, 2006) - que assume o processamento *on-line* ocorrendo a partir do processamento de pacotes prosódicos - e do *Bootstrapping Fonológico*, segundo a qual o ouvinte captaria os enunciados linguísticos organizados a partir de sua estrutura prosódica. Os resultados encontrados também sustentam a hipótese da existência de uma interface entre os níveis prosódico e sintático, como propõem Nespor & Vogel (1986), de maneira que o contexto prosódico funcionaria como facilitador do processamento sintático.

4 • A aquisição da linguagem e o desenvolvimento de uma teoria da mente: investigando aspectos conceituais, lexicais, sintáticos e semânticos em tarefas de crenças falsas

Luciana Teixeira (UFJF)

O foco deste trabalho recai sobre a interface Língua(gem) e Teoria da Mente (ToM) e, no âmbito da psicolinguística, investiga-se, particularmente, a compreensão das chamadas crenças falsas (CFs), considerado o nível mais sofisticado de desenvolvimento dessa capacidade. Esta pesquisa toma, como perspectiva teórica, a proposta do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995-2001), aliada a uma perspectiva psicolinguística de aquisição da linguagem – *Bootstrapping* Sintático (GLEITMAN, 1990). Considera-se, ainda, a hipótese de de Villiers (2005; 2007), segundo a qual a sintaxe de complementação, ou seja, o uso de sentenças encaixadas, é um pré-requisito para que o domínio da ToM se estabeleça, especialmente no que diz respeito ao uso de verbos de estado mental (como *achar*, *pensar*) e de comunicação (como *dizer*, *falar*). Investiga-se, ainda, em que medida verbos como *ver* (ligado aos sentidos) e *saber* (factivo) podem servir de orientação às crianças no raciocínio de tarefas de CFs. Uma atividade experimental (constituída de 3 pré-testes e de uma tarefa clássica de CF de mudança de localização (cf. WIMMER & PERNER, 1983)) foi aplicada a 24 crianças de 3-4 anos, com vistas a verificar: (i) a capacidade de a criança avaliar o caráter verdadeiro ou falso de determinadas proposições a partir de historinhas inventadas; (ii) a compreensão de sentenças interrogativas com QU- deslocado e *in situ* com verbos epistêmicos; e (iii) a compreensão de sentenças simples e complexas com verbos epistêmicos. Já o teste padrão de CF contou com a participação das 24 crianças com 3-4 anos e, ainda, com 24 crianças de 5-6 anos de idade. Os resultados indicam que: em relação aos 3 pré-testes, crianças, nessa faixa etária, são capazes de estabelecer o mapeamento de um evento a uma proposição e de julgar seu valor-verdade, independentemente da estrutura sintática que o apresenta; em relação à tarefa de CF, (i) houve uma diferença significativa entre as respostas das crianças das duas faixas-etárias, pois as crianças de 3-4 anos obtiveram um número de acertos inferior ao das de 5-6 anos; (ii) nas respostas envolvendo sentenças simples e complexas, não se verificou uma diferença relevante; e (iii) houve diferença significativa quanto ao tipo de QU-, na faixa-etária de 3-4 anos, pois o número de acertos foi maior quando não houve deslocamento do pronome interrogativo. Reportam-se, ainda, resultados de um experimento-piloto (baseado em SILVA, 2012) com três pré-testes, elaborados com vistas a verificar: (i) se crianças de 3 a 4 anos identificam o significado do verbo factivo *saber* e do verbo epistêmico *pensar*, associados ao valor de verdade de uma sentença; (ii) se essas crianças compreendem o significado do verbo “achar” (com sentido de *encontrar* e com sentido de *pensar*); (iii) se essas crianças reconhecem o significado do verbo epistêmico *achar* em contraposição ao verbo factivo *saber*, numa situação em que não há evento de CF. Foi desenvolvida, ainda, uma tarefa clássica de CF de mudança de localização, e uma tarefa de CF adaptada (com perguntas orientadoras com os verbos *ver* e *saber*), a fim de se verificar se a presença da orientação auxilia o desempenho das crianças menores

na realização dessas tarefas. As atividades foram desenvolvidas através do paradigma de produção eliciada. O tratamento estatístico dos dados revela resultados iniciais que apontam para o fato de que a presença de perguntas com verbos que orientam o raciocínio envolvido na realização da tarefa de CFs pode ser um facilitador no desempenho das crianças nessa atividade.

5 • Sobre o papel da língua e a compreensão de crenças falsas de 1ª ordem: buscando evidências para o desenvolvimento de uma teoria da mente em crianças adquirindo o PB

Ana Paula da Silva & Luciana Teixeira (UFJF)

Focaliza-se, neste trabalho, a interface Língua(gem) e Teoria da Mente (ToM), enfatizando-se o raciocínio de Crenças Falsas (CFs). Investiga-se se demandas linguísticas interferem no modo como crianças em processo de aquisição do Português Brasileiro (PB) lidam com tarefas-padrão de CFs de 1ª ordem. A definição de ToM tem sido compreendida como a habilidade de o ser humano compreender seus próprios estados mentais e os dos outros e, dessa forma, prever suas ações ou comportamentos (ASTINGTON & GOPNIK, 1988, 1991; FELDMAN, 1992; WELLMAN, 1991). Adota-se uma perspectiva psicolinguística de aquisição da linguagem – *Bootstrapping* Sintático (GLEITMAN, 1990), aliada a uma concepção minimalista de língua (CHOMSKY, 1995-2001). Considera-se, ainda, a proposta de DE VILLIERS (2005-2007), segundo a qual a sintaxe de complementação é um pré-requisito para que o domínio da ToM se estabeleça. Foi elaborada uma atividade experimental constituída de 3 pré-testes e de uma tarefa clássica de CF de mudança de localização (cf. WIMMER & PERNER, 1983). Os 3 pré-testes foram aplicados a 24 crianças de 3-4 anos, com vistas a verificar: (i) a capacidade de a criança avaliar o caráter verdadeiro ou falso de determinadas proposições a partir de historinhas inventadas; (ii) a compreensão de sentenças interrogativas com QU- deslocado e *in situ* com verbos epistêmicos; e (iii) a compreensão de sentenças simples e complexas com verbos epistêmicos. Já o teste padrão de CF contou com a participação das 24 crianças com 3-4 anos e, ainda, com 24 crianças de 5-6 anos de idade. Foram manipuladas as seguintes variáveis linguísticas: a) tipo de QU- (*in situ* e deslocado); b) tipo de sentença (simples – *Para o João, onde a bola está?* e complexa – *Onde o João acha que a bola está?*). A hipótese é a de que a sintaxe de complementação não é condição suficiente para que o domínio de CFs se estabeleça. Os resultados indicam que: em relação aos 3 pré-testes, crianças, nessa faixa etária, são capazes de estabelecer o mapeamento de um evento a uma proposição e de julgar seu valor-verdade, independentemente da estrutura sintática que o apresenta; em relação à tarefa de CF, (i) houve uma diferença significativa entre as respostas das crianças das duas faixas-etárias, pois as crianças de 3-4 anos obtiveram um número de acertos inferior ao das de 5-6 anos; (ii) nas respostas envolvendo sentenças simples e complexas, não se verificou uma diferença relevante; e (iii) houve diferença significativa quanto ao tipo de QU-, na faixa-etária de 3-4 anos, pois o número de acertos foi maior quando não houve deslocamento do pronome interrogativo. Tais resultados são compatíveis com a hipótese apresentada, uma vez que as crianças menores obtiveram um número de acertos pouco expressivo tanto nas condições com sentenças simples quanto naquelas com sentenças complexas, e as maiores conseguiram um número bastante expressivo em ambas as condições. Isso sugere que a capacidade de operar recursivamente e o domínio de verbos epistêmicos não são condições suficientes para a compreensão de CFs. Dessa forma, outros domínios da cognição com os quais a Língua(gem) faz interface podem afetar o desenvolvimento da ToM e, conseqüentemente, o raciocínio de CFs.

Sessão 18: PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO EM IMAGENS: REFLEXÕES E ANÁLISE

Coordenação: Profa. Dra. Telma Domingues da Silva (UNIVAS)

1 • Fotos de acervo: gestos de interpretação entre um “passado” e um “presente”

Telma Domingues da Silva (UNIVAS/ FAPEMIG)

A cidade de Pouso Alegre (MG) tem a história de sua origem relacionada ao rio Mandu, que atravessa a cidade, sendo, pois, um importante elemento da memória local. No acervo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo são encontradas diversas fotografias do rio Mandu, em diferentes épocas. Tenho como objetivo, nesta comunicação, a partir da teoria do discurso, compreender a imagem fotográfica significando como parte integrante de um arquivo público. Considero inicialmente a reflexão de Pêcheux sobre a memória como um “espaço móvel de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... (...) desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999). Além da concepção deste autor de *memória discursiva* ou interdiscurso, encontramos em seus trabalhos (PÊCHEUX, 1992) a noção de *memória institucionalizada* ou arquivo, que possibilita uma compreensão dos “efeitos de arquivo” que funcionam, nos diversos elementos significantes da/ na sociedade, através de uma relação com a instituição. O acervo público é um arquivo, no sentido empírico mesmo deste termo. Procuo perceber no referido arquivo do Museu Municipal de Pouso Alegre como os processos institucionalizados de produção de uma memória local “organizam” imagens do rio Mandu enquanto parte de uma “história da cidade”. Que formulações fotográficas de um rio local podem ser encontradas como imagens de um acervo dessa natureza? Como o cidadão pouso-alegrense está ou não presente nessas imagens? O que se “guarda” como marca da história de um rio em sua “vida urbana”? Ou seja: quais os seus “marcos” para a cidade? A partir de pesquisas já anteriormente desenvolvidas, penso em determinados processos discursivos funcionando para a (ou na) relação do rio com a cidade. Como parte do espaço que integra determinada cidade, podemos pensar em processos discursivos que funcionam pela singularização local: é um rio determinado, o Mandu, ao lado do qual se origina determinada cidade, Pouso Alegre. E processos discursivos que funcionam como processos históricos mais amplos, como os discursos de desenvolvimento e de preservação, que imprimem, ambos, sentidos para o rio enquanto recurso/ meio ambiente na atualidade. Proponho compreender a foto de acervo, neste caso, como uma imagem que demarca espaços de significação de uma cidade no tempo, isto é, como uma imagem que diz de uma cidade que foi outra. Tal relação de alteridade da cidade consigo mesma produz-se, na situação de um acervo, através de dois diferentes *gestos de interpretação* (ORLANDI, 2001). Orlandi (2001) distingue constituição, formulação e circulação e compreende a formulação como o modo pelo qual o discurso toma corpo: “Formular é dar corpo aos sentidos” (p. 9). A formulação depende de circunstâncias, dos discursos que a produzem, bem como da própria materialidade: “Formulação que se desenha em circunstâncias particulares de atualização, nas condições em que se dá, por gestos de interpretação e através de discursos que lhe emprestam ‘corpo’” (ibidem: p. 10). Como ponto de partida para uma análise discursiva sobre a foto de acervo, considerarei que, para que dada imagem seja parte de um acervo histórico, dois *gestos de interpretação* funcionam, sistematicamente: o gesto do fotógrafo recortando um espaço e um instante da cidade, e o gesto do arquivista, selecionando imagens pela potencialidade de uma memória histórica em relação à cidade.

2 • Gestos de interpretação e olhar(es) nas fotos de Curt Nimuendaju: índios no Brasil

Tania Conceição Clemente de Souza (Museu Nacional – UFRJ)

Este trabalho está inserido no projeto sobre o acervo Curt Nimuendajú (PRONAC 121577), pesquisador alemão, que, a partir de 1905, trabalhou por mais de 40 anos, junto a populações indígenas distribuídas desde a região sudeste (Guaranis de São Paulo) até a região Amazônica, contribuindo na pacificação de várias dessas populações. Curt Unkel chegou ao nosso país em 1903, vindo da Alemanha em busca do contato com as culturas indígenas. Uma vez entre os índios, dedicou toda a sua vida ao estudo e mapeamento dos diversos grupos indígenas nos seus aspectos linguísticos e etnológicos. A partir dessa experiência adota o nome Curt Nimuendajú – *aquele que fez entre nós sua morada*. Morreu

entre os Tikunas na Amazônia em 1945, num evento cercado de mistérios e sem conclusão quanto ao que realmente ocorreu. Nosso campo teórico é a Análise de Discurso. Há algum tempo vimos investindo na análise do não-verbal, o que tem contribuído a se pensar a imagem em sua discursividade, bem como o seu papel na constituição da memória. O papel do acervo de Curt Nimuendaju na formação de um corpo de memória de todas as etnias pesquisadas é indiscutível, entretanto o que nos interessa em termos teóricos é entender todo esse acervo – fotos e textos, legendas, etc - como gestos discursivos que fundam o trabalho do etnólogo. Dentre as várias questões que o enfoque discursivo da imagem suscita está a compreensão de uma materialidade discursiva específica – a não-verbal – e a sua relação com o político. Assim, analisar a imagem como discurso é buscar entender a textualização do político no âmbito do não-verbal. Já que este se define na “forma de (se) significar a (na) sociedade, o (no) social, produzindo-se deferentes direções de sentido”. (Orlandi, 2001) No trabalho atual, vamos estender essa discussão investindo na formulação do conceito de arquitetura da discursividade não verbal trabalhando, no caso, o intervalo entre dois olhares do pesquisador Curt Nimuendaju: o olhar no momento do flagrante que captura o *spectrum* e o olhar que promove um gesto de interpretação sobre o *studium*. Quando assinalamos a forma como as imagens se textualizam, assinala-se também como se materializam os discursos, ou como trabalha a relação do real com o imaginário. É nossa intenção, ao analisar as marcas de textualidade das fotos de Nimuendaju, remetê-las à ordem do discurso e entender cada traço da textualidade não-verbal como fato discursivo, enfim, como lugar de textualização do político. Trabalho, como disse Foucault, de tentar entender não só o modo de ser do *discurso e da figura*, mas também de buscar explicar o complexo de suas relações materialmente ligadas pelo fio do político. E é sobre o fio que liga os dois olhares do pesquisador alemão – o do fotógrafo e o do etnólogo que observa a foto, atribuindo-lhe sentidos – que recai o nosso olhar, buscando aí discernir todo o alcance político desse trabalho de décadas.

3 • Mídia, sujeito e sentidos: uma análise da imagem em propagandas de televisão

Silmara Cristina Dela-Silva (UFF/FAPERJ)

Neste trabalho, buscamos dar continuidade às reflexões que temos desenvolvido acerca dos discursos em circulação na mídia sobre as novas tecnologias no Brasil, em diferentes momentos históricos, tomando como foco os dizeres sobre a imagem da/na televisão em propagandas destinadas à apresentação e venda de aparelhos televisivos, na década de 1950 e na atualidade.

A proposta está vinculada, assim, aos objetivos do projeto de pesquisa docente “Mídia, sujeito e sentidos: o discurso midiático na constituição do sujeito urbano brasileiro”, em andamento junto ao Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras da UFF, com apoio da FAPERJ, que tem como preocupação central refletir acerca dos processos de produção de sentidos para sujeito e mídia na atualidade, pensando os sentidos que se constituem para o sujeito urbano brasileiro no discurso midiático sobre a própria mídia no Brasil. Como *corpus* de análise, retomamos uma série de propagandas que circularam nos impressos *O Estado de S. Paulo* e *O Cruzeiro*, na década de 1950, durante o período de implantação da televisão nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, e que compõem o *corpus* de minha tese de doutorado (DELA-SILVA, 2008). A este material contrapomos propagandas em vídeo de novos aparelhos de televisão que anunciam novas tecnologias de visualização das imagens, as chamadas “Smart TV”, em circulação na mídia na atualidade. Nesses textos publicitários, temos como proposta analisar os sentidos que se constituem para a imagem da/na televisão e, a partir delas, as posições que são atribuídas aos sujeitos nesses discursos. Deste modo, buscamos analisar os sentidos que se constituem para as imagens da/na televisão na relação entre o verbal e o não verbal das propagandas que constituem o nosso *corpus* de pesquisa. O referencial teórico que adotamos é a Análise de Discurso que se constitui a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux (1997 [1969], 1990 [1983]), na França, e os seus desenvolvimentos no Brasil; neste caso, tendo como referência os trabalhos iniciados por Eni Orlandi (2006). Desta perspectiva, compreendemos que o discurso midiático e, neste caso, o discurso publicitário mais especificamente, constitui memórias, como nos mostram os trabalhos de Mariani (2003, 1998), mas também promove silenciamentos, nos termos de Orlandi (2002). Diante deste *corpus*, composto por imagens, na relação com o verbal (ORLANDI, 1995), centramos nossos questionamentos no funcionamento da memória de arquivo no processo de constituição de sentidos. Nos termos de Orlandi (2006, p. 22), a memória de arquivo “representa o discurso documental, a memória institucionalizada que é aquela justamente que fica disponível, arquivada em nossas instituições...”. Ao atualizar o dizer sobre os aparelhos de televisão na atualidade, as propagandas atuais retomam dizeres já institucionalizados sobre a imagem da/na televisão e, neste movimento, deixam de fora sentidos outros que, no entanto,

produzem os seus efeitos neste dizer de novo sobre a imagem como uma novidade possibilitada pela TV. Para pensar a possibilidade desse sentido que se move, apesar da aparente retomada de uma memória de arquivo sobre a televisão no Brasil, recorreremos à noção de efeito metafórico (PÊCHEUX, 1969). Assim, analisamos os modos como as imagens estáticas nas telas de televisão à venda na década de 1950 antecipam o movimento como o sentido prioritário nas propagandas que anunciam, na atualidade, os novos aparelhos.

4 • A imagem como lugar material de inscrição de discursividades: entre a memória e a metáfora

Greciely Cristina da Costa (UNIVÁS)

A relação do homem com o universo simbólico não se dá apenas pela via verbal. O homem se relaciona com o mundo por meio de todas as formas de linguagem. Diante desse fato, o objetivo desse trabalho é investigar os processos de significação que se dão na e pela imagem, além de analisar o funcionamento discursivo-imagético em seu modo de constituir-se e produzir efeitos de sentido. E, ainda, é explicitar como o sujeito se significa e significa o mundo através da imagem. Para tanto, a noção de forma-material (ORLANDI: 2001) é tomada como ponto de sustentação para a descrição e interpretação (PÊCHEUX, 1983) de traços específicos da imagem, em sua consistência significativa, face ao simbólico, à história e à ideologia. Interessa-nos a partir dessa reflexão, tomar a imagem como um lugar material de inscrição de discursividades. Para tanto, partimos do pressuposto teórico de que a memória discursiva retorna na base do dizível, no intradiscorso na medida em que o interdiscorso disponibiliza dizeres já-ditos afetando a constituição dos sentidos e determinando a formulação. De acordo com Pêcheux (1999), incide sobre o intradiscorso uma “espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (p. 53). Esse retorno, segundo Orlandi (*idem*), a atualização da memória se dá na formulação. Considerando as múltiplas formas de significar, propomos, em vez de tratarmos de dizeres, refletir sobre as *imagens já-vistas, já-significadas* que retornam sobre uma *base visível* produzindo efeitos de sentido que remetem à memória discursiva. O que significa analisar a textualização do discurso na imagem em seu processo discursivo. Com esse propósito, filiados à Análise de Discurso, partimos do funcionamento da metáfora definida como transferência, uma palavra por outra (PÊCHEUX, 1975) e propomos derivar daí, *uma imagem por outra*. Dado esse primeiro passo, analisamos a animação *El empleo*, na qual a imagem estampa o corpo humano formulado ora como objeto, ora transformado em homem, marcando um duplo espaço de significação do corpo, cujo discurso produz um deslocamento em relação ao modo como o homem se significa na/pela organização social. Um corpo por um objeto, um corpo por um ser humano são possíveis derivas construídas pelo efeito metafórico (PÊCHEUX, 1969) engendrado pela transferência de uma imagem por outra, nessa animação. As diferentes formas de textualização do corpo na imagem se estruturam no equívoco *homem-coisa*, no confronto entre o mesmo e o diferente provocando uma tensão que tem a ver justamente com a objetivação, a mecanização, a desumanização etc. do homem face a sua significação como coisa, face sua condição de existência. Além disso, desestabiliza as redes imaginárias, nas quais o homem configura-se como um ser subjetivo, humanizado, dotado de capacidade intelectual etc. à medida que é de-significado. Em *El empleo*, esse discurso explicitado a partir da imagem, nos leva a pensar ainda sobre o sujeito individualizado, que por sua vez, resulta da individuação do sujeito pelo Estado em uma formação social capitalista.

5 • Por uma análise do discurso do cinema-documentário: a questão da moradia, os sentidos e os sujeitos no espaço urbano carioca

Maurício Beck (UFF)

Tendo como base a Análise de Discurso, inicialmente formulada pelo círculo de intelectuais em torno do filósofo francês Michel Pêcheux, nos anos de 1960-1970 e, posteriormente, desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil, este trabalho visa a uma análise do discurso cinematográficos cariocas. O objetivo específico é investigar os processos de significação dos sujeitos segregados enquanto protagonistas de documentários dirigidos por Vladimir Seixas e produzidos na cidade do Rio de Janeiro. *O corpus* a ser analisado nesse trabalho será constituído por 2 documentários: *Atrás da Porta* (2010) e *Hiato* (2008), ambos com direção de Vladimir Seixas. O primeiro filme narra a luta por moradia de famílias “sem-teto” na região central e portuária, do Rio de Janeiro. O segundo documenta a visita de um grupo de moradores de favela ao

Shopping Rio Sul no ano 2000 e o modo como o grupo foi recepcionado pelos lojistas, seguranças e clientes habituais do local. Investigar o discurso desses documentários possibilitará uma melhor compreensão dos processos que engendram identificações inconscientes conforme o espaço urbano que os sujeitos habitam e circulam (as “evidentes” diferenças entre favela e asfalto, entre privado e público). Como esses sujeitos transgressores são significados no discurso cinematográfico? E como a cidade do Rio de Janeiro é significada? Essas questões serão o foco de nossas análises. No que concerne aos procedimentos de análise, é bom lembrar que há, atualmente, uma ampliação do interesse em relação aos objetos de estudo no campo teórico e analítico da Análise de Discurso, segundo Orlandi (2009), ampliação que envolve inúmeras abordagens e investigações do processo discursivo imagético das novas mídias digitais e do cinema. Para Orlandi (2009) o conceito de discurso formulado por Pêcheux (1997) abarca o discurso imagético. Em outras palavras, não se trata de novas materialidades discursivas, mas de um processo discursivo com modos de expressão próprios. Sua especificidade não extrapola a definição pecheuxtiana de discurso. Não se trata de transcrever imagens em palavras, dada a irredutibilidade da forma material do imagético, uma vez para Orlandi (2009) a imagem significa por si. Não cabe, por conseguinte, ampará-la ou traduzi-la em descrições verbais, na suposição de dizer de modo “objetivo” aquilo que todos já estão vendo. Talvez, o escopo do analista seja descrever o que não é visto, mas mesmo assim é significado na tela? Ou seja, aquilo que embora não captado pelo olhar inconsciente da câmera, se faz presente em sua ausência, para além do enquadramento da imagem? Creio que além de mencionar o que é não-visto (mas ainda assim significado) o analista pode compreender *como* o que não é visto é ainda assim significado, por um lado. E, por outro, pode mostrar como o imagético funciona conferindo visibilidade e produzindo sentido ao que está enquadrado na tela e nas suas adjacências e, dialeticamente, como funciona deixando invisível uma parte de suas próprias condições de produção. Em síntese, para investigar o deslocamento das fronteiras do visível e do invisível é preciso partir do princípio de que o efeito de evidência propiciado por uma determinada imagem (estática ou em movimento) deve ser remetido ao que se faz visível a “todo mundo”, como algo tomado como inequivocamente claro e distinto. Ou seja, algo que pode e que deve ser visto, dialeticamente contraposto ao que não pode e não deve ser visto. No caso dos documentários a serem analisados, trata-se das fronteiras imaginárias que significam e distinguem moradores do asfalto e moradores de favelas, moradores ocupantes e moradores de “direito”.

Sessão 19: NÍVEIS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

Coordenação: Ricardo Joseh Lima (UERJ)

1 • O aspecto iterativo em sentenças com a perífrase “estar” + gerúndio no português do Brasil e no espanhol do México

Anne Katheryne Estebe Maggessy (Mestranda UFRJ - CNPQ)

O aspecto é uma categoria linguística importante a ser considerada na distinção entre línguas. Ele se refere à maneira como o tempo decorrido é tratado dentro dos limites do fato. Comrie (1976) se refere ao aspecto como o modo de observar a constituição temporal interna de uma situação. Este autor prevê a existência de dois aspectos básicos: o perfectivo e o imperfectivo. O perfectivo, ou delimitado, indica uma ação pontual e acabada. Já o imperfectivo, ou não delimitado, indica uma ação não pontual e durativa. Além disso, para o autor, o imperfectivo pode ser dividido em duas categorias: habitual e durativo. Segundo ele, a iteratividade além de se referir a repetição de uma situação, é um tipo de aspecto inerente que ao mesmo tempo faz parte do aspecto imperfectivo, pois possui propriedades semânticas particulares e se refere a um evento incompleto. Segundo Travaglia (2006), quando o verbo “ter” da perífrase “ter” + particípio está no presente do indicativo, há a expressão do imperfectivo, o não-acabado e o iterativo. Exemplo: “Meu irmão tem mandado notícias”. E quando esse mesmo verbo está em qualquer outro tempo verbal diferente do presente do indicativo, há a expressão dos aspectos perfectivo e acabado. Exemplo: “Orlando tinha roncado à noite e ela estava nervosa por isso.” (p. 162 e 163). Já a perífrase “estar” + gerúndio, por influência do adjunto adverbial, pode expressar o iterativo ou o habitual, contrariando a tendência aspectual da perífrase que é a de marcar o aspecto durativo. Exemplo: “O rapaz estava chegando às oito horas.” / “Todos os dias o rapaz estava chegando às oito horas.” (p.172 e 173). Em sua tese, Mendes (2005), também observou a possibilidade da perífrase “estar” + gerúndio (EG) expressar o aspecto iterativo, além do canônico aspecto progressivo, em determinados contextos. O autor afirma, que está havendo uma gradual substituição da perífrase “ter” + particípio pela perífrase EG nas gerações mais jovens da população. Em trabalhos anteriores, pudemos confirmar a hipótese de Mendes (2005) e verificar que assim como no português do Brasil (PB), no espanhol de Madri e no da Argentina, a perífrase EG também pode expressar a iteratividade. Este estudo se orienta dentro do quadro teórico da linguística gerativa e busca verificar a possibilidade de interseção de traços do aspecto iterativo e do aspecto durativo em sentenças com EG. Assim, o objetivo deste trabalho é, pois, investigar a possibilidade da expressão aspectual iterativa da perífrase EG no espanhol do México e identificar os fatores composicionais das sentenças com EG que favorecem tal expressão aspectual, tanto no PB quanto no espanhol do México. A nossa hipótese é de que os fatores favorecedores serão a presença de advérbio quantificador, argumentos pluralizados e a tipologia semântica do verbo. Para tanto, nesta versão do estudo, serão analisadas 4 das 8 entrevistas semi-dirigidas a jovens entre 20 e 34 anos do PRESEEA-México e outras 4 das 8 entrevistas semi-dirigidas a jovens entre 25 e 35 anos com curso superior do NURC-RJ. Resultados preliminares confirmaram até aqui a nossa hipótese e nos mostraram que a expressão aspectual de EG parece estar mais estendida no PB, pois encontramos percentualmente mais sentenças iterativas no PB que no espanhol do México.

2 • O processo de recomposição nos afixoides Eco- e Homo- no Português Brasileiro

Patricia Affonso de Oliveira (UFRJ/NEMP)

Pretendemos investigar o processo morfológico conhecido como recomposição, analisando, mais especificamente, os elementos neoclássicos ‘eco-’ e ‘homo-’. Os formativos ‘eco-’ e ‘homo-’ são oriundos do grego e significam, respectivamente, “casa, *habitat*” e “semelhante, igual a” (CUNHA, 2010; HOUAISS, 2009). Atualmente, os formativos eco- e homo- vêm sendo amplamente utilizados para formar novas palavras, mas não mais com o significado que encontramos no dicionário etimológico: eco- aparece associado aos significados de “ecológico” e “reciclagem”, típicos de palavras como ‘ecologia’ e ‘ecológico’, e homo-, ao significado de “*gay*”, numa clara referência à palavra ‘homossexual’. Desse modo, adquirem significado mais especializado, distinto do significado etimológico. Esses formativos adquirem o significado de todo o composto de

onde se desprenderam e se juntam a outras bases, formando novas palavras no atual estágio da língua. A esse processo damos o nome de recomposição. A recomposição é o processo pelo qual há um encurtamento de uma palavra, outrora composta, em um radical que adquire o significado de todo o composto. Esse radical se junta a uma forma livre da língua, formando uma nova palavra. A recomposição é um processo morfológico que seleciona como formativos para figurar à esquerda tanto formas presas, como é o caso de *eco-*, que se assemelha mais a um prefixo, quanto itens autônomos, como *homo-*, que pode se atualizar como palavra. Isso evidencia que a recomposição é um mecanismo de ampliação lexical que transita nas fronteiras entre composição e derivação a exemplo do que é idealizado por Kastovsky (2009) e Gonçalves (2011a). Os dados que embasam a análise foram recolhidos de dicionários eletrônicos (AURÉLIO, 1999; MICHAËLLIS, 2007; HOUAISS, 2001; AULETE, 2009), através de ferramentas de busca encontradas nas próprias obras; posteriormente, com o objetivo de chegar ao maior número possível de formações recentes, utilizamos os rastreadores eletrônicos google e yahoo, conseguindo, com isso, extrair dados de blogs, chats e posts nas redes sociais, como o orkut e o facebook. Uma coleta menos sistemática foi feita, paralelamente, a partir de fontes diversas: jornais e revistas de grande circulação nacional, como o Jornal do Brasil e a revista Veja, além de dados ouvidos em diferentes situações de interação linguística, como conversas informais e programas de televisão. Com base em Gonçalves (2011b) e Oliveira & Gonçalves (2011) pretendemos fazer uma pequena análise deste fenômeno na Língua Portuguesa demonstrando como este processo de formação de palavras é produtivo no português. Concluímos este trabalho reforçando que o processo de recomposição seleciona como formativos para figurar à esquerda tanto formas presas, como é o caso de *'eco-'* que se assemelha mais a prefixos, como itens lexicais autônomos, como *'homo-'*, que equivale a um radical/palavra. Isso evidencia que a recomposição é um mecanismo de ampliação lexical que transita nas fronteiras entre composição e derivação. O diferente estatuto do determinante (elemento de primeira posição, nos recompostos) por si só já justifica a proposta de *continuum* entre os dois principais processos de formação de palavras, a exemplo do que é idealizado por Kastovsky (2009) e Gonçalves (2011).

3 • Uma análise do objeto direto nulo em sentenças com SE-indefinido no Português Carioca do século XIX.

Elaine Alves Santos Melo (UFRJ)

Na literatura (CINQUE, 1988; RAPOSO e URIAGEREKA, 1996), há uma intensa discussão acerca da relação gramatical do DP argumento interno de sentenças como (1). Cinque (1988) afirma que essas sentenças são passivas e, portanto, o DP é o sujeito da oração, pois há concordância entre o mesmo o verbo transitivo direto. Por sua vez, Raposo e Uriagereka (1996) afirmam que essas sentenças são ativas e que o DP é o objeto direto da oração. Para tanto, os autores analisam a ordem e os contextos em que pode ou não haver anteposição, visto que, no Português Europeu, o sujeito é preferencialmente anteposto. Nesta análise, sendo o DP, o objeto, o clítico SE exerce a função de sujeito com uma leitura arbitrária. (1) **Comprão-se** escravos para encomendas; na rua da Princesa dos Cajueiros número 100. (Anúncios, Jornal do Commercio, 01 de outubro de 1881). Cavalcante (2011), observando o Português Clássico e o Português Europeu, e Melo (2012), a partir de dados coletados em jornais cariocas do século XIX, encontram evidências de que este DP é o objeto da oração, assim como proposto por Raposo e Uriagereka. Melo (2012), observa que em apenas 5% dos dados de SE-indefinido há anteposição e nesses casos o estatuto informacional favorece que o DP se mova para [SPEC-FP], quando observadas às sentenças com SE-reflexivo ou as passivas analíticas a anteposição ocorre, respectivamente em 49% e 66% dos dados. Nestes casos o DP ocupa [SPEC-TP]. Os resultados de Cavalcante (2011), também indicam que nas sentenças com SE-indefinido há preferencialmente DP posposto desde o Português Clássico. Temos, portanto, diversas evidências, no que concerne a ordem dos constituintes, de que este DP é o objeto direto. Entretanto, nada sobre quando o argumento nulo. Nesses casos, por hipótese, no Português Brasileiro, haverá uma expansão dos contextos de uso, pois esta é uma língua que marca positivamente o parâmetro do objeto nulo (TARALLO, 1993). Além disso, seguindo a escala de referencialidade de Kato, Cyrino, Duarte e Berlinck (2006) o aumento dessa frequência ocorrerá primeiro nos DPs proposicionais e depois nos [-humanos]. É esta a pesquisa que proponho apresentar: uma análise quantitativa e qualitativa dos argumentos nulos de sentenças com SE diante de verbos finitos transitivos diretos (3) a fim de verificar se encontramos um padrão semelhante ao dos objetos ou ao dos sujeitos. Utilizarei sentenças com objeto direto, SE-indefinido, SE-reflexivo, e passivas analíticas, que serão coletadas em cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios publicados em jornais cariocas no século XIX que constituem parte dos *Corpora* do Projeto Para a História do Português Brasileiro (www.letras.ufrj.br/phpb). (3) Vendem-se machinas de costura Singer e outras,

a dinheiro e a prestações de 5\$ a 10\$, e **alugão-se** [-] por pequenos alugueis; na rua Larga de São Joaquim número 116.(Anúncios, Jornal do Commercio , 01 de outubro de 1881). O trabalho segue os pressupostos teóricos do Programa Minimalista (CHOMSKY,1995) e será utilizado o programa GOLDVARB-X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005) como uma ferramenta para o tratamento dos dados.

4 • Força ilocucionária, CP cindido e efeito V2 de línguas germânicas

Carlos Felipe Pinto (Universidade Tiradentes)

O efeito V2 se caracteriza por uma restrição estrutural na qual o verbo finito aparece na segunda posição da sentença, onde aparece precedido por somente um constituinte, como se ilustra nos exemplos a seguir tomados de Biberauer (2002, p. 19): a. André **het** gister die storie geskryf (André tem ontem a história escrito); b. Gister **het** André die storie geskryf (Ontem tem André a história escrito); c. Die storie **het** André gister geskryf (A história tem André ontem escrito). Dentro do quadro gerativista, as primeiras línguas nas quais este fenômeno foi estudado foram o alemão e o holandês, que exibem o efeito V2 somente em orações matrizes. Foi mostrado também que um grupo de línguas germânicas, principalmente o iídiche e o islandês, não apresentava essa assimetria manifestando o efeito V2 tanto em orações matrizes como em orações subordinadas. No caso do alemão e do holandês (línguas assimétricas), Den Besten (1989) comparou alguns fenômenos em orações matrizes e subordinadas e propôs que, dadas as semelhanças entre elas, o movimento do verbo se dá para o mesmo núcleo que abriga as conjunções nas orações subordinadas, no caso, o núcleo C. No caso das línguas simétricas, foi assumido por diversos autores (THRÁINSSON, 1986; SANTORINI, 1989, 1995; DIESING, 1990) principalmente que o verbo se move para uma projeção mais baixa, ou seja, para I, tanto nas orações matrizes como nas orações subordinadas, já que o núcleo C já está ocupado pela conjunção. Neste trabalho, discutimos se essas duas análises para o efeito V2 nas línguas humanas (V2-CP e V2-IP) não podem ser reduzidas a uma única análise (V2-CP), considerando o CP cindido da cartografia das estruturas sintáticas (RIZZI, 1997 e desenvolvimentos posteriores), na qual o CP é um campo com várias projeções e não uma projeção única. Para isso, procedemos da seguinte maneira: a) apresentamos evidências de que o verbo não pode estar localizado em IP nas línguas simétricas observando alguns fenômenos sintáticos como a posição do sujeito, a posição do advérbio, construções de *object shift* e orações com dois complementadores (que é, efetivamente, a evidência independente para essa proposta); b) a partir do trabalho de Julien (2010), exploramos a relação entre força ilocucionária e efeito V2 nas línguas escandinavas e mostramos que o traço [\pm asserção] é o responsável pela existência do efeito V2 nas orações subordinadas dessas línguas; c) mostramos que a impossibilidade de extração de constituintes contidos em orações subordinadas V2 de algumas línguas assimétricas, como o frísio, não está relacionada com o movimento do verbo, mas sim com a estrutura interna das orações subordinadas dessas línguas, que são, de fato, orações matrizes. A partir da proposta de Roberts (2004) de que o efeito V2 é desencadeado por um traço EPP em uma projeção do CP, concluímos o trabalho mostrando que, a partir da combinação dos traços das projeções de Força e Finitude, projeções do campo CP, do efeito V2 pode ser explicado sempre como movimento do verbo para CP (análise V2-CP) nas orações em que tal restrição acontece, independentemente de haver simetria ou assimetria entre oração matriz e oração subordinada. Esta análise permite explicar de maneira mais elegante, empiricamente motivada, sem recorrer a uma alternativa *ad hoc*, a variação na manifestação do efeito V2 nas línguas humanas.

5 • Formações lexicais via *splinters*: uma visão multissistêmica

Caio Cesar Castro da Silva (UFRI/ CNPq); Matheus Odorizi Marques (UFRI)

É admitido que as operações morfológicas da língua possuem duas funções básicas, que seriam a (i) criação de palavras novas e (ii) a interpretação da forma apropriada de um lexema em um contexto sintático particular (BOOIJ, 2005: 28). A (re)criação de novos conceitos e rótulos é uma necessidade sociocultural que nos leva diretamente à primeira função aqui mencionada. Analisaremos, neste trabalho, casos em que a formação de novos verbetes mantém o caráter econômico que é inerente às línguas, estando, porém, ancorada em processos que tornam possível a reciclagem de conceitos, praticando uma “sustentabilidade linguística”. Procuraremos expor os processos e motivações que geraram os casos das construções ‘Xcast’, ‘Xtube’, ‘Xdrasta’ e ‘homoY’, à luz do aparato da teoria multissistêmica. Essas construções, como

veremos, evidenciam a necessidade de renovação constante da língua através de processos nem sempre contemplados pela tradição, e que vão além de uma visão composicional *stricto sensu*. Nossa amostra foi constituída a partir de dados coletados em dicionários, como Houaiss (2009) e Aurélio (2004), e exemplos encontrados na página eletrônica de buscas *Google*. A construção 'Xcast' forma palavras como 'videocast', 'nerdcast', 'jornalcast' e 'livrocast'. Alguns dados instanciados por 'Xtube' são 'sexotube', 'brasileirãotube', 'novelatube' e 'IURDtube'. A construção 'Xdrasta' instancia elementos como 'tiadrasta', 'vódrasta' e 'primodrasto'. Por fim, a construção 'homoY' forma itens lexicais como 'homoerótico', 'homoturismo', 'homoafetivo' e 'homocinema'. A abordagem multissistêmica (CASTILHO 2010), que não prevê uma linearização entre os sistemas linguísticos, está alicerçada em seis postulados básicos. Dentre os principais, observa-se o postulado que alinha essa perspectiva aos estudos em Linguística Cognitiva, pressupondo a existência de um aparato cognitivo que organiza não só a linguagem, mas também as demais habilidades humanas, como a visão, a capacidade matemática e a produção artística, por exemplo. É, portanto, sintomática a aproximação com as ciências cognitivas, já que situa essa abordagem no conjunto de teorias que compreendem a mente como uma entidade contextualizada e não autônoma. É uma afirmação em favor dos demais postulados, como o que prediz que a língua é uma competência comunicativa e o que indica a não autonomia das estruturas linguísticas, pois reflete a mediação da mente entre o indivíduo e o mundo, sem implicar (i) um menor relevo à interação social – própria do processo de comunicação – ou (ii) a autossuficiência das línguas naturais – se a mente é corporificada, a linguagem não se aliena das relações com o meio (LAKOFF & JOHNSON, 1999). Outro importante postulado diz respeito à percepção multissistêmica da língua, segundo o qual os processos não ocorrem de maneira linearizada, nem estaticamente. Do mesmo modo, os processos não são particulares a um domínio da linguagem, mas repercutem em outros sistemas, fazendo com que uma mudança morfológica nunca seja apenas uma mudança lexical, mas também semântica, pragmática e gramatical. Esses quatro sistemas que compõem a linguagem humana, embora apresentem funcionamento e características próprios, estão articulados entre si, possibilitando a interface entre os domínios. A partir das considerações feitas e do embasamento teórico, pudemos perceber que essas novas palavras surgem para atender uma urgência da sociedade que se constitui: exemplos formados pelas construções 'Xcast' e 'Xtube' estão diretamente relacionados às inovações tecnológicas e aos dispositivos que modificam nossa maneira de relacionar com o mundo; e os dados de 'Xdrasta' e 'homoY' fazem referência ao novo mosaico social e aos comportamentos percebidos no meio que nos cerca. De uma maneira ou de outra, a mente se configura como uma entidade corporificada, como preveem as mais básicas hipóteses cognitivistas (LAKOFF & JOHNSON, 1999).

Sessão20: AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Coordenação: Mercedes Marcilese (UFF)

1 • A categorização sintática por bebês adquirindo o PB

Sabrina Anacleto Teixeira & Maria Cristina Name (UFJF)

Este estudo investiga o processo de categorização de palavras pertencentes às categorias lexicais N(ome) e V(erbo). Nosso objetivo é verificar se pistas distribucionais presentes no *continuum* da fala, como a presença dos itens funcionais determinantes e pronomes, podem guiar bebês adquirindo a PB no processo de categorização de nomes e verbos. A perspectiva teórica adotada visa a conciliar um modelo de processamento voltado para a aquisição da linguagem – *Bootstrapping* Fonológico (MORGAN & DEMUTH, 1996; CHRISTOPHE et al., 1997) – e uma teoria linguística que considera uma interfase entre o sistema linguístico e outros sistemas – perceptual e conceptual (CHOMSKY, 1995; 1999; HAUSER, CHOMSKY & FITCH, 2002), nos moldes do Modelo Integrado Misto de Computação *on-line* (MIMC: CORRÊA & AUGUSTO, 2009; 2006). Tal conciliação nos permite explicar como as crianças, a partir das pistas distribucionais e prosódicas do *continuum* da fala, conseguem extrair a estrutura sintática subjacente à sua língua. No que tange ao uso das informações distribucionais no processo de categorização, podemos destacar os trabalhos com aprendizes do francês (SHI e MELANÇON, 2010) e do alemão (HOHLE et al., 2004). Tais estudos obtiveram evidências de que bebês de 14 meses usam os determinantes como guia para categorizar os nomes. Também podemos destacar um estudo com aprendizes do inglês (MINTZ, 2006), o qual aponta a informação distribucional como um meio para a categorização de verbos. Nossa hipótese de trabalho é que os itens funcionais – determinantes e pronomes – podem guiar o processo de categorização de nomes e verbos e que os nomes são categorizados mais facilmente que verbos, visto que a coocorrência de determinantes e nomes é mais constante do que entre pronomes e verbos. A fim de encontrar evidências para essa hipótese, realizamos uma atividade experimental com bebês brasileiros de 14 meses (idade média), usando a técnica de Olhar Preferencial. Os estímulos são duas pseudopalavras (*piva* e *dema*) usadas em duas condições: nomes – quando antecidas pelos determinantes (*a*, *uma* e *essa*) – e verbos – quando antecidas pelos pronomes (*ele*, *ela* e *você*). Na fase de familiarização, os participantes são divididos em dois grupos: o primeiro grupo é exposto durante 2 minutos à condição Det + N, na qual as duas pseudopalavras são precedidas pelos determinantes *a* e *uma*; o segundo grupo é exposto à condição Pron + V, em que as mesmas pseudopalavras são precedidas pelos pronomes *ele* e *ela*. Na fase teste, os participantes dos dois grupos são expostos aos mesmos estímulos, compostos por duas condições: a condição controle, que apresenta a mesma categoria gramatical da fase de familiarização (6 ensaios) e a condição teste, que apresenta a categoria gramatical diferente (6 ensaios). Nessa fase, os estímulos do tipo Det + N são apresentados com o determinante *essa* e os do tipo Pron + V com o pronome *você*. A variável dependente é o tempo médio de olhar/de escuta do grupo de crianças em cada condição na fase teste calculado em milésimos de segundo. Com base em nossa hipótese, prevemos uma diferença significativa entre os tempos médios de olhar para as duas condições se os bebês forem sensíveis ao tipo de item funcional que antecede as pseudopalavras. Além disso, prevemos que as crianças familiarizadas na condição Det + N terão mais facilidade em reconhecer o determinante usado no teste como sendo da mesma categoria dos elementos da familiarização, comparadas às crianças familiarizadas na condição Pron + V. Resultados preliminares mostram uma diferença entre o tempo de olhar nas duas condições, sustentando nossa previsão.

2 • Sensibilidade de bebês de 13 meses aos determinantes do Português do Brasil

Daniele Novais Uchôa & Maria Cristina Name (UFJF)

O trabalho apresentado insere-se no projeto *Etapas iniciais da aquisição lexical*, desenvolvido pelo NEALP - Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Parte-se dos estudos de Name (2002), de Shi e colaboradores (1999; 2003) e de Shady (1996) sobre a sensibilidade de crianças, já nos primeiros anos de vida, à forma fônica dos determinantes da língua. Shi, Werker & Morgan (1999) sugerem que bebês recém-nascidos de mães americanas já são sensíveis às diferenças acústicas entre itens

lexicais e funcionais. Shady (1996) observou que bebês americanos aos 10 meses e meio reconhecem a forma fônica dos itens funcionais do inglês, preferindo estes a pseudoitens que preservam as propriedades fonotáticas desses elementos. Porém, apenas aos 16 meses demonstram sensibilidade à posição estrutural dos itens funcionais na sentença. No que se refere aos determinantes, Shi, Werker & Cutler (2003) verificaram que bebês de 13 meses aprendizes do inglês reconhecem o artigo definido *the* e o pronome possessivo *his* em DPs em detrimento a pseudodeterminantes. Em português, Name (2002) observou, em crianças brasileiras de 15 meses, sensibilidade à forma fônica de artigos definidos e indefinidos e demonstrativos inseridos em histórias curtas. Com base nesses resultados, investigamos a sensibilidade de crianças de 13 meses, adquirindo o Português Brasileiro (PB), aos determinantes em uma idade anterior àquela testada por Name (2002) e usando metodologia diferente. A perspectiva teórica adotada aqui busca conciliar um tratamento psicolinguístico para aquisição de língua com uma teoria linguística, através da integração entre o modelo de *Bootstrapping* Fonológico (Morgan & Demuth, 1996; Christophe *et al*, 1997) e o Programa Minimalista (Hauser, Chomsky & Fitch, 2002).

As hipóteses assumidas são de que (i) já nessa idade, a criança é sensível à forma fônica dos determinantes, distinguindo, assim, os determinantes reais dos pseudo-determinantes, sendo capazes, (ii) de segmentar o DP formado por um determinante real + pseudo-nome. Em relação ao paradigma metodológico, utilizamos a técnica de Olhar Preferencial, que visa a testar o efeito de determinada variável independente (forma fônica dos determinantes) sobre a variável dependente (tempo de resposta), a partir da observação do tempo de olhar/escuta da criança. Busca-se avaliar a preferência da criança por um estímulo linguístico em detrimento de outro, a partir da duração média de escuta (em milissegundos) aos dois estímulos. Para a realização da atividade, foram criados dois pseudo-nomes (*bape* e *tófe*). Além de pseudonomes, também utilizaram-se pseudodeterminantes, que são os mesmos usados por Name: artigo definido masculino: *ône*; artigo indefinido masculino: *ór*; pronomes demonstrativos masculinos: *ugi* (equivalente a *este*) e *ófupi* (*aquela*). Determinantes e pseudodeterminantes refletem, portanto, os dois níveis da variável independente “tipo de determinante” (real ou pseudo), correspondendo às duas condições experimentais: condição “determinante real” e condição “pseudodeterminante”. A atividade se desenvolve em duas fases. Durante a familiarização, a criança é exposta à escuta de dois pseudo-nomes (*bape* e *tófe*) isoladamente, que são repetidos por um tempo de dois minutos, de modo que possam armazenar na memória esses elementos. Na fase de teste, as crianças são divididas em dois grupos: o grupo 1 ouve a sequência formada por determinantes reais + pseudo-nome *bape* e por pseudo-determinante + *tófe*. Já o segundo grupo ouve a sequência constituída por um determinante real + *tófe* e pseudo-determinante + *bape*. Nossa previsão é que, se as crianças, nessa idade, reconhecem a forma fônica dos determinantes, apresentarão uma diferença estatisticamente significativa entre o tempo de escuta da condição “determinante real” *versus* condição “pseudodeterminante”.

Os resultados preliminares impossibilitam um tratamento estatístico dos dados devido ao número reduzido de crianças já testadas, mas apontam para um tratamento diferenciado dos dois tipos de determinantes.

3 • O objeto direto anafórico nulo nos dados de aquisição bilíngue português brasileiro e inglês

Ana Paula da Silva Passos Jakubów (UERJ/CAPES)

Desde o início do século XX, a aquisição bilíngue vem despertando o interesse de estudiosos (Ronjat, 1913; Leopold, 1949), que remetem à confusão ou independência na aquisição de línguas simultaneamente. Esta pesquisa se debruça sobre essas questões, buscando verificar: quando a criança bilíngue passa a perceber as línguas como dois sistemas linguísticos distintos; se há predominância ou influência de um sistema linguístico sobre o outro e como acontece a marcação do valor paramétrico nessa fase. No presente trabalho, investiga-se a aquisição bilíngue de inglês e português brasileiro (PB). Assume-se o modelo conhecido como Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1984), reformulado no Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). Segundo Raposo (1999), o modelo de Princípios e Parâmetros aponta que a aquisição de uma determinada língua consiste essencialmente na fixação de parâmetros em um valor particular. No caso da aquisição bilíngue, dependendo do par de línguas, determinados parâmetros têm marcações opostas. Neste trabalho, investiga-se, particularmente, a aquisição de objeto direto nulo anafórico por uma criança bilíngue (2;6 anos) PB e inglês, que representa um parâmetro que distingue as duas línguas: o PB permite objeto nulo, mas o inglês não. No que diz respeito ao PB, Cyrino (1994/1997), em estudo diacrônico, constatou que o uso de objeto nulo se torna mais frequente a partir do século XX, resultando em uma mudança paramétrica no PB. Trabalhos variacionistas (DUARTE, 1986, 1989a;

CORRÊA, 1991; AVERBUG, 1998) concluem que o objeto nulo já é um parâmetro ativo no PB, independente do grau de escolaridade e classe social, havendo preferência por usá-lo com antecedente [-animado]. Cyrino & Matos (2002), assumem que o objeto nulo em PB é licenciado por uma categoria funcional, Aspecto (Asp) (Cyrino 2006). No que diz respeito à aquisição, Lopes (2009) afirma que, semelhantemente ao chinês, as crianças que adquirem PB produzem objetos nulos desde o início da aquisição (HUANG, 1984). Já em inglês, dados mostram que a manifestação de objeto nulo não é frequente e pode acontecer raramente em períodos iniciais de aquisição (VALIAN 1991, WANG et al. 1992). É importante, no entanto, distinguir a natureza do objeto nulo, já que as primeiras ocorrências no PB são instâncias de dêiticos em contexto imperativo (KATO, 1994). De acordo com Lopes (2009), apenas com a aquisição da categoria funcional Aspecto, a criança passa a distinguir traços de (im)perfectividade e então os nulos em posição de objeto passam a ser anafóricos. Verifica-se se as etapas atestadas na aquisição unilíngue (Lopes 2009) estão presentes nos dados da fala espontânea de uma criança que adquire PB e inglês ao mesmo tempo. Seus dados, coletados através de gravações em situação natural de interação entre a criança e os pais, são analisados e classificados segundo a natureza do objeto: uso de DP anafórico, uso de objeto nulo dêítico, uso de objeto nulo anafórico, uso de pronome. Os primeiros resultados sugerem que a criança tende a usar mais categorias nulas em PB, usando-as raramente em inglês, como aponta a literatura. Em contrapartida, os pronomes em posição de objeto são largamente usados apenas na língua inglesa. A observação qualitativa da fala da criança em relação à presença de Asp se direciona para os dados de respostas do tipo sim/não e a produção de construções imperfectivas. É possível perceber grande interferência do inglês no PB, havendo apenas duas ocorrências, aos 2;9 anos, em que a criança responde às perguntas com o verbo e não apenas “sim” ou “sim, por favor”. É também nessa idade que se constatam as primeiras construções imperfectivas, um indício de que a categoria Asp estaria presente, podendo então licenciar o objeto nulo em PB, como afirmam Cyrino (2006) e Lopes (2009).

4 • A complexidade sintática e a aquisição de verbos factivos no português brasileiro

Sammy Cardozo Dias

O fenômeno da factividade, no âmbito linguístico, é associado à presença de certos elementos que podem deflagrar uma leitura factiva, ou mais especificamente, que introduzem uma pressuposição. Embora certos advérbios, adjetivos e algumas palavras denotativas (até, só, ainda...) possam introduzir uma pressuposição (SOUZA, 2000), há uma classe de verbos que tem sido assim caracterizada, dadas as propriedades semânticas e sintáticas que apresenta. Os verbos factivos, segundo Kiparsky e Kiparsky (1971), se caracterizam pela possibilidade de selecionarem uma sentença como complemento, a qual é pressuposta como verdadeira. No português brasileiro, pode-se perceber também uma manifestação da pressuposição linguística presente na factividade verbal. Na sentença complexa com verbo factivo “Pedro sabe que a professora entregou as provas”, por exemplo, há uma leitura de pressuposição para a sentença completiva “que a professora entregou as provas”, que corresponde ao valor de verdade da proposição expressa. Além dessas características comumente reportadas em relação aos factivos, outras duas merecem menção: a distinção de comportamento em relação ao escopo da negação na sentença matriz e as possibilidades de extração de complementos e adjuntos a partir da sentença encaixada. Enquanto a negação na matriz de uma sentença com verbo factivo jamais alcança a sentença encaixada, que se mantém verdadeira, verbos como “achar” se mostram transparentes, permitindo que o escopo da negação alcance a sentença complemento. Em termos aquisicionais, se compararmos, por exemplo, a compreensão que as crianças fazem do escopo da negação na sentença complexa factiva “Maria não lamentou que a prova foi adiada” com a da sentença complexa não-factiva “Maria não achou que a prova foi adiada”, veremos que essa distinção não é reconhecida prontamente por elas no período aquisicional, conforme demonstram resultados obtidos, com dados do inglês, por Hopmann e Maratsos (1977) e por Abbeduto e Rosenberg (1984). No que diz respeito à extração de elementos da sentença encaixada, verbos não-factivos permitem o movimento cíclico de elementos-QU vindos da sentença encaixada, enquanto verbos factivos se caracterizam como ilhas fracas (CINQUE, 1990), isto é, a extração de complementos é possível, mas não a de adjuntos. Nesse sentido, nosso trabalho propôs-se a olhar para o fenômeno do processamento da factividade, observando se determinadas demandas linguísticas, a *complementação infinitiva* e a *extração de interrogativas-QU*, podem ser associadas ao fenômeno da aquisição dos verbos/ predicados factivos, correspondendo a uma dificuldade a mais, por parte da criança, no tocante à aquisição e ao processamento dessas estruturas. Para tanto, fizemos uso de uma metodologia experimental de viés psicolinguístico. Levando em consideração o que defende a literatura existente em relação aos testes psicolinguísticos, os experimentos foram aplicados em crianças de 5;6 a 8;6 (divididas em dois grupos etários), de ambos os sexos. Fez-se uso de sentenças complexas afirmativas e negativas com predicados

factivos e não-factivos. Os resultados foram submetidos ao pacote estatístico ANOVA. Assim, investigou-se o comportamento linguístico de crianças adquirindo o Português Brasileiro frente a dois contextos sintáticos particulares, ligados à factividade, a complementação infinitiva e a extração de interrogativas-QU. Os resultados de um experimento que investigou o comportamento de crianças (entre 5;6 e 6;6 anos e entre 7;0 e 8;6 anos) diante da compreensão de verbos/ predicados factivos afirmativos e negativos, com complementação infinitiva, demonstram que o complemento infinitivo não se mostra um aspecto facilitador da compreensão do caráter de pressuposto do complemento de predicados factivos. Desse modo, achados de outro experimento que testou a interpretação atribuída a perguntas-QU complexas com verbos factivos e não-factivos, por parte de crianças (também entre 5;6 e 6;6 anos e entre 7;0 e 8;6 anos), evidenciam que crianças, na faixa etária de 7-8 anos, apresentam um desempenho fraco nos testes em comparação com os adultos.

5 • *Ver, saber, pensar: o desenvolvimento de uma Teoria da Mente em crianças adquirindo o Português Brasileiro*

Juliana Pacassini Alves & Prof. Dra. Luciana Teixeira (UFJF)

Focaliza-se, neste trabalho, a interface Linguagem e Teoria da Mente (ToM), enfatizando-se o raciocínio de crenças falsas (CFs). Investigam-se demandas linguísticas e cognitivas no desempenho de crianças adquirindo o Português Brasileiro, em tarefas-padrão de CFs. Assume-se, como perspectiva teórica, o conceito de ToM como a área de estudo que busca conhecer a natureza da habilidade do ser humano de compreender suas próprias crenças, para, através do seu próprio conhecimento, ser capaz de predizer as suas ações e as dos outros (ASTINGTON & GOPNIK, 1988, 1991; FELDMAN, 1992; WELLMAN, 1991). Considera-se a interface Linguagem e ToM como forma de reconhecer que o domínio de certas habilidades cognitivas, como as CFs, necessário ao desenvolvimento da ToM, somente seria possível a partir do momento em que a criança já tenha desenvolvido certas habilidades cognitivas ligadas à linguagem. Por outro lado, o desenvolvimento da ToM seria importante para o aprimoramento linguístico da criança, pois é geralmente assumido que a compreensão conceitual precede o mapeamento linguístico. Para tanto, assume-se uma perspectiva psicolinguística de aquisição de linguagem baseada na hipótese do *bootstrapping* sintático (GLEITMAN, 1990), que reconhece a importância da análise da estrutura sintática dos enunciados como fonte significativa para a criança realizar o reconhecimento do significado das palavras do léxico que constitui a sua língua. Assume-se também uma concepção minimalista de língua (CHOMSKY, 1995-2001), reconhecendo os elementos da faculdade de linguagem em sentido estrito e em sentido amplo, que destaca a relação entre os diversos sistemas que atuam juntos na derivação das sentenças em uma determinada língua. Considera-se ainda a proposta de De Villiers (2005 e 2007), que assume que a sintaxe de complementação seria um pré-requisito para que o domínio da ToM se estabeleça. Observam-se, por fim, estudos recentes sobre factividade, discutindo-se a capacidade da criança em atribuir um traço semântico diferenciador às subclasses de verbos de estados mentais (DIAS, 2012), reconhecendo aqueles que se manifestam como factivos e os que se manifestam como epistêmicos. Um experimento-piloto (baseado em SILVA, 2012) com três pré-testes, foi elaborado, com vistas a verificar: (i) se crianças de 3 a 4 anos identificam o significado do verbo factivo *saber* e do verbo epistêmico *pensar* associados ao valor de verdade de uma sentença; (ii) se essas crianças compreendem o significado do verbo “achar” (com sentido de *encontrar* e com sentido de *pensar*); (iii) se essas crianças reconhecem o significado do verbo epistêmico *achar* em contraposição ao verbo factivo *saber*, numa situação em que não há evento de CF. Foi desenvolvida, ainda, uma tarefa clássica de CF de mudança de localização, e uma tarefa de CF adaptada (com perguntas orientadoras com os verbos *ver* e *saber*), a fim de se verificar se a presença da orientação melhora o desempenho das crianças menores na realização dessas tarefas. As atividades foram desenvolvidas através do paradigma de produção eliciada. O tratamento estatístico dos dados revela resultados iniciais que apontam para o fato de que a presença de perguntas com verbos que orientam o raciocínio envolvido na realização da tarefa de CFs pode ser um facilitador no desempenho das crianças nessa atividade.

Sessão 21: ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenação: Vânia Dutra (UERJ)

1 • O gênero discursivo como objeto privilegiado de ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma análise de diferentes perspectivas teóricas

Andréa Pessoa dos Santos (UFF)

O objetivo desta comunicação é apresentar parte dos estudos desenvolvidos em nosso projeto de doutorado, cujo propósito é analisar os desafios de diferentes perspectivas teóricas e de práticas pedagógicas que entendem o *gênero discursivo* como objeto privilegiado de ensino de língua portuguesa (LP) nos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF). O presente estudo está ancorado na perspectiva bakhtiniana sobre a linguagem e pesquisas em Ciências Humanas. A análise empreendida insere-se, inicialmente, no contexto das discussões sobre o processo histórico de elaboração dos PCN de LP (1997) e das muitas críticas direcionadas a ele. Sem desconsiderar tais críticas, assumimos como Marinho (2007) que, resguardando a relevância das ressalvas direcionadas aos PCN, o referido documento sinalizou uma série de argumentações em favor do almejado redirecionamento do ensino de LP empreendido no contexto da educação brasileira dos últimos trinta anos. Apropriando-se dos *discursos acadêmicos*, dos anos de 1980 e 1990, o *discurso oficial*, registrado no PCN de LP (1997), elegeu o conceito de *gênero discursivo* como objeto de ensino da língua e o *texto* como unidade de ensino. Tal orientação buscou focalizar elementos de trabalho que pudessem subsidiar alternativas pedagógicas que reestruturassem as práticas de ensino que, pautadas pela força da tradição, limitavam-se a trabalhar com o texto como pretexto para os estudos da teoria gramatical. Desde então, o conceito de “*gêneros discursivos*” passou a ser compreendido a partir de diferentes perspectivas teóricas. Na correlação de forças dessas diferentes perspectivas teóricas, nota-se que há, na atualidade, uma vertente dominante que, ao entender o referido conceito como um *megainstrumento*, embasa encaminhamentos teórico-metodológicos que propõem práticas de ensino excessivamente didatizadas dos *gêneros discursivos*. Procedendo desta forma, acredita-se que, no que tange ao ensino da língua, a escola responderá à sua finalidade social, garantindo ao estudante a almejada inserção social na cultura letrada, atingindo, assim, o *letramento social* (SOARES, 2003). Bakhtin (2003), teórico que embasou o PCN de LP, adverte-nos, no entanto, que os *gêneros do discurso* são enunciados que apresentam em seu todo características e formas *relativamente estáveis*. Desse modo, o autor nos desafia a pensar o quão são infinitos, inesgotáveis e heterogêneos os gêneros discursivos. Ao refletir sobre *duas categorizações* para o estudo dos gêneros: *gêneros discursivos primários* e *gêneros discursivos secundários*, Bakhtin alerta-nos de que, para se obter sucesso neste estudo, há que se ter em mente a importância da definição da natureza e da relativa estrutura que compõe o gênero a ser estudado. Assim, o *conteúdo temático*, a *forma composicional* e o *estilo* são elementos que se fundam no todo indissolúvel do enunciado, marcado pela especificidade da esfera de comunicação que o gerou. Os gêneros discursivos, *enunciados concretos* e *relativamente estáveis*, necessitam ser analisados a partir do *campo da atividade humana de onde emerge*, garantindo-lhe, pois, uma análise dos elementos linguísticos, enunciativos e discursivos desse *enunciado concreto*. Há que se considerar também a sua finalidade, a sua situação de produção, circulação e muitos outros elementos sinalizados na arquitetura bakhtiniana da linguagem. Cabe ressaltar que, à luz de tais pressupostos, supomos que uma prática de ensino de LP voltada para a análise de *gêneros discursivos* produzidos e recontextualizados na escola, necessita de encaminhamentos didáticos mais próximos das *linguagens sociais* e do *campo da atividade* de onde tais enunciados emergem, garantindo-lhes, pois, uma “inscrição social” mais marcada. Assim, entendemos que as análises de *gêneros discursivos* realizadas em situações escolares que sejam subsidiadas por atividades autênticas de comunicações e sem uma excessiva didatização (ainda que esses gêneros sofram uma recontextualização e sabemos que sempre sofrerão) são mais oportunas para a análise e compreensão das características e formas dos enunciados apreciados e produzidos pelos estudantes.

2 • Metodologia do ensino de Língua Portuguesa com ênfase no estudo dos gêneros textuais – um projeto de formação continuada

Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio (UFAM)

Neste trabalho, apresentamos o projeto de formação continuada intitulado Metodologia do ensino de Língua Portuguesa com ênfase no estudo dos gêneros textuais, bem como evidenciamos os resultados alcançados a partir da sua execução. Esse projeto foi elaborado e desenvolvido pela equipe de Linguagens da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério, da Secretaria Municipal de Educação, em Manaus-AM. O trabalho fundamenta-se nos postulados de Bronckart (2003), Bakhtin (1997), Marcuschi (2008), Baltar (2006) e Bazerman (2007) acerca dos gêneros textuais e suas implicações no processo ensino-aprendizagem. Aqui, partimos da concepção de que a formação continuada é uma condição *sine qua non* ao fazer pedagógico, pois o ser professor demanda reflexão sobre o seu fazer, a busca incessante pelo aprendizado e por meios que possibilitem que esse aprendizado se reverta em um ensino eficaz. O desenho metodológico e a temática de nosso projeto de formação continuada surgiram a partir de uma consulta, em dezembro de 2011, aos professores da rede municipal. A consulta foi feita via formulários e diário de bordo. Segundo os professores, havia grande necessidade de estudarem e pensarem a respeito do trabalho em sala de aula a partir dos gêneros textuais. Os docentes foram ouvidos antes de iniciarmos o projeto para a formação de 2012 porque defendemos a ideia de que a formação continuada ocorre de forma coletiva, tendo como base a experiência, a reflexão constante do professor acerca de sua prática, de sua necessidade. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é realizar uma reflexão sobre o projeto de nossa formação, bem como relatar a experiência advinda dessa formação continuada, realizada com professores do primeiro ao nono ano do ensino fundamental da rede municipal, em Manaus/AM. O trabalho com os professores visou ao aprimoramento de suas competências linguísticas, de seus conhecimentos relacionados ao uso dos gêneros textuais, a troca de experiências, a discussão de temas relacionados ao dia a dia da escola e ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, tendo em vista as implicações dos usos dos gêneros textuais na sala de aula. Como resultado da análise parcial das discussões, dos comentários escritos e dos relatos orais ocorridos nos encontros realizados no primeiro semestre de 2012, podemos dizer que o estudo em grupo, a análise da temática e a oficina relacionada à temática podem ser um método eficaz para a formação continuada de professores com interesses específicos no ensino de língua portuguesa. Em nossos encontros, trabalhamos com vistas ao aprofundamento da discussão das particularidades dos gêneros e das interações que eles medeiam, na tentativa de proporcionar, nas aulas dos cursistas, um maior espaço destinado ao trabalho com gêneros escritos, orais e com a análise linguística. Por ocasião dos módulos estudados, não estávamos preocupados em classificar textos quanto ao gênero, mas em analisarmos suas nuances, seus discursos e em produzirmos textos (em suas diferentes modalidades). Por isso, tivemos, em cada encontro, estudo em grupo, discussão, oficina e reflexão. A preocupação de nosso projeto de formação foi de proporcionar um momento de pesquisa sobre o gênero estudado, a saber, lendas amazônicas, poesia e memórias literárias, bem como oportunizar ao cursista o desenvolvimento de um conhecimento procedimental dos gêneros, de modo a articulá-los a práticas de leitura e produção textual.

3 • Poesia e cinema: Linguagens diversas no ensino de Língua Portuguesa

Alexssandro Ribeiro Moura (UFG)

Este trabalho consiste na investigação de formas produtivas de abordagem da língua portuguesa na educação básica, com o auxílio de linguagens artísticas diversas, fundamentalmente o cinema e a poesia. Partindo da perspectiva interdiscursiva e interdisciplinar preconizada nos PCN's (1998, 2001), que resgata conceitos importantes sobre gêneros textuais e ensino (BAKHTIN, 2000, MARCUSCHI, 2002), buscamos realizar uma análise intersemiótica de leitura da obra fílmica de Glauber Rocha e da obra poética de Manoel de Barros. Esta pesquisa tem em seu *corpus* de análise a poética de Manoel de Barros, mais detalhadamente as seguintes obras: *Poemas concebidos sem pecado* (1937), *Compêndio para uso de pássaros* (1960), *O livro de pré-coisas* (1985), *Concerto aberto para solos de ave* (1991), *Ensaio Fotográficos* (2000) e *Menino do Mato*. Analisamos, também, os seguintes filmes de Glauber Rocha: *Barravento* (1961), *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) e *Terra em Transe* (1967). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) apresentam, com apoio das Leis de Diretrizes e Bases da

Educação (9394/96), a concepção de língua e o uso da linguagem como práticas de interação verbal. Sendo assim, a língua portuguesa trabalha com a perspectiva de instrumentalizar o discente para que este possa produzir textos em diversas situações de uso dos principais gêneros discursivos que circulam na sociedade, possibilitando o diálogo entre os cidadãos e as instituições. Para estar apto a produzir tais textos, pretende-se que o aluno seja orientado a sair da condição de leitor vítima e se tornar leitor crítico. Enquanto este se caracteriza pela intervenção e coparticipação na construção dos sentidos no enunciado, aquele se detém apenas na superfície da estrutura gráfica da língua. Essa investigação, relacionando cinema e poesia, nos fornece elementos para pensarmos na formação acadêmica e cultural das novas gerações do século XXI, que está ligada ao uso de ferramentas tecnológicas, das quais o cinema surge, no século XIX, como representante mais forte da relação entre arte e imagem técnica (FLUSSER, 2002). De acordo com o pensamento de W. Benjamin (1994), a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica modifica o modo pelo qual o público percebe o material artístico, transformando a ideia de culto em exposição e reconfigurando o olhar do público receptor para meios artísticos mais tradicionais, como a literatura, por exemplo. Podemos perceber esse efeito tanto na poesia digital quanto na poesia publicada em livros de papel, que mesmo num formato tradicional, redimensiona os limites entre linguagem, representação, identidade e alteridade. A poesia de Manoel de Barros, assim como a filmografia de Glauber Rocha são exemplos dessa nova forma de se olhar para o objeto artístico, pois o leitor e espectador de ambos são direcionados para um movimento de readaptação do olhar, que num primeiro momento sente um estranhamento diante daquilo que está sendo visto, para depois perceber os detalhes e as múltiplas possibilidades de se enxergar as coisas. Há uma intenção didática na criação dos dois autores, que, em seus respectivos livros e filmes, tecem uma rede de conexões entre política, estética, cinema e poesia, transformando o leitor/espectador num participante ativo na construção da obra, que não é mais poética ou cinematográfica exclusivamente, e sim a ativação de conhecimentos diversificados de campos artísticos, culturais e políticos irrestritos.

4 • O ensino da Língua Portuguesa nas escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro no século XXI

Vanessa Souza da Silva (UERJ)

A presente pesquisa faz parte da *Linha de Pesquisa Ensino da língua portuguesa: história, políticas, sentido social, metodologias e pesquisa*, do Curso de Doutorado em Língua Portuguesa da UERJ, e tem por objetivo compreender como tem sido o ensino de Língua Portuguesa na Rede Pública de Ensino do Estado do Rio de Janeiro, no século XXI, a partir das orientações curriculares prescritas pela Secretaria de Estado de Educação. Para tanto, toma-se como objeto de análise a proposta curricular para o ensino de Língua Portuguesa, produzida no documento de Reorientação Curricular entregue às escolas em 2006, incluindo os Materiais Didáticos elaborados pelos professores, a Proposta Curricular de Língua Portuguesa de 2010 e o documento atual conhecido como Currículo Mínimo. Nessa proposta, é objeto de análise o discurso do documento oficial no que tange à concepção de linguagem priorizada e ao objetivo do ensino da língua materializado através do que ele apresenta como objeto de ensino das aulas de Língua Portuguesa. Esta pesquisa toma como estratégia metodológica a análise documental, utilizando a abordagem sócio-histórica na pesquisa qualitativa de inspiração bakhtiniana. A base teórica que sustenta, principalmente, esta pesquisa é a teoria da enunciação de Mikhail Bakhtin. Os documentos em análise apostam na concepção da linguagem enquanto interação, na qual os sujeitos estão envolvidos como produtores de sentido e sócio-historicamente determinados e construídos, e apresentam, basicamente, dois objetivos principais. O primeiro consiste em ampliar a competência discursiva dos alunos por meio de atividades de leitura e produção de textos orais e escritos, adequando-se às diferentes situações de interlocução, no qual se ressalta a valorização da interação dos alunos com diversos gêneros textuais, priorizando sua competência discursiva. Para isso, todas as unidades são compostas de vários gêneros. O segundo objetivo principal é desenvolver o domínio de aspectos discursivos e gramaticais da língua em uso como suporte para o desenvolvimento das habilidades de leitura e produção. A reflexão sobre as questões gramaticais está vinculada aos objetivos de leitura e produção de textos orais e escritos, não se configurando como um momento à parte das aulas de Língua Portuguesa. Caso contrário, segundo os documentos, ela estaria desvinculada dos reais objetivos do ensino da língua materna na escola pública estadual. São documentos que investem na ruptura, se contrapondo à tradição gramatical, tendo em vista que as propostas curriculares, nas últimas décadas, buscaram um redimensionamento no trabalho pedagógico com a linguagem. A concepção de linguagem valorizada nos documentos abarca as relações da língua com os falantes em suas práticas sociais, com o contexto e com as condições sociais de sua utilização, sendo a interação verbal o seu lócus de realização.

Nesse processo de interlocução, entra em cena o texto (oral e escrito) como unidade de ensino/aprendizagem, o que implica entendê-lo como o espaço de interação, levando a redefinir os objetivos educacionais: mais do que ensino de itens normativos da língua, há um deslocamento epistemológico. Interessa aprender e ensinar com textos. Apostando no trabalho interativo, alunos e professores devem aprender e ensinar com textos, dos quais se tecerão novos textos e sentidos socialmente construídos. Os documentos representam um avanço nas políticas educacionais e linguísticas em busca do letramento e em favor da cidadania crítica e consciente, fomentando a reflexão sobre os diferentes gêneros que atravessam a vida em sociedade.

5 • Os usos verbais e os valores das conjunções

Charleston de Carvalho Chaves (UERJ)

O estudo das conjunções em português revela muitas facetas e sua variabilidade de empregos está relacionada aos contextos situacionais em que elas estão inseridas. Embora tenha sido muito peculiar reconhecer os valores dos conectores de forma descontextualizada (aspecto feito ainda hoje), é necessário, quando possível, avaliar esses elementos em textos para que fiquem mais claras as intenções pragmático-discursivas. Assim, este trabalho tem por objetivo dar enfoque aos aspectos semânticos variáveis dos *conectivos conjuncionais* (conjunções / locuções conjuntivas) em função dos usos com os verbos em textos argumentativos para que possamos perceber as estratégias discursivas. Isso quer dizer que o uso dos verbos revelará sentidos possíveis e essa sua utilização associada a determinadas conjunções/locuções conjuntivas produzirá efeitos de sentido passíveis de análises em contextos argumentativos. Valores *causais*, *condicionais*, *concessivos*, *adversativos* entre outros representam mecanismos discursivos importantes em textos cuja base é a argumentação. Os modos verbais estão intimamente ligados aos aspectos semânticos que certos conectivos podem representar em determinados contextos. O enunciado verbal, então, apresentar-se-á de alguma maneira – real, desejado, querido, ordenado, etc – pois tanto o *modo* como o *tempo* possibilitam aspectos significativos. Certas conjunções e locuções conjuntivas só se associam a verbos no indicativo, outras a verbos no subjuntivo e outras são utilizadas com os dois modos. Isso está relacionado aos valores modais dos verbos que contribuem no discurso para a seleção dessas conjunções e locuções conjuntivas na composição dos textos. Tornar-se-á evidente que certos tempos verbais escolhidos pelos autores dos textos analisados e a associação com certos conectivos funcionarão semanticamente como estratégias de convencimento. Os textos argumentativos escolhidos são editoriais da revista *Veja* e espera-se, com isso, que o trabalho contribua para confirmar que a escolha de determinadas formas gramaticais revelam intenções pragmático-discursivas. As análises serão pautadas em aspectos da Linguística Sistêmico-Funcional que contribuirão para mostrar que o sistema formal é importante, mas sem desconsiderar os contextos de uso em que estão inseridos. Além disso, como a proposta é dar enfoque às análises dos conectivos em realizações reais nos textos escolhidos, a Linguística Textual e seus pressupostos teóricos, principalmente a perspectiva sócio-interacionista, com ênfase nos mecanismos de coesão sequencial, serão igualmente importantes para o trabalho desenvolvido. A partir do estudo que consistirá na relação verbo-conjunção, pretendemos deixar claro como a compreensão/interpretação de textos ficará mais clara com a percepção também desses mecanismos, sem desconsiderar outros *requisitos linguísticos* importantes e também o *conhecimento de mundo* por parte do leitor na análise dos textos abordados em questão. A metodologia adotada será a de investigar nos textos como as escolhas lexicais dos *conectivos conjuncionais* associados aos verbos conseguem dar forma ao discurso, do ponto de vista semântico, como resultado de estratégias argumentativas. O caráter analítico versará sobre as potencialidades semânticas nos usos de tais termos gramaticais e discutirá como as escolhas feitas pelos autores desses conectivos em associação com os verbos implicam estratégias argumentativas interessantes. Analisaremos, então, editoriais da revista *Veja* e tomando como base as opiniões defendidas nos textos, perceberemos como essas duas classes gramaticais funcionam como mecanismos linguísticos importantes do ponto de vista semântico na constituição dos enunciados. Espera-se que os resultados obtidos deixem claro que um texto é produzido a partir de escolhas gramaticais feitas pelos seus autores e isso, então, é resultado de táticas discursivas. Dessa forma, *conjunção* e *verbo* se relacionam na tessitura textual formando um todo semântico em determinados usos, principalmente em textos argumentativos.

Sessão 22: ANÁLISE DO DISCURSO III

Coordenação: Vera Sant'Anna (UERJ)

1 • Figuras de linguagem nos discursos políticos de Dilma Rousseff

Simone Sant'Anna (UFRIJ/CAPES)

O presente trabalho tem por objeto de estudo as figuras de linguagem nos discursos políticos da presidenta Dilma Rousseff. O objetivo principal desta pesquisa foi identificar, descrever e analisar como diferentes figuras de linguagem, principalmente a metáfora, são responsáveis por construir imagens de identificação com o público-alvo contribuindo para o fortalecimento da argumentação. A hipótese inicial é representada pela presença de um elo emocional de aproximação entre a imagem construída pelas figuras de linguagem e o auditório. Em decorrência dessa aproximação, esses elos emocionais adquirem um valor de argumento, pois assumem a função de convencer ou persuadir. Dessa forma, o discurso aumenta sua força argumentativa, pois teses e argumentos partilhados por todos tornam-se eficientes e eficazes. O trabalho apresenta como arcabouço teórico os conceitos da teoria da enunciação de Maingueneau e dos modos de organização do discurso de Charaudeau. Maingueneau (2008) aponta a relevância do *ethos* discursivo, isto é, não se pode ignorar que o público constrói características no enunciador antes mesmo que ele fale. A construção do *ethos* é interativa. Assim, locutor e destinatário estão envolvidos por uma cena da enunciação do texto. Para Charaudeau (2009), o ato de comunicação é representado como um dispositivo cujo centro é ocupado pelo sujeito falante, em relação com outro parceiro. Comunicar é, portanto, proceder a uma encenação. Os componentes desse dispositivo são: (i) a situação de comunicação na qual se acham os parceiros da troca linguageira, os quais são determinados por uma identidade e ligados por um contrato de comunicação; (ii) os modos de organização do discurso que constituem os princípios de organização da matéria linguística; (iii) a Língua que constitui o material verbal estruturado em categorias linguísticas; e (iv) o Texto, que representa o resultado material do ato de comunicação e que resulta de escolhas conscientes ou inconscientes feitas pelo sujeito falante. Quanto aos modos de organização do discurso propostos por Charaudeau (2009), vale destacar os modos enunciativo e argumentativo. O modo de organização enunciativo não deve ser confundido com a situação de comunicação. No enunciativo, o foco está voltado para os protagonistas, seres de fala, internos à linguagem, ou seja, o enunciativo é uma categoria de discurso que aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação. Este modo comanda todos os outros. Em decorrência disso, a encenação argumentativa consiste em utilizar procedimentos que devem servir a seu propósito de comunicação em função da situação e da maneira pela qual percebe seu interlocutor. Esses procedimentos têm por função essencial provar a validade de uma argumentação. Alguns desses procedimentos se baseiam no valor dos argumentos (procedimentos semânticos), outros se baseiam em categorias linguísticas com o objetivo de produzir certos efeitos de discurso (procedimentos discursivos) e, por fim, outros organizam o conjunto da argumentação (procedimentos de composição). Durante a pesquisa, foi analisado um total de trinta e cinco discursos. O corpus foi constituído por discursos da presidenta Dilma Rousseff durante o ano de 2011 sobre temas diversos. Primeiramente, foram selecionados os textos que apresentaram figuras de linguagem. Posteriormente, as figuras de linguagem foram destacadas e analisadas com base nos elementos linguísticos e discursivos apresentados de modo a confirmar como a utilização desses recursos contribuiu para o fortalecimento da argumentação.

2 • Análise do Discurso de Autoajuda Para a Terceira Idade: Ethos e Dialogismo

Michele Cristina Barquete Ueda (IBILCE/UNESP/Capes)

O número de pessoas pertencentes ao grupo da terceira idade vem sofrendo um aumento significativo nas últimas décadas. Pesquisas apontam para o fato de que, na atualidade, os brasileiros com mais de 60 anos já representam 7,3% da população do país. Além disso, algumas previsões permitem-nos inferir que, em cerca de 25 anos, os indivíduos pertencentes à referida faixa etária representarão o equivalente a 15% da população brasileira. Esse aumento de cidadãos inseridos no grupo em questão é atribuído às melhores condições de saúde e de

alimentação que estão sendo vivenciadas pela sociedade atual. O crescimento da população idosa propicia o surgimento de novas pesquisas e de novos produtos voltados para o público em pauta. Inseridas nessa vasta gama de produtos estão as obras de autoajuda direcionadas à terceira idade que, cada vez mais, ganham espaço no mercado. Segundo a revista *Veja* (edição de 10 de novembro de 2002), enquanto a comercialização de outros tipos de publicações cresceu 35%, a dos livros de autoajuda atingiu a marca dos 700%. O trabalho a ser apresentado tem por finalidade mostrar uma análise acerca do discurso de autoajuda destinado à terceira idade. Para a análise desse discurso, identificaram-se, primeiramente, os discursos a partir dos quais ele se constitui, bem como as relações que esses discursos estabelecem entre si. Para tanto, foram empregadas as reflexões do círculo de Bakhtin a respeito da heterogeneidade discursiva. Nas obras do autor, a tese da interdiscursividade constitutiva está presente por meio do conceito de dialogismo, que diz respeito às relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados do ponto de vista constitutivo e que se refere ao modo de funcionamento de toda a linguagem em uso. Para o autor, toda palavra tem por natureza a propriedade de ser dialógica, ou seja, “todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam” (Bakhtin, 1988, p.88). Esta pesquisa também traz a identificação do *ethos* presente nos textos de autoajuda voltados à terceira idade. Para tanto, adotou-se, como referências teóricas, as considerações de *ethos* feitas pela Análise do Discurso de linha francesa, tomando como base as considerações tecidas por Maingueneau (1997) a respeito *ethos*. Em seus trabalhos, o autor considera o *ethos* como a imagem relacionada ao sujeito enunciativo do discurso, revelada pelo próprio modo como esse sujeito enuncia. No caso das obras analisadas, foi verificado o tipo de modalização predominante na superfície textual e os efeitos de sentido que provocam nesse discurso, tendo em vista que a modalização confere um determinado tom ao discurso, que pode ser, dentre outros, um tom de certeza, ou de dúvida, ou de afetividade ou ainda de autoridade. O estudo da modalidade tem como fundamentação teórica as considerações de Hengeveld (1988) a respeito do tema. Até o presente momento, verificaram-se freqüentes relações dialógicas dessas obras com os discursos religioso, filosófico e literário. Não se verificou, até agora, o dialogismo com o discurso político e econômico. Com relação à modalidade presente nessas obras, constatou-se uma predominância de enunciados deonticamente modalizados. Esse resultado mostra-se bastante curioso, pois, nas pesquisas realizadas por Brunelli (2004), a respeito de obras de autoajuda voltadas ao sucesso financeiro e profissional, a modalização predominante é a epistêmica. As obras que integram o corpus até o momento são: “A Sublime Arte De Envelhecer”, de Anselm Grün; e “Envelhecer e Ser Feliz”, de Saldanha Coelho.

3 • Pontuação e argumentação em colunas de opinião d'O Globo na década de 1940 e na atualidade

Jaqueline Nunes da Fonseca Cosendey (INES)

Dentre as mais variadas formas de emprego dos sinais de pontuação, é na literatura que reside seu uso mais intenso, devido às especificidades que os textos literários apresentam em relação ao uso da língua. Entretanto, em gêneros textuais como o editorial, a pontuação pode ter papel relevante, servindo de apoio na construção do texto argumentativo. O objetivo deste trabalho é analisar o uso expressivo dos sinais de pontuação como fator de engajamento no contexto dos textos opinativos. Para tal, faremos um paralelo entre dois momentos de um tradicional jornal brasileiro: *O Globo*. Selecionamos um total de cinquenta textos opinativos – vinte e cinco do ano de 1947 e vinte e cinco do ano de 2007 –, a fim de confrontar o uso da pontuação nos dois períodos. Os textos do ano de 1947 foram selecionados da coluna *Ecoss e comentários*. Já os textos do ano de 2007 foram extraídos da coluna *Opinião*. Dessa forma, temos dois períodos a serem confrontados, cada qual com suas peculiaridades, que levam a escolhas discursivas que, com certeza, provocarão contrastes em alguns momentos. A partir de uma abordagem quantitativa e qualitativa, observaremos como a pontuação se relaciona com o grau de argumentatividade dos textos. Vale frisar ainda que, nesta pesquisa, privilegiamos quatro sinais de pontuação: reticências, ponto de interrogação, ponto de exclamação e aspas. No entanto, ao lidarmos com este último, tivemos o cuidado de descartar as situações em que ele marca uma citação ou em que seu uso simplesmente demarca o grifo de um termo ou uma citação, sem finalidades expressivas. Segundo Nina Catach: “A escolha da pontuação tanto dependia no passado quanto depende na atualidade, das situações, dos gêneros [...] do autor e os estilos” (1994, p. 113). Em manchetes de jornal e textos publicitários, por exemplo, devido a questões de ordem prática, geralmente, temos a sobriedade em seu uso e, em muitos casos, até mesmo a omissão desses sinais. No entanto, ao voltarmos nosso olhar para o passado, podemos perceber que

nem sempre os sinais de pontuação foram utilizados de forma tão comedida. Ao longo de nossa pesquisa, pudemos observar que, enquanto as colunas de opinião da década de 1940 apresentam um uso mais variado e expressivo dos sinais de pontuação, as colunas da atualidade tendem a um emprego mais sóbrio desses sinais, demonstrando assim menor grau de engajamento e certa impessoalidade. Segundo Helênio Fonseca de Oliveira (2008, p. 47) “A convergência entre emoção e razão se dá precisamente no modo argumentativo de organização do discurso, inseparável ao mesmo tempo de ambas. Da razão, porque é próprio desse modo de organização o sujeito comunicante dirigir-se ao lado racional do interlocutor; e da emoção, porque a **argumentação** lida com **valores**, contrariamente à **demonstração** (exemplo: um geômetra demonstrando um teorema), que lidaria com **fatos**”. Essa forma de argumentar, explorando a gama de sinais que a língua fornece, indica maior grau de engajamento e emotividade por parte do redator. Pontuação semelhante a essa não foi identificada nas colunas de opinião dos textos de 2007, em que o tom é mais racional e sóbrio.

4 • Motivos e despedidas: o discurso suicida sob a perspectiva textual/discursiva e retórica

Evandro de Melo Catelão (UFPR/Capes-Reuni)

Desde o passado, as formas e processos argumentativos foram alvo de vários estudos se instituindo em diferentes tipos de abordagem, como a da Retórica e Nova Retórica, Linguística da Enunciação, Teoria da Argumentação, Linguística Textual (PERELMAN & TYTECA, 1996; BRETON, 2003; 1999, ADAM, 2005; 2008; 2010). Abordagens linguísticas, retomando e direcionando alguns desses aspectos, observaram a argumentação envolta em características sociodiscursivas e sociointeracionistas presentes nas ações do comportamento humano. As ações que envolvem argumentação/persuasão são parte de outras atividades de linguagem que podem ser tomadas como um fator psicológico de uma ação, proveniente de um agente, sujeito da ação, que materializa seu ato em formatos textuais que também expõem seu ponto de vista. Qualquer discurso como fonte de produção de significado deve ser observado a partir de seu aparecimento e cena de realização, visto como um produto social proveniente da interação entre os sujeitos. Alguns textos produzidos por meio das ações humanas, apesar de serem recorrentes, são pouco estudados em decorrência do tipo de situação sociocultural e discursiva em que são produzidos, nas quais se encontra muita resistência, ou delimitações éticas, sociais e jurídicas que dificultam seu estudo, como é o caso dos documentos produzidos por suicidas. O presente estudo é parte integrante de tese de doutorado em estudos linguísticos, que alia uma perspectiva de análise textual/discursiva de Adam (1999; 2008; 2010) acrescidos de conceitos provenientes da Retórica e Nova Retórica em um *corpus* de produções suicidas. São textos/discursos que expressam particularidades, impõem uma impossibilidade de contra-resposta direta por parte do co-enunciador e são produzidos com base em diferentes crenças expressas em proposições que introduzem os motivos e/ou intenções da escolha pela morte autoinfligida. As crenças expostas nas proposições que compõem as produções suicidas auxiliam na elaboração de um quadro de definição do suicídio sob o ponto de vista discursivo (AGREST, 2010). Discursiva ou historicamente, as análises indicam que os textos produzidos por suicidas apresentam teses específicas, partes de um comportamento verbal escrito desses sujeitos que traduzem uma imagem do eu discursivo suicida. Esses documentos têm situações de produção e recepção únicas e emblemáticas no tipo de gênero e até mesmo no suporte utilizado. A argumentação suicida pode ser tomada como uma forma de composição elementar que pode ser expressa sob representações relativas a um esquema argumentativo, presente na memória discursiva dos sujeitos. O *corpus* foi coletado em inquéritos policiais do Arquivo Nacional da cidade do Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e ocorrências divulgadas pela imprensa em fonte virtual como parte de notícia de falecimento (caso de domínio público). O exame revelou ainda que o *corpus* abrange diferentes gêneros, alguns talvez correlatos ou que são parte de outro gênero ou subgênero de discurso. No sentido das questões problema e hipóteses delimitadas, a análise de um dos documentos demonstrou que o ele apresenta-se positivamente em direção da tese da prática suicida ser ancorada em encadeamentos sequenciais predominantemente argumentativos. Quanto ao plano de texto, o documento se caracterizou próximo à carta pessoal (plano de texto convencional). Esta particularidade é expressa junto às condições de recepção no direcionamento dos dados aos coenunciadores esperados (peroração). Em síntese, os aspectos composicionais e discursivos assumem o que se acredita serem características comuns entre outras composições do mesmo gênero. Um discurso que se projeta com base na condição de recepção, principalmente pela introdução dos contra-argumentos à tese principal defendida.

5 • O celular em sala de aula: análise discursiva das relações de poder entre professor e aluno

Gilberto Alves Araújo (UFT)

Este artigo visa tecer uma análise sucinta – i.e., um panorama bastante limitado – acerca dos discursos docente-discente, quando o primeiro interpela o segundo acerca do uso do celular em sala de aula. A coleta dos dados que fundamentam este estudo se deu em três turmas de ensino médio de uma escola estadual pública na cidade de Araguaína - TO. Selecionou-se apenas um diálogo exemplar sobre o qual se realizam as explorações da significação discursiva. A análise que ora se apresenta pretende-se fundamentada nos princípios da AD Francesa (PÊCHEUX, 1993; ORLANDI, 2005) a partir da qual se considerarão as concepções de língua, discurso e ideologia, bem como se utilizará o tratamento dado por Michel Foucault aos conceitos de sujeito, disciplina e poder (1995; 2001a; 2001b; 2008; 2010). A saber, a AD concebe discurso como efeito de sentido entre locutores no qual língua e ideologia perpassam pela subjetividade para gerar significados possíveis. Ela considera que a língua, sendo apenas relativamente autônoma, é substância material que comporta o trabalho simbólico do discurso. Considera ainda a possibilidade dos discursos serem em *jeu* [um jogo], *presuposição de enjeu* [aposta], que, conforme Foucault, funciona por relações no exercício do poder e do saber, de movimentos e tensões, estratégias e embates: um contínuo ajustar de forças que se enfrentam e se deslocam. É possível refletir ainda sobre as relações significativas entre o sujeito-aluno, o sujeito-professor, a escola adestradora e o mundo, sempre levando em consideração o contexto de produção de sentidos e de processos de posicionamento de tais sujeitos. Os principais estudos da AD estão fundamentados em: condições de produção e interdiscurso, formação discursiva, ideologia, textualidade e discursividade. Ao que se pôde perceber acerca das relações de sentido que permeiam o uso desse aparelho em sala de aula, há diversas formas de resistência e enfrentamento. A ausência de profusão verbal não parece tornar as tensões menos significativas ou menos prolíferas de sentido. Pelo contrário, a inserção do dispositivo de mobilidade digital nesse contexto, que faz com a escola/professor se posicione como repressor(a) e de modo disfórico perante o sujeito aluno, parece permitir ainda mais polêmica, ainda mais reconfigurações do discurso oficial que tende a ser autoritário. O docente e o discente encenam jogos diversos construindo simultaneamente cenários distintos e remodelando as regras de interrelação dos sentidos que neles se produzem. Projetam e introjetam imagens discursivas de si e do outro, construindo interações mais ou menos assimétricas, experimentando o exercício do poder disciplinar ou não-disciplinar. Ao perfazer seu caminho no discurso, aluno e professor suscitam, ao longo do trajeto, dispersões várias de ações e sentidos que podem parecer contribuir mais ou menos para maior eficácia do exercício de suas forças. O que está em disputa não é necessariamente o controle absoluto de docente sobre discente ou vice-versa, mas a eficiência dos poderes postos em prática e a capacidade de exercitá-los com eficácia (FOUCAULT, 2001a).

Sessão 23: ANÁLISE DE DISCURSO: DISPERSÃO DE TEXTOS E DE SENTIDOSCoordenação: Prof^a. Dr^a. Angela Corrêa Ferreira Baalbaki (UERJ)**1 • Língua nacional e língua transnacional: a dupla dimensão da língua portuguesa na Argentina**

Angela Corrêa Ferreira Baalbaki (UERJ)

O presente trabalho tem como propósito tematizar a difusão da língua portuguesa, focalizando, especificamente, a implementação de medidas de formação de professores de língua portuguesa como língua estrangeira na Argentina. Em outros termos, como a implementação de cursos de formação de professores naquele país pode ser compreendida como um fator de difusão da Língua Portuguesa para além das fronteiras nacionais. Segundo Arnoux (2011), na América Latina, nos últimos anos, têm sido promulgadas leis que regulamentam o espaço linguístico; em termos gerais, são leis que estabelecem políticas de Estado em relação às línguas e que são fruto dos processos de integração regional originados em tratados do Mercosul. Considerando o exposto, o principal objetivo do trabalho é analisar dois textos oficiais argentinos – a lei 26.468, de 16 de janeiro de 2009, e o documento "Proyecto de mejora para la formación inicial de profesores para el nivel secundario", produzido pelo Ministério da Educação da Argentina – que tematizam a formação de professores de português como língua estrangeira. A lei argentina estabelece a obrigatoriedade de oferecimento do ensino da língua portuguesa em todas as escolas secundárias da Argentina e, no caso das províncias limítrofes com o Brasil, também nas escolas primárias. Especificamente, em seu artigo 5º, versa-se sobre a oferta de cursos para formação de professores de língua portuguesa. Vale lembrar que a referida lei é produto de decisões e resoluções do Setor Educacional do Mercosul, que propunha, desde de sua fundação em 1991, o ensino recíproco das línguas oficiais – o português e o espanhol – dos Estados membros. Já o documento, que aborda questões relativas à formação inicial de docentes de línguas estrangeiras, tem como objetivo apresentar propostas formativas para os professores de línguas para a escola secundária. Nossa análise fundamenta-se teoricamente nos conceitos advindos da Análise do Discurso definida por Michel Pêcheux, na França e, posteriormente, desenvolvida por Eni Orlandi, no Brasil. Além desses, também utilizamos conceitos desenvolvidos no campo da História das Ideias Linguísticas no Brasil. Mobilizamos, sobretudo, os conceitos de língua transnacional (Zoppi-Fontana, 2009), acontecimento institucional (Guimarães, 2004), espaços de enunciação (Guimarães, 2004), espaços de enunciação ampliados (Zoppi-Fontana, 2009), e as formulações sobre as políticas linguísticas (Orlandi, 2007). Vale destacar que, da posição teórica que assumimos, a política linguística não está fora de uma determinada maneira de dividir a sociedade, em atribuir formas de falar para grupos sociais distintos. A partir deste referencial, Zoppi-Fontana (2009) afirma que os sentidos atribuídos à Língua Portuguesa (LP) como língua de comunicação internacional contribuem para o estabelecimento de uma relação simultânea e contraditória, por um lado, com a LP como língua nacional e, por outro, como língua que ultrapassa as fronteiras do território nacional. Em relação aos procedimentos metodológicos, recortamos sequências discursivas não só da referida lei argentina, como também da introdução e das metas do documento dedicado à formação de professores daquele país. Com a análise destes recortes, buscou-se responder uma questão: quais são as funções simbólicas ocupadas pela LP nos cursos de formação de professores em um espaço político de enunciação ampliado? Em linhas gerais, por meio da análise da materialidade discursiva, podemos dizer que as normas jurídicas e as metas curriculares funcionam também como instrumentos de gramaticalização (Auroux, 1992) da língua portuguesa – caracterizada duplamente como língua oficial do Brasil e como língua estrangeira – dentro de um espaço de enunciação transnacional (Zoppi-Fontana, 2009). Podemos dizer que o modo como a lei e o documento argentinos significam a LP parece indicar o funcionamento de uma discursividade da capitalização linguística. Dito de outra forma, os documentos oficiais analisados institucionalizam e legitimam a capitalização da Língua Portuguesa, um bem a ser adquirido, principalmente, na escola secundária argentina.

2 • Percurso enunciativo da palavra “sistema” em textos de leis sobre cotas na universidade

Isabel Cristina Rodrigues (UERJ / UFF)

Este trabalho apresenta uma análise dos oito textos de leis que tratam de políticas de reserva de vagas em universidades públicas do estado do Rio de Janeiro. A primeira dessas leis, a 3524/2000, dispõe sobre a reserva para alunos de escola pública. Ao longo dessa década, novos projetos de lei foram propostos e apreciados pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), tendo sido sancionados em lei pelo governo estadual. São elas: 3708/2001, 4061/2003, 4151/2003, 4680/2005, 5074/2007 e 5230/2008. A última lei sobre o tema, a 5346/2008, que está em vigor, amplia bastante a abrangência dessa política: trata da reserva para negros, indígenas, alunos da rede pública de ensino, pessoas portadoras de deficiência e filhos de policiais civis e militares e bombeiros militares, mortos ou incapacitados em razão de serviço. Para essas cinco categorias de cotas, é exigida comprovação de carência econômica. Esta análise tem como perspectiva teórica os estudos do discurso, com ênfase nas formulações de Dominique Maingueneau (1993), que relacionam sentidos produzidos a modos de apropriação da linguagem socialmente constituídos. Tomam-se por base, também, duas noções de Michel Foucault (1969): a de arquivo e a de descontinuidade. Para este autor, o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e possui suas formas de acúmulo e encadeamento, além de regras próprias de transformação. Não se pode conceber, de saída, portanto, um movimento contínuo dos sentidos, baseado em tradição, evolução, por exemplo. Ao reunir essas oito leis, procurou-se configurar um arquivo que, ainda de acordo com Foucault, constitui o domínio das coisas ditas. Considerando esse arquivo, este trabalho tem como foco o uso da palavra “sistema” na parte preliminar das referidas leis. No Brasil, a lei complementar 95/1998 estabelece normas para a consolidação dos atos normativos, que devem ser organizados em três partes: preliminar, normativa e final. A parte preliminar é composta por epígrafe, ementa, preâmbulo e artigo 1º. Interessaram aqui a ementa, que apresenta uma espécie de resumo da proposição feita na lei, e o artigo 1º, que delimita o objeto da lei. Em um primeiro momento, procedeu-se a uma análise de caráter sintagmático, da relação entre ementa e *caput* do artigo 1º de cada lei, a fim de verificar a “concordância” esperada entre matéria de lei *anunciada* na ementa e objeto de lei *delimitado* no artigo 1º. Em um segundo momento, analisou-se o restante do texto do artigo 1º, incisos e parágrafos, mas em uma perspectiva paradigmática: como cada um desses termos — ementa e artigo 1º — é enunciado nas oito leis. Ou seja, que escolhas são feitas, ao longo do tempo, para preencher os espaços de significado que esses termos constituem. No percurso da análise, chama-se a atenção para termos importantes das oito leis: critérios de seleção, sistemas de acompanhamento do desempenho, cota, reserva de vagas, sistema de cotas, programa de ação afirmativa. Nas ementas, o que é proposto na lei 3524/2000 como “critérios de seleção”, na linha do tempo, encadeia-se com (e transforma-se em), nas leis posteriores, “cota”, “reserva de vagas” e, finalmente, “sistema de cota”. No artigo 1º, o movimento vai de “sistemas de acompanhamento”, passando por “cota” e “reserva de vagas” até chegar, também a “sistema de cotas”. Para os dois casos, procurou-se ressaltar, a partir, dessas transformações, a relação que as leis de cotas, em especial, a atual, estabelecem com as demandas da sociedade.

3 • Palavras que tecem o real: práticas discursivas de greve em uma universidade pública

Décio Rocha & Bruno Deusdará (UERJ)

Uma dimensão da linguagem que nos dá a ideia exata de sua multifuncionalidade e, por assim dizer, de sua quase onipresença em nossas práticas cotidianas é sua performatividade, ou seja, o poder que possuem alguns enunciados de realizar uma ação pelo simples fato de serem proferidos. É exatamente disso que se trata quando nos referimos a ações como as de prometer, ordenar e afirmar algo a alguém, ou ainda quando temos em mente uma ação mais ritualizada como batizar: ações que só se realizam por intermédio da palavra, que dependem da palavra para sua efetiva produção. Podemos fazer tudo o que quisermos no sentido de assegurar alguém de um projeto nosso, mas promessas se fazem fundamentalmente com palavras — palavras que nunca são jogadas ao vento, que ficam e criam uma obrigação contratual entre seus parceiros: quem promete tem de cumprir. Esta comunicação busca divulgar resultados de pesquisa cujo objeto são os discursos produzidos durante uma situação de greve em uma universidade pública do Rio de Janeiro. Aqui, a palavra é percebida como constitutiva do acontecimento que protagoniza o presente relato — a greve —, sendo reiterada sua dimensão performativa na produção de efeitos de realidade. Com efeito, ao

lado de atos performativos como os já citados, que são classicamente reconhecidos como pertencendo à categoria de performativos, há aqueles que não são tão imediatamente percebidos como tais, a exemplo da situação a que recorrem trabalhadores quando consideram esgotadas suas chances de êxito nas reivindicações junto ao patrão – de forma mais concisa, quando fazem greve. Trata-se, com efeito, de um fazer que, presente em nosso cotidiano de trabalho, poderá ganhar uma nova luz, se avaliado pelo viés da performatividade. O quadro teórico que serve de base à presente investigação reúne produções de duas ordens: por um lado, referências versando sobre performatividade na linguagem e sobre uma certa concepção de discurso (AUSTIN, 1965; MAINGUENEAU, 2008, 2010; BAKHTIN, 1997; ORLANDI, 2012); por outro, obras que oferecem uma reflexão de base filosófico-sociológica para os estudos discursivos (BAUMAN, 2000; BUTLER, 1997; FOUCAULT, 2009). Do ponto de vista metodológico, acompanharemos os deslocamentos que se verificam na produção do acontecimento “greve”, recorrendo para tal a uma metodologia cartográfica (DELEUZE & GUATTARI, 1995). O referido método cartográfico visará à análise de documentos de diferentes ordens produzidos no decorrer da situação de interlocução escolhida, a saber, a situação de greve. Dentre os resultados obtidos, enfatizamos quatro traços característicos da palavra em seu funcionamento discursivo em situações de greve: (i) a palavra que se multiplica indefinidamente, revezando-se entre os integrantes coesos de uma mesma categoria, dirigindo-se aos dissidentes, aos que ainda não estão certos de deverem aderir ao movimento, ao opositor que é preciso contradizer – patrão, governo –, a toda a comunidade que se pretende convencer da justeza do que se reivindica; (ii) a palavra ritualizada das assembleias, tensionada nas negociações, exibida nas faixas de protesto; (iii) a palavra que é preciso saber modular: inflamada, nos discursos à categoria; ponderada e analítica, nas negociações; sintética e pontual, nas palavras de ordem; (iv) a palavra, enfim, que tece o acontecimento, atualizada nas propostas, nas reflexões, nas análises de conjuntura, nas mensagens produzidas minimamente pelos participantes do evento, por parlamentares e pela mídia.

4 • O etos de Akihito: uma análise discursiva das alocações do Imperador do Japão

Raphael dos Santos Miguez Perez (UERJ/Fundação Japão)

O presente trabalho busca apresentar a imagem de si construída por Akihito, Imperador do Japão, por meio de suas alocações. Este trabalho é parte da pesquisa que vem sendo realizada como dissertação de mestrado, ainda em andamento. Essa pesquisa se justifica por seu ineditismo e por se tratar de uma investigação que busca entender de que forma a imagem de Akihito contribui para a continuação da instituição imperial japonesa enquanto símbolo da nação e da união do povo japonês. Os textos analisados são aqueles provenientes das conferências de imprensa de 1999 e 2009, quando da comemoração de 10 e 20 anos, respectivamente, de ascensão ao trono. O referencial teórico utilizado para tal é o da Análise do Discurso de base enunciativa, tendo como foco o conceito de etos, segundo Maingueneau (2001). Esse conceito se aplica à pesquisa por representar a imagem que o locutor cria de si ao enunciar, não devendo, no entanto, ser confundido com o conceito prévio de etos proposto por lógicos como Aristóteles. Nessa época, o etos era a imagem que o orador buscava construir de si com intenção de persuadir sua plateia. Tratava-se de uma técnica da arte da retórica. Para Maingueneau, no entanto, o etos é automaticamente construído quando o locutor enuncia, independente da imagem que ele queira criar de si mesmo. Na verdade, o interlocutor é quem cria essa imagem do locutor por meio de suas palavras, gestos, estilo, atitude etc. Dessa forma, o presente trabalho busca investigar que imagem Akihito cria de si ao enunciar. Para tal, optou-se por utilizar como método de análise o conceito de modalidade, visto sua presença abundante no discurso do Imperador. Levando em consideração as discussões a respeito do tema realizadas por Cervoni (1989), Vion (2004) e Büyükgüzel (2011), procurou-se separar as modalidades encontradas nos textos em dois grandes grupos, como propõe Büyükgüzel: modalidades racionais (aléticas, deônticas e epistêmicas) e modalidades apreciativas (afetivas, avaliativas axiológicas e avaliativas não-axiológicas). Entre as modalidades racionais, as aléticas fazem parte do campo da verdade (necessário, impossível, possível e incerto); as deônticas fazem parte do campo do dever (obrigatório, proibido, permitido e facultativo); as epistêmicas, por sua vez, representam o campo do saber (certo, excluído, provável e contestável). Entre as modalidades apreciativas, as afetivas demonstram os sentimentos do locutor; as avaliativas axiológicas demonstram julgamento; as não-axiológicas, ao contrário, são avaliativas mas não demonstram julgamento do locutor. A metodologia consiste precisamente em verificar quais tipos de modalidades são mais frequentes no discurso de Akihito e, assim, buscar construir sua imagem discursiva. Como resultado até o presente momento do andamento da pesquisa, verificou-se uma maior presença de modalidades do tipo apreciativas, em especial as afetivas

e as avaliativas axiológicas. Tal resultado aponta para a probabilidade de que, para um Imperador simbólico, sem poder político de fato, a proximidade com o povo e a criação de um sentimento de amizade pode ser mais efetiva para garantir a continuidade da instituição imperial japonesa. Dessa forma, a utilização de modalidades apreciativas garante maior intimidade com o povo do que as modalidades lógicas, que possuem um caráter mais rígido e distante.

5 • Uma competência imagética como proposta para a leitura de histórias em quadrinhos

Rafael Schuabb (UERJ)

É bastante claro o fato de que há duas camadas de sentidos nas histórias em quadrinhos: aquela que se constitui por meio de palavras e aquela que se vale de imagens. Menos óbvio, porém, é o entendimento de que esses dois estratos, quando simultaneamente presentes, agregam sentidos um ao outro, produzindo uma camada-dupla a ser decodificada pelo leitor. Quanto ao estrato verbal, os estudos linguísticos vêm se multiplicando e se desenvolvendo desde Saussure, no início do século XX, possuindo atualmente vasto respaldo teórico. Em relação ao estrato imagético, por outro lado, não há muitos estudos que o contemplem de forma sistematizada. Por esse motivo, pela percepção de uma carência de estudos nessa área, esta pesquisa atenta prioritariamente para a camada da imagem, não ignorando, porém, a recorrente interdependência de palavras e imagens na produção de sentidos nas histórias em quadrinhos, esta pesquisa se dedica prioritariamente à camada imagética das histórias em quadrinhos. Segundo Umberto Eco (p.131), os quadrinistas manipulam uma linguagem muito articulada e de absoluta precisão, em que se somam elementos verbais e imagéticos para a produção de sentidos a serem apreendidos pelo leitor. O semiólogo italiano indica a necessidade interpretar a mensagem não se esquecendo de focar a sua própria estrutura, ou seja, verbo-imagética. Para tal leitura, é necessário exercer as habilidades interpretativas visuais e verbais (EISNER, p.8), a fim de contemplar todos os mecanismos semânticos de que se dispõem os quadrinistas. As competências que intervêm na atividade verbal para a codificação e a decodificação de sentidos em enunciados são a comunicativa, a enciclopédica e a linguística (MAINGUENEAU, p31), que são tradicionalmente associadas à leitura de textos exclusivamente verbais. No presente trabalho, demonstro a aplicação das três referidas competências à leitura de histórias em quadrinhos, apresentando recortes específicos de variadas obras – quadrinhos nacionais, mangás (japoneses), *comics* (norte-americanos) –, em que cada uma dessas instâncias se revela mais evidente, sem deixar, entretanto, de considerar que essas competências atuam em harmonia, sem excluírem umas as outras, para a produção de sentidos inclusive nesse gênero artístico de dupla camada. Por meio dessa aplicação, emerge a necessidade de uma quarta competência para abranger todos os potenciais semânticos das histórias em quadrinhos, cuja proposta é o objetivo principal desta pesquisa: a competência imagética. Assim como a linguística, essa competência se refere ao conhecimento de um sistema de signos. Ao contrário da primeira, que está relacionada aos signos linguísticos, porém, a competência imagética se direciona ao sistema dos signos imagéticos. Nas histórias em quadrinhos, esses são elementos de significação recorrentemente utilizados e compreendidos de forma imediata pelos leitores habituados a esse gênero, sendo por outro lado desconhecidos pelos não acostumados a esse consumo. O presente trabalho busca evidenciar a importância de se estabelecer uma competência específica para a decodificação mais sistematizada e teórica dos recursos imagéticos de significação empregados pelos autores de histórias em quadrinhos em suas obras, entendendo que até o presente momento tais recursos são analisados isoladamente, o que não condiz com o potencial semântico que a articulação do sistema de signos imagéticos possui dentro desse gênero, associada ou não ao sistema linguístico.

Sessão 24: PSICOLINGÜÍSTICA EXPERIMENTAL

Coordenação: Erica Rodrigues (PUC-Rio)

1 • Verbos meteorológicos flexionados no plural: evidências experimentais

Igor de Oliveira Costa & Erica dos Santos Rodrigues (LAPAL/PUC-Rio)

Marina Rosa Ana Augusto (UERJ/LAPAL)

Verbos meteorológicos (*v.g. chover, ventar e nevar*) flexionados no plural tem sido um fenômeno cada vez mais citado em trabalhos acadêmicos da área de linguística (Duarte, 2007; Avelar, 2009; Berlinck et al., 2009), sendo este fenômeno apontado como uma evidência para a mudança em curso do parâmetro do sujeito nulo para o sujeito pleno no Português Brasileiro (PB), uma vez que este parâmetro se estenderia, como prevê Duarte (2003), para os sujeitos não referenciais após se estabelecer nos contextos de sujeito referenciais. Os trabalhos de Costa & Augusto (2011) e Costa et al. (submetido, a.) vêm, portanto, estudando tal fenômeno nos contextos em que tal verbo se encontra no interior de uma oração relativa, em aparente concordância com um antecedente plural, supostamente um tópico (*v.g. os lugares que chovem*), nos moldes da geração de relativas proposta por Kato & Nunes (2009). Esse último trabalho aponta para o fato de tais verbos, de um ponto de vista estritamente linguístico, nos moldes da Teoria Minimalista (Chomsky, 1995), concordarem com um sintagma nominal na posição de tópico, em [Spec, TP], uma vez que T seria uma categoria independente de traços-phi, conforme proposta de Avelar & Galves (2011). Tal explicação, porém, não é plenamente compatível com resultados obtidos por Costa & Augusto (2011) em experimento *off-line* de produção em que o fenômeno da concordância ocorre, mas não quando o antecedente vem preposicionado (*v.g. nos lugares que chove*). O experimento *on-line* de compreensão (leitura auto-monitorada) reportado em Costa et al. (submetido, b.), por sua vez, aponta na mesma direção. Neste trabalho, buscamos apresentar os resultados de um experimento *on-line* de produção a fim de verificar se os falantes do PB produzem tais verbos flexionados e se os contextos sintáticos em que são produzidos (se o forem) são relevantes. Busca-se contrastar, portanto, os contextos sintáticos em que o sintagma antecedente do pronome relativo, vem preposicionado e não preposicionado. Além disso, toma-se também como variável independente o tipo de oração relativa em que o verbo está inserido, se uma oração relativa padrão (*pied-pipping*) ou se uma oração relativa cortadora. O experimento, dividido em duas listas, aplicadas a conjuntos distintos de sujeitos, foi montado da seguinte forma: após a visualização de um preâmbulo na tela do computador (*v.g. Paula visitou as nações que*), que logo desaparece, é apresentado ao participante um verbo no infinitivo, seguido de um advérbio (*v.g. nevar excessivamente*). O participante, então, deve repetir toda a frase, flexionando o verbo meteorológico como considerar mais adequado. O número de verbos meteorológicos flexionados no plural e no singular é computado e os dados são submetidos a análise de variância (ANOVA) a fim de verificar a significância probabilística dos resultados. A realização/aplicação do experimento já está em andamento e os dados, assim que alcancem um número significativo de sujeitos, serão filtrados e analisados. O presente trabalho, portanto, buscará apresentar os resultados desse experimento, juntamente com resultados de testes anteriores, e promover a discussão do fenômeno em questão a fim de, talvez, jogar alguma luz sobre um aspecto peculiar da sintaxe e do processamento do Português Brasileiro.

2 • Estratégias de processamento de estruturas ambíguas em português: um modelo interativo

Simone da Silva Soares (UFF - CAPES)

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de dissertação em Psicolinguística Experimental sobre construções sintáticas ambíguas no português brasileiro envolvendo: ambiguidade temporária diante da palavra *que* (pronome relativo ou conjunção integrante), bem como ambiguidade de aposição de oração relativa a um SN complexo (aposição mais alta- a um núcleo nominal mais distante N1- ou mais baixa – a um segundo núcleo nominal mais próximo N2). Num primeiro momento da pesquisa, fora aplicada uma técnica *off-line* (questionários) para se detectar as preferências de vinculação nas duas situações de ambiguidade explicitadas acima. No segundo momento,

ainda em fase de *design* experimental, adotaremos a técnica de leitura automonitorada, através da qual verificaremos as estratégias adotadas durante o processamento reflexo da ambiguidade. Nossos sujeitos são 40 estudantes de 1º grau (8º ou 9ºano), 40 estudantes de 2º grau (2º e 3º anos) e 40 pessoas com nível superior completo. Propomos que fatores de ordem discursiva atuam no processamento, conforme postulado por Gibson (2000) em sua Teoria de Dependência de Localidade (*Dependence of Locality Theory – DLT*). Hipotetizamos haver maiores custos de integração e de armazenamento para a interpretação da palavra “que” como pronome relativo em contraposição à computação da mesma como conjunção integrante, a qual demanda menor gasto de recursos computacionais. Além disso, apoiamo-nos no Princípio de Parcimônia (GRODNER et al., 1995), segundo o qual, numa situação de ambiguidade estrutural, o *parser* optaria pela estrutura com o menor número de pressuposições contextuais. Defendemos que informações de natureza discursiva também atuariam na aposição das orações relativas aos núcleos nominais, de acordo com o que se prevê através do modelo interativo da DLT. Tal fato pode sugerir a revisão do *parsing* estritamente sintático proposto pela perspectiva modular da Teoria de *Garden Path* encontrada nos estudos de Ribeiro (2005), Miyamoto (2005) e Maia, Fernández, Costa e Lourenço (2006). Nossa hipótese é de que a facilidade ou dificuldade de acesso aos referentes discursivos que compõem o SN complexo pode afetar as preferências de concatenação (baixa ou alta) da relativa. Os resultados estatísticos quanto aos experimentos *off-line* apontam uma maciça preferência pelas objetivas diretas ($p < 0,05$) diante da palavra que, em consonância com os estudos de Maia et al. (2005), mesmo nos contextos mais plausíveis (em que fora manipulada a interpretação pela relativa), e em todos os níveis de escolaridade. A interpretação do QUE como conjunção integrante demanda menos recursos cognitivos também no que se refere a restrições informacionais, conforme previsto pela DLT (GIBSON, 2000) e pelo *Princípio de Parcimônia* (GRODNER et al., 1995). Quanto à vinculação da oração relativa aos sintagmas nominais complexos, foi manipulada a natureza discursiva do antecedente da relativa, criando-se duas condições experimentais (contexto 1: frases com **N1 comum** e **N2 comum**; contexto 2: frases com **N1 comum** e **N2 próprio**) aplicadas numa distribuição *between subjects*: O tratamento estatístico dos dados mostrou-se significativo no contraste entre os contextos 1 e 2 no nível universitário (**Sup.: $\chi^2(1,N=40)=12,34$ $p=0,004$**). Enquanto no contexto 1, a preferência pela aposição alta não fora significativa nesse nível de escolaridade, no contexto 2, tal alteração mostrou-se relevante ($p < 0,05$). O aumento da preferência pela aposição da relativa ao N1 quando o N2 constituiu um nome próprio (contexto 2), em especial no nível superior, reflete a influência de um componente de caráter semântico-discursivo e parece refutar a concepção de autonomia sintática da *parser* de Maia & Maia (2005) e Maia et al. (2004), apresentada igualmente para seus experimentos com questionários *off-line*. Ao optar pela abordagem interativa do processamento, interpretamos que fatores sintáticos, semânticos, discursivos e pragmáticos se conjugam já numa primeira rodada do *parsing*, o que nos conduz a um segundo momento da pesquisa: verificar, através da realização de experimentos *on-line*, se determinados contextos discursivos (como a mudança de contexto 1 para o 2) favorecem ou não a velocidade de processamento das concatenações sintáticas.

3 • Processamento mental da concordância verbal em estruturas do português brasileiro: investigação de possível interferência em sentenças com elemento movido sintaticamente

Queila de Castro Martins (UERJ)

Pesquisas têm se voltado a compreender como se dá o processamento da concordância entre sujeito e verbo e investigar fatores que possam influenciar o processamento sintático da sentença, gerando os chamados erros de concordância verbal. Em pesquisa de mestrado desenvolvida nestes dois últimos anos e defendida em 2012, partiu-se da observação dos dados de Franck et al (2010) que investigaram produções de falantes da língua francesa e encontraram erros de concordância verbal entre sujeito e verbo. Essa interferência foi considerada, por eles, como uma variação devido a elemento movido sintaticamente durante a produção da concordância na árvore sintática. Sendo assim, nosso objetivo foi investigar o processamento da concordância verbal em estruturas de português brasileiro (PB) que envolvem movimento sintático de elemento, verificando se ocorreria em PB o mesmo fenômeno que houve em francês em orações relativas, em que verbo assume os traços de número do objeto, e se um possível erro poderia ser tomado como erro da sintaxe. Ao propormos o diálogo entre Teoria Linguística e Psicolinguística utilizando o Programa Minimalista, versão mais atual do Gerativismo de Chomsky, acreditou-se que o estudo de formulação sintática e um olhar por meio de um modelo de processamento, que abarquem tanto a formulação quanto a produção, esclareceriam pontos importantes sobre o funcionamento da concordância verbal. A hipótese foi a de que não ocorreria o erro de concordância verbal gerado pela

sintaxe. Mesmo que ocorressem erros, esses seriam provenientes de aspectos de outra ordem, acontecendo posteriormente à codificação gramatical. Dessa maneira, o erro jamais estaria no formulador sintático, e este permaneceria autônomo. O modelo MIMC (Modelo Integrado Misto da Computação *On-Line*) prevê que a concordância verbal ocorra sem interferências, mesmo em estruturas com movimento de elemento. No entanto, poderia haver erros em um momento posterior, quando o *parser* monitorador teria de manter o elemento DP ou QU em memória para associar à lacuna e seria necessário proceder à concordância entre o sujeito e o verbo, enquanto este elemento ainda estaria ativo. Com isso, o MIMC prevê uma visão da computação sintática em tempo real que justificaria não haver uma interferência sintática no processamento da concordância verbal, facilitando a adoção da hipótese adotada por Rodrigues (2006) no PMP (Modelo de Processamento monitorado por *parser*) para efeitos de intervenção na codificação morfofonológica, devida a interferência de um *parser* monitorador, sugerindo erros de concordância, por exemplo, de aspectos de ordem morfofonológica. Foram realizados dois experimentos em sentenças declarativas e interrogativas com movimento de elemento DP e elemento QU, e os resultados mostraram que tamanho da sentença e fator de ordem morfofonológica poderiam gerar interferência, os resultados também abriram espaço para investigarmos uma possível interferência devido a tipo de elemento movido. Sendo assim, por meio dos resultados dos dois experimentos realizados na dissertação, a concepção de um formulador autônomo é válida, concebendo que os erros encontrados podem ser explicados como provenientes de aspectos de ordem morfofonológica e tamanho da sentença, admitindo o efeito de um *parser* monitorador que atua durante o processamento da linguagem. Em âmbito geral, pode-se ainda explorar pontos de contato entre Teoria Linguística e Psicolinguística, analisar compreensão e produção de sentenças, questões de direcionalidade de construção sintática e de movimento de elementos sintáticos, e ampliar o estudo buscando corroborar a ideia de um formulador sintático autônomo e quais outros tipos de erros de concordância poderiam ser explicados pelo modelo. Os próximos passos a serem seguidos são continuar a investigação do processamento da concordância verbal, buscando compreender ainda mais seu desenvolvimento, e o que e quais fatores poderiam interferir em sua produção, sempre visando corroborar a concepção de um formulador sintático autônomo.

4 • Compreensão Leitora: uma análise psicolinguística dos Cadernos Didáticos de Educação de Jovens e Adultos

Nély Silva da Motta Mesquita

Neste resumo apresentam-se os resultados de pesquisa de mestrado na área de Estudos da Linguagem, na linha teórica: A leitura e a produção escrita numa abordagem psicolinguística, em que se investigou a inteligibilidade de material didático para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O foco do trabalho está na análise de inteligibilidade do material ancorada em parâmetros psicolinguísticos para a seleção desse material ao nível de compreensão do aluno. A legibilidade textual foi medida baseada em parâmetros tais como: caracterização dos gêneros dos textos que compõem os cadernos do aluno, baseando-nos no trabalho de Marcuschi (2008); classificação dos elementos visuais seguindo a informação disponibilizada no próprio corpo dos textos, em que legendas sinalizavam o tipo de material (ilustração, fotografia, mapa, etc.); análise dos índices obtidos com a submissão dos textos à ferramenta Coh-Metrix-Port (Aluisio et al., 2008), como detalharemos adiante; frequência de atividades sugeridas nos cadernos do professor, tais como: escrever uma carta, preencher um cheque, elaborar um currículo, etc. Tomamos como referência teórica o trabalho de Marcuschi (2008) sobre gêneros, onde ele considera que o livro didático pode ser considerado um suporte de gêneros. A incorporação dos gêneros no livro didático não muda suas identidades, ocorrendo uma mudança de funcionalidade, onde uma poesia pode ser exemplo das características regionais de um grupo social, como a poesia de cordel. Ainda usamos como referência teórica em nossa pesquisa, o Projeto PorSimples desenvolvido na USP/São Carlos, que envolve a Simplificação Textual do Português para Inclusão e Acessibilidade Digital (Aluisio et al., 2008), cuja proposta é desenvolver tecnologias para facilitar o acesso à informação dos analfabetos funcionais e de outras pessoas com deficiências cognitivas. A ferramenta Coh-Metrix-Port. foi usada para fins de avaliação e comparação dos textos dos cadernos em termos de sua legibilidade. Esses Cadernos Didáticos de EJA, corpus de nossa pesquisa, compõem uma coleção de 13 cadernos de textos para os alunos e 13 cadernos de atividades sugeridas para o professor, além de um caderno metodológico com a concepção pedagógica do material. A coleção foi elaborada por uma equipe de professores da Unitrabalho que planejou e desenvolveu a coleção em parceria com o MEC e a Secretaria de Educação Continuada. O público alvo são alunos do 2º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com diversos graus de capacidade leitora já que são egressos do Ensino Regular. A metodologia utilizada partiu dos procedimentos de análise que já foram citados. Uma tabela geral foi

confeccionada com o título e o autor de cada texto, o segmento do Ensino fundamental (1 ou 2) para o qual é recomendado, o gênero textual a que pertence, os recursos multimodais presentes na página do texto e a atividade sugerida para o professor trabalhar o texto com os alunos. Outras tabelas foram elaboradas com as frequências dos gêneros para cada caderno do aluno e para o total dos cadernos, outra com a frequência das atividades sugeridas e outra com o total de ocorrências de gêneros visuais para cada caderno e para o conjunto de cadernos. Os resultados de nossa pesquisa buscam indicar a relevância do trabalho em termos aplicados, de forma a contribuir para a avaliação pelo professor do material e dos itens que podem facilitar o uso dos textos em sala de aula.

5 • Interface linguagem/visão e a leitura de gráficos

Erica dos Santos Rodrigues & Juliana da Silva Neto (LAPAL/PUC-Rio)

O desenvolvimento de habilidades de leitura de textos multimodais é fundamental para a compreensão de gêneros científicos, em especial daqueles em que informação representada no formato de quadros, gráficos e tabelas compõe o texto juntamente com informação apresentada verbalmente (Lemke, 1998; Kress, 2001). Para ler esses gêneros, faz-se necessário integrar informação linguística e visual, de modo a poder apreender, de forma adequada, o sentido global do texto. Uma questão que se coloca é como se dá essa integração e qual a interface que permite conciliar informações provenientes de modalidades diferentes. Neste trabalho, explora-se esse tema, a partir de resultados experimentais referentes à leitura de gráficos. Mais especificamente, busca-se verificar se informação linguística poderia gerar expectativas em relação à informação codificada visualmente, por meio de gráficos. Segundo Habel & Acarturk (2009), a integração entre informação linguística e visual ocorreria em uma interface conceitual, a qual abrigaria representações abstratas, de natureza proposicional, derivadas de processamento que ocorreria nos módulos linguístico e gráfico. Nesse plano conceitual, seriam estabelecidos links co-referenciais entre entidades conceituais introduzidas pelas duas modalidades. Assim, por exemplo, sentenças com verbos como “reduzir”, “decrecer”, etc. acionariam um esquema proposicional em que a ideia de ‘decréscimo de valor’ estaria representada juntamente com seus argumentos (o que decresceu, de quanto, para quanto). Do mesmo modo, um gráfico de linha (linha descendente) juntamente com as informações dos eixos x e y, depois de decodificado visualmente, poderia instanciar esse tipo de representação conceitual (ver Pinker, 1990; Cazorla, 2002, para teoria acerca da compreensão de gráficos). Com base nessa proposta, elaborou-se um experimento com as seguintes variáveis independentes: (i) congruência entre informação visual e linguística (se a linha do gráfico correspondia ao verbo da frase) e (ii) correção da informação – se o gráfico representava corretamente informação linguística. Essas variáveis deram origem a quatro condições experimentais: C1: informação visual congruente e correta em relação à frase; C2: informação visual congruente e incorreta; C3: informação visual incongruente e correta; C4: informação visual incongruente e incorreta. A tarefa consistiu na leitura de frases seguida da análise de gráficos. Se os participantes considerassem satisfatória a correspondência entre o gráfico e a frase, deveriam marcar “sim” em uma folha de resposta. Caso contrário, deveriam marcar “não”. Resultados preliminares apontam para um efeito principal das variáveis congruência ($p < 0,04$) e correção ($p < 0,001$). Não houve efeito de interação. Em relação à comparação entre as condições por par, todas foram estatisticamente significativas, com exceção dos pares [congruente _ correto] vs. [incongruente _ correto] e [congruente _ incorreto] vs. [incongruente _ correto]. Com relação à taxa de erro e acerto, os participantes não tiveram dificuldades com as condições congruente correto e incongruente incorreto. Nas duas outras condições, acertaram mais quando a informação visual era incongruente correta do que quando ela era congruente incorreta. Esses dois últimos resultados sugerem que, quando a informação visual é incompatível (incongruente) com a informação linguística, os sujeitos buscam outros elementos no gráfico (por exemplo, elementos do eixo x) para avaliar se este é ou não compatível com a informação linguística. Entretanto, quando a informação visual é compatível com a informação linguística (congruente), porém incorreta, os participantes parecem hesitar: metade das respostas indica que o gráfico correspondia à frase e metade indica que não, o que sugere que, em alguns casos, a questão da congruência parece se sobrepor ao fator correção. Em termos de demandas cognitivas, esses resultados sugerem que, quando há compatibilidade entre informação visual e informação linguística, a integração é facilitada e a tarefa realizada com sucesso, o que está em consonância com a hipótese de compartilhamento de uma representação de natureza conceitual pelas duas modalidades.

Sessão 25: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS NA ERA DIGITAL

Coordenação: Kátia Tavares (UFRJ)

1 • Visões de nativos digitais sobre o ensino-aprendizagem de inglês

Claudio de Paiva Franco (UFRJ)

Os nativos digitais (Prensky, 2001), também conhecidos por geração N (do inglês N-gen, geração net) ou geração D (do inglês D-gen, geração digital), têm chamado a atenção de pesquisadores por sua forte relação com a tecnologia. É tão grande o interesse pelas implicações da intensa exposição dos jovens aos diversos aparatos eletrônicos que existem até estudos sobre a possível mudança da estrutura física do cérebro devido às novas experiências de aprendizagem dos nativos digitais. O presente trabalho é fruto de um novo olhar de uma pesquisa de doutorado em andamento em Linguística Aplicada. Ele tem por objetivo discutir as visões de nativos digitais sobre o ensino-aprendizagem de língua inglesa a partir de narrativas de aprendizagem. A pergunta de pesquisa central que norteou a condução da pesquisa foi: 'Quais as perspectivas de aprendizes de inglês nativos digitais sobre o processo de ensino-aprendizagem?'. Para responder a essa pergunta de pesquisa, adoto a teoria da complexidade, mais especificamente, os construtos relacionados às características de sistemas complexos. Como principal referencial teórico, utilizo algumas publicações de Larsen-Freeman (1997, 2000, 2002, 2006, 2007, 2008, 2009) para tratar de questões ligadas à aplicação da teoria da complexidade na Linguística Aplicada. Encontro, no paradigma da complexidade, uma alternativa para compreender a realidade sob um ângulo multidimensional; uma perspectiva que rejeita os pressupostos da fracionalização, linearidade e simplificação do pensamento como modos de criar inteligibilidade. A complexidade inaugura novas formas de perceber as relações de sistemas complexos à luz da desordem e da incerteza. A adoção do caos/complexidade nesta pesquisa está fundamentada na tentativa de buscar uma melhor compreensão das perspectivas de alunos pertencentes à geração de nativos digitais sobre a aprendizagem e o ensino de inglês ao longo de suas vidas. A presente pesquisa é fruto de um estudo de caso, de natureza etnográfica, que se insere no paradigma interpretativista, também conhecido como qualitativo, e foram empregados instrumentos etnográficos para a geração de dados. Em vez de adotar a pesquisa positivista, com seu modo de pensamento lógico-científico, este estudo de caso adota, como principal instrumento etnográfico, narrativas de aprendizagem com o objetivo de entender a perspectiva dos participantes e analisar suas histórias por meio da interpretação dos fatos narrados. A geração de dados também é feita por meio de um questionário para traçar o perfil dos participantes. Este estudo privilegia uma abordagem interpretativa com base na teoria da complexidade, de modo a tentar entender as experiências de aprendizagem dos participantes a partir de uma forma mais holística, de sistemas. Pavlenko (2002) nos lembra que as narrativas se tornaram tanto um foco de investigação quanto fonte de dados ricas e legítimas nas mais diversas áreas da Linguística. Os participantes envolvidos na pesquisa são alunos de duas turmas de 2ª série do Ensino Médio de uma instituição pública federal, localizada no Rio de Janeiro. Os resultados indicam que o sistema adaptativo complexo de aprendizagem de nativos digitais tende à auto-organização e ao caos. Além disso, as considerações finais destacam uma preocupação séria com o ensino de inglês no Brasil e sugerem que as atuais práticas pedagógicas já não atendem às necessidades da geração digital.

2 • Ensino de línguas semipresencial na universidade: avaliando conflitos para apontar caminhos

Kátia Cristina do Amaral Tavares (UFRJ)

O uso da tecnologia no ensino-aprendizagem de línguas vem se tornando cada vez mais popular e sua implementação tem sido uma preocupação para administradores e professores. Em muitas universidades públicas brasileiras, concepções institucionais distorcidas sobre educação a distância, limitações técnicas, falta de projetos de formação continuada, entre outros fatores, têm desencorajado professores de línguas a adotar, ou mesmo apenas experimentar, cursos mediados pelas novas tecnologias. Dessa forma, futuros professores de línguas têm pouca ou nenhuma experiência com o uso sistemático e planejado de novas tecnologias nas disciplinas cursadas durante sua graduação, com raras ou nenhuma oportunidade de vivenciar, na prática, a condição de aluno on-line, seja na modalidade de ensino a distância ou semipresencial. A

ausência desse tipo de experiência pode limitar a formação inicial do professor de línguas, tendo em vista que diversos estudos sobre a formação do professor (como RIDING; DAW, 2002) têm indicado que ter a experiência de ser aluno on-line é um dos fatores cruciais para a formação do professor on-line. Considerando a importância de oferecer aos graduandos de Letras acesso a tal tipo de experiência e adotando a abordagem de inserir as novas tecnologias no currículo da Faculdade de Letras não apenas de forma pontual e complementar (através de disciplinas eletivas, por exemplo), mas de forma integrada, perpassando diferentes disciplinas, desde 2011, o Projeto Letras 2.0 vem sendo implementado na Faculdade de Letras da UFRJ. Esse projeto, desenvolvido pelo núcleo de pesquisas em Linguagem, Educação e Tecnologia da UFRJ – LingNet/UFRJ, oferece à comunidade acadêmica condições para oferta de disciplinas mediadas pelas novas tecnologias na modalidade on-line e semipresencial, através da criação de ambientes virtuais de aprendizagem na plataforma Moodle, onde se busca utilizar não apenas os recursos da Web 2.0 (O'REILLY, 2005; O'REILLY; BATTELLE, 2009), mas também uma Pedagogia 2.0 (McLOUGHLIN; LEE, 2008). Além disso, o Projeto Letras 2.0, também visa criar oportunidades para desenvolvimento de pesquisas e para formação docente inicial e contínua. Em seu terceiro semestre letivo de implementação, o projeto envolve docentes de oito setores da Faculdade de Letras da UFRJ, pós-graduandos e graduandos que atuam respectivamente como assessores e monitores e conta, em sua plataforma Moodle, com cerca de cinquenta cursos (referentes a disciplinas de Graduação, Pós-Graduação e cursos de extensão) e mais de mil participantes cadastrados. Nesta comunicação, descrevo o Projeto Letras 2.0/UFRJ e busco identificar conflitos e contradições para apontar possíveis caminhos de aperfeiçoamento. Com base nos princípios da Teoria da Atividade (ENGESTRÖM, 1987, 1999; RUSSELL, 2002), conflitos e contradições são vistos aqui como força motriz da mudança e do desenvolvimento em sistemas de atividade. Para Engeström (1987; 1999), o estudo de contradições manifestadas por meio de problemas e superadas através de inovações proporciona *insights* mais significativos acerca do sistema de atividade do que o estudo de interações estáveis. Conflito, questionamento e insatisfação são fundamentais à noção de desenvolvimento de Engeström, que argumenta que a transformação da prática nasce deles. Dessa forma, a partir da análise de dados coletados através de entrevistas, questionários, depoimentos de alunos e monitores (por escrito e gravados em vídeo), notas de campo e diários escritos pela equipe de apoio do Projeto Letras 2.0, documentos e registros dos cursos oferecidos, foram identificados conflitos e contradições que podem ser considerados como possíveis oportunidades para mudança e aperfeiçoamento das atividades conduzidas no âmbito do projeto em foco. Em uma perspectiva mais ampla, esta investigação pretende contribuir também para iluminar discussões práticas e teóricas sobre o uso das novas tecnologias de informação e comunicação e da modalidade de ensino semipresencial em cursos de Letras que estão preparando seus graduandos para serem professores de línguas neste século XXI.

3 • O olhar discente sobre o uso das novas tecnologias no ensino superior: linguagens e práticas sociais

Bruna Scheiner Gomes Pimenta (UFRJ)

O surgimento de um novo paradigma tecnológico modificando o processamento e distribuição do conhecimento define a sociedade da informação (CASTELLS, 1993). Tal modificação oferece a possibilidade de novas demandas de recursos tecnológicos e, conseqüentemente, de poder público, além das novas formas de interação entre os indivíduos e a comunidade. A sociedade da informação é caracterizada por crescente convergência de tecnologias, a informação como matéria-prima; flexibilidade nas relações e processos; lógica de rede no seu funcionamento e manutenção e alta difusão dos efeitos das novas tecnologias. Considerando a sociedade da informação no qual estamos inseridos (CASTELLS, 1993) conceber a educação dissociada nas novas tecnologias torna-se quase impossível. Diante da evolução dos cenários educativos e considerando o contexto educacional no qual atuo, torna-se imprescindível estudar o uso das tecnologias na educação superior. Segundo Vargas (2004, p.3), a docência universitária no ciberespaço conta com diversos níveis de participação. Essa pode referir-se “à inserção de novas tecnologias a nossa prática docente presencial ou a colaboração em um sistema de educação virtual”. Pode também envolver a elaboração e o desenvolvimento de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) por um profissional. De qualquer forma, a docência on-line significa estar diante de novos desafios. No caso desta pesquisa, a presente pesquisadora e então professora desenvolveu um ambiente virtual de aprendizagem utilizando a plataforma Moodle para ser usado como componente integrante de sua disciplina Inglês Instrumental lecionada presencialmente. Em outras palavras, as atividades propostas no ambiente on-line seriam consideradas no que dizia respeito à participação e avaliação dos alunos na disciplina semi-presencial. O AVA foi desenhado seguindo o modelo de design instrucional aberto proposto por Filatro (2009), o que significou avaliar a criação do curso on-line nas fases de desenvolvimento, implementação e conclusão. Assim, apesar da participação on-line não ter sido uma escolha dos alunos, ao longo da implantação do curso, eles foram ouvidos por meio de

questionários e entrevistas. Dessa forma, foi possível adaptar a estrutura do curso às suas necessidades e expectativas. O objeto da presente pesquisa compreende, portanto a apresentação e avaliação da experiência dos alunos em relação ao componente on-line de uma disciplina semi-presencial. O contexto investigado foi o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro durante o primeiro semestre de 2012. O instrumento de geração de dados usado foi um questionário respondido por quinze alunos voluntários. Com os dados coletados, foi realizado um levantamento de expressões e ideias trazidas pelos alunos que caracterizavam e qualificavam o uso das novas tecnologias no ensino superior. Por fim, foram analisadas experiências no ambiente on-line que marcaram os alunos bem como sugestões para o AVA. Como resultado, percebe-se que a inserção das tecnologias ao trazer novas formas de aprendizagem, representa um desafio não só para o professor como para o aluno também. Outra consideração que pode ser feita recai sobre o mundo acadêmico. A inserção nesse contexto pode ser facilitada por meio do uso das novas tecnologias que propiciam não apenas a participação discente no cenário acadêmico como oportunidade para o professor refletir sobre sua prática pedagógica e reconstruí-la.

4 • Interação e engajamento em ambiente virtual de aprendizagem para ensino de língua para fins específicos

Luciana Nunes Viter (FAETEC / UFRJ)

As mudanças provocadas pelo crescimento da presença das tecnologias na vida contemporânea criaram em torno de si uma cultura de contornos muito particulares, também chamada de cibercultura, cujas constantes são a transformação (LEVY, 1999), a abrangência, a complexidade e a disposição em forma de rede (CASTELLS, 2003). Nesse cenário, as novas ferramentas tecnológicas, em especial a internet, proporcionam meio favorável para que a educação possa ser construída de modo mais aberto, multifacetado e enriquecedor ao potencializar de modo inédito a comunicação humana e estender os espaços ditos de aprendizagem para além dos limites físicos das instituições educacionais (MORAN, 2004). Recursos tecnológicos de comunicação síncronos e assíncronos e conteúdos digitalizados em diversos formatos e linguagens (SANTOS, 2006) integram-se nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) que podem ser utilizados tanto em processos de aprendizagem totalmente on-line, como em complemento ao ensino em ambientes presenciais. Considerando a natureza inovadora dos contextos que envolvem as pesquisas relacionadas a esses temas, especialistas apontam a necessidade de estudos mais detalhados relacionados à construção e utilização de plataformas de apoio ao ensino a distância on-line (VALENTE, MOREIRA, DIAS, 2009), às interações ocorridas nestes ambientes virtuais de aprendizagem (BASSANI, LAHUDE, LIMA, 2008) e ao engajamento dos participantes nas atividades propostas nesses ambientes (WHITE e CORNU, 2011). A partir desses referenciais, o presente trabalho, a partir de um paradigma qualitativo, buscou investigar as interações aluno-aluno, aluno-professor e aluno-conteúdo (ANDERSON, 2003) no ambiente virtual de aprendizagem de uma disciplina semipresencial de Inglês Instrumental em um curso de graduação universitária. Buscou-se responder a duas principais questões específicas: 1) Se os diferentes tipos de interação (aluno-aluno, aluno-professor e aluno-conteúdo) proporcionados pelo ambiente virtual de aprendizagem do curso semipresencial investigado foram suficientes e adequados ao curso, a partir da perspectiva dos alunos; 2) Quais fatores e aspectos dificultaram e quais favoreceram o engajamento dos alunos nas interações propostas no ambiente virtual de aprendizagem, a partir da perspectiva dos alunos e professores. A descrição e análise do contexto investigado teve como seus principais marcos teóricos a perspectiva vygotskiana de construção de conhecimento como produto das interações sociais entre seres humanos e desses com os ambientes que os cercam (DANIELS, 2002) e os pressupostos da Teoria da atividade sócio-histórico cultural (MWANZA e ENGESTROM, 2005), para a qual cada indivíduo que participa de uma atividade tem uma ou mais necessidades específicas às quais busca atender, podendo ou não participar da atividade de modo engajado. Os resultados preliminares sugerem a importância do desenho instrucional adotado para cada atividade proposta no ambiente virtual, assim como da mediação dos tutores durante sua realização, para o engajamento dos participantes docentes. Porém também emergem como fatores de peso para o resultado final obtido, entre outros itens apontados pelos participantes, a gestão de tempo e o estilo de aprendizagem de cada estudante. Além de contribuir para o aprimoramento do formato e dos resultados do curso investigado, sendo esse novamente ofertado, pretendeu-se no presente trabalho identificar os elementos influenciadores na interação mútua humana e na interação humana com conteúdos didáticos em ambientes virtuais de aprendizagem. Ainda que esses resultados específicos não possam ser necessariamente generalizados para outros contextos, espera-se que a investigação conduzida possa também levantar questões relevantes e promover reflexões significativas para áreas de conhecimento relacionadas ao design instrucional de ambientes virtuais de aprendizagem e ao ensino a distância de modo geral.

Sessão 26: VARIAÇÃO E MUDANÇA

Coordenação: Valéria Chiavegatto (UGF)

1 • Marcadores discursivos derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”: uma análise a partir da Sociolinguística Variacionista e da gramaticalização

Lauriê Ferreira Martins & Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

O presente trabalho tem como objetivo o estudo dos marcadores discursivos (MDs) derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, que, em sua configuração construcional, apresentem a forma imperativa. Tomamos como base os postulados da Sociolinguística Variacionista, assim como a perspectiva da gramaticalização como processo de (inter)subjetivização. Para tanto, partimos de estudos anteriores a respeito da mudança semântico-pragmática dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, desde sua realização como verbos plenos até seu comportamento como MDs, além do trabalho pontual de Rost Snichelotto (2004, 2009, 2011), que trata do comportamento dos marcadores em *corpora* do projeto VARSUL. Realizamos uma abordagem sincrônica a partir de amostras do português falado contidas em dois *corpora* distintos: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” e o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”. Com a análise variacionista, objetivamos identificar o domínio funcional em que os MDs derivados dos verbos “olhar” e “ver” funcionam como variantes, identificar quais fatores condicionam o uso de uma ou outra variante e, portanto, descrever e analisar seus contextos de uso. A princípio realizamos uma análise quantitativa, cujos objetivos são quantificar as ocorrências, dar tratamento estatístico aos dados submetidos ao programa GoldVarb/Varbrul 2001 e identificar os fatores que condicionam o emprego das variantes. Em seguida, recorreremos à análise qualitativa para a descrição e a interpretação dos contextos de uso de cada uma das formas em competição. No que tange à gramaticalização, nossos objetivos são descrever os usos sincrônicos dos MDs derivados dos verbos de percepção visual “olhar” e “ver”, verificar se há regularidade entre as microconstruções, entender por que a forma imperativa integra a configuração destes MDs e confirmar se é possível falarmos em macroconstruções entre os MDs analisados. A hipótese é de que os novos MDs instanciados emergem como [+ subjetivos] e se tornam [+ intersubjetivos] à medida que passam a ser mais frequentes e, portanto, mais gramaticalizados, revelando, assim, um caminho de crescente (inter)subjetivização (FINEGAN, 1995; TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT & DASHER, 2005; DAVIDSE *et al.*, 2010). Acreditamos, ainda, que tal processo de (inter)subjetivização estaria vinculado ao surgimento de possíveis padrões construcionais (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009). Para definirmos o processo de gramaticalização dos marcadores analisados, levantamos sua frequência de uso (BYBEE, 2003; MARTELOTTA, 2009). Posteriormente, apresentamos uma análise qualitativa. Os resultados apontam que: (i) o domínio funcional em que os MDs atuam como variantes é o da *chamada de atenção do interlocutor*; (ii) os MDs derivados de verbos de percepção visual no imperativo estão sujeitos à fixação modo-temporal e número-pessoal: “olhar” no indicativo e “ver” no subjuntivo; (iii) os MDs derivados do verbo “ver” tendem a co-ocorrer com pronomes, enquanto os MDs derivados do verbo “olhar” tendem a co-ocorrer sem pronomes; (iv) os MDs derivados do verbo “olhar” tendem a ocorrer com mais frequência em contextos sintaticamente independentes, enquanto os MDs derivados do verbo “ver” tendem a ocorrer com mais frequência em contextos sintaticamente dependentes; (v) MDs derivados do verbo “olhar” estão mais avançados no processo de gramaticalização; (vi) ocorre o enfraquecimento da força imperativa prototípica e ganho semântico-pragmático à medida que novos usos se tornam mais frequentes e mais gramaticalizados.

2 • A variação tu x você na posição de objeto indireto: rastreando fatores linguísticos e sociais em cartas pessoais cariocas

Thiago Laurentino de Oliveira (CNPq/UFRJ)

O presente trabalho visa a expandir os estudos já existentes sobre variação e mudança no quadro pronominal do português brasileiro, especificamente no que diz respeito à expressão da segunda pessoa do singular. Sabe-se que a inserção da forma *você* no sistema de

pronomes pessoais desencadeia uma série de variações linguísticas na representação da “pessoa a quem se fala”; isso porque o antigo pronome *tu* não desaparece do sistema. O comportamento e a distribuição das formas de segunda pessoa na posição de sujeito já foram largamente estudados e analisados (cf. Machado, 2006; Lopes, 2008; Rumeu, 2008; Lopes, Rumeu e Marcotulio, 2011). Cabe às investigações futuras ampliar a análise focalizando outras posições sintáticas. Este estudo, em particular, analisará o objeto indireto, posição em que se verifica grande número de formas concorrentes para a segunda pessoa, a saber: os clíticos **te** e **lhe**, os sintagmas preposicionados **a ti**, **para ti**, **a você** e **para você**, e ainda o objeto nulo (não realizado formalmente). Considera-se objeto indireto o segundo complemento dos verbos bitransitivos que exprimem transferência (material, verbal etc.) ou movimento (concreto ou abstrato); além disso, esse complemento é cliticizável e corresponde ao caso dativo (Ex.: Eu dei o livro *a você*). O objetivo central é identificar fatores linguísticos e extralinguísticos que atuaram no (des)favorecimento de uma estratégia frente às demais no período em que o *você* é inserido no sistema pronominal do português brasileiro. Vale ressaltar que a análise a ser realizada é de cunho diacrônico e tem o intuito de mapear o comportamento dos objetos indiretos pronominais no período em que se inicia a variação entre *tu* x *você* na posição de sujeito. Para tanto, serão adotadas como *corpus* 65 cartas particulares escritas por brasileiros da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Esses documentos fazem parte do “*Corpus Compartilhado Diacrônico: cartas pessoais brasileiras*”, todos eles transcritos, editados e disponíveis no Laboratório de História do Português Brasileiro da UFRJ (<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico>). Do material disponibilizado, trabalharemos com três fundos em particular: cartas familiares do ilustre médico e sanitarista Oswaldo Cruz; cartas pessoais trocadas entre os irmãos da família Pedreira Ferraz Magalhães; cartas amorosas trocadas entre os não ilustres Jayme Saraiva e Maria Ribeiro, o “Casal dos anos 30”. As três amostras apresentam perfis sociais diferenciados, além de oferecer um quadro linguístico diversificado. Adota-se a teoria sociolinguística variacionista (Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1994) como suporte teórico-metodológico para a análise dos dados e interpretação dos resultados. O programa estatístico GOLDVARB-X será a ferramenta utilizada para a análise quantitativa dos dados. O trabalho irá verificar as seguintes hipóteses: O clítico **te** é a estratégia mais produtiva nos dados diacrônicos do Rio de Janeiro, independente da forma empregada na posição de sujeito (*tu* ou *você*); Os objetos nulos são registrados no período de maior “mescla de tratamento”; os sintagmas preposicionados “*a~para você*” têm entrada no sistema linguístico através dos casos de objeto indireto menos prototípico (aqueles que não são alvos/receptores de uma ação propriamente dita); a família de origem dos escreventes é um fator social que condiciona os usos dos pronomes de segunda pessoa do singular.

3 • A alternância entre *tu* e *você* e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre de 1930

Érica Nascimento Silva (UFRJ)

O presente trabalho pretende estudar a variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas pessoais trocadas por um casal de noivos – Jayme de Oliveira Saraiva e Maria Ribeiro da Costa – entre os anos de 1936 e 1937 no Rio de Janeiro. O corpus é composto de 97 cartas, sendo 68 do Jayme e 29 da Maria. Jayme trabalhava em uma empresa ligada à indústria e ao comércio situada no centro do Rio de Janeiro e morava em Ramos (bairro do subúrbio da então capital federal). Já Maria trabalhava em casa, morava na cidade de Petrópolis e tinha uma filha pequena, fruto de outro relacionamento. As hipóteses levantadas para esse trabalho são formadas a partir dos resultados de outros estudos, que mostram que o uso majoritário de *tu* – forma recorrente no início do século XX (cf. Lopes, 2008; Duarte, 1993) – será suplantado por *você* por volta dos anos 30, adentrando, primeiramente, na posição de sujeito. Observa-se também que nesse mesmo período haverá uma maior tendência de preenchimento do sujeito no português brasileiro, sendo as mulheres, aparentemente, as grandes propulsoras da inserção de *você* no quadro pronominal (Lopes e Machado, 2005; Rumeu, 2008). Em trabalho apresentado por Silva (2012) utilizando o *corpus* em questão, verificou-se a presença das duas formas pronominais de segunda pessoa, o que já indica que há uma variação entre os pronomes analisados. Embora a coexistência das duas formas pronominais tenha sido observada, percebe-se que *tu* ainda é utilizado com maior frequência que *você* – 82% contra 18%. No entanto, observando-se somente a posição de sujeito, verifica-se que Jayme faz mais uso de *tu* que Maria (73% contra 27%). A noiva, por sua vez, utiliza mais *você* que Jayme (71% contra 29%), corroborando com a hipótese de que as mulheres seriam as principais responsáveis pela entrada dessa nova forma pronominal no sistema do português brasileiro. O trabalho levará em conta os pressupostos teóricos da teoria variacionista quantitativa laboviana (Labov, 1994), visando a identificar os fatores linguísticos e

extralinguísticos que determinam o uso dos pronomes de tratamento de referência a segunda pessoa no período em questão. Trabalhos como o de Marquilhas (1996) e Barbosa (1999) serão considerados para a análise de cunho filológico, a fim de que se possa identificar através da grafia, aspectos que ajudem a traçar o perfil sociolinguístico do casal de noivos – já que, por não serem pessoas ilustres, não há muitas informações acerca dessas duas pessoas presentes nas cartas. Serão observados a organização textual das missivas – paragrafação e pontuação –, os traços grafemáticos que possam indicar marcas de oralidade – flutuação entre vogais e/i e o/u; monotongação e ditongação; nasalização; etc. – e a frequência de correções voluntárias feita pelos autores. Tal análise faz-se necessária, pois foi verificado, observando-se as missivas, que a noiva possui cultura mediana – Barbosa (2005) – transpassando, em virtude disso, com mais frequência que Jayme, a modalidade oral para a escrita e apresentando maior ocorrência de dados referentes a desvios grafemáticos – 86% contra 14%. Para verificar a frequência em que ocorrem os pronomes *tu* e *você* nas missivas e o contexto linguístico que favorece a presença ora de uma ora de outra forma pronominal, será utilizada a ferramenta metodológica Goldvarb. A análise filológica será realizada com o auxílio do programa de edição E-dictor, por meio do qual será feito o levantamento dos traços grafemáticos dos autores – Jayme e Maria – presentes nas cartas.

4 • Abordagem variacionista da ordenação de clíticos pronominais no Português Europeu Escrito dos séculos XIX e XX

Autora: Daniely Cassimiro de Oliveira Santos (UFRJ / CAPES)

A análise, ora sintetizada, possui por escopo a apreensão das regras de colocação dos átonos pronominais que, de modo efetivo, caracterizam a variedade europeia do Português, contemplando-se, para tanto, registros escritos da língua observados na diacronia dos séculos XIX e XX. À luz desses esclarecimentos prévios, certifique-se de que o exame empreendido promove uma investigação pormenorizada dos contextos linguísticos e extralinguísticos mais proeminentes à realização do fenômeno de ordenação dos pronomes átonos em domínio de lexias verbais complexas (LVC), verificando, portanto, o posicionamento do clítico mediante estruturas integradas por dois ou mais verbos que possuem, entre si, certo grau de integração sintático-semântica. Assim dito, a pesquisa descrita, a fim de legitimar suas considerações, ocupa-se do estudo da colocação em ambientes de complexos verbais a partir de quatro posições do átono pronominal, quais sejam: (i) *pré-LVC* [Aqui **se pode pesquisar**]; (ii) *intra-LVC com hífen* [**Pode-se pesquisar**]; (iii) *intra-LVC sem hífen* [**Pode até se pesquisar**]; (iv) *pós-LVC* [**Pode pesquisar-se**]. A propósito da fundamentação teórico-metodológica, este estudo, de natureza variacionista, concebe-se, em primeira instância, sob a égide dos postulados da Sociolinguística Laboviana (cf. WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, por ex.) – corrente que avaliza o caráter variável e não-arbitrário do sistema das línguas, haja vista que fatores estruturais (linguísticos) e sociais (extralinguísticos) presidem a sistematicidade do evento em variância. Ademais, é preceito basilar de tal orientação investigativa a premissa de que toda mudança pressupõe variação, embora nem toda variação resulte, necessariamente, em mudança linguística. De modo a versar, mais especificamente, sobre o processo de cliticização (cf. VIEIRA, 2002), o trabalho lança mão, em segunda instância, dos parâmetros instituídos por Klavans (1985), discriminando-se, sobretudo, o Parâmetro 2, de cunho morfossintático. No propósito de conferir à investigação propriedade empírica, recorre-se a *corpora* criteriosamente constituídos de romances europeus escritos no íterim dos séculos XIX e XX, cuja autoria corresponde a escritores representativos da Literatura Portuguesa. Quanto ao tratamento estatístico-computacional dos dados colhidos na amostra supracitada, a pesquisa vale-se do Pacote de Programas GOLDVARB X, instrumental responsável por fornecer – dentre outras informações – (a) o índice de aplicabilidade geral dos fatores constituintes da variável dependente; (b) as frequências absolutas e percentuais, além de pesos relativos para cada variante examinada; (c) os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes e não-relevantes à manifestação do fenômeno em análise; bem como (d) o influxo, isto é, o cruzamento entre as variáveis examinadas. No que tange à elucidação preliminar dos resultados alcançados, constate-se, em linhas gerais, que a ordem preferencial de colocação em cada fase observada depende intrinsecamente do contexto morfossintático de ocorrência do clítico pronominal. Isso posto, é oportuno ressaltar que os domínios de início absoluto de oração se constituem como estruturas altamente favorecedoras da variante pós-LVC. Os ambientes em que se verificam elementos proclisadores potenciais, por sua vez, apresentam-se como contextos motivadores da ordem pré-LVC. Entretanto – diferentemente do que se costuma registrar em estudos da ordem que ponderam a colocação do clítico em face de uma só forma verbal (cf. SCHEI, 2003; SANTOS, 2010, por ex.) –, a atuação dos elementos proclisadores em face de complexos verbais não se revela como condição

decisiva para a manifestação categórica da ordenação pré-LVC. Mediante os esclarecimentos concedidos, convém justificar a pertinência da investigação efetuada, que, ao desenvolver uma análise consistente acerca da colocação em ambientes de lexias verbais complexas a partir de dados do Português Europeu dos séculos XIX e XX, concorre por acrescentar novas informações ao parco conhecimento de que, ainda, se dispõe do fenômeno aqui contemplado.

5 • A variação do acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais dos séculos XIX e XX

Camila Duarte de Souza (UFRJ/CNPq)

Marina Henriques Gomes de Andrade (UFRJ/PIBIC)

Estudos diacrônicos realizados com base em amostras diversificadas, como peças teatrais, cartas particulares e oficiais (cf. LOPES & DUARTE 2003, entre outros) revelaram que a entrada de *você* no sistema tratamental do português brasileiro (doravante PB) acarretou mudanças no quadro pronominal, visto que a coexistência entre *tu* e *você* originou a fusão dos dois paradigmas. É preciso salientar que há uma literatura considerável acerca das consequências da entrada do pronome *você* na posição de sujeito (cf. LOPES 2008, RUMEAU 2008, entre outros), embora ainda haja uma carência de estudos sobre as posições de complemento. Dessa forma, o presente trabalho visa a estudar as formas alternantes de acusativo de segunda pessoa do singular, que são aquelas que desempenham a função de objeto direto. Na perspectiva tradicional de “uniformidade de tratamento”, o pronome original de segunda pessoa no caso acusativo seria apenas o clítico acusativo *te*, entretanto, o *você* entrou no sistema pronominal desencadeando um rearranjo no uso das estratégias, permitindo outras possibilidades no PB (*te amo*, *amo você*, *lhe amo*, *amo Ø*, *o/a amo*). Em trabalho anterior (SOUZA 2011) utilizando-se parte do *corpus* proposto nesta pesquisa, foi comprovado que o clítico *lhe* apresentou índices consideráveis quando se empregou *você* na posição de sujeito, demonstrando certa simetria, já que ambos são, originariamente, de terceira pessoa. Verificou-se também que, dentre todas as formas acusativas de segunda pessoa do singular, o clítico *te* foi o mais empregado e que os dados de *zero* (não realização) são propiciados pela disputa entre *tu* e *você* na posição de sujeito. O objetivo deste trabalho é avançar no mapeamento dos clíticos acusativos de segunda pessoa do singular. Quer-se também, nesta etapa da pesquisa, analisar o tipo de verbo, a fim de investigar se o mesmo promove alguma influência significativa para a variação em questão. O *corpus* deste trabalho é constituído por cartas particulares de cinco localidades brasileiras: Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Paraná. Tais missivas foram escritas no final do século XIX e início do XX. O destaque da amostra são as cartas do médico e sanitário Oswaldo Cruz. O gênero epistolar foi o escolhido porque há nele uma grande ocorrência de pronomes de segunda pessoa, além de refletir a realidade dos falantes/escreventes do período que se pretende analisar. Soma-se a isto o fato de cartas pessoais apresentarem uma escrita mais íntima, livre de pressões normativas, diferentemente, por exemplo, do que se pode perceber em um documento oficial. O presente trabalho leva em conta os pressupostos teóricos da teoria variacionista quantitativa laboviana (LABOV 1994), com o intuito de identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que determinam o uso dos clíticos acusativos de segunda pessoa nas localidades citadas e nos períodos em questão. Para a realização da análise proposta, os dados levantados serão submetidos ao pacote de programas computacionais de regras variáveis GOLDBARB-X que calcula as frequências de cada fator postulado.

Sessão 27: ANÁLISE DO DISCURSO III

Coordenação: Bruno Deusdará (UERJ)

1 • O vernáculo brasileiro na contemporaneidade

Gabriela Souto Alves (UFSM)

O termo *vernáculo* se refere a tudo aquilo que é próprio de um país ou de uma região, incluindo instituições, rituais, língua, as variadas formas de arte, dentre elas, a literatura. Dessas diversas manifestações vernáculas, a língua é elemento chave por ser condição de organização cultural e de constituição do indivíduo e do sujeito. A literatura, encontro da língua e da escrita, costura, no mínimo, dois importantes elementos participantes das condições de produção dos discursos que dão sentido aos fatos, às ações humanas, às relações sociais e, assim, colabora para que as instituições vernaculares sejam definidas. Na atualidade, a mobilização de coletividades está se reinventando por conta de desafios particulares (DUFOR, 2003). O processo de globalização, por exemplo, se sobrepõe às fronteiras geopolíticas consolidadas em outro tempo, enquanto o avanço do capitalismo aplaca sujeitos. Com isso, a estabilização da memória cultural é posta em xeque porque toda anterioridade é afetada por esse rearranjo que provoca a fragmentação do sujeito. Decorre daí uma tensão entre língua e definição do vernáculo nela instaurado. À primeira vista, o vernáculo contemporâneo parece mitigado, mas, como não é possível cindir língua e organização coletiva, deduz-se que, de alguma maneira, o senso de vernáculo ainda está ali, sendo reinventado. Sendo assim, dar seguimento a qualquer estudo linguístico em relação a tal vernaculismo desmembrado e conflitivo implica identificar meios de capturar esse objeto para delinear seu presente estatuto. Para tanto, justifica-se repensar a língua como um patrimônio imutável, que vive de uma suposta unidade. Diante dessa questão, este trabalho tem como tema o fato de documentar o vernáculo brasileiro consistir em um duplo desafio na contemporaneidade: 1) a constante redefinição exigida do sujeito contemporâneo reacentua a individualidade em detrimento de padrões coletivos; 2) o senso vernacular brasileiro está ligado à língua portuguesa, ou seja, língua, *a priori*, do outro. Entendendo-se que a sociedade urbana contemporânea está marcada pela tensão entre a fragmentação individualizante e a coletividade singularizante (que identifica sujeitos, mas não indivíduos), e que a linguagem é condição tanto para instaurar, quanto para projetar acabamento a tal tensão, o objetivo é problematizar a noção de vernáculo brasileiro na atualidade. O referencial teórico abrange os processos de subjetivação na história da cultura ocidental (AMORIM, 2007) e, conseqüentemente, na historicização do Brasil e trata dos conceitos de língua, escrita e memória (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999; ORLANDI, 2008; GUIMARÃES, 2005). A pesquisa é feita a partir da análise dialógica da experimentação formal em *Eles eram muitos cavalos*. Trata-se uma narrativa contemporânea, de Luiz Ruffato, que, ao trazer o recorte da vida que compõe a maior cidade brasileira, tematiza a tensão entre sujeito e linguagem, constituindo espaço relevante para investigação da questão conflituosa do vernáculo brasileiro hoje. Tal análise envolve identificar mecanismos linguístico-discursivos no romance, que registram e constroem brasilidades possíveis, além de verificar como tais mecanismos funcionam como dispositivos para delineamento do vernáculo brasileiro na atualidade. Os resultados parciais do trabalho ainda em andamento sugerem que a naturalização da degradação, da violência e da negatividade faz parte da condição do sujeito brasileiro na contemporaneidade, construído em meio ao conflito entre a fragmentação e a possível identidade vernácula nela flagrada. O desafio final é distinguir por que, de algum modo, essa pluralidade documentada no texto aponta para uma constituição de unidade.

2 • Dimensões da língua portuguesa na construção vernacular brasileira: análise dialógica das apresentações das edições do VOLP

Anderson Salvaterra Magalhães (UFSM/FAPERGS)

Parte de uma pesquisa maior acerca da construção do senso vernacular brasileiro, este trabalho discute como as dimensões imaginária e fluida da língua portuguesa no Brasil (ORLANDI, 2009) atualizam a política linguística embasadora do projeto editorial do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)* e mobilizam discursos decisivos para a consolidação de distintos arranjos coletivos no âmbito lusófono. De um ponto de vista dialógico de linguagem (VOLOSHINOV, 1983; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999), que compreende a língua como resultante da atividade coletiva humana de modo que em todos os seus elementos reflete e refrata a organização social, política e econômica da coletividade

que a levanta, entende-se que tanto a representação social da língua portuguesa quanto sua fluidez corroboram uma política determinante da identidade linguística brasileira. Assim, na condição de projeto metalinguístico, o *VOLP* constitui relevante instrumento da política linguística (CALVET, 2007) que envolve uma discussão acerca das fronteiras que agregam a comunidade lusófona e daquelas que definem manifestações vernáculas. Na proposta editorial, documentam-se modos de gerir a tensão língua/identidade/alteridade, matriz de sentido vernáculo e motriz da política de língua no Brasil (MAGALHÃES, 2012). A partir daí, problematiza-se como o repertório simbólico que significa culturalmente o idioma português organiza e é organizado nas cinco edições do *VOLP* e projeta fronteiras vernáculas. Para este estudo, foram selecionados, como manifestação metonímica do juízo constitutivo dos discursos que significam a língua portuguesa no/para o Brasil, os textos de apresentação das edições do *VOLP*: 1ª edição, 1977; 2ª edição, 1998; 3ª edição, 1999; 4ª edição, 2004; 5ª edição, 2009. Justifica-se a escolha dos textos de apresentação de todas as edições por capturarem nuances da trajetória histórico-discursivo-ideológica do projeto editorial e dos valores que o referendam. Selecionado o *corpus*, foram delimitados dois eixos de análise: 1) designações (e suas reformulações) das coletividades integrantes da comunidade lusófona, para o cotejo dos discursos mobilizados pelos processos de representação dos Estados participantes do acordo ortográfico; 2) referências à língua portuguesa e sua inscrição genitiva ou locativa, para cotejo dos sentidos que delimitam as fronteiras internas e externas da comunidade lusófona. A noção de *pessoa* funciona como categoria descritivo-analítica das relações linguístico-enunciativas determinantes dos sentidos construídos no documento estudado; e as noções de *nacionalidade* e *internacionalidade*, como categorias interpretativas dos aspectos simbólico-discursivos que valoram os sentidos em jogo. O estudo demonstra que, para justificar o status político do idioma e referendar manifestações vernáculas brasileiras, o projeto editorial do *VOLP* se vale da tensão ideológica entre o caráter internacional da língua portuguesa, que delimita um bloco lusófono, e o caráter “entrenacional”, que desenha fronteiras entre as nações formadoras de tal bloco. O discurso da brasilidade se afirma ali a um só tempo pela identificação com a lusofonia, em detrimento do substrato autóctone ou adstrato de línguas em contato – como os dialetos africanos ou o espanhol –, e pela distinção resultante da memória que o idioma português construiu na América. É pertinente afirmar, portanto, que o vernáculo brasileiro se organiza sobre a contradição entre adesão à política de língua em prol de uma inscrição internacional e a resistência à identidade linguística homogeneizante da comunidade lusófona.

3 • A representação de negros e/ou angolanos nos sambas de enredo da escola de samba Vila Isabel

Heloana Cardoso (UERJ)

O samba-enredo é resultado da consolidação de uma das maiores festas populares brasileiras, o carnaval. Desde sua criação até hoje, ele sempre esteve a serviço de uma narrativa e/ou de homenagem a alguma entidade, pessoa ou grupo. Entende-se que sua análise colabora na compreensão linguística das manifestações populares e, em última instância, contribui para a melhor compreensão da maneira de representar na cultura brasileira. Eles são gêneros discursivos (BAKHTIN, 2010), cujo contexto linguístico é rico em elementos simbólicos e valorativos que servem como pistas para a análise linguística. O objetivo deste estudo é identificar as representações (VAN LEEUWER, 1997) dos atores sociais negros e/ou africanos em dois sambas de enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Vila Isabel: “Kizomba, festa da raça” (1987) e “Você semba de lá que eu sambo de cá... O canto livre de Angola (2012)”. As análises de ambos os sambas foram feitas sob a perspectiva da Linguística Sistemática Funcional (HALLIDAY, 1976), a partir da metafunção ideacional, utilizando o sistema de transitividade para identificar os processos presentes e, a partir da realização desses processos, compreender como os atores sociais e os elementos da cultura negra angolana ou brasileira estão sendo representados. Como resultado da análise, observou-se a predominância dos processos materiais (52%), sendo que a segunda maior recorrência foi de processos relacionais (25%), seguidos pelos mentais (12%), comportamentais (7%), verbais (2%) e existenciais (2%). A presença significativa de processos materiais indica uma estrutura linguística da ordem do fazer. Na rede sistêmica inclusão *versus* exclusão, foram observadas inclusões por personalização nomeada e por indeterminação. Aparece também pessoalização por des-titulação, sendo que a grande maioria das representações são ativadas. Na rede sistêmica especificação *versus* generalização, notou-se que a presença de personagens especificados é relativamente maior que a presença de generalizações. Há também muitas ocorrências de impessoalização, que aparecem objetivadas por instrumento, por espaço ou por semiotização. Pôde-se notar que, embora apareçam elementos representados por traços que não incluem o humano, nesse gênero textual, eles constituem uma linguagem metafórica bastante peculiar que em outros gêneros poderia suscitar uma interpretação negativa, com efeito de representação em segundo plano, entretanto, essa não parece ser a interpretação mais adequada aqui. Pode-se confirmar tal hipótese por meio da presença considerável de processos relacionais, que apontam para representações

mais imediatas sobre as características relevantes selecionadas pelos compositores e a identificação positiva destes com os homenageados. A ativação dos sujeitos e/ou dos elementos que representam os negros e/ou angolanos indica um efeito de dar a voz a esses atores sociais. Assim, as impessoalizações poderiam estar indicando um efeito negativo, mas, pela maneira como as orações são organizadas e pelas características não humanas apresentadas, é possível evidenciar uma série de qualidades da cultura negra e/ou angolana. Além disso, por ser o representante mor do enredo da escola, o samba-enredo deve estar afinado com o contexto discursivo e situacional do desfile na avenida, logo, além de explicar o desenvolvimento da escola, o samba deve recuperar elementos do tema evidenciado, o que provavelmente fará o compositor destacar elementos curiosos e positivos ligados à temática. Os resultados desta análise contribuíram para identificar algumas representações que emergem dos sambas-enredo escolhidos, compreendendo ainda que essas representações são também comuns a grande parte dos participantes da escola, já que a comunidade tem o direito de auxiliar na escolha do samba. Em última instância, a análise dos processos e dos participantes, bem como a das representações dos atores sociais, ajuda a compreender a própria representação da cultura brasileira, que, considerando os resultados, parece estar grata à contribuição trazida pela cultura negra e/ou angolana, sobretudo em relação ao carnaval carioca.

4 • A metáfora como recurso discursivo em manchetes do 'Meia hora': um estudo da textualidade.

Flávia Ribeiro Santoro Silva Malta

Neste trabalho, pretende-se desenvolver uma análise dos fatores pragmáticos e semânticos, presentes em manchetes oriundas de cinco capas do jornal 'Meia hora', que colaboram não só para a construção do aspecto sociocomunicativo da notícia como também para a configuração do discurso desse tabloide popular com circulação diária no estado do Rio de Janeiro. Tais fatores estão arrolados em Val (1993) e Marcuschi (2009), à luz de Beaugrande e Dressler (1983), e são responsáveis pela textualidade de um enunciado, ou seja, pela construção do sentido do texto. São eles: a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade. A investigação leva em conta, ainda, o uso de expressões metafóricas e de jogos de palavras como ferramentas linguístico-discursivas que comumente estampam as capas do jornal em questão. Para fundamentar a pesquisa, são apresentadas noções sobre texto, interação e discurso à luz de Travaglia (2000), Koch e Fávero (2000), Bakhtin (*apud* Freitas, 2000), Pauliukonis (2007), Maingueneau (*apud* Pauliukonis, 2007), Marcuschi (2009) e outros. Além disso, são definidos, ainda, conceitos de gênero e suporte. No que tange à questão dos gêneros, é importante destacar que a base teórica que orienta a presente investigação contempla a abordagem sociointeracionista de Mikhail Bakhtin. Quanto à questão do suporte, a sua definição bem como a sua relação com o gênero estão baseadas nos pressupostos de Maingueneau (*apud* Marcuschi, 2009), Marcuschi (2009) e Charaudeau (2010). Procura-se, de igual modo, definir as noções de cultura, ideologia e discurso que permeiam o conceito de metáfora como figura de linguagem e do pensamento. Por essa razão, contemplam-se os trabalhos de diferentes estudiosos da metaforicidade — GRADY (1997), DELL'ISOLA (1998), GIBBS (1999), LAKOFF e JOHNSON (2002), KÖVECSES (2005), CHATERIS-BLACK (2005), MUSOLFF (2005), VEREZA (2006) e outros — na construção do presente arcabouço teórico. A pesquisa, de cunho qualitativo, tem uma base empírica, e a seleção do *corpus* foi realizada por meio do site de busca 'Google' que direcionou a dois outros sites: o 'não salvo. com. br' e o do próprio 'Meia hora online'. Ao analisar os dados, conclui-se que diferentes fatores semântico-pragmáticos são responsáveis pela construção do sentido das manchetes sensacionalistas e jocosas do 'Meia hora', apesar de nem todos os fatores da textualidade terem o mesmo nível de importância para a produção do sentido de um texto, conforme pontua Marcuschi (2009). No que tange à tríade intencionalidade-aceitabilidade-situacionalidade, pode-se observar a sua recorrência em todas as manchetes analisadas, comprovando-se, dessa forma, a natureza sociointeracionista da linguagem que prevê, de acordo com Bakhtin (*apud* Freitas, 2002, p.134), que “toda enunciação [tem] uma natureza social e, para compreendê-la, [é] necessário entender que ela se dá sempre numa interação” entre interlocutores (ou sujeitos sociais) que participam e constroem mutuamente uma realidade social, histórica e situada. Outros fatores como a coerência – essencial para a configuração de um enunciado —, a informatividade e a intertextualidade são igualmente observados na análise dos dados. A informatividade, que se relaciona com a imprevisibilidade do texto, ganha um papel de destaque nas manchetes do 'Meia hora', o que faz da notícia sempre um terreno desconhecido que precisa ser desvendado. Em suma, entende-se que as manchetes, alvo de investigação do presente estudo, apesar de representarem um tipo de imprensa bastante popular e objeto de preconceito por parte de outras instâncias midiáticas, constituem um terreno fértil para futuras análises — não apenas no âmbito linguístico-discursivo como também em outras áreas do conhecimento — pela riqueza de dados observáveis.

Sessão 28: ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: REFLEXÕES E CAMINHOS

Coordenação: Ilana da Silva Rebello Viegas (UFF)

1 • A interpretação na sala de aula: formamos leitores ou ledores?

Ilana da Silva Rebello Viegas (UFF)

Dados do INAF - Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional – mostram que, independentemente do grau de escolarização, os brasileiros apresentam dificuldades em entender o enunciado de uma questão e, mais ainda, em interpretar o que leem. Nem sempre conseguem relacionar texto e contexto, fazendo inferências a fim de alcançarem o sentido global do texto. Saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. É preciso ser capaz de não apenas decodificar sons e letras, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos. Afinal, o que falta a uma pessoa que sabe ler e escrever? Por que muitos terminam a Educação Básica e não conseguem entender uma bula de remédio ou redigir uma simples carta? Diante disso, qual a proposta da língua portuguesa para a Educação Básica? Trabalhar com conteúdos gramaticais estanques ajuda o aluno a entender melhor o que lê? Como formar leitores? Se a “educação é transformação do homem e do mundo” (Silva, 2005b: 77), como fazer com que o aluno perceba as sutilezas em um texto? Como levá-lo a ultrapassar a compreensão (“sentido de língua”) e chegar a interpretação (“sentido de discurso”)? (Charaudeau, 1995a, 1999) Como tornar o ensino de leitura/compreensão/interpretação em produção de sentidos? Esse é o problema sobre o qual nos debruçamos na tentativa de encontrar possíveis soluções para resolvê-lo. A nossa proposta de trabalho tem como ponto central, então, propor “conteúdos de interpretar” e apresentar sugestões de atividades, em seqüências didáticas, envolvendo conteúdos voltados para a interpretação, a partir dos modos de organização do discurso, configurados em diferentes gêneros, tendo como tendo como escopo a teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, os pressupostos da Linguística do Texto, focalizando em particular, o texto e a produção de sentidos e a proposta de trabalho com seqüências didáticas (Dolz & Schneuwly: 2004). O professor precisa desenvolver trabalhos em sala de aula com diversos gêneros textuais, o que não só estimula o aluno à prática social da leitura, como também o leva a integrar-se ao meio social em que vive e à realidade, de modo a tornar-se um cidadão consciente e participante, uma vez que, ao perceber o que está nas entrelinhas de cada texto, estará tomando consciência do contexto histórico, social, econômico e cultural em que vive. Além disso, ao trabalhar com uma variedade de textos, o professor poderá mostrar que, dependendo dos objetivos visados, um texto pode ser estruturado de formas diversas. Atividades, a partir da interação com o texto, possibilitam o desenvolvimento de habilidades de reflexão, interpretação, análise, síntese e avaliação. Ao interagir com o texto, o aluno terá a possibilidade de articular seus conhecimentos de mundo com as informações presentes no texto; estabelecer relações não só entre as partes desse texto, como também estabelecer relações com outros textos; identificar relações linguísticas e extralinguísticas entre fatos e ideias; interpretar comparações, metáforas, ironias etc.; realizar inferências, relacionando-as ao seu conhecimento de mundo e/ou partilhado; em suma, reconhecer fatores fundamentais da textualidade e as marcas linguísticas que a estabelecem. Se o aluno for habituado à prática da leitura, estará não só desenvolvendo a habilidade de apreensão do(s) sentido(s) dos textos, assim como percebendo que podemos nos expressar de várias formas e, com isso, obtermos efeitos de sentido diferentes.

2 • Chamada jornalística como insumo para práticas de leitura e produção textual

Adriano Oliveira Santos (UFF)

Similar ao papel da manchete, a chamada jornalística cumpre, em capas de jornais de referência ou convencionais e de jornais populares, a função de condensar a informação a ser transmitida nos textos das páginas internas do jornal, quer dizer, entre as matérias jornalísticas oferecidas pela edição, algumas são selecionadas para serem indicadas na primeira página ou capa do jornal. Para Rabaça e Barbosa (2001), a chamada pode ser identificada desde um pequeno título até um resumo da matéria jornalística nas primeiras páginas ou capas de jornal, cujo objetivo é atrair o leitor para o texto completo. Em alguns casos, vem acompanhada de fotolegendas, as quais ampliam, significativamente,

o conteúdo exibido, (re)direcionando o olhar do leitor para leituras múltiplas, capazes de desvelar posturas ideológicas e políticas do produtor implicadas na relação escrita-imagem. Nossa proposta de investigação é apresentar os componentes desse gênero tão peculiar na produção discursiva do domínio jornalístico, contrastando os diferentes modos de produção da chamada em suportes de perfis ideológicos distintos (jornais convencionais e jornais populares), de modo que seja possível apresentar abordagens para uma prática efetiva de ensino de língua portuguesa, como língua materna, que considere a leitura e a produção desse gênero como instrumentos de desenvolvimento do saber linguístico do aluno, de sua competência como leitor e produtor de textos. Desse modo, as chamadas escolhidas, para esta pesquisa, encontram-se em capas de exemplares de O Globo e do Meia-Hora de Notícias, coletadas no decorrer dos anos de 2009 e 2010. Para a compreensão desse gênero jornalístico, contamos com teorias do texto (Marcushci, Koch, Travaglia entre outros) e da Comunicação Social (Zanchetta Júnior, Faria, Oliveira). Após analisarmos a estrutura desses gêneros e sua composição em no suporte jornal, nossa investigação, em um segundo momento, oferecerá subsídios que instrumentalizem o professor de língua materna em sua prática docente. Esta proposta inspira-se numa abordagem dos fatos da língua, no âmbito escolar, pela reflexão, conhecida como “gramática reflexiva”. As atividades elaboradas com base nesse gênero proporcionam a aproximação do aluno com a variedade dos jornais de circulação diária, incentivam-no no reconhecimento de suas peculiaridades, para o desenvolvimento mais profícuo e pleno da leitura dos textos jornalísticos e da produção de textos em geral. Além de poder observar os diferentes registros na produção escrita, o aluno terá a possibilidade de diferenciar textos de natureza literária dos de não literária, uma vez que há gêneros do jornal marcados pela linguagem direta, ao passo que há outros marcados pela predominância da linguagem poética, identificando, na produção de certos gêneros (reportagem/editorial) quando isentar ou não o ponto de vista pessoal durante a redação de um texto. Trata-se de aproveitar todo o conhecimento linguístico do aluno (seu repertório lexical, morfossintático, semântico) para o seu próprio desenvolvimento linguístico, oferecido pela escola. As tarefas com chamada jornalística, também, consistem em levar o aluno a realizar atividades de retextualização, alterando os níveis de registro (formal, semiformal e informal) de um determinado enunciado ou texto. Para tanto, trataremos de apresentar algumas propostas de aplicação didática para o ensino de português para os diferentes níveis da educação básica e algumas amostras dessa aplicação obtidas no cotidiano escolar de instituições públicas no município do Rio de Janeiro.

3 • Produção multimodal no ensino de língua materna

Anna Raphaella de Lima Marengo

Este trabalho se configura como uma pesquisa documental de cunho descritivo-interpretativo, com inspiração qualitativa, realizada com duas coleções de livros didáticos de língua portuguesa para o 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental II, quais sejam: *Projeto Araribá* e *Português: rumo ao letramento*, recomendadas pelo PNLD para os anos de 2008, 2009 e 2010 e adotadas em escolas públicas na cidade de Campina Grande. Para responder a pergunta: como a produção multimodal é solicitada em duas coleções de LDP do 6º ao 9º ano?, guiamo-nos por três objetivos, quais sejam: (1) Identificar o modo como a produção multimodal é solicitada nessas duas coleções; (2) Comparar o modo como a produção é apresentada numa e noutra coleção; (3) Analisar a funcionalidade da solicitação da multimodalidade no texto elaborado na escola. Para isso, foram analisados os enunciados das propostas de produção textual apresentadas nessas coleções. O *corpus* é composto por 65 questões de produção textual (50 para *Projeto Araribá* e 15 para *Português: rumo ao letramento*), cuja análise se apoia nas concepções de multimodalidade (cf. Kress e Van Leeuwen, 1996; Dionísio, 2005), de texto e gênero (cf. Bronckart, 2003; Reinaldo 2002) e de escrita (cf. Sercundes, 1997; Meurer, 1997). A análise de dados, então, desenvolveu-se a partir de duas grandes categorias emanadas do próprio *corpus*, a saber: orientação e ancoramento. A orientação, então, é a categoria que se liga ao modo como a questão de produção aparece ao produtor de textos. Desta maneira, as questões de produção foram enquadradas em: Didática; Genérica; Implícita. Já o ancoramento diz respeito à presença ou não de exemplos do gênero que era solicitado no comando da questão de produção textual, isto é, para essa categoria, procurávamos saber o que se oferecia no livro didático como modelo para a escrita de textos multimodais. Portanto, ancoramento é entendido nesse trabalho como a apresentação de modelo do gênero indicado para a produção. Dessa forma, observamos que havia casos em que a apresentação era anterior à questão de produção textual e, outros, em que a apresentação era posterior à questão de produção textual. A análise nos permitiu constatar que a coleção *Português: rumo ao letramento* (coleção 1) parece não apresentar projeto para o ensino da multimodalidade. Já a coleção *Projeto Araribá* (coleção 2), parece apresentar tal projeto, uma vez que apresenta grande percentual de questões que envolvem a

multimodalidade, como também apresenta grande percentual de questões de produção escrita com orientação didática. Em outras palavras, na coleção 1 prevalecem questões com orientação genérica e implícita com pouco ancoramento. Na coleção 2, aparecem mais questões com orientação didática e ancoramento. Os resultados nos levaram a considerar que a escrita de textos multimodais é ainda recente no processo de ensino-aprendizagem e, talvez, não seja considerada como critério para a avaliação de coleções pelo PNLD. No entanto, na escola, essa escrita multimodal parece ter o mesmo peso que a leitura multimodal, uma vez que é uma agência de letramento, e, portanto, deve ensinar os alunos a lidar com os vários modos semióticos.

4 • O uso das estratégias de referenciação discursiva em redações de alunos pré-vestibulandos: a construção e reconstrução de objetos de discurso

Rosivaldo Gomes (UNIFAP)

Ao fazer a apresentação do livro *Desvendando os Segredos do Texto*, Ingedore Villaça Koch (2002) apresenta também ao leitor, por meio de uma pergunta-resposta, a concepção de linguagem que considera o texto – e conseqüentemente a produção deste – como lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos. Pautado nessa concepção de texto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) apresentam como proposta de ensino de Língua Portuguesa uma perspectiva de trabalho didático que toma o texto como unidade de ensino e os gêneros discursivos como elementos catalisadores do processo de aprendizagem dos objetos de ensino (leitura, produção textual oral e escrita, análise linguística). Nesse sentido, devido às diversas alterações que vêm ocorrendo com o ensino de Língua Portuguesa/Materna, desde meados dos anos 90 (1997/1998/1999), muitas pesquisas começaram a surgir, sobretudo, estudos que tomam os gêneros como objetos de investigação, principalmente, no campo da Linguística Textual e Aplicada. Esses estudos, além de influenciarem mudanças nos processos de transposição didática e didatização dos objetos de ensino na esfera escolar, também exercem forte influência nas propostas de redação dos concursos de vestibulares de diversas universidades brasileiras, pois as provas de redação deixaram de cobrar produções textuais endógenas em detrimento de textos pertencentes aos diversos gêneros discursivos que circulam na sociedade (GOMES, 2011). Desse modo, nesta comunicação, apresento algumas análises sobre a utilização de estratégias de referenciação discursiva na produção de redações elaboradas por alunos participantes do Curso UNIFAP Pré-vestibular (UPV), localizado na Universidade Federal do Amapá. Tomando por base a noção de que a referenciação é uma atividade discursiva, busco investigar o processo de mobilização das estratégias de referenciação nas produções escritas do gênero discursivo carta argumentativa. E, mais especificamente, analiso quais são estratégias de referenciação mais utilizadas pelos alunos na produção desse gênero e como elas podem contribuir no trâmite da marcação da argumentação e do posicionamento discursivo do aluno/produtor, considerando o gênero por ele produzido. Os *corpora* de pesquisa analisados são fragmentos/passagens de uma carta argumentativa produzida por um aluno participante do cursinho. O pressuposto teórico do trabalho inscreve-se na linha sócio-histórica-discursiva, mais precisamente nas discussões sobre gêneros discursivos. Ainda para este diálogo, utilizo algumas considerações teóricas da Linguística Textual, no que diz respeito à construção e à análise de sentidos de textos (MARCUSCHI, 2008; BENTES, 2001; KOCH, 2002). Para a metodologia e análise dos *corpora*, o estudo conta com as contribuições da pesquisa interpretativa, de cunho qualitativo, tendência metodológica muito frequente no campo de investigação da Linguística Aplicada e Textual e também as noções de estratégias de referenciação discursiva, progressão referencial e construção de objetos de discurso (KOCH & ELIAS, 2006; MARCUSCHI, 2005; KOCH, 2005). Das análises feitas é possível observar que R3A, em sua carta, utiliza as três macroestratégias de referenciação discursiva – *introdução (ancorada e não-ancorada, retomada e desfocalização)* – a fim de conferir progressão referencial e a (re)construção de sentidos em seu texto, a partir de objetos de discurso. Fica evidente também a frequente utilização das estratégias de introdução e retomada, no caso desta última, principalmente através do uso de formas pronominais, que auxiliam no trâmite da argumentação do autor do texto. Desse modo, este estudo apresenta-se como relevante no sentido de trazer contribuições novas sobre o processo de escrita na situação sociocomunicativa pré-vestibular. Além disso, constituiu-se também como uma contribuição aos trabalhos e discussões já existentes que tratam sobre o processo de referenciação discursiva em textos dentro do campo de investigação da Linguística Textual, tomando por base a perspectiva dos gêneros discursivos e as discussões sobre coesão e coerência textual como elementos responsáveis pela construção de sentido.

Sessão 29: ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Coordenação: Ma. Alice Antunes (UERJ)

1 • Um *habitus tradutório* para a antropologia brasileira em língua inglesa: um estudo baseado em corpora das obras de Darcy Ribeiro

Talita Serpa (União das Faculdades dos Grandes Lagos)

Com o propósito de investigar os comportamentos linguístico-tradutório e social de dois tradutores diante dos obstáculos impostos pelos limites culturais na Tradução, analisamos um corpus paralelo da subárea de especialidade da *Antropologia da Civilização*, composto pelas obras *O processo civilizatório* (1968) e *O povo brasileiro* (1995), de autoria do antropólogo Darcy Ribeiro; e pelas respectivas traduções para a língua inglesa, realizadas por Meggers e Rabassa. Também nos valemos de dois corpora comparáveis de Antropologia em português e em inglês, formado por obras de renomados cientistas sociais, além de utilizarmos um corpus de apoio composto por dicionários de Ciências Sociais e Antropologia. Os principais objetivos que nortearam a presente pesquisa foram: observar o comportamento na tradução de termos e expressões das obras darcynianas, assim como verificar o processo tradutório concernente aos *brasileirismos* elaborados pelo autor; e investigar o *habitus* linguístico-cultural dos tradutores, por meio da análise das opções apresentadas em suas traduções. Para tanto, apoiamos na abordagem interdisciplinar proposta por Camargo (2005, 2007), adotando, para o levantamento e processamento eletrônico dos dados, o arcabouço teórico-metodológico dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1993, 1995, 1996, 2000), da Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004, 2010) e, em parte, da Terminologia (BARROS, 2004; FAULSTICH, 1995, 2000). No tocante à análise dos dados levantados, adotamos os trabalhos de Sociologia da Tradução (SIMEONI, 1998, 2007; GOUANVIC, 1995, 1999, 2002, 2005), além do conceito de *habitus*, proposto pelo sociólogo Bourdieu, na década de 1970. A metodologia utilizada requereu o uso do programa *WordSmith Tools*, o qual nos proporcionou os recursos para o levantamento e a análise dos aspectos culturais e textuais, principalmente por meios das ferramentas *WordList*, *Keywords* e *Concord*. Quanto aos comportamentos tradutórios, os resultados obtidos a partir de nossa investigação mostraram que os tradutores realizaram aproximações e distanciamentos socioculturais por meio de distintas opções lexicais, como, por exemplo: a) utilização de empréstimos da Língua Fonte para a Língua Alvo; b) emprego de traduções literais e inversões; c) uso de omissões, entre outras. Podemos citar, como exemplos de empréstimos usados nos textos traduzidos, alguns termos como: *agreste*; *mucama*; e *quilombo*. No âmbito das expressões fixas e semifixas, também verificamos empréstimos, como em: *bandeirante captain*; e *traditional man of the sertão*. Os resultados apontaram, ainda, para a intensa variação vocabular na tradução dos *brasileirismos*, fator que pode permitir ao leitor da Cultura Meta perceber as diferenças de significado contidas nos termos e expressões antropológicos, principalmente no que diz respeito ao universo da sociedade brasileira, como nos termos: “brancarrões” → *light-skinned/ light mulattos*; “eito” → *field/canefield*; “palhoça” → *shack/ tatched hut*; e “sem-terra” → *someone without land/ landless*; e nas expressões: “cultura caipira” → *backwoods culture/ caipira culture*; “lavrador matuto” → *matuto farmworker/ rustic farmworket*; “negro quilombola” → *quilombo black/ fugitive black slave*; e “preia de índios” → *hunting down indians/ hunt for indians*. Partindo da terminologização das ideologias sociais da *Antropologia da Civilização*, por meio da qual Darcy Ribeiro propunha a constituição de uma investigação cultural nacionalista, observamos a possível formulação de um *habitus* para a Antropologia Brasileira. Assim, após depreendermos os constituintes dessa conduta do autor para sua subárea de especialidade, notamos quais os fatores observados pelos tradutores para comporem seus próprios comportamentos e, conseqüentemente, o *habitus* tradutório. O uso dos recursos disponibilizados pela Linguística de Corpus contribuiu para as análises de cunho teórico-prático, além de ter permitido o processo de conscientização do papel social desempenhado pelos tradutores, por meio das diferentes escolhas lexicais dotadas de distintos sentidos sociais, o que representam uma tendência no comportamento tradutório em obras voltadas ao estudo da formação do “povo brasileiro”.

2 • A tradução da obra *Inferno*, de Patrícia Melo, para o inglês: um estudo à luz da linguística de corpus

Elisangela Fernandes Martins (Unilago)

Neste trabalho, apresentaremos um estudo da tradução de vocábulos recorrentes e preferenciais da autora Patrícia Melo na obra *Inferno* e na respectiva tradução para a língua inglesa, *Inferno*, realizada por Clifford Landers. A obra selecionada apresenta a violência e a criminalidade como principais temáticas, tanto na descrição do ambiente hostil do grande centro urbano de São Paulo e na apresentação de problemas sociais brasileiros, quanto na reflexão sobre aspectos psicológicos dos personagens envolvidos com a criminalidade. A referida obra tem tido boa repercussão na crítica literária internacional, conferindo à escritora a posição de “autora de referência”. Sendo assim, em nossa investigação, buscamos refletir sobre como estas questões são projetadas no exterior - apresentando uma visão da realidade violenta de grandes centros urbanos brasileiros -, e sobre quanto o tradutor conseguiu resgatar de nossa sociedade no texto traduzido (TT). Partimos do pressuposto de que o tradutor, consciente ou inconscientemente, usa recursos durante o processo de mediação entre o texto de partida e o texto de chegada, que tornam a leitura da obra traduzida mais fácil. Baker (1996) propõe a investigação de tipos de comportamento linguísticos característicos de textos traduzidos. Um dos objetivos desse trabalho é identificar aspectos de normalização presentes no TT, além de observar aproximações e distanciamentos entre o texto de partida e o de chegada. Para a investigação, recorreremos aos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1993, 1996; CAMARGO, 2005, 2007), à Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004) e aos estudos sobre normalização de Scott (1998). Quanto ao método empregado para a realização da presente pesquisa, recorreremos ao uso das ferramentas *WordList*, *KeyWord* e *Concord* disponibilizadas pelo programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 1999) versão 4.0, que otimizam e dinamizam o levantamento dos dados para análise. Por meio dessas ferramentas, extraímos as listas de frequência de palavras em cada obra e verificamos, por meio do contraste entre corpus de estudo e corpus de língua geral, quais palavras apresentam-se como chave no corpus de estudo. Observamos, também, as linhas de concordância a fim de verificar quais palavras ocorrem com frequência ao redor das palavras-chave. O levantamento feito pelo programa confirma a temática de “violência” sugerida pela crítica literária, apresentando, como palavras-chave, vocábulos como “bandidos”, “crime organizado”, “vingança”, “matar”, “morro (com sentido de favela)”, nomes relacionados aos diferentes tipos de armas e ao tráfico de entorpecentes, entre outros. Com relação aos aspectos de normalização, pode-se observar a ocorrência de: mudanças na pontuação, diferenças no emprego de metáforas incomuns, alterações em estruturas complexas, mudança de registro de linguagem, diferenças de aspectos relacionados à ambiguidade e alteração de colocações menos comuns por mais comuns. É possível perceber, pela comparação dos resultados, que o tradutor recorre a diferentes tipos de estratégias em seu processo tradutório. Por fim, acredita-se que este trabalho possa contribuir para mostrar as possibilidades de uma abordagem interdisciplinar no desenvolvimento de uma pesquisa fundamentada nos Estudos da Tradução Baseados em Corpus e na Linguística de Corpus, com vistas à investigação da tradução cultural. Esperamos também que os resultados obtidos possam oferecer subsídios úteis para tradutores, pesquisadores, professores e alunos de tradução, bem como para a realização de investigações futuras sobre a tradução de outras obras de autores brasileiros contemporâneos.

3 • As Crônicas de Nárnia: análise da construção do personagem Aslan através de sua fala no texto traduzido.

Felipe Barbosa de Aguiar (UERJ/Capes)

O presente trabalho analisa a tradução da série de livros “As Crônicas de Nárnia” de C. S. Lewis para o português brasileiro em busca de possíveis interferências do tradutor. No campo dos Estudos da Tradução, encontramos diversas estratégias utilizadas pelos tradutores, dentre elas a tradução literal (Shuttleworth, 1999), a tradução livre (idem), e a adaptação (Bastin, 2009). Porém, a obra alvo deste estudo não se encaixa em nenhuma dessas três definições, pois o tradutor acaba por fazer interferências não-usuais. O ferramental metodológico desta pesquisa é a Linguística de Corpus, método pelo qual o texto é colhido em sua forma digitalizada, e analisado com o auxílio de softwares especializados. Os textos original e traduzido foram colocados em paralelo (alinhados por sentença) para permitir uma melhor visualização dos dados. Através do software *WordSmith Tools* (Scott, 2008) analisamos diversas características dos textos, incluindo o número de palavras e a

taxa type/token ratio, que é um cálculo indicativo da variedade lexical dos textos. Com essa ferramenta, descobrimos que os textos traduzidos são, em média, 20% menores (no número de palavras) que as obras originais, contrariando uma prática comum das editoras de livros infanto-juvenis e também um dos universais da tradução, que é a tendência à explicitação. Descobrimos também que o texto traduzido apresenta maior riqueza lexical que o texto original, uma diferença de 17% em média. Após essa busca, foram separadas as falas do personagem Aslan, o principal de toda a série. Segundo Ford (1986) as Crônicas de Nárnia se prestam a várias leituras em diferentes níveis, como o nível literal, o nível moral e também um nível alegórico, no qual o texto remete a crenças pessoais do autor. Há um único personagem presente em todas elas – Aslan - um leão, que aparece, a princípio, para salvar as crianças e Nárnia do domínio do mal, mas depois se torna um representante da esperança, do amor e da força. Sua figura é frequentemente associada por críticos e teólogos com a figura do Deus cristão e também com Jesus Cristo (Ford, 1986). Caldas (2006) comenta que “As Crônicas de Nárnia” são uma alegoria da redenção e Aslan, uma alegoria de Jesus Cristo. Buscamos, nessa parte do estudo, saber se a caracterização deste personagem foi alterada ou suprimida de alguma forma pelo tradutor. Essas falas foram analisadas e separadas em categorias, e foram levantadas hipóteses sobre o que acarretam à construção do personagem em questão. Entre as alterações encontradas, destacamos a tradução recorrente de palavras com prosódia semântica positiva, por palavras com prosódia semântica negativa, dando ao personagem um ar severo, sombrio e impaciente. Essas modificações fazem essa tradução não se encaixar em nenhuma das estratégias de tradução estudadas. Não é uma adaptação, pois não apresenta nenhuma recriação por parte do tradutor para se adaptar a um público-alvo diferente. Não é uma tradução que é sujeita a Normas de Tradução, porque não se tem notícia de alguma regularidade na alteração de traços de personagens em obras literárias. Não é uma tradução que utiliza a simplificação, pois a riqueza lexical é maior no texto traduzido do que no texto original. Portanto, há necessidade de se repensar as estratégias de tradução utilizadas por este tradutor, que se mostram diferentes do que se encontra nos Estudos da Tradução.

4 • *Hamlet* em tradução/adaptação: o caso dos quadrinhos brasileiros

Marcel Alvaro de Amorim (UFRJ)

Os procedimentos técnicos da tradução foram identificados pela primeira vez no trabalho de Vinay e Darbelnet ([1958] 1977). Desde então, diversos pesquisadores como Eugene Nida (1964), J. C. Catford (1965) e Peter Newmark (1981) se preocuparam com o estudo desses e sua aplicação numa visão descritiva do processo tradutório. Dentre esses procedimentos, o da adaptação foi descrito por Vinay e Darbelnet, de forma local, como a adequação cultural ou situacional do texto da língua de partida no texto da língua de chegada. Os estudos posteriores mencionados, não direcionaram nenhuma atenção especial à questão da adaptação enquanto procedimento técnico de tradução. No entanto, a problemática da adaptação na teoria tradução volta, posteriormente, a ocupar o trabalho de estudiosos em trabalhos como o de Gerardo Vázquez-Ayora (1977) que procurou sistematizar adaptação como, em suas palavras, um *procedimiento tecnico de ejecución*. No Brasil, importantes pesquisadores como Heloisa Gonçalves Barbosa ([1990] 2004) e Geir de Campos ([1986] 2004) também procuraram lançar luz sobre o fenômeno da adaptação enquanto procedimento técnico da tradução, mas, assim como os trabalhos dos pesquisadores internacionais citados, suas abordagens focavam a adaptação enquanto procedimento local. Na atualidade, para além da visão local do processo de adaptação no ato tradutório, teóricos como Bastin (2004) o consideram como um procedimento global que envolve diversos outros procedimentos secundários de tradução para sua efetiva execução – dentre eles, *omissão, atualização, criação, transcrição do original, expansão, exotismo e adequação situacional ou cultural*. A partir do quadro delineado e da visão de adaptação como procedimento global, os objetivos principais desta comunicação foram o de categorizar os procedimentos secundários do processo de adaptação e aplicar tal categorização à análise de uma tradução/adaptação da peça de William Shakespeare, *Hamlet*, para o português brasileiro realizada por Bruno S. R. e ilustrada por Sam Hart. Para tanto, procuramos levantar, a partir da metodologia descritiva proposta por Lambert e Van Gorp (1985), características da obra que permitissem sua classificação como uma adaptação, no sentido global do procedimento. Para essa etapa da análise, selecionamos como parâmetro de comparação o texto da peça *Hamlet* segundo a edição conflacionada editada por Philip Edwards ([1985] 2003), dado que não há identificação clara da versão do texto shakespeariano utilizada por Bruno S. R. na construção de sua adaptação. Sobre a análise dos procedimentos secundários da adaptação, conforme apontados por Bastin e sistematizados pelo trabalho, concluímos que se destaca a utilização da *omissão*, poucos casos de *atualização* e algumas ocorrências de *criação*, sobretudo no que se refere à criação visual da obra adaptada. Não foram encontradas ocorrências de *transcrição do original, expansão, exotismo e adequação situacional ou cultural*, lacuna

essa possivelmente justificada, novamente, pelas características do gênero para o qual o drama foi adaptado: os quadrinhos. A *omissão* foi o procedimento técnico secundário mais frequente, ocorrendo tanto a partir da eliminação de trechos e linhas, quanto na elipse de personagens e outros elementos estruturais da narrativa teatral como trechos de cenas, passagens etc.

5 • Tradução de DPs com múltipla modificação: análise em termos de custo de processamento e das estratégias utilizadas durante o processo tradutório

Paula Santos Diniz & Erica dos Santos Rodrigues (LAPAL/PUC-Rio)

Os DPs objeto de estudo (núcleos nominais e modificadores) são estruturas de referência extremamente produtivas em inglês, pois podem aglomerar grande quantidade de informação em poucas palavras. A concatenação de modificadores e núcleo em DPs como *lab equipment factory* (fábrica de equipamentos de laboratório) até teoricamente um número infinito de elementos (Quirk *et al.*, 1985) gera uma série de dificuldades na tradução para o português, podendo acarretar custos diferenciados de processamento associados à estrutura do DP. Dentre os possíveis fatores que dificultam o processamento, destacam-se a diferença de direcionalidade dos núcleos e modificadores em inglês e português e a ambiguidade estrutural de alguns DPs. Normalmente, nas línguas germânicas, a ordem dos termos de um sintagma é modificador(es) + núcleo (*steel plant*) e, nas línguas românicas, o mais comum é núcleo + modificador(es) ('usina de aço'). A ordenação canônica do inglês contraria, portanto, o padrão interno de organização do sintagma em português, podendo acarretar dificuldade de identificação do núcleo da estrutura. Tostes (2005) considera que o falante de português deveria realizar uma operação inversa para converter a estrutura do inglês para sua língua, e que o custo de processamento estaria associado ao fato de o parâmetro do inglês para a organização interna do sintagma ser marcado para o falante de português aprendiz de inglês. Ademais, como a concatenação dos termos do DP em inglês não envolve o emprego de preposições, torna-se mais difícil identificar as relações semânticas entre núcleo e modificadores (Diniz, 2010). No caso de DPs com modificadores formados apenas por substantivos ou por adjetivos e substantivos, os tradutores podem ser induzidos a cair em *garden path* (Frazier & Fodor, 1978; Frazier, 1979; Frazier & Rayner, 1982). Em DPs com a estrutura ADJ. + SUB. + SUB. (*free travel brochure* 'folheto de viagem gratuito'), o tradutor depreenderia a combinação ADJ. + SUB. como uma unidade significativa completa e "fecharia" a estrutura. Ao perceber mais elementos no sintagma, cairia em *garden path*, tendo de reanalisar a estrutura, gerando custo adicional de processamento. Em alguns casos, ainda, mais de uma análise estrutural poderia ser correta e apenas o contexto permitiria ao tradutor escolher a opção adequada. Neste trabalho, comparam-se os resultados de estudos realizados com tradutores experientes e novatos. O primeiro captura, por meio dos softwares Translog e Camtasia, estratégias empregadas por 4 tradutores experientes ao traduzirem fragmentos de texto contendo DPs com múltiplos modificadores. O segundo é um experimento off-line realizado com 15 tradutores novatos, em que se avaliam as escolhas de tradução para DPs em frases curtas. Nesse teste, o número de modificadores (2 ou 3) e o tipo de modificador (apenas adjetivo, apenas substantivo ou ambos) foram tomados como variáveis independentes. Em linhas gerais, observou-se, no segundo estudo, que a maioria dos participantes optou pela tradução que seguia a direcionalidade do inglês, evidenciando conhecimento da diferença quanto à organização interna dos DPs em inglês e português. Houve efeito principal de tipo de modificador ($p < 0,030190$), tendo sido aparentemente mais custosos DPs com modificadores mistos. Embora não tenha havido efeito principal de número de modificador, DPs com 3 modificadores parecem trazer maior dificuldade para o tradutor. Acrescente-se, ainda, que quando mais de uma opção era correta, os sujeitos escolhiam opções menos ambíguas e mais naturais em português, evidenciando uma preocupação com estruturas menos custosas. Tal estratégia corrobora o que foi encontrado no primeiro estudo. Observou-se que os tradutores muitas vezes geravam uma primeira tradução e depois a reorganizavam, mudando a ordem dos modificadores e até mesmo a classe gramatical dos mesmos, para tornar a estrutura o mais clara possível em português, o que indica uma preocupação com o leitor.

Sessão 30: ESTUDOS ENUNCIATIVOS: TRABALHO DOCENTE

Coordenação: Del Carmen Daher (UFF)

1 • O professor de espanhol /LE do ensino regular e do curso livre de idiomas e os discursos sobre o seu trabalho

Michele de Souza dos Santos Fernandes (UFF)

O presente texto é um relato da pesquisa em andamento que integra os estudos aplicados de linguagem e se encontra na interface linguagem e trabalho. O recorte privilegiado nesta investigação é o dos discursos **sobre** o trabalho do professor de espanhol/ LE (LACOSTE, 1998). As pesquisas que tratam da atividade docente como trabalho vêm revelando a singularidade do fazer do professor e as constantes recriações que promove dentro de diferentes situações de trabalho. O ensino regular e o curso livre de idiomas são exemplos de espaços singulares de atuação do professor de línguas estrangeiras, em especial o professor de espanhol. Sobre o ensino em escolas públicas e privadas, a inserção do espanhol na grade curricular aconteceu amparada por leis sancionadas ao longo da história do idioma no Brasil (LEFFA, 1999; DAHER, 2006, PARAQUETT, 2009; RODRIGUES, 2010) e estimulada por exigências políticas e mercadológicas. Entretanto, isso não garantiu melhores condições de trabalho para o professor, que além de vivenciar os mesmos conflitos de professores de outras disciplinas, tem de lidar na escola pública, por exemplo, com a desestruturação causada pelas indefinições na implementação do ensino do idioma (tempo insuficiente de aula, número excessivo de turmas e alunos, escassez de recursos, etc.). Quanto ao curso livre, a quantidade de instituições dessa natureza dedicadas ao ensino do idioma tem crescido bastante nos últimos 15 anos (FREITAS, 2010), e tem requisitado profissionais não só de inglês, como era a tradição, mas também de espanhol. Quanto às relações de trabalho, Freitas (2010) constata que se dão, sob muitos aspectos, de forma mais precarizada que no ensino regular. Essa precarização começa, em várias empresas, já no registro do trabalhador como instrutor e não como professor – uma demonstração de seu não reconhecimento profissional – e se desdobra no que Freitas (2010) chamou de *práticas tayloristas nas situações de trabalho*; um exemplo é a tentativa de divisão entre os que prescrevem o trabalho, isto é, quem se dedica a estudá-lo, pensá-lo e planejar suas ações – consultores técnico-pedagógicos, por exemplo – e os que apenas o executam – o professor ou instrutor. O resultado desses trabalhos vem revelando a complexidade da prática do professor em cada espaço em que atua, lidando com diferentes fontes de prescrições, situações diversas e adversas e sempre renormalizando sua atividade. Por outro lado, verifica-se um grande número de discursos sobre a aprendizagem, que acaba por tratar direta ou indiretamente do papel do professor nesse processo. São vozes da escola, da mídia, de documentos que debatem sobre o que deve ou não fazer o professor em sala de aula. O que há em comum entre todas essas vozes é o fato de, em geral, não considerarem a fala do próprio professor sobre seu agir e colocarem constantemente em lados opostos o professor do ensino regular e o do curso livre em termos de formação e valorização profissional. Diante do que foi exposto, o objetivo desta investigação é entender, por meio do que o professor diz sobre sua prática, que imagens são construídas por ele sobre si e sobre seu trabalho no ensino regular e no curso livre. Para isso, apropriamo-nos de conceitos da Ergonomia situada (VIDAL, 2000; GUÉRIN, F. at al, 2001) e da Ergologia (SCHWARTZ, 2010); apoiamo-nos, ainda, na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin (1995; 2003) e na Análise do Discurso de base enunciativa (MAINGUENEAU, 1997; 2004; 2005) para apreender os sentidos construídos na enunciação. Nosso cópula será construído a partir das falas produzidas em um grupo de discussão (KRAMER, 2007; CRISTÓVÃO) formado por professores que atuam no ensino regular e no curso livre de idiomas em concomitância.

2 • Ensino e trabalho: falas de um professor

Kelly Cristina da Silva Bandeira (Mestranda/UFF)

Esta comunicação, fundamentada a partir dos estudos sobre a abordagem ergológica da atividade (Schwartz, 2002) e a concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003), considera a relação existente entre a linguagem e o trabalho, tendo em vista que “não há linguagem fora de

um campo da sua atividade humana.” (FREITAS, 2002). Nossa proposta tem como objetivos: contribuir para compreender a complexidade do trabalho do professor, verificar de que maneira “os prescritos” sobre o trabalho do professor permeiam sua atividade, verificar de que maneira o professor de língua espanhola constrói discursivamente falas sobre o seu trabalho, assim como promover o conhecimento de questões relativas ao ensino de língua espanhola pautado pelo viés da leitura na educação básica. Para esta apresentação, analisaremos de que maneira os *prescritos*, documentos que regem a educação no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), propõe o ensino de língua estrangeira visando à formação de um cidadão crítico, e de que maneira este professor por meio de suas experiências e valores, estabelece a sua maneira de realizar o que foi prescrito. De acordo com os referidos documentos, conclui-se que a partir do ensino pautado pelo viés da leitura ocorrerá a formação de um leitor ativo, caracterizado por Sole (1998: p.114) como sendo alguém que sabe por que lê e que assume sua responsabilidade ante a leitura, aportando seus conhecimentos e experiências, suas expectativas e conhecimentos. O marco teórico que orienta esta investigação considera as seguintes noções ergológicas: as *normas antecedentes* e as *renormalizações* (Schwartz, 2002), bem como o *dialogismo*, do círculo de Bakhtin estabelecendo assim uma estreita relação entre as Ciências do Trabalho e a área da Linguística. Pretende-se de que a partir da coleta de dados sobre o trabalho do professor em documentos que prescrevem o ensino de línguas estrangeiras e da observação da situação de trabalho deste professor no lugar e momento em que se realiza, tendo em vista as “prescrições” sobre o seu trabalho, analisar de que modo o professor ao (re) construir a sua atividade por meio de seu discurso dialoga com enunciados anteriores, e possibilita ao pesquisador ser participante deste diálogo:

A compreensão do todo do enunciado e da relação dialógica que se estabelece é necessariamente dialógica (é também o caso do pesquisador nas ciências humanas); aquele que pratica ato de compreensão (também no caso do pesquisador) passa a ser participante do diálogo, ainda que seja num nível específico (que depende da orientação da compreensão ou da pesquisa). [...] O observador não se situa em parte alguma fora do mundo observado, e sua observação é parte integrante do objeto observado. Isto é inteiramente válido para o todo do enunciado e para a relação que ele estabelece. Não podemos compreendê-lo do exterior. A própria compreensão é de natureza dialógica num sistema dialógico, cujo sistema global ela modifica. (BAKHTIN, 1997, p.355)

Deste modo, esta investigação pretende refletir sobre aspectos relevantes para a contribuir para compreensão da complexidade do trabalho do professor, tendo em vista os prescritos que regem o trabalho do docente, assim como promover o conhecimento de questões relativas ao ensino de língua espanhola pautado pelo viés da leitura na educação básica.

3 • A construção de identidades discursivas de trabalhadores docentes em contexto bilíngue no Brasil

Claudia Duarte Abibe Fagundes

A presente pesquisa procura investigar como os processos identitários são construídos discursivamente sobre o trabalho docente num contexto escolar bilíngue no Brasil. Como introdução, apresentamos um breve histórico a respeito das concepções diferenciadas sobre educação bilíngue, incluindo a educação bilíngue de prestígio no Brasil, sua proposta de trabalho e considerações acerca do trabalho docente por nativos. Em seguida, focalizamos, no contexto brasileiro, a trajetória da Atuação Escola Bilíngue (Niterói/RJ) e procuramos verificar de que forma seu corpo docente se (re) constrói discursivamente num cenário em que determinadas assertivas hegemônicas – recorrentes nas falas de alguns pais e alunos – ainda defendem, de forma coercitiva, o aprendizado do inglês como instrumento determinante para se “chegar a algum lugar” e o modelo “ideal” de profissional para tornar tal expectativa possível. Desta forma, este estudo pretende delinear o trabalho do professor de línguas verificando os seguintes pontos: que formações identitárias discursivas são engendradas por seus enunciadores e coenunciadores em dadas condições histórico-político-sociais; como se configuram as escolhas do que pode ser dito e do que é dito a partir das situações de enunciação construídas e que sentidos são produzidos em sala de aula a partir das posições de sujeitos assumidas em tal contexto. Logo depois, no capítulo metodológico, descrevemos o percurso do estudo deste caso. Em primeiro lugar, tomaremos como *corpus* textos que são distribuídos aos professores nas reuniões pedagógicas pela coordenação bilíngue da escola e materiais retirados do site British Council

Teaching que são considerados norteadores ao trabalho docente pela mesma coordenação. Em seguida, faremos a caracterização geral dos textos e dos conteúdos do site, relevantes ao objetivo do trabalho. Além disso, achamos importante registrar e analisar as colocações feitas nas reuniões de pais pelos mesmos que respondem a questionários sobre assuntos relacionados à escola, sua dinâmica e ao trabalho do professor. Tentaremos, desta forma, mapear alguns dos sentidos que se naturalizam sobre o trabalho docente a partir dos modos de dizer e das imagens construídas sobre esse profissional. Finalmente, definiremos a categoria de análise e a delimitação do corpus propriamente dito. Da mesma forma, faz-se necessário destacar que as aulas de inglês estarão sendo assistidas com um olhar “fílmico” na tentativa de mapearmos os movimentos que vão configurando os atores sociais e a sala de aula a partir dos discursos pelos quais são interpelados. O arcabouço teórico insere-se na Análise do Discurso de base enunciativa destacando o sujeito envolvido por uma rede de formações discursivas: a cena de enunciação, discurso/ interdiscurso e ethos discursivo (Maingueneau, 1995) e a questão dos gêneros do discurso ressaltando sua importância na definição da natureza de um enunciado (Bakhtin, 1992). A análise conduzida também incorpora a noção de identidade “formada e transformada continuamente” (Hall, 1987), além de buscar desvendar a relação entre as práticas discursivas e o “poder que queremos nos apoderar” (Foucault, 1996). Como o estudo ainda está em andamento, ainda não foi possível fazer todas as reflexões sobre a temática em análise. No entanto, vale ressaltar que, apesar de seu estágio inicial, o presente estudo já tem mostrado que pode oferecer significativas reflexões sobre as situações com que se deparam o profissional e sobre os sentidos naturalizados que se têm atribuído a esse professor, evidenciando situações de embates que atuam nos processos identitários do trabalhador docente.

4 • Sentido, saúde e trabalho docente: aproximações a partir de uma ferramenta virtual

Denize da Silva Nogueira (Bolsista CNPQ / Fiocruz)

Mary Yale Neves (UFF)

Introdução: O site “Encontros sobre Vida, Saúde e Trabalho nas Escolas Públicas - CAP Escola” (CAP – Escola) tem por objetivo a criação de um espaço de reflexão e debate sobre saúde, vida e trabalho nas escolas públicas brasileiras. Um dos ambientes do site, o Observatório Geral, permite visualizarmos um panorama no qual os sentidos acerca do trabalho docente produzidos por diferentes atores (professores, sindicatos, pesquisadores, profissionais de saúde, governo e mídia) circulam, oriundos de diversas fontes de informação. Ressaltamos a inserção deste nosso trabalho no campo da saúde pública e da saúde do trabalhador, pois, propõe colocar o trabalhador como protagonista, como um sujeito que possui conhecimento e promove mudanças na sua vida e trabalho, que afeta e é afetado. Autores como Dejours e Schwartz destacam a relação estreita entre linguagem e trabalho em seus textos. Dejours sinaliza para a articulação entre dinâmica do reconhecimento, construção de sentidos e saúde mental. Com a Análise do Discurso (AD) de base enunciativa pode-se enxergar nos textos sua materialidade, isto é, sua vinculação a um contexto sócio histórico. Objetivos: Investigar os sentidos construídos sobre o trabalho em escolas públicas, especificamente o de professoras, bem como as dinâmicas de (não) reconhecimento do trabalho docente aí presente e as implicações destes para a saúde das professoras, a partir de discursos produzidos por diferentes atores veiculados pelo site CAP – Escola. Método: Inspirados a procurar uma forma de investigação que possa nos dar pistas, mergulhamos sob esses modos de vida que se fazem e desfazem a nossa frente e lê-los. Optamos por trabalhar sob a ótica da metodologia qualitativa. Escolhemos o mapeamento e a leitura rigorosa dos discursos produzidos pelos diferentes atores acerca do trabalho e saúde de professoras, seguido de análise com base nas abordagens clínicas do trabalho e na Análise do Discurso (AD) de base enunciativa, de Maingueneau. Resultados: Pudemos identificar nos textos veiculados por órgãos governamentais, enunciados que apontam para ações pontuais voltadas para a questão da voz dos professores e do ambiente físico de trabalho. Em veículos de informação de grande circulação encontramos uma desvalorização do trabalho docente, a questão do ensino público tratada de forma pejorativa e a recorrente associação da licença médica à indolência. Já nos textos divulgados por alguns sindicatos dos professores é possível perceber a denúncia a práticas de gestão que retiram a autonomia no trabalho e a própria contestação dessa desvalorização do ensino público. Conclusão: Dentre os sentidos que circulam sobre o trabalho nas escolas públicas, encontramos, portanto aqueles que apenas tangenciam a relação trabalho/saúde, retirando seu caráter complexo e dinâmico. Outros que culpabilizam exclusivamente os trabalhadores da educação pela situação de atraso da educação brasileira.

5 • A implantação do turno único nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro e a construção de subjetividade no espaço escolar dos CIEPs

Renata Guimarães Palmeira (UFF)

No ano de 2010, o Prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes sancionou o projeto de lei 1376/2007, de autoria do Vereador Jorge Felipe, para implantação do turno único no ensino fundamental em todas as escolas da rede pública municipal. Durante o ano de 2011, várias escolas iniciaram esse novo horário e, ao final do ano, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro comunicou que mais escolas da Prefeitura funcionariam em turno integral em 2012. Além das dez unidades que compõem o Ginásio Experimental Carioca, antes da aprovação da lei, 423 unidades de ensino já funcionavam em turno estendido e em 2012 seriam mais 114 escolas, sendo 58 CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública) (RIO DE JANEIRO, 2011). De acordo com o projeto de lei, a transição do período de 4 horas para o de 7 ou 8 horas será progressiva. Conforme o Vereador Jorge Felipe, o prazo de 10 anos é suficiente para que se atinja a meta, então a cada ano 10% das escolas irão aderir ao horário integral (FELIPPE, 2010). A partir dessa proposta do governo, pode-se refletir sobre a questão do espaço nas escolas e da relação entre esse espaço escolar e produção de subjetividade. Para isso é importante observar os Centros Integrados de Educação Pública – os CIEPs, que na década de 1980, durante o governo Brizola, foram projetados para serem as “escolas de dia completo”, como diziam seus idealizadores Darcy Ribeiro e Leonel Brizola (RIBEIRO, 1986). Imagina-se, então, que os outros espaços escolares não seriam adequados ao horário integral, devendo haver algo na arquitetura dos CIEPs que os torne mais propícios ao funcionamento em um turno de aulas estendido, assim como os sujeitos ali constituídos devem ter características decorrentes desse contexto. Este parece ser o momento ideal para se discutirem tais questões já que a Prefeitura do Rio de Janeiro está no segundo ano de implantação do projeto de horário integral em todas as escolas no Município, sendo que a maioria delas não tem uma arquitetura semelhante à de um CIEP, aquela escola planejada para abrigar alunos o dia todo. Essa permanência / confinamento dos alunos por um período mais longo nas escolas (o horário integral) faz recordar a descrição que Foucault apresenta no capítulo a respeito do Panoptismo em *Vigiar e Punir* sobre as medidas de controle e disciplina necessárias quando se declarava a peste em uma cidade no século XVII (2011). Hoje a doença a ser controlada não é mais a peste, mas o assustador e virulento baixo índice de desenvolvimento da educação básica – IDEB – e os doentes são os alunos e os professores responsáveis por esses índices. Como metodologia, procura-se analisar os diferentes documentos que regulamentam o turno único, assim como o projeto pedagógico dos CIEPs, que se imagina estar em diálogo com o seu projeto arquitetônico. Com base em uma reflexão foucaultinana, este trabalho busca apontar quais dispositivos são acionados para se produzir determinados sujeitos que seriam próprios desses espaços escolares, quer dizer, apontar quem são os “habitantes” dos CIEPs.

Sessão 31: NOVAS TECNOLOGIAS

Coordenação: Kátia Tavares (UFRJ)

1 • Ambientes Virtuais Imersivos: a perspectiva de pesquisadores em relação à linguagem e à tecnologia

Evaldo Carneiro de Mello Sobrinho (UFRJ)

O objetivo desta comunicação é divulgar os resultados de uma pesquisa de mestrado finalizada em 2011 (PIPLA/UFRJ) que investigou a perspectiva dos pesquisadores de ambientes virtuais imersivos (*games*, realidade virtual, *virtual heritage* etc) em relação à importância da linguagem e das áreas de estudo da linguagem, bem como as representações das tecnologias presentes em suas próprias pesquisas. Trata-se, em suma, de uma pesquisa sobre pesquisas, que teve como ponto de partida a seleção de um corpus de dezessete trabalhos (teses de doutorado e dissertações de mestrado) produzidas em universidades brasileiras nas áreas de Engenharia, Computação, Educação e Comunicação. Tal conjunto de pesquisas foi analisado utilizando-se dispositivos da Análise Crítica do Discurso, tal como proposta no modelo tridimensional de Fairclough (2001), recorrendo-se, ainda, a dispositivos defendidos por Orlandi (2010) e Gill (2002). Em uma segunda etapa, a interpretação dos dados foi confrontada com dados de entrevista e questionários aplicados a um grupo selecionado dentre os autores das pesquisas analisadas. Os resultados da investigação evidenciaram a ausência de preocupação com a linguagem e a não valorização dos profissionais das áreas dos estudos da linguagem por parte dos pesquisadores de ambientes virtuais imersivos – ainda que, curiosamente, a importância de práticas interdisciplinares seja ressaltada por uma boa parte deles. Um grande “silêncio” – o “não-dito” de que trata Orlandi (2010) – em relação à linguagem e a sua importância é percebido ao longo de toda a análise do *corpus*. Mais ainda, a pesquisa evidenciou uma aparente ausência de percepção dessas novas mídias como linguagem. Tal fato é problematizado, na medida em que, como sabemos, as NTICs (novas tecnologias de informação e comunicação) constituem-se em novas linguagens: seja como “sínteses inauditas das matrizes dos pensamentos sonoro, visual e verbal”, no dizer de Santaella (2008) ou simplesmente como nova forma de comunicação, de acordo com Sherman e Craig (2003). Em todo o caso, constituem-se em novas linguagens com alto poder de persuasão e coerção, na medida em que envolvem vários sentidos de seus leitores (usuários) – despertando, por consequência, uma série de questões envolvendo as noções de discurso, ideologia e hegemonia (cf Lemke (2011); Fairclough (2001); Althusser (1992)). Tais desdobramentos, em última instância, suscitam também questões de ordem ética, se entendermos, como Rajagopalan (2003), a linguagem como palco de lutas e ação política. Por outro lado, a pesquisa também evidenciou que as representações de tecnologia, por parte dos pesquisadores, muitas vezes mantêm pontos de contato com visões de mundo que podem ser consideradas utópicas e distópicas (ou seja, a tecnologia como inevitavelmente responsável pela degradação dos modos de vida). Como toda pesquisa científica é, ela mesma, uma prática social, e, portanto, produtora de “discursos”, tal fato é igualmente problematizado, na medida em que tais representações podem contribuir para a estabilização/desestabilização de discursos mais amplos, inclusive escamoteando certos aspectos da realidade. Tais interpretações se apoiaram nos trabalhos de Williams (1978), Milner (2002) e Amaral (2006). Assim, este trabalho apontou para a pertinência do debate acerca do reconhecimento da importância da linguagem e dos saberes dos profissionais da área da linguagem por parte de pesquisadores envolvidos na investigação de ambientes virtuais imersivos. E, na medida em que outros saberes interdisciplinares são privilegiados – como o design, as artes plásticas e a programação de computadores – indicou, também, um desequilíbrio nas relações de poder entre as disciplinas, em detrimento das que lidam com os estudos da linguagem.

2 • Letramento digital e práticas sociais de fãs brasileiras em ambientes virtuais

Anamaria Pantoja Massunaga (UFRJ)

Este trabalho tem como objetivo investigar as práticas de fãs brasileiras nos diversos ambientes online (nacionais e internacionais) nos quais circulam. A motivação desse trabalho partiu da minha própria experiência como fã que vem interagindo nesses espaços há mais de uma

década. Interessou-me pesquisar que experiências essas fãs têm/tiveram nesses ambientes, que considero extremamente ricos e instigantes. Pesquisas sobre fãs e seu universo começaram na linha de Estudos Culturais e Midiáticos, com o importante livro de Henry Jenkins *Textual Poachers: television fans and participatory culture* (1992). Partindo da sua própria experiência como fã, Jenkins discute como fãs se apropriam dos produtos da indústria cultural das mais diversas formas: escrevendo suas próprias histórias sobre eles (*fanfictions*), compartilhando suas criações artísticas e engajando-se em diversas atividades com outros(as) fãs. Desde então, diversas pesquisas vêm sendo realizadas sobre essa temática, a partir de diversas perspectivas. No Brasil, algumas dissertações (VARGAS, 2005; BARROS, 2009) e artigos (REIS & CHAVES, s.d.; VALARINI, 2010) sobre o assunto já foram publicadas, mas estas concentram-se no fenômeno das *fanfictions* e nos(as) fãs adolescentes que as escrevem, buscando entender, em linhas gerais, quem são esses(as) fãs, quais são as suas motivações para escrever e de que forma essa atividade pode contribuir para suas práticas de letramento escolares. Embora considere esses objetivos interessantes, há problemas em se trabalhar somente com os(as) escritores(as), já que esse recorte deixa de considerar a enorme quantidade de leitores “invisíveis” que estão interagindo nesses ambientes virtuais, assim como outras formas de participação. É essa lacuna que este trabalho pretende preencher. Através de uma abordagem de cunho etnográfico, busco investigar as diversas formas de participação das três fãs-participantes (duas somente leitoras e uma leitora/autora) e os impactos dessas em suas vidas, seja *online* ou *offline*, a partir de entrevistas e observações de campo. Entendo o ambiente virtual (ciberespaço) onde as fãs circulam como um artefato cultural e também uma forma de cultura, com organização e regras que são (re)construídas pelos usuários (HINE, 2000). No ciberespaço são criadas e mantidas diversas comunidades virtuais que podem ser entendidas como comunidades de prática, na medida em que são organizadas em torno do engajamento mútuo de seus membros, com objetivos e repertórios compartilhados (WENGER, 1999) pelos(as) fãs. Utilizo o conceito de cultura da convergência (JENKINS, 2006), que junta a convergência dos meios de comunicação (televisão e internet, por exemplo), a cultura participativa (apagamento das fronteiras entre produtores e consumidores) e inteligência coletiva (como os fãs se organizam com objetivos comuns), para entender como as participantes desse estudo se inserem no mundo dos fãs e quais as apropriações locais que fazem dessas interações. Uso também o conceito de letramento digital para entender como essa participação constitui uma forma de letramento que privilegia a participação, conhecimento compartilhado, colaboração, dispersão, inovação e relações (LANKSHEARE & KNOBEL, 2006). Segundo esses autores, o desenvolvimento das novas tecnologias digitais possibilitou o surgimento de novas formas de ver e interagir com o mundo social; novas formas de ser e agir. (LANKSHEARE & KNOBEL, 2008). A partir do relato das fãs e da observação de suas práticas locais, apresento e discuto algumas dessas novas formas de ser e agir: construções identitárias (*online* e *offline*), produções artísticas e colaborativas, investimento emocional e sentimento de pertencimento.

3 • Vídeo games e questões de letramento: perda de tempo ou construção de habilidades essenciais para o mundo contemporâneo?

Daniel de Augustinis Silva (UFRJ-Macaé)

Este artigo tem sua motivação em um pedido de contribuição feito por Gee (2010), ao convidar seus leitores a contribuírem com exemplos trabalhados de vídeo games de forma a ajudar a estabelecer a chamada área da DMAL (Digital Media and Learning). Nosso objetivo é lançar um olhar sobre vídeo games considerados bons, defendendo que eles representam um ambiente de prática propício para a aprendizagem de habilidades fundamentais para o mundo contemporâneo (cf. GEE, 2003; SELFE, MAREK e GARDINER, 2007, JONASSEN & LAND, 2008). Mais do que simplesmente servir como um mero passatempo, vídeo games *bons* promovem um ambiente amigável para a aprendizagem onde os jogadores podem, entre muitas outras coisas, construir novas identidades (que não correspondem nem ao próprio jogador nem ao avatar do jogo, mas a uma mistura dos dois) a partir de escolhas reais e refletir sobre identidades antigas e identidades novas (GEE, idem; BARAB, PETTYJOHN, GRESALFI, VOLK, SOLOMOU, 2012), além de poderem praticar intensiva e extensivamente em um ambiente em que o fracasso não carrega tanto estigma quanto, por exemplo, no ambiente escolar (GEE, *ibid.*). Para tanto, dividimos a análise em duas partes. Em primeiro lugar, foram gerados dados com jogadores de vídeo games bons que revelaram que suas experiências jogando tiveram um impacto positivo na aprendizagem de habilidades importantes para a vida real. Além disto, analisamos alguns textos presentes nos próprios jogos e também textos publicados em sites relacionados aos jogos. Tomando como base o trabalho de Gee (2010), verificamos a presença de elementos complexos (como a leitura de orações condicionais e a recuperação de dêiticos) nos textos lidos pelos participantes da pesquisa.

Listamos os termos técnicos específicos ao jogo para concluir, com Gee (idem), que a capacidade de perceber que uma palavra está sendo usada com um significado específico, e não geral, é um aspecto importante na aprendizagem de novas disciplinas e outros domínios técnicos do conhecimento. As conclusões a que chegamos neste trabalho nos fazem repensar toda a estrutura infértil da escolarização no Brasil e nos EUA (cf. BARAB, PETTYJOHN, GRESALFI, VOLK, SOLOMOU, idem), que dão ênfase à “decoreba” e atividades abstratas em detrimento da aprendizagem realmente significativa, sugerindo que a utilização de vídeo games é mais eficaz do que a abordagem que vem sendo praticada (BARAB, PETTYJOHN, GRESALFI, VOLK & SOLOMOU, *ibid.*; GRESALFI & BARAB, *ibid.*). Estes achados são consistentes com os objetivos dos Novos Estudos de Letramento, que defendem que os letramentos são múltiplos, e que são uma conquista sociocultural, e não cognitiva (GEE, *ibid.*). Além disto, vemos que bons vídeo games geralmente não são um fim em si mesmos, mas que estimulam (se não exigem) que os jogadores entrem em contato com diversas outras formas de letramento, como sites com dicas sobre construção de personagens e fóruns de discussão. Da mesma forma que Gee (*ibid.*) argumenta sobre Yu-Gi-Oh!, é possível concluir que os jogadores aprenderam linguagem técnica e especializada (além de complexa), que: a) são uma parte importante de muitas práticas de trabalho contemporâneas, e b) são necessárias para a participação na sociedade como cidadão global.

4 • Construções do significado de “falar inglês” em uma comunidade online de professores

Victor Brandão Schultz (UFRI/CNPq)

Com o fenômeno da globalização no mundo contemporâneo, o inglês ganha importância e se torna uma língua global (Crystal, 1997/2003), sendo usada não apenas para comunicação entre e com falantes nativos mas, sobretudo, entre falantes não nativos que têm diferentes línguas maternas. Isso traz profundas implicações para o ensino desse idioma. Como mostra Graddol (2006), ensinar inglês como língua franca — contemplando a realidade atual —, não como língua estrangeira, exige repensar uma série de fatores, como objetivos e conteúdos curriculares. Mas, acima de tudo, implica rever a lógica da mesmidade e o ideal moderno de pureza em favor de abordagens que contemplem e valorizem a pluralidade e o hibridismo. Torna-se relevante, então, investigar os significados que os professores do idioma constroem sobre este, sentidos esses que possivelmente orientam sua prática pedagógica. Por isso, o presente trabalho objetiva apresentar uma investigação inicial dos sentidos produzidos a respeito do ensino de língua inglesa em uma comunidade online da qual participam professores de diversas partes do mundo. Deseja-se entender em que medida esses docentes estão cientes das novas demandas e comprometidos com elas, ou permanecem orientados por visões tradicionais. Contextos virtuais em que os próprios usuários são protagonistas na produção do conteúdo — a chamada *Web 2.0* (Arriazu et al., 2008) — são relevantes para este tipo de estudo porque neles os participantes atuam colaborativamente na produção de uma inteligência coletiva. Esse tipo de participação caracteriza os chamados “novos letramentos” (Lankshear e Knobel, 2007), em que o conhecimento não se encontra nas mãos de um especialista ou de uma figura de autoridade, mas pulverizado nas múltiplas interações entre os participantes. Como esses “novos letramentos” estão atrelados à visão de mundo de seus participantes, essas práticas online produzem efeitos de sentido que podem exercer grande influência sobre as práticas offline dos usuários. No caso específico do ensino de inglês como língua franca, as comunidades online de professores podem servir como pontos de encontro para os docentes construírem estratégias para lidar com o desconcerto gerado pela revisão de princípios e práticas exigida pela contemporaneidade; também podem, porém, possibilitar discursos que cristalizem noções tradicionais sobre o que significa ensinar inglês. Este estudo se baseia em uma visão das línguas como invenções modernas, não como objetos autônomos a serem descritos pelos linguistas e ensinados aos aprendizes (Makoni e Pennycook, 2007). Acredita-se que, no cenário contemporâneo, é mais vantajosa uma visão das línguas não como unidades existentes em si mesmas, mas como conjuntos heterogêneos, híbridos e fluidos de recursos semióticos (Blommaert, 2005, 2010). O corpus da pesquisa consiste nas interações dos usuários do site analisado por meio das mensagens deixadas em seu fórum de discussão. Para a análise, são utilizados os construtos de *enquadre* e *footing* (Goffman, 1974, 1979). São observados tanto os enquadres e footings projetados para a interação no fórum e seus participantes, quanto aqueles projetados para os falantes de inglês no mundo — em particular, os alunos desses professores — nos contextos nos quais os aprendizes utilizarão a língua estudada. A análise indica uma predominância de visões tradicionais sobre o que é uma língua e o que significa ensinar inglês, estabelecendo-se um elo indexical entre falante nativo, correção linguística e modelo a ser emulado pelos aprendizes. No entanto, há também micromovimentos de mudança, aproximando-se da concepção do inglês como língua franca (cf. Seidlhofer, 2011).

5 • Multiletramentos: uma comunidade de prática composta por docentes

Silvane Gomes (CEFET/MG)

Este artigo foi estruturado a partir do estudo de uma pesquisa de mestrado em estudos de linguagens que observou um grupo de 42 professores de Língua Portuguesa, distribuídos em duas equipes nacionais de avaliadores de provas de redação, que utilizaram e-mails (através do *e-group*), durante um processo de avaliação online de provas discursivas de alunos concluintes do ensino médio a nível nacional. Tal pesquisa buscou verificar como a ferramenta tecnológica mediadora dessas interações (realizadas neste contexto) colaboraram para a emergência de uma comunidade de prática (CoP) segundo a teoria de Jean Lave e Etienne Wenger (1998). Neste contexto, várias questões se apresentaram, destacando dentre essas: quais as possíveis influências de uma comunidade de prática no processo de avaliação de redações? Ela minimiza as discrepâncias entre os professores-corretores, ou não interfere no produto final apontado nos relatórios de produtividade e validação de notas das provas avaliadas? A utilização de e-mails durante o trabalho de correção das provas colaborou para a construção (o surgimento) de uma comunidade de prática? As interações online apoiaram e transformaram este trabalho? No sentido de torná-lo mais linear e produtivo? Qual o potencial do uso deste “modelo” em um processo de avaliação formal em avaliações seriadas? A fim de dar resposta à estas questões, desenvolveu-se uma pesquisa exploratória e descritiva que teve como método o modelo e categorização do conteúdo das interações, ambos propostos pela teoria de comunidade de prática de Wenger (1991 e 2006). As análises das interações entre os participantes desta pesquisa, considerando a colaboração e a cooperação em ambiente virtual, apontaram o surgimento de uma comunidade de prática que apoiou e transformou o trabalho de avaliação realizado pelos participantes. A análise destacou aspectos relacionados a interação (PRIMO, 2007) e a colaboração (BRAGA, 2007), extremamente necessárias à efetiva garantia da rapidez exigida para a conclusão da atividade em questão; ao uso da tecnologia (BUZATO, 2004) e aos multiletramentos (ROJO, 2012) que a presente era vem exigindo do professor em suas muitas práticas pedagógicas. Nesta etapa, ficou evidente a necessidade de revisão dos currículos de formação de professores (GATTI, 2009) e a necessidade de capacitação contínua (MARINHO, 2004) àqueles que se formaram sem terem a possibilidade de ser treinados (de grande importância para o uso dos recursos tecnológicos disponíveis) para o uso das tecnologias digitais da informação e da comunicação – TDIC. Concluiu-se que a utilização de e-mails durante aquele processo permitiu a construção de uma comunidade de prática que, por sua vez apoiou e transformou o trabalho de avaliação realizado por estes professores. Além disso, o uso da mesma permite a manutenção do sigilo, da ética e da confiabilidade que esses processos requerem. E ainda, que é uma ferramenta de avaliação que pode trazer excelência para o sistema de ensino brasileiro, pois se constatou que ao utilizarem a ferramenta tecnológica para costumizarem a prática docente, esta mantém (preserva) a isonomia e a equanimidade exigidas em processos de avaliação de grande escala.

Sessão 32: LINGUÍSTICA HISTÓRICA, FILOLOGIA E LEXICOLOGIACoordenação: **Monica Tavares Orsini (UFRJ)****1 • Estudo diacrônico das construções de tópico marcado no Português Brasileiro****Mônica Tavares Orsini (UFRJ)**

O presente estudo investiga a trajetória das construções de tópico marcado, termo utilizado por Brito, Duarte e Matos (2003), no decorrer dos séculos XIX e XX, tendo em vista um conjunto de mudanças morfossintáticas em curso no Português Brasileiro (PB). O trabalho precursor de Pontes (1987) e a descrição mais recente de Berlinck, Duarte e Oliveira (2009) apresentam quatro distintas estratégias de construções de tópico, a saber: tópico pendente (ou anacoluto, denominação adotada pela gramática tradicional), deslocamento à esquerda, topicalização e tópico-sujeito. Tais estruturas definem-se por revelar, na periferia esquerda da sentença, um sintagma sobre o qual se faz uma proposição por meio de uma sentença comentário, como exemplificado em (1) [*Estas duas cartas*] recebi [_ _] hoje. (*O Judas em sábado de Aleluia*, Martins Pena, 1844). Fundamentado em análises sincrônicas anteriores com dados de Língua falada (cf. Orsini e Vasco 2007), o trabalho utiliza como aporte teórico o modelo de estudo da mudança descrito por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) - evidenciando, de forma particular, a questão do encaixamento - e a Teoria de Princípios e Parâmetros proposta por Chomsky (1981) e se desenvolve em conformidade com os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (cf. Mollica e Braga 2003). O *corpus* constitui-se de 20 peças teatrais brasileiras, distribuídas por quatro períodos, com intervalo de 50 anos entre eles. Pretende-se, assim: (a) apresentar a distribuição e as características estruturais das quatro estratégias de construção de tópico nos períodos focalizados; (b) delinear a trajetória das construções de tópico-sujeito, visto serem elas reflexo da mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo no PB; (c) descrever o percurso da implementação da complementaridade entre as construções de topicalização de objeto e deslocamento à esquerda de sujeito em decorrência do sistema, atualmente, preferir preencher sujeito e apagar objeto; (d) investigar as ocorrências de topicalização de oblíquo com e sem preposição. Objetiva-se, assim, confirmar a hipótese de que o PB reúne características que o aproximam das línguas de tópico, segundo tipologia apresentada por Li e Thompson (1976). Os resultados obtidos até o momento revelam que as construções de topicalização são mais frequentes que as de deslocamento à esquerda. No que tange às construções de topicalização de oblíquo, há uma incidência muito pequena de estruturas com supressão de preposição, independentemente de ela possuir mais ou menos conteúdo semântico. O século XX apresenta um aumento muito pequeno de construções desse tipo, que são bem mais frequentes na modalidade oral (cf. Orsini e Vasco 2007). As construções de tópico pendente e de tópico-sujeito também apresentam frequência muito baixa nas peças teatrais. No entanto, a presença destas construções no *corpus* permite-nos afirmar que, embora mais recorrentes na modalidade oral, elas também estão presentes em textos escritos de menor grau de formalidade. Como em todo processo de mudança, estruturas inovadoras se manifestam na fala para, à medida que o processo de mudança avance, atingir novos contextos. Desta forma, torna-se indispensável a investigação, numa perspectiva diacrônica, das construções de tópico marcado na modalidade escrita a fim de que seja traçado o percurso da mudança por que passa o PB.

2 • A ordem VS e SV na diacronia do português europeu**Mayara Nicolau de Paula (UFRJ)**

O trabalho aqui apresentado é um recorte de uma pesquisa maior que tem como principal objetivo acompanhar diacronicamente as estruturas interrogativas do Português Europeu (PE), no que diz respeito à ordem de seus constituintes e, posteriormente, comparar os resultados obtidos com os resultados já existentes para as mesmas estruturas no português brasileiro (PB), buscando identificar possíveis semelhanças e diferenças entre as duas variedades, que, segundo a literatura atual, estão se distanciando em diversos aspectos gramaticais (cf. Galves, 1998). Pretendo, portanto, acompanhar no PE um fenômeno sintático que no PB está relacionado à mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, com o intuito de verificar como esse fenômeno se comporta em um sistema que não passa por essa mesma mudança ao longo

do tempo. Desse modo, apresento aqui um estudo preliminar que busca traçar um quadro de uma possível mudança na ordem dos elementos verbo e sujeito nas sentenças interrogativas Q do PE e buscar fatores que possam influenciar na escolha da ordem Verbo Sujeito ou da ordem Sujeito Verbo como nos exemplos (1) e (2) a seguir: Que mais quer o senhor? VS (O doido e a morte, período 1); O que é que a Sônia queria? SV (Um filho, período 2). O trabalho conta, por enquanto, com um número reduzido de dados. No entanto, isso não impedirá a identificação de alguns fatores que condicionam a mudança da ordem VS ou SV. Os dados serão retirados de peças teatrais do Português Europeu, divididas, no momento, em duas amostras com um intervalo de cerca de 60 anos entre elas. Integram o período 1 peças dos anos 1910 - 1920 e o período 2 peças dos anos 1980 - 1990. Sob a luz dos pressupostos de Weinreich, Labov e Herzog, 1968, para um estudo empírico da mudança linguística, aliados à Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), selecionamos algumas variáveis linguísticas e extralinguísticas que serão submetidas ao programa de análise quantitativa Goldvarb 2001 para integrar nossa análise. Estudos anteriores mostram que a inversão verbo sujeito é obrigatória no PE em todas as interrogativas diretas, não dependendo, portanto, do estatuto sintático do elemento *qu-*. Âmbar, 1992, define essa inversão como sendo uma alteração na ordem dos constituintes resultante de uma operação de movimento que desloca de sua posição de base ou o sujeito ou o verbo, convertendo a ordem básica SVO em uma ordem em que o verbo precede o sujeito (ordem VS). Em relação às interrogativas Q, a autora afirma que elas bloqueiam a ordem SVO, desse modo sentenças como (3) são agramaticais *O que a Maria comprou? Essa estrutura só se torna gramatical caso a inversão seja realizada e a ordem VS se estabeleça. Porém, já foram observadas estruturas interrogativas do PE que não apresentam inversão, ou seja, sentenças com ordem SV e que não se encaixam em nenhum dos dois casos citados em (i) e (ii). Tais estruturas são muito relevantes para o presente trabalho, uma vez que um dos meus objetivos é verificar se existe no PE um aumento de SV ao longo do tempo mesmo com a existência de fortes restrições por parte do sistema no sentido de obrigar a aplicação da inversão de SV para VS. Caso a ordem SV se mostre mais frequente no período mais recente, é necessário mapear quais seriam os principais motivadores dessa suposta mudança e observar de que maneira esse fenômeno se encaixa na língua.

3 • O tratamento em cartas amorosas e familiares da família Penna: uma análise diacrônica

Rachel de Oliveira Pereira (UFRJ)

A inserção de *você* no sistema de tratamento do português brasileiro provocou alterações no quadro pronominal, visto que a coexistência entre *tu* e *você* originou um sincretismo entre a segunda e terceira pessoas do singular. Outros estudos, de mesma temática, já mostraram que essa inserção não se deu de forma igualitária a todos os subtipos de pronomes, havendo alguns contextos favorecedores à utilização da forma variante, enquanto outros resistem mais à sua realização. Os estudos de sincronias passadas feitos com base em materiais diversificados têm demonstrado que, a partir principalmente do século XIX, o inovador *você* transitava por espaços discursivo-pragmáticos distintos e típicos de formas híbridas em processo de mudança. Tal forma tanto era empregada com algum traço de cerimônia pela elite brasileira oitocentista, quanto circulava como variante pronominal do *tu* íntimo nas relações mais solidárias. Tendo em vista as diferentes facetas da forma inovadora *você* na virada do século XIX para o XX, o objetivo principal do estudo é analisar a variação entre *tu* e *você* em todos os seus contextos morfossintáticos e, principalmente, na posição de sujeito, como estratégias de referência ao interlocutor. Para realizar este estudo serão analisadas 149 cartas, escritas em fins do século XIX e início do século XX, pertencentes à família Penna, uma importante família de políticos de Minas Gerais, mas que viveu por muitos anos no Rio de Janeiro. Por se tratar de uma amostra muito grande, optou-se por separar o *corpus* em cartas familiares (87 missivas) e cartas amorosas (62 missivas), com o intuito de se obter resultados mais confiáveis, uma vez que o tratamento pode variar a depender do caráter mais íntimo e pessoal estabelecido entre remetente e destinatário. Considerando que cartas familiares e amorosas constituem material tipológico diversificado, busca-se verificar se há diferença no que tange só tratamento a depender da natureza dos textos. Como os *corpora* que servem de base para a análise são escritos por uma família ilustre, constituída basicamente de políticos, propõe-se observar se os papéis sociais assumidos pelos remetentes podem influenciar na escolha de uma forma em detrimento de outra. Baseando-se em outros trabalhos de mesmo tema, busca-se verificar se as mulheres da família Penna tenderiam a ter um uso diferenciado em relação aos homens no que tange à utilização de *você*, empregando em suas cartas com mais frequência a nova variante pronominal de segunda pessoa. Além disso, pretende-se observar se o fato de as cartas em análise serem escritas por homens públicos influenciaria no tratamento empregado por eles, dependendo do papel social que eles assumem ao escrever para seus interlocutores (pai/tio/irmão/cunhado *versus* homem de

negócio/político). Os exemplos a seguir ilustram algumas das ocorrências encontradas nas missivas: (1) “Achei que **você** foi mui- | to depressa tomar conta do serviço | **devia** ter esperado ficar mais forte. (...) **Você** tem mandado o dinheiro | d'ella? Ella não se esquece de vocês.” (Carta de Maria Guilhermina Penna a Affonso Penna Júnior em 13/04/1926); (2) “O Neca pode | bem encarregar se de arranjar isso. | Avise me com antecedencia o dia que | **Você** marcar para sahida de *Belo Horizonte* **Você** deve | convidar o Neca para vir consigo, refor- | çando a carta que vou escrever” (Carta de Affonso Penna a Affonso Penna Júnior, em 20/04/1907). Aparentemente, tais resultados, ainda que incipientes, confirmam as hipóteses postuladas: mulheres tendem a utilizar a nova forma (exemplo 1), assim como, a forma *você* predomina em cartas masculinas na tentativa de atenuar pedidos e ordens, ou seja, quando estes homens escrevem a seus parentes mais próximos mantendo o papel social que exercem profissionalmente: homens de negócios e políticos (exemplo 2).

4 • O morfema incoativo no português e no latim: Um caso exclusivo de evolução dentre as línguas românicas

Johnnatan Ivens Antunes Nascimento (UFMG)

Este trabalho tem como objetivo traçar uma comparação entre a morfossintaxe do latim e do português brasileiro (PB), focando no morfema responsável pelo aspecto incoativo. Oliveira (2011) propõe que em PB o infixo *-ec-*, como em *enegrecer*, é o responsável pelo aspecto incoativo. Partindo dessa análise, buscamos identificar e descrever no latim um morfema incoativo, e nós encontramos a forma *-esc-*, como em *nigrescere* ‘enegrecer’. O aspecto incoativo, no latim, é um infixo entre a raiz verbal e as desinências número-pessoais. Assim, o verbo *nigrescere* é formado a partir do nome *niger* ‘negro’, que dá origem ao verbo *nigrere* ‘ser negro’ ao qual se junta o infixo *-esc-* para inserir o aspecto incoativo, formando, finalmente, *nigrescere* ‘enegrecer’. Teoricamente, nos apoiamos no Gerativismo, principalmente nas abordagens de Hale e Keyser (1993; 2002), Harley (2006) e Borer (2005). Sob esses teóricos, mostraremos como é feita a estrutura argumental de construções com verbos incoativos, buscando evidenciar que há diferença entre um *vP* causativo e um *vP* incoativo, no sentido de que o primeiro tem como núcleo um *v^o* do tipo CAUSE, enquanto, nas construções incoativas, esse núcleo é do tipo BECOME. Isso se torna claro ao observar que, no latim, essas construções se davam a partir de verbos estativos, indicando, realmente, uma diferença entre o processo da causação. Do ponto de vista descritivo, a literatura sobre o morfema *-esc-* é vasta, mas nos interessa principalmente o trabalho de Allen (1995), que aborda o fenômeno valendo-se do conceito de *degramaticalização*, traçando um percurso do morfema a partir do proto-indo-europeu até as línguas românicas, passando pelo latim vulgar e pelo romance, sem, no entanto, debruçar-se sobre o português. Além dessa questão, é cara ao nosso trabalho a contribuição que a gramaticalização fornece, sobretudo em sua abordagem formal, vista em Vitral e Ramos (2006). Nossa hipótese é de que o morfema ‘-esc-’ passou para ‘-ec-’ em PB, mas sofreu um esvaziamento formal do traço de aspecto [+incoativo] que se preenche com um prefixo derivacional como em ‘enegrecer’, ‘anoitecer’, ‘embranquecer’, ‘esclarecer’ e ‘apodrecer’. Pretendemos mostrar que esse processo é semelhante ao que ocorre com a negação em francês e em PB, principalmente no dialeto mineiro, em que temos dois elementos que coocorrem em sentenças negativas, como em “*Je ne mange pas de gâteau*” e “*Eu num acredito em fantasma não*”, fenômeno analisado e explicado diacronicamente através do chamado Ciclo de Jespersen. Esse autor analisa a evolução da negação em francês, inglês, dinamarquês, sueco e islandês (Jespersen, 1917, 1971), mostrando que há um processo cíclico que corrobora na dupla negação. Porém, em vez de palavras, como na negação, no caso de *-esc-*, o processo envolve afixos: o morfema incoativo que vem desde o latim, *-esc-*, e o morfema derivacional que se junta ao início dos verbos incoativos, que ora é *e*, ora *a* e até mesmo *es*. Nesse ponto, nosso trabalho procura mostrar que o português, diferentemente das outras línguas românicas, manteve o aspecto incoativo interno à morfologia verbal, mas, em similaridade, o morfema incoativo sofreu um desgaste tal que, para que se sustentasse o aspecto incoativo na presença de *-ec-*, acrescentou-se um morfema derivacional. Para atingir nosso objetivo, nos valeremos de comparações com outras línguas românicas, como francês, italiano e romeno, em que o morfema incoativo esvaziou-se totalmente e passou a compor o paradigma de alguns grupos de verbos.

Sessão 33: LINGÜÍSTICA DE CORPUS E SUAS INTERFACES

Coordenação: Tânia Shepherd (UERJ)

1 • Compilação de um corpus de redações em língua portuguesa: descrição do uso de “onde” e proposta de atividades pedagógicas

Celso Fernando Rocha (UNESP)

Eliana Magrini Fochi (FATEC – São José do Rio Preto – SP)

Nesta investigação, dados advindos de várias redações produzidas por alunos ingressantes em dois cursos superiores de tecnologia, as quais constituem o corpus de análise, foram extraídos e estudados. A motivação prática do estudo partiu do pressuposto de que haveria um uso peculiar de um conectivo, mais especificamente o pronome relativo “onde”, em dois grupos de alunos universitários. Por esse motivo, decidimos compilar um corpus contendo textos produzidos pelos calouros e, por meio do instrumental teórico metodológico oferecido pela Linguística de Corpus (LC), observar o emprego do referido pronome. Mais especificamente, com a análise do corpus, objetiva-se identificar o uso do conectivo “onde” e caracterizar seus usos a partir do ponto de vista sintático-semântico e contrastá-lo com o uso apresentado pela gramática normativa. Com relação ao arcabouço teórico-metodológico, recorreremos a LC que se dedica à coleta e à exploração de conjuntos de dados linguísticos textuais (os corpora) criteriosamente selecionados. Esses dados caracterizam-se como material de pesquisa de uma língua ou de uma variedade linguística. A LC possibilita diversos tipos de pesquisa, tais como a descrição da linguagem com ou sem suporte estatístico, a compilação de corpus e a aplicação dos corpora no ensino. No campo da descrição, uma das contribuições mais produtivas da LC concentra-se em aspectos gramaticais, permitindo identificar padrões de uso, a partir da recorrência sistemática de unidades frásicas e das relações estabelecidas nos enunciados nos quais estão presentes. Da perspectiva da LC, tais padrões de uso podem ser estudados, segundo a dicotomia prescrição versus uso. As frequências, que se destacam em um sistema probabilístico tal como a linguagem, auxiliam o pesquisador a identificar tendências a novas padronizações, sendo de indiscutível importância para a (re)definição de uma norma linguística. Com esse intuito, foram coletados 107 textos (29.635 palavras) produzidos no segundo semestre de 2009 por alunos do primeiro período de dois cursos superiores de tecnologia. Trata-se de dois conjuntos de textos do gênero argumentativo-informativo, sendo um deles caracterizado como “documentação tecnológica” (Proposta) e o outro, livre de convenções formais, como “resposta de cunho pessoal a uma indagação”. O levantamento dos conectivos mais frequentes foi feito com o auxílio do *WordSmith Tools*, versão 4 (Scott, 2006). O pronome “onde” foi um dos mais frequentes no levantamento. Esse é um pronome relativo que se vem mostrando muito pouco estável nos usos dos falantes, vindo a compor um quadro de variações com implicações múltiplas. Nos textos analisados, registraram-se 40 ocorrências de “onde”, número que representa uma alta frequência de uso em comparação aos demais conectivos presentes nas amostras estudadas. Entretanto, não é sua alta frequência que se destaca, mas sim, as muitas variáveis de emprego. A título de ilustração, mencionamos: a) Como equivalente da expressão expletiva “é que”; b) Vazio semântico – sem vínculo com antecedente e c) como conjunção, substituindo conectivo ou locução conjuntiva, indicando finalidade “para que”, entre outros usos. Cabe mencionar que os usos desse pronome foram selecionados e serviram para elaboração de exercícios em sala de aula. Primeiro um exercício com foco na identificação de uso por meio da observação e classificação das linhas de concordância, geradas pelo programa *WordSmith Tools*. Posteriormente, elaboramos uma listagem, com base nos dados levantados, e os alunos passaram a substituir o pronome “onde” por outros conectivos e refletir sobre as escolhas. Por fim, um momento de reflexão em grupo foi proposto e pudemos verificar que houve aumento da conscientização em relação ao uso do referido pronome.

2 • Como avaliar a aprendizagem de inglês com a Linguística de Corpus – um estudo da produção escrita de aprendizes brasileiros

Gustavo Estef Lino da Silveira (UERJ/Cultura Inglesa)

O objetivo deste trabalho é analisar as escolhas léxico-gramaticais de aprendizes de inglês como língua estrangeira em resenhas de filmes. Mikhail Bakhtin (2010) afirma que o gênero textual influencia as escolhas léxico-gramaticais. Logo, o presente estudo visa analisar a produção escrita e as escolhas léxico-gramaticais de um grupo de aprendizes concluintes de um curso livre de inglês na cidade de Nova Iguaçu/RJ. Para fins de minha análise, contrastei o programa curricular da instituição de ensino para uma aula de produção escrita do gênero resenha de filmes com as redações produzidas pelos alunos como parte de uma avaliação de final de semestre. Meu intuito era extrair digitalmente os feixes lexicais de quatro palavras, aqui chamados quadrigramas, que foram produzidos pelos aprendizes. Hyland (2008) afirma que seus estudos priorizam a análise de feixes lexicais em *n*-gramas, que vem a ser agrupamentos lexicais formando um bloco de *n* palavras. Com isso, pode-se obter um número qualquer de palavra que se coloque uma com a outra formando uma expressão fixa. Os feixes lexicais podem ser constituídos de duas palavras (bigramas), três (trigramas), quatro (quadrigramas), cinco (pentagramas) e sucessivamente. Em seus estudos, Hyland prioriza a extração e análise de quadrigramas pois afirma que estes são mais transparentes que trigramas (pois esses não tem significado muito nítido) e os quadrigramas serem mais frequentes que pentagramas.

Decidi focar-me nos quadrigramas porque estes são bem mais comuns do que pentagramas e oferecem uma gama de estruturas e funções mais claras que os trigramas. Feixes lexicais são essencialmente colocações estendidas definidas por sua frequência de ocorrência e extensão. Feixes são essencialmente colocações estendidas definidas por suas frequências de ocorrência e extensão de uso. (Hyland, 2008: 8)

O objetivo deste trabalho é analisar o perfil desses aprendizes no coletivo, por isso a extração de dados de forma digital através de um programa de computador.

A Linguística de *Corpus* ocupa-se da coleta e da exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador. (Berber Sardinha, 2004:3)

O *corpus* de estudo é constituído de 44 resenhas de filme produzidas pelos alunos concluintes da instituição de ensino. As redações têm em média, 250 palavras, foram cronometradas, os alunos não tiveram acesso a material de consulta e o tema e título foram dados a eles. Os textos foram colhidos entre os anos de 2009 e 2012, digitalizados e os erros de ortografia tiveram de ser corrigidos pois isso dificultaria a extração de listas de palavras do *corpus* com o programa *Wordsmith Tools* 5.0. A justificativa do estudo pela resenha de filme atribui-se ao fato de durante esta aula haver no programa curricular da instituição o ensino de blocos lexicais de 2 a 5 palavras como sendo estas expressões características desse gênero e que deveriam ser reproduzidas pelos alunos em seus textos, diferentemente da produção de outros tipos de textos trabalhados em sala ao longo do semestre que não adotam essa abordagem de ensino de agrupamentos lexicais. A análise do *corpus* me permitiu traçar um perfil dos alunos concluintes do curso avançado dentro dessa instituição de ensino que escreveram as resenhas de filme. O estudo aponta para o fato de que a grande maioria dos textos analisados não continham os feixes lexicais ensinados, sugerindo que talvez os alunos possam não ter internalizado o conteúdo das aulas ou que precisem de mais tempo e prática para aquisição do conteúdo.

3 • Memes da internet e sua produtividade funcional: investigando os conceitos através da Linguística de Corpus

Jaime de Souza Júnior (UERJ)

Consagrados no âmbito das redes sociais, os memes da Internet se apresentam como unidades ou construtos de informação replicados (ou memetizados) pelos usuários da *Web*. Podem se materializar em forma de expressões fixas, ilustrações, vídeos ou uma simbiose de todas estas modalidades. “Que deselegante” é uma expressão que foi utilizada pela apresentadora Sandra Annenberg (Jornal Hoje, Rede Globo), em reação a um ato de invasão a uma cobertura jornalística, ao vivo, em rede nacional. Após a menção original pela apresentadora, a expressão é memetizada, indo parar na Internet, sendo utilizada de diferentes formas pelos internautas. Neste trabalho, parte de uma dissertação de

mestrado em andamento, analisamos o fenômeno de memes da Internet sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-funcional e dos conceitos de Dialogia e Alteridade (Bakhtin, 1997) e Fairclough (2001), a fim de contribuir na elucidação dos princípios constitutivos do fenômeno citado. Ainda assim, é importante alertar que, como critério de análise, neste estudo, nos detemos somente na investigação dos aspectos linguísticos do meme “Que deselegante”, disponível em forma de um construto memético-linguístico fixo, uma vez que nosso *corpus* é formado por postagens oriundas do *microblog Twitter.com* como nas imagens abaixo:

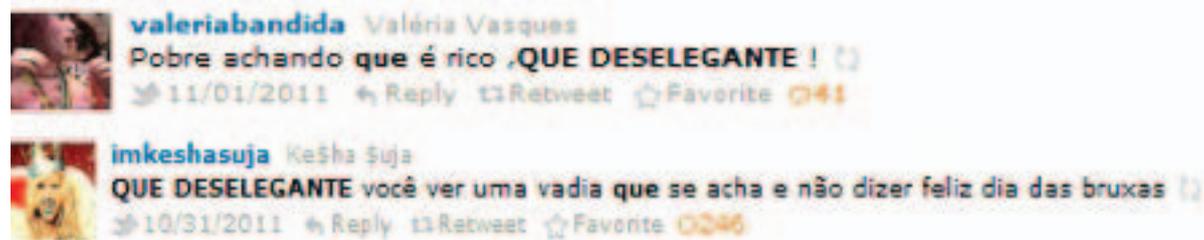


Figura 1: Exemplos de postagens contendo o construto memético-linguístico “Que deselegante”

Com um *corpus* contendo 3267 postagens (41.600 palavras), coletadas do *microblog Twitter.com*, no período de novembro de 2011 a junho de 2012, a partir da metodologia desenvolvida em estudos da Linguística de Corpus, analisamos as postagens por meio de duas ferramentas do programa *Wordsmith Tools v.5 (2011)*: um listador de palavras e um concordanciador. Extraímos uma lista de palavras mais frequentes e listas de concordâncias baseadas em colocados, conforme Shepherd (2009), formados pelos seguintes padrões combinatórios: QUE DESELEGANTE + O/A/ISSO/ESSE/ESSA/ ESTE/ AQUELA/ ELE/ELA/ VOCÊ/VOCÊS/ PESSOAS (ELES/ELAS). Ao analisar a lista de colocados, focando a atenção nas palavras sublinhadas, verificamos, por exemplo, a que ou a quem o construto memético-linguístico está se referindo. Desse modo, podemos saber se nas postagens de nosso *corpus* o construto-memético “Que Deselegante” continua se referindo ao “outro”, condenando sua conduta ou se haverá variação de padrão de uso e de função, podendo tal expressão se referir também a, por exemplo, instituições, objetos ou segmentos da sociedade. Em um segundo momento, baseando-nos na Teoria de Valoração (MARTIN & WHITE, 2005), analisamos cada ocorrência do construto mencionado por meio das categorias de Atitude (*Afeto, Julgamento ou Apreciação*) para verificar se o uso inicial (como Julgamento) será mantido nas postagens que utilizaram a expressão “Que deselegante”. Uma mudança de padrões de uso da expressão memética, que se caracteriza pela repetição e replicação de usos, conforme preceitos da Memética, sugeriria que uma das características constitutivas de memes da Internet é a sua produtividade funcional. Assim, isso indicaria uma contribuição da Linguística no tocante à natureza constitutiva de memes da Internet, expandindo a configuração originalmente baseada em Dawkins (1976) e revisitada por Recuero (2006). Os resultados preliminares apontam, em primeiro lugar, para uma variação de itens a que se faz referência no uso do construto memético-linguístico em questão: instituições, como a imprensa, e celebridades são alguns dos referidos mais frequentemente observados. Já com relação à Atitude expressa nas ocorrências, a categoria de Julgamento é a que mais se destaca (55 %), seguida, respectivamente, pelas categorias de Afeto (30%) e Apreciação (15 %). Pode-se inferir, portanto, que o padrão de uso do meme, por um lado, se mantém, já que a conduta humana é avaliada com mais frequência; por outro, a variação percebida por meio do uso do meme para expressar Afeto e Apreciação indica que o construto, ao se modificar, expande os limites dos preceitos da Memética.

4 • Usos e funções dos marcadores discursivos em inglês sob a perspectiva da Linguística de Corpus e da Semiótica Social

Taiane Michele Ávila & Liliane Assis Sade (UFSJ/CNPq)

Os marcadores discursivos são definidos de forma geral como mecanismos linguísticos usados para relacionarem ideias e fatos, sendo responsáveis pela clareza, coesão e coerência de um texto (Oliveira, 2009). No entanto, outras funções dos marcadores discursivos são também evidenciadas, tais como a de expressar a subjetividade via discurso (Lyra, 2007) e a de estabelecer um caráter interativo entre a língua e seus usuários, ao possibilitar diálogos entre diferentes partes do texto ou do discurso e entre essas partes e os usuários da língua (Fernandes, 2012).

Além dessas funções já exploradas em outras pesquisas, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma nova função dos marcadores discursivos qual seja a de estabelecer uma conexão entre a língua e o sistema cultural que a encapsula. Tomando os pressupostos teóricos da Semiótica Social, com base, principalmente, em Halliday e Hassan (1989) e Hodge e Kress (1988), este trabalho procura demonstrar, no âmbito do discurso, a forma como os marcadores discursivos, ao criarem a coesão e coerência do texto, criam, simultaneamente, uma ponte que conecta o texto e o sistema cultural de dada sociedade. De acordo com Halliday e Hassan (1989), o texto é produto do meio-ambiente, ou seja, há uma íntima relação entre texto e cultura; entre o sistema linguístico e o sistema social. Todo texto é, então, permeado por significados ideológicos estabelecidos pelas escolhas linguísticas do autor. Essas escolhas linguísticas não são neutras, mas impregnadas de ideologias e perpassadas por relações de poder. Um segundo objetivo deste trabalho é apresentar os marcadores discursivos mais frequentes nos textos analisados e estabelecer sua prosódia semântica. Para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa, recorre-se ao escopo teórico-metodológico da Linguística de *Corpus* (Sardinha, 2004; Kennedy, 1999). A Linguística de *Corpus* nos permite o trabalho com uma grande quantidade de dados, além de possibilitar o trabalho com textos autênticos no seu uso real em gêneros específicos. O *corpus* para análise constou de artigos jornalísticos retirados dos jornais eletrônicos *The New York Times*, *Cnn*, *USA Today* e *The Economist*. O texto compilado foi convertido para o formato “txt” e submetido ao programa *WordSmith Tools*. Foram apurados os marcadores discursivos mais frequentes nos textos analisados e, através das linhas de concordância, foi estabelecida a prosódia semântica desses marcadores. Finalmente, procedeu-se à análise discursiva. Para esta análise, tomou-se um texto de cada jornal selecionado e verificou-se o uso e função dos marcadores discursivos, à luz da Semiótica Social. Os resultados demonstram, primeiramente, que, no gênero analisado, alguns marcadores discursivos são muito mais frequentes que outros, o que nos permite dizer que a língua é sensível aos gêneros textuais. Em segundo lugar, verificou-se que os marcadores discursivos diferenciam entre si, não apenas pelos seus significados, mas, principalmente, pelas suas prosódias semânticas que são responsáveis por veicularem valores e naturalizarem discursos e posições ideológicas via uso da língua. Finalmente, muito mais que mecanismos de coesão e coerência interna dos textos, os marcadores discursivos estabelecem uma interrelação entre língua e cultura, conectando o texto ao sistema social e contribuindo para que os significados dos textos só possam ser compreendidos se considerarmos os contextos sociais e culturais que os envolvem.

Sessão 34: ANÁLISE DO DISCURSO IV

Coordenação: Anna Elizabeth Balocco (UERJ)

1 • Violência simbólica em um cartaz de balada: uma análise crítica e multimodal

Lúcia Gonçalves de Freitas (UEG)

Neste trabalho, analiso um cartaz de divulgação de uma “balada” no interior de Goiás cujas atrações eram o grupo Bonde do Tigrão e a Mulher Melancia. A distribuição de texto e imagens que organiza o cartaz faz uma representação sexista do masculino e feminino, com enorme prejuízo dessa última categoria. O artifício de associação da mulher, aí representada nua, em pose erótica, exibida para servir aos desejos eróticos masculinos, é interpretado na dupla articulação entre violência de gênero e violência simbólica. Essa última noção é orientada pelas concepções sociológicas de Pierre Bourdieu (1999), para quem esse tipo de violência se exerce sobre os indivíduos de forma dissimulada, sem ação física necessariamente, de modo que as pessoas agredidas a sofrem sem se dar conta de que estão sendo violentadas. Para descrever os mecanismos que propagam tal violência no cartaz, aplico uma abordagem crítica que vincula análise linguística e prática social, nos moldes da Análise Crítica do Discurso - ACD (Fairclough, 2003). A partir de alguns pressupostos dessa linha teórica, examino a peça publicitária como um “gênero” (textual-discursivo). A palavra gênero é usada neste trabalho em associação às teorias sobre construção social de identidades sexuais, como as masculinas e femininas (Scott, 1990). Ao mesmo tempo, o termo também é empregado dentro das noções da ACD, como o aspecto especificamente discursivo de formas de agir e interagir no curso dos eventos sociais. A essa noção, também agrego o conceito de “multimodalidade” (Kress; Van Leuween, 1996), que é a combinação de diferentes signos e modos semióticos (visual, textual, auditivo, movimento, etc.) em um mesmo texto. A multimodalidade é contemplada pela ACD que, por seu viés eminentemente transdisciplinar, busca em diferentes áreas do conhecimento apoio para suas análises. Nessa direção, a ACD propõe, com sua abordagem “crítica”, situar os gêneros no social e focalizá-los como práticas linguístico-discursivas, revelando como estas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder e de que forma contribuem para a desigualdade social e o domínio de algumas pessoas sobre as outras. Dentro dessa moldura teórica, proponho-me a discutir questões de gênero e violência na contemporaneidade que são repassadas no cartaz. As análises esclarecem os significados que são aí expressos sobre ser mulher, ser homem, ser jovem e se divertir segundo determinadas normas sociais permeadas pela violência simbólica. Discuto ainda as padronizações de comportamentos masculino e feminino que são promovidas pelos meios culturais da atualidade, especialmente aqueles reconhecidos como da chamada Indústria Cultural, que atingem igualmente contextos díspares como grandes centros urbanos e pequenas cidades do interior, como é o caso em análise. Embasada na noção de Ana Maria Fisher (2002) sobre o “dispositivo pedagógico da mídia”, em que a pesquisadora desenvolve uma argumentação explicativa sobre como o modo operante da mídia participa da “educação” das pessoas, vinculo à minha discussão final questões sobre as novas práticas de letramento. Nessa direção, termino o trabalho, destacando a necessidade da escola de se engajar no combate aos discursos misóginos, propagados diariamente nas diferentes práticas sociais e seus textos. Reforço o argumento da socióloga Berenice Bento (2007), de que não há uma disjunção radical entre violência simbólica e física, de modo que textos, como o cartaz analisado, funcionam como um mecanismo de retroalimentação da violência de gênero e provocam um estrago incalculável na luta pelo fim da violência contra as mulheres.

2 • A grafiteagem como discurso político: a(cor)da voz silenciada!

José Raymundo F. Lins Jr. (UECE)

Não é novidade que a oralidade precede a escrita na história da humanidade. Em muitas culturas, os anciões adquiriam *status* social e/ou político pela experiência acumulada, ou seja, a memória era o critério de empoderamento nas sociedades ágrafas. Também é verdade, que nos dias atuais, a mídia audiovisual tem grande responsabilidade na transmissão dos conhecimentos das sociedades em geral (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), seja por questões de acesso, de letramento, ou ainda, questões socioculturais. Pierre Lèvy (2001), ao posicionar-se em

relação à oralidade, diferencia duas fases. Uma fase primária, que antecede a forma escrita, e que é responsável pela gestão da memória social, e uma fase secundária, onde, juntamente com a escrita, serve para fins comunicativos cotidianos entre os indivíduos de uma sociedade. É nessa última perspectiva que se desenvolve este trabalho. A teledramaturgia brasileira, uma das mais elaboradas do mundo, vem não apenas “transmitindo” informações acerca da memória coletiva do nosso país, mas também, ora reforçando modelos hegemônicos, ora propondo-lhes rupturas – característica de todo ato de fala, dada a sua força perlocucionária. A fala de Cora, personagem da novela *Tieta* exibida pela Rede Globo, em 1989: “eu não gosto de novela. Eu vejo, que é para poder falar mal”, expressa bem a nossa realidade; pouco importa se gostamos ou não da teledramaturgia, o fato é que ela está presente no nosso dia a dia, nas vestimentas, nos comportamentos, nas músicas que ouvimos nos rádios, nos comentários e jargões que repetimos e, também, nas discussões acadêmicas. Assim, o objetivo deste artigo é analisar de que forma a grafitação na novela *Cheias de Charme* (Rede Globo, 2012) pode representar uma condição de existência, através dos personagens por ela afetados, a saber, seus criadores e a sociedade em geral. Em outras palavras, de que forma o *graffiti* revela a condição humana de classes desprivilegiadas nos grandes centros urbanos? Pois, para Hannah Arendt (1997), condição humana e natureza humana são coisas distintas. Enquanto esta última é tratada como uma marca universal, característica de todos os seres humanos, a primeira se particulariza em cada indivíduo (ou grupos de indivíduos), e se relacionam com os diversos fatores que o(s) condiciona(m) nas suas realidades. No caso específico, centrarei a discussão em torno três grupos, assim definidos: (a) autor, representado pela personagem Rodinei, um dos membros do Borallho Crew – um coletivo de grafiteiros do morro –, (b) sociedade de consumo, representado pelas personagens Sônia, dona da galeria grafitada, e suas filhas, Isadora e Ariela e, finalmente, (c) a mídia, representada pela personagem Emília Xavier, que se mostra interessada na obra de Rodinei. A análise é fundamentada a partir dos conceitos de absurdo (CAMUS, 2008), cultura (LÉVY, 2001), e existencialismo (KIERKEGAARD, 2001; ARENDT, 1997). A cena analisada foca o *graffiti* na *Galerie*, loja de grife de Sônia, após esta ter utilizado, indevidamente, a fotografia de um dos trabalhos do coletivo, no convite de lançamento de coleção. Como o ideal do grupo é combater o consumo e o gasto desnecessário, eles imaginaram que grafitando a loja, o ‘roubo’ de sua arte estaria vingada. Inicialmente, faço um percurso sobre a questão da oralidade nas culturas (ditas) pós-modernas, em seguida abordo a questão do existencialismo na filosofia kiekergaardiana para, então, refletir sobre os processos representados pela grafitação na cena selecionada.

3 • O discurso e as relações de poder: mídia, política e identidade

Vivian de Souza Pontes (USP)

Analisando o cenário da política no Brasil e no mundo, notamos que a mulher vem, recentemente, assumindo cargos na direção de países. Dilma Vana Rousseff tornou-se Presidente do Brasil, em 2011, tendo sido antecedida por Cristina Kirchner, Presidente da Argentina, em 2007, Michelle Bachelet, Presidente do Chile, em 2006 e por Angela Merkel, Chanceler da Alemanha em 2005. Nesse sentido, questionar se a mulher se consolida como detentora de um novo lugar de poder na sociedade e de que forma sua identidade se constitui, parece-nos desafiador. Além da constituição do discurso da presidenta, buscamos compreender de que forma o discurso dela arquiteta a identidade da mulher brasileira do século XXI, de que modo o discurso institucional da presidência se relaciona com as possíveis representações identitárias da mulher, ou seja, quais relações esse discurso político pode instaurar e que mulher o discurso presidencial concebe. A mídia pode interferir na constituição desse discurso, tanto no da detentora do cargo executivo quanto no da mulher brasileira radiouvinte, o que nos permite investigar de que modo o discurso veiculado pela mídia pode delinear uma criação discursiva de identidade feminina. Posto isto, este estudo tem por objetivo analisar o discurso presidencial de Dilma Rousseff, a fim de identificar a representação de identidade que se faz da mulher brasileira do século XXI, por meio da composição institucional que Dilma – Presidenta – configura no programa de entrevistas *Café com a Presidenta*, *corpus* deste trabalho. Será que o discurso político também pode construir e consolidar uma nova identidade da mulher no Brasil ou será que o discurso ainda é aquele reproduzido por uma sociedade patriarcal que reforça a imagem de mulher existente no inconsciente coletivo? A questão da identidade feminina no âmbito da política em analogia às relações de poder é uma temática pouco estudada na área de análise do discurso, talvez tendo em vista o fato da recente presença da mulher na política de modo mais frequente e representativo. Observando que a Análise do Discurso pode privilegiar o estudo do discurso numa abordagem linguística e social, considerando a evolução do papel da mulher na sociedade brasileira, representada pela eleição da primeira mulher à presidência no Brasil, vimos a necessidade em estudar o discurso de uma mulher

no poder. Desse modo, nos propusemos a investigar a questão da identidade da mulher e não do homem, pois são recentes os estudos que privilegiam a mulher pela emergência de sua presença nos diversos âmbitos da sociedade. Apenas nos anos 80/90, foram iniciados estudos acerca da história da mulher e do gênero, com os trabalhos de Mary del Priore (2002), Michele Perrot (2010) e Scott (1995). Para efeito de análise, foram adotados, sobretudo, os estudos da teoria de Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso, representada por Charaudeau (2008), Van Dijk (2008) e Fairclough (2001). No que se relaciona às questões sociais e identitárias sobre a mulher, foram selecionados os estudos de Del Priore (2002) e Woodward (2003). Assim, buscamos descobrir quem é a mulher que o discurso institucional de Dilma arquiteta e quais estratégias ela utiliza nesta criação discursiva, partindo da hipótese de que a constituição identitária da mulher está passando por uma nova fase, na qual sua identificação com a esfera pública se dá de modo mais efetivo.

4 • A linguagem sobre o trabalho: ordens do discurso na formação profissional médica

Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jacome (UFF/UERJ)

O exercício de uma profissão é estabelecido a partir de uma série de elementos, que conjugam saberes, regulamentos, instrumentos, espaços físicos e mobiliários, e, não menos importante, a linguagem (Sarangi & Roberts, 1999). Esta, por sua vez, tem sido apontada, em estudos contemporâneos, como elemento central para a compreensão de como sujeitos constituem e são constituídos em práticas sociais (Moita Lopes, 2006). Paralelamente, as Diretrizes Curriculares para formação profissional em nível superior estabelecidas no Brasil pelo MEC, apontam a necessidade de um ensino que abarque o desenvolvimento de uma competência comunicativa por parte dos aprendizes, como pode ser ilustrado pelas diretrizes de cursos da área de saúde (Brasil, 2001). De modo a compreender como tal empreendimento é agenciado no contexto educacional, desenvolvo uma pesquisa de cunho etnográfico mais ampla acerca da aprendizagem de comunicação profissional por estudantes de medicina em uma instituição do Rio de Janeiro. Neste estudo ora apresentado, analiso o discurso de dois manuais de conduta em interação médico-paciente, à luz dos estudos linguísticos no que tange à chamada “linguagem sobre o trabalho” (Lacoste, 1998) e suas implicações para práticas profissionais. Tais manuais foram selecionados por constituírem material de apoio didático a estudantes de graduação em Medicina na Instituição pesquisada. Alinho tal análise aos estudos do discurso, a partir dos conceitos de comodificação, democratização e tecnologização, descritos por Fairclough (2001) como ordens do discurso contemporâneo. A partir dos manuais de conduta analisados, compreende-se a instituição de regimes de comunicação que se alinham a uma política de saúde humanizada (Brasil, 2006), por atribuir co-participação e espaço para escuta por parte do que o paciente tem a dizer para o médico, o que engendra a democratização do discurso. Com isto, espera-se que o paciente tenha suas expectativas de atendimento alcançadas, transformando a consulta clínica num produto, ou um discurso comodificado. O médico, por sua vez, é orientado a produzir um discurso refletido e estratégico, de acordo com os objetivos da consulta, de modo que sua performance seja ainda alinhada a uma identidade de profissional compadecido e preocupado com a saúde do paciente. Tal tratamento dado à linguagem pode ser interpretado como uma tecnologização discursiva, como definido por Fairclough (2001). Implicações deste estudo são apontadas enquanto fundamentos para análise de interações médico-paciente em situações reais ou simuladas de interação, de modo a refletir acerca da apropriação e da mudança discursiva e da performance interacional a partir dos regimes de comunicação construídos na formação profissional (Sarangi, 2010).

5 • A representação do Brasil na mídia norte-americana: a problemática da sustentabilidade

Dayse Maria Pena (UFSJ/PIIC); Liliâne Assis Sade (UFSJ)

Na pós-modernidade, o tema da sustentabilidade tem sido recorrente nos meios midiáticos nacionais e internacionais devido ao lugar importante que tem ocupado na esfera político-econômica mundial. Nesse cenário, o Brasil, enquanto um dos membros do BRICS (acrônimo para Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), ou seja, superpotência emergente devido ao grande crescimento econômico nos últimos anos e, ao mesmo tempo, agraciado com recursos naturais que estão escassos na Terra, tem sido um dos alvos sobrexcedentes de países desenvolvidos, em especial dos Estados Unidos da América. Diante disso, este trabalho busca refletir sobre o modo como o Brasil é representado e construído em

textos de jornais eletrônicos norte-americanos que abordam a problemática da sustentabilidade. As análises linguísticas deste trabalho foram orientadas pelos estudos desenvolvidos por Halliday, mais especificamente, sua Gramática Sistemico-Funcional (1985). Halliday propõe que a língua é constituída de uma rede de sistemas com bases semânticas e funcionais. Assim sendo, a língua sistêmica oferece opções linguísticas que permitem ao seu usuário (ao produtor do texto jornalístico, no caso desse trabalho) construir significados diversos, bem como diversas relações com os outros. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi feita, inicialmente, a coleta do *corpus*. Para tanto, foram escolhidos três dos mais notórios jornais eletrônicos norte-americanos que lidam não apenas com questões locais, mas com problemas de ordem mundial. São eles: *The New York Times*, *U.S.A. Today* e *U.S. News from CNN*. Foram selecionados três artigos jornalísticos de cada jornal eletrônico, somando um total de nove textos, que abordavam a problemática da sustentabilidade fazendo referências ao Brasil, além de trazerem em seus títulos a palavra *Brazil*. A seleção foi feita através do mecanismo de busca de cada *website*, onde foram digitadas as palavras *Brazil* e *sustainability*, e os três primeiros textos de cada jornal que possuíam os requisitos citados acima foram selecionados. Em seguida, procedeu-se à análise linguística de cada excerto que continha a palavra *Brazil*. Como o objetivo foi verificar a representação do Brasil nos textos analisados, recorreu-se, para a análise linguística, à análise da metafunção ideacional da língua, com base no sistema de transitividade da língua, proposto por Halliday (1985). Finalmente, foi feita uma reflexão, no âmbito do discurso sobre as questões observadas na análise linguística, tomando-se os pressupostos da Semiótica Social, com base, principalmente, nos trabalhos de Halliday e Hassan (1989) e Kress (1989 e 1996). Segundo esses autores, as escolhas linguísticas não são consideradas neutras, mas saturadas de ideologia que refletem e constroem os interesses dos produtores dos signos e são perpassadas por relações de poder. Nessa concepção, a análise linguística nos permite o acesso ao sistema cultural que emoldura as práticas sociais. Os resultados apontam para o uso de estratégias discursivas, ora sutis, ora mais abertas, que objetivam criticar ou desmotivar as ações de crescimento econômico do Brasil. Para tanto, os produtores dos textos usam do tema da sustentabilidade como recurso argumentativo contra o crescimento econômico do Brasil, representado nestes jornais como desenfreado e capaz de ameaçar o meio ambiente. A análise do discurso revela a tensão entre as políticas vida e emancipatória, observadas por Giddens (2002), e a forma como os produtores dos textos se usam dessa tensão para se contraporem ao crescimento econômico do Brasil. Finalmente, observou-se que, nos textos analisados, a questão da sustentabilidade é evocada com objetivos muito mais político-econômicos do que, necessariamente, ambientais.

Sessão 35: ANÁLISE DO DISCURSO V

Coordenação: Cristina Giorgi

1 • A identidade do professor de espanhol como língua estrangeira através do olhar do discente

Andrea Galvão de Carvalho (UERJ/EPS/CCAA/Yázigi)

A partir da segunda metade do século XX, as perspectivas sociológicas passam a conceber a identidade como fragmentada, múltipla e construída ao longo de discursos, práticas e posições. Tornamo-nos, então, conscientes de que as identidades são instáveis, porque são produzidas em um espaço socio-histórico e que, portanto, estão em constante processo de mudança e transformação. Além disso, a identidade “não existe em si mesma, ela é incessantemente (re)construída por meio da relação com o Outro e emerge apenas por momentos, graças à porosidade da linguagem” (ECKERT-HOFF, 2008, p.61). Isto é, a identidade do sujeito passa pela relação com o outro e, conseqüentemente, se constitui também em virtude do olhar do outro. A comunicação proposta por este documento é o recorte de um estudo mais amplo que visa discutir a identidade do professor de espanhol como língua estrangeira (ELE). Nesse contexto, o presente trabalho se concentra na investigação da construção identitária do professor de ELE através da perspectiva discente, ou seja, através do olhar do outro. Nosso objetivo macro é analisar e discutir a imagem que o aluno constrói do docente de ELE, estabelecer que características o discente espera encontrar no seu professor e quais os predicados, segundo a visão do alunado, qualificam o professor de ELE como um profissional competente. No que tange nosso objetivo específico, queremos estabelecer o grau de importância que o discente dá ao fato do seu professor de língua espanhola ser nativo ou não do idioma estrangeiro. Quanto ao aporte teórico, esta comunicação tem como principal base teórica a Análise do Discurso de linha francesa (ORLANDI, 1998), com destaque para os estudos sobre *ethos* discursivo (MAINGUENEAU, 2008a, 2008b, 2005, 1997), associada ao conceito de identidade e sujeito presente na Sociologia (BAUMAN, 2001, 2005) e nos Estudos Culturais (HALL, 2006). Para discutir o conceito de natividade, trabalhamos com a definição proposta por Davies (2004). Para a elaboração deste trabalho, utilizamos como metodologia a aplicação e análise de questionário. Deste modo, montamos um questionário composto de dez perguntas, sendo nove abertas e uma na qual são apresentadas características e saberes relacionados ao professor de ELE e que devem ser classificados de forma decrescente em grau de importância. As três primeiras podem ser classificadas como de *conhecimento* e visam identificar a relação do sujeito informante (SI) com o ensino-aprendizagem de espanhol. Determinando, por exemplo, há quanto tempo o sujeito estuda espanhol e com qual objetivo. A partir da quarta questão, o propósito é identificar as características que o discente considera mais relevantes no docente de ELE. O critério para a escolha dos SI da pesquisa foi a motivação do discente para aprender espanhol como língua estrangeira. Queríamos que os informantes fossem sujeitos interessados no aprendizado do idioma estrangeiro, que tivessem escolhido estar em sala de aula. Assim, optamos por aplicar o questionário a alunos de cursos de idiomas e universitários do curso de Letras, habilitação Português-Espanhol. O estudo, ainda em processo, encontra-se na fase de análise dos questionários feito com quinze alunos de cursos de idiomas. As análises prévias, no entanto, confirmam nossa hipótese inicial de que a natividade é uma característica valorizada pelo discente de ELE.

2 • O Brasil sob o olhar de Barack Obama: uma análise de discurso na perspectiva de M. Bakhtin

Érica de Abreu Azevedo (UECE/Capes)

Este trabalho apresenta um estudo sobre o pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em visita ao Brasil, em 2011, a partir da categoria bakhtiniana exotopia. O objetivo é examinar de que forma a exotopia ajuda a entender como são construídas imagens do Brasil, tomando como base o referido pronunciamento. Dessa maneira, foram observados os sentidos produzidos na construção dessas imagens, bem como verificadas as formações ideológicas por meio do exame de forças que governam o discurso obamaniano. Ainda foram identificadas as relações de poder que se processam nesse discurso. Para tanto, apoiei-me na concepção social do mundo e do homem de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo, segundo a qual o homem somente se constitui na e pela interação em meio às relações que trava social e

constantemente. Isso porque a consciência humana se forma e atua em sociedade. Daí a condição de possibilidade da linguagem. *Dentro desse universo, foi descrita a categoria de análise do corpus estipulado para esta pesquisa: a exotopia. Ela é caracterizada por Bakhtin (1997) como o acabamento, provindo do olhar alheio, que constitui o ser humano em sua totalidade. De acordo com este pensamento, o sentido do eu somente pode vir do exterior, porque o corpo apenas é um todo quando visto de fora e a alma somente se define quando nasce o homem e quando este morre. Com isso, o autor comenta sobre o nosso modo de viver a vida, ao julgarmo-nos sob o ponto de vista de outrem, ao tentarmos compreender o que transcende à nossa própria consciência. De igual interesse para a fundamentação teórica deste artigo é a noção de *ethos* embasada em Dominique Maingueneau (2005), a qual possibilita uma reflexão sobre o processo de adesão dos sujeitos a certas posições discursivas, como é evidente nos discursos publicitário e político. Nestes o objetivo não é uma adesão imediata; no entanto, possuem o dever da conquista de um público que poderá ignorá-los ou recusá-los. Maingueneau ressalta que o público pode construir representações prévias do enunciador que antecedam à enunciação. Essas representações correspondem ao *ethos pré-discursivo* ou *ethos prévio* (estereótipo). Na análise de seu pronunciamento, percebi que Obama procurou levar o interlocutor a participar do mundo desenhado em sua enunciação, ao construir o *ethos* conciliador. Em sua fala, exaltou a relação entre os EUA e o Brasil ao mesmo tempo em que defendeu o fortalecimento da aliança, sobretudo econômica, entre os dois países. Na oportunidade, também registrou semelhanças históricas vividas pelas duas nações, ideais democráticos e enalteceu a importância do Brasil no cenário econômico mundial. Ainda na análise dessa enunciação, observei que Obama se propôs a desconstruir um estereótipo geralmente condizente à imagem dos Estados Unidos como potência imperialista que domina o mercado econômico global e explora o capital financeiro da América Latina, consequentemente, do Brasil. Uma das estratégias discursivas para alcançar este fim, foi o de elevar a nação brasileira a potência global, fazendo-a destoar das demais nações latinas. A estratégia, no entanto, como observado, não aproxima o Brasil do status de potência norte-americana, pois não o desenha como nação independente, mas, sim, como nação colonial, construída num discurso que se pretende hegemônico.*

3 • *Cynthia*: uma construção dêitica no livro I de Propércio

Lucas Amaya (UFRJ/CAPES)

Nosso presente trabalho busca uma análise discursiva, de orientação francesa, acerca da obra de Propércio, especificamente o livro primeiro de suas elegias, intitulado *Cynthia*, por vezes *Monobiblio*. Publicado por volta de 28 a.C., é tido como um dos primeiros livros feitos como tal, não uma reunião de excertos isolados ou poemas juntados num só pergaminho. De acordo com Fantham (1999), Habinek (2005), Miller (2004) e outros estudiosos, a possibilidade de trabalhar as elegias para que forme uma unidade literária no final, permitiu ao poeta umbró aqui tratado, dar forma a Cíntia, não a amante, mas a criação que trouxe fama, prestígio social e finanças, ao equestre de família decante desde a queda da república e dizimada estruturalmente com a guerra da Pérgia, em 41 a.C. Com isso, torna-se dúbio o nome, que ora é de mulher, ora é do livro. E quando se referindo a mulher, a exemplo da construção de Lésbia por Catulo, remonta-se não uma personagem, real ou fictícia, mas se congrega traços culturais, sociais e temporais que justificam o tema escolhido e o tom, entre outros fatores. Segundo Miller (idem), Cíntia não é aquela de quem se fala, assim como também não é para ela que se fala, mas a partir dela o diálogo se valida. Desta forma, a variação de tema e tom utilizados nas elegias, a estrutura primordial que conduzia as mudanças é a musa. Na elegia I-I, o diálogo se dá com Tulo, o tema é a transformação e a dor causadas pela paixão, cabendo à Cíntia, apenas, a posição de dêixis enunciativa, a partir da qual os cenários dos hendecassílabos são construídos. Da mesma forma, a elegia seguinte, numa das poucas que tem como tema a segunda pessoa do discurso, uma amante, o nome Cíntia não é usado e a segunda pessoa verbal só aparece no quinto e no último dístico – sequência de versos de seis e cinco pés, característico deste e de outros estilos poéticos da época –, passando todo o poema na terceira e primeira pessoa. Ainda nesse segundo poema do livro I, novamente o local mostrado é uma mulher, seu corpo e suas vestes, tendo como tema uma crítica ao excesso das mulheres em relação à valorização de elementos externos, e importados, para o embelezamento. Portanto, é através de uma musa que o poeta remonta não a Roma de seu tempo, mas o espaço-tempo que valida seu discurso, seguindo os termos de Maingueneau (2008). Esse tipo de análise permite reeditar a cultura e a educação do homem da elite romana e deixa de lado a vontade de verdade, como diz Foucault, de muitos que querem fazer das obras poéticas clássicas, referências históricas e pessoais dos seus respectivos períodos. Portanto, Cíntia, assim como os mitos diversos que aparecem nas elegias propercianas, não é o tema, nem o coenunciador, assim como também não é o motivo

principal dos escritos; ela ao mesmo tempo que é o livro, motivo principal do sucesso, também é dêixis enunciativa criada como argumento que propiciasse o acolhimento dos poemas por parte do leitor e dos coenunciadores nomeados diretamente, amigos e patronos de Propércio, estabelecendo uma cenografia que convencesse o leitor.

4 • Fé e discurso: análise do *ethos* discursivo de Chico Xavier

Tamiris Vianna da Silva (UNESP/IBILCE)

Neste trabalho, analisa-se o *ethos* do discurso de Chico Xavier na obra *Pinga-Fogo com Chico Xavier*. O aparato teórico-metodológico utilizado é o da Análise do discurso de linha francesa, com ênfase na abordagem interdiscursiva de Maingueneau. Segundo essa abordagem, existe um sistema de restrições semânticas globais – a semântica global – que restringe simultaneamente o conjunto dos planos discursivos (vocabulário, temas, intertextualidade, *ethos*). No caso do *ethos*, é o sistema de restrições que define o estatuto que o sujeito-enunciador de um discurso confere a si e o estatuto que esse sujeito confere ao seu interlocutor. Em seus trabalhos, Maingueneau considera o *ethos* como a imagem projetada de si mesmo pelo sujeito-enunciador a partir do modo como esse sujeito enuncia. O *ethos* não corresponde exatamente ao que o sujeito diz a respeito de si, mas às características psicológicas de sua personalidade identificáveis e demarcadas a partir de sua maneira singular de expressão. Com o *ethos*, o co-enunciador tem condições de formar uma representação do sujeito-enunciador, e esta desempenha o papel de um fiador encarregado da responsabilidade do discurso. O interesse pela noção deve-se ao fato de o *ethos* estar diretamente ligado à questão da eficácia de um discurso, da sua capacidade de suscitar a crença. Para explicitar o papel do *ethos* no processo de adesão dos sujeitos ao discurso, Maingueneau introduz o conceito de incorporação, designando a maneira pela qual o co-enunciador se relaciona ao discurso. Com a noção de incorporação, nota-se que o interlocutor não adere a um discurso simplesmente porque lhe é apresentado um conjunto de ideias ligadas a seus possíveis interesses, mas sim porque é alguém que, através de um modo de dizer enraizado em um modo de ser, tem acesso ao dito. Considerando-se a incorporação, nota-se também que o *ethos* articula corpo e discurso, já que a instância subjetiva manifestada pelo discurso não se deixa perceber neste somente como um estatuto, mas como uma voz associada à representação de um corpo enunciante situado num contexto sócio-histórico específico. Diante do exposto, neste trabalho, analisamos o *ethos* do discurso espírita de Chico Xavier, procurando identificar a imagem que projeta de si, tendo em vista as regularidades de sua enunciação. Conforme já dito, a obra utilizada como corpus dessa análise é *Pinga-Fogo com Chico Xavier*. Nesta obra, estão transcritas, na íntegra, as antológicas entrevistas do médium mineiro Chico Xavier concedidas ao programa *Pinga-Fogo*, na TV Tupi, em 1971. A análise revela a ligação entre o *ethos* do entrevistado e o discurso espírita. Esse tipo de discurso é voltado a fazer com que o interlocutor compreenda as razões pelas quais o ser humano passa por momentos diferenciados em sua vida terrestre, sejam eles de alegria, de tristeza, de dificuldade. Ademais, esse discurso enfatiza a necessidade de o ser humano compreender e respeitar opiniões diversas das pessoas, desde o seu envolvimento com diferentes religiões até com questões polêmicas, como o aborto, a eutanásia, a homossexualidade. Desse modo, ser sujeito-enunciador do discurso espírita significa assumir o lugar da humildade, da compreensão, pois é necessário colocar-se num lugar de enunciação que implica ter a capacidade de se colocar no lugar do próximo. Para a análise do *ethos*, recorreremos à investigação da modalidade deôntica. Nesse processo, percebemos a existência da atenuação dos modais deônticos por várias formas, especialmente pelo uso da primeira pessoa do plural. Com isso, podemos perceber a existência de um alto grau de proximidade entre quem profere o discurso e a quem ele se dirige. Assim, no discurso espírita, o enunciador não se apresenta como autoridade detentora do merecimento de obediência irrestrita, mas como o especialista cuja experiência lhe permite aconselhar e sugerir.

5 • *Battle of concepts*: uma discursivização do trabalho em tempos de cibercultura

Simone Toschi Valério

Esta pesquisa se fundamenta na interface entre os estudos de linguagem, mais especificamente, a Análise do discurso de base enunciativa (MAINGUENEAU, 1997, 2001, 2008a, 2008b, 2010) e os estudos sobre trabalho a partir da disciplina Ergológica (SCHWARTZ, 1996, 2000, 2002, 2007). Visa a enfatizar os conceitos acerca dos trabalhos que estão sendo construídos em época de extrema valorização do conhecimento e da

informação em ambientes virtuais e em particular dentro do *site Battle of Concepts* (BoC). Assim, o intento desta pesquisa é a investigação dos discursos acerca do trabalho em determinados campos e espaços discursivos (MAINGUENEAU, 1997; 2001a; 2008a; 2008b; 2010) e que, a partir desses, definem funções enunciativas específicas (FOUCAULT, 2002; 2008; 2009) em tempos de economia informacional e época pró-patentes. Para tanto, esta pesquisa analisou três aspectos em função da construção discursiva dos conceitos acerca do trabalho dentro do *site Battle of Concepts*: a) as constituições discursivas de campo e espaço discursivo (MAINGUENEAU, 1997; 2001a; 2008a; 2008b; 2010) e que determinam condições ou possibilidades de existência de funções enunciativas específicas (FOUCAULT, 2002; 2008; 2009); b) semântica global (MAINGUENEAU, 2008a) das constituições conceituais discursivas acerca do trabalho no *site* e; c) dialética de tensões em espaço tripolar (SCHWARTZ, 1996; 2000; 2002; 2007) com finalidade de identificarmos como e qual conceito de valor acerca do trabalho se discursiviza no *site* BoC. Em nossas observações iniciais, a partir da sua construção discursiva, a princípio, o que identificamos, foi que o BoC, pelo menos em tese, agencia a circulação da P&D (Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico e Científico) dentro do Brasil. É um *site* não oficial que promove a inovação aberta de conhecimento através de uma ponte virtual entre grandes empresas, universidades federais e privadas, instituições públicas ou privadas de fomento à pesquisa, governos estaduais (mesmo não sendo um *site* oficial) e, também, entre os estudantes e recém-formados, pequenas empresas ou jovens empreendedores. O conceito econômico desenvolvido dentro do BoC é baseado no modelo econômico de inovação aberta de mercado (THOMAS, 2009) chamado de *Open Innovation* ou Inovação Aberta, no qual a Pesquisa e o Desenvolvimento Tecnológico e Científico (P&D) são socializados entre os parceiros comerciais. A escolha do BoC como objeto de estudo se fez por pensarmos que este poderia proporcionar um *cópus* de análise linguístico-discursiva profícuo, uma vez que nos daria a oportunidade de conhecermos o processo de discursivização do trabalho em tempos de Cibercultura mediante o diálogo multidisciplinar de campos discursivos distintos porém complementares. Desse modo, iniciamos esta pesquisa traçando as tendências do campo econômico, político e jurídico. Assim sendo, identificamos que dentro do campo econômico o capitalismo tem por base o cognitismo como fator chave nos processos de produção. No jurídico, vivencia-se a época pró-patente em que inovação e criatividade estão vinculadas ao novo paradigma econômico de geração de valor. Concluímos, a partir das abordagens analíticas, que tais campos se constituem dentro do BoC como dispositivos com capacidade de reconfiguração conceitual acerca do trabalho. De tal modo que não só o trabalho, mas também os conceitos acerca do trabalho são perpassados pelo campo econômico, político e jurídico, fazendo com que decisões micro ou macroeconômicas produzam efeitos sociais e efeitos de sentido de forma direta no trabalho e em suas discursivizações que funcionam como dispositivo de verdade em dado momento e lugar.